



RAÍZES

Ano XI - Nº 22

São Caetano do Sul

Dezembro de 2000





Nossa Capa

Durante o período colonial, a Coroa Portuguesa teve receio que houvesse invasão do território brasileiro por outros povos e nações. Assim, restringia a entrada de estrangeiros em sua colônia sul-americana, impedindo a divulgação da exuberância dos recursos e das belezas naturais das terras brasileiras que tanto aguçavam a curiosidade dos cientistas, a imaginação dos artistas e a perplexidade dos viajantes europeus.

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, e a abertura dos portos para as nações amigas, o panorama começou a mudar, possi-

ibilitando o trabalho de muitos estudiosos que, de modo invariável, eram acompanhados por grandes artistas que retrataram a Natureza e a sociedade brasileiras, a partir das primeiras décadas do século XIX.

Dentre todos os artistas que estiveram no Brasil naquele período, o alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858) foi um dos que melhor reproduziu em sua obra aquilo que viu. Chegou como integrante da expedição comandada pelo barão russo Langsdorff, com quem logo se desentenderia. Rugendas continuaria a viagem sozinho: entre 1821 e 1825, percorreu as pro-

víncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Bahia. Retornou à Europa onde, entre 1827 e 1835, produziu o livro *Viagem Pitoresca pelo Brasil*, com textos elaborados pelo escritor V. H. Huber, que comentou, com precisão de detalhes, cada imagem selecionada para a publicação.

Rugendas procurou sistematizar suas representações, elaborando um roteiro de viagem que partia do litoral para o sertão, pintando as paisagens, as pessoas e as cidades que encontrou. É o caso do quadro *Vista da baía do Rio de Janeiro*, marina de traços incisivos e tonalidades exuberantes de cores.



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Ano XI - Número 22
Publicação semestral
Distribuição gratuita

ISSN 1415 - 3173

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Dezembro de 2000

Avenida Goiás, 600 - Térreo
CEP 09521-300 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 4221-9008 e 4221-7420
www.mp.usp.br/fpm
e-mail: fundacao.promemoria@imes.com.br

Editor/Jornalista responsável

Aleksandar Jovanovic
(MTb 13.165 - Sjesp 7.290)

Redação

Antônio Reginaldo Canhoni (fotografias)

Claudinei Rufini

Erika Martin (digitalização de imagens e organização)

Jayme da Costa Patrão (ilustrações)

José Roberto Gianello (pesquisa)

Kelly Cristina Maregatti Manzini

Maria Aparecida Fedatto (*secretaria e coordenação*)

Programação Visual e Paginação Eletrônica
Plano Piloto

Conselho Editorial

Ademir Médici, Aleksandar Jovanovic (presidente), Claudinei Rufini, Guido Fidélis,

Jayme da Costa Patrão,
José Roberto Gianello,
Henry Veronesi, José de
Souza Martins, Nívio Tesitore,
Oscar Garbelotto,
Sílvio José Buso, Sônia
Maria Franco Xavier,
Valdenizio Petrolli.

Fotolitos e Impressão
Imprensa Oficial do Estado

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



ÍNDICE

Dossiê

Máquina de lavar relógios



SÃO CAETANO 1948-1952:
RETRATOS DE UMA ÉPOCA

5 *Indústrias registradas na cidade espelham a euforia do pós-guerra*

José Roberto GIANELLO

18 *Das cabras aos 43 milhões de cruzeiros*

Alexandre Toller RUSSO

24 *Autonomia, marcada por conflitos dentro da Câmara de Santo André*

Aleksandar JOVANOVIĆ

29 *Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro impulso para o desenvolvimento real*

Domingo Glenir SANTARNECCHI

33 *Nas falas de D'Agostini e Dalcin, o quadro das décadas de 40 e 50*

36 *A contribuição da família Squadroni vem sendo feita há quase meio século*

José Roberto GIANELLO

Artigos

39 *São Bernardo: raízes e evolução. O vulto histórico de Tomás Inocêncio Lustosa*

Celso de Almeida CINI

55 *O imigrante e a imprensa operária*

Nívio TESSITORE

59 *Os laços de continuidade com o passado são mantidos através do resguardo do patrimônio*

Monica IAFRATE

62 *A ferrovia Santos-Jundiaí e o desenvolvimento de São Paulo*

Marcos IMBRIZI

68 *Dois de Julho de 1950: nasce a Sociedade Brasil Unido*

Raimundo da Cunha LEITE

72 *O Décimo Sexto Congresso de Prefeitos e o Primeiro Congresso Nacional de Municípios*

José Odair da SILVA

Personagens



Girolamo Ceschim

77 *Girolamo Ceschim, a voz mais harmoniosa da Barra Funda*

Oscar GARBELOTTO

79 *Memórias que se perdem: histórias de Giovanni Tonus*

Henry VERONESI

Histórias de vida



Casamento do casal Emígdio e Giuseppina Perrella

83 *As experiências de Emígdio Perrella, lembradas por ele e pela esposa*

Kelly Cristina Maregatti MANZINI

Memória

87 *A figura de Milton Feijão é exaltada por aqueles que nunca o conheceram*

Carlos GERCHTEL

89 *Duvílio José Quaglia: um homem, uma vida, uma história*

Joaquim Maurílio Ribeiro GOMES

Depoimentos

93 *Péricles Gastaldo revive 50 anos de mudanças profundas na cidade*

99 *A história da família Giacomini nas lembranças de filhos e netos*

Sônia Maria Franco XAVIER

102 *O renome de Armando Orlando no ramo de bares e restaurantes*

105 *A contribuição de Oswaldo Bisquolo ao movimento autonomista de 1948*

Yolanda ASCENCIO

Esporte



Jogo do Unidos Vôlei Clube. Foto de 1957

109 *O maior jogador de futebol da história de São Caetano*

Narciso FERRARI

111 *Unidos Vôlei Clube, curta história cheia de riquezas*

Nelson PERIN

116 *Rubens Fredenhagen Vasconcellos, empolga o público da nobre arte...*

Nelson PERDIGÃO

Registro

119

Memória Fotográfica

38, 75, 76, 81, 82, 86, 92, 108, 118 e 122



Evoluir, um destino natural do trabalho

A partir da presente edição, *Raízes* incorpora uma nova seção, intitulada *Dossiê*. Com isto, será possível agrupar tematicamente textos com enfoques diversificados, oferecendo aos leitores uma visão panorâmica a respeito de um assunto relevante.

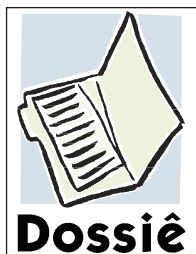
Existem diversas questões embutidas nesta mudança. Em primeiro lugar, fica evidente que a evolução - para algo que busca tornar-se melhor e mais completo - seja o destino claro de qualquer trabalho continuado. Portanto, *Raízes* ganha um diferencial, sem prejuízo de seu formato anterior. É o axioma da transformação, não da perda, porque haverá uma soma (quase-algébrica) e não uma subtração no perfil da publicação. De outro lado, similar processo de produção possibilita pôr em destaque, e debaixo das lentes de uma análise consistente e diversificada (na justa medida em que o espaço físico da publicação o permite), uma longa série de aspectos interessantes da vida da comunidade. O calidoscópio integra pontos de vista divergentes, não desconstrói; multiplica, não fraciona.

O *Dossiê* inicial coloca a lupa sobre um período importante, e fecundo, da história de São Caetano do Sul e do Grande ABC, ou seja, o final dos anos 40 e o princípio da década de 50. O intervalo que aqui se recorta coincide com a emancipação político-administrativa e com a primeira administração de São Caetano, com acalorados debates e manobras políticas dentro do Legislativo de Santo André, com o crescimento populacional e industrial da região. Daí o rótulo: *São Caetano 1948-1952: retratos de uma época*.

Como tudo aquilo que se realiza através da mão humana, é claro que o enfoque da seção poderia ser mais aprofundado, mais amplo, enfim, melhor qualitativa e quantitativamente. Mas também é verdade que o trabalho vale a pena sobretudo pelo contínuo esforço em direção a novos patamares de realização. Espera-se, ainda, que os dossiês sejam capazes de sugerir novas pesquisas e outros textos. Se assim for, já terão cumprido, em parte, sua missão.

O editor

Indústrias registradas na cidade espelham a euforia do pós-guerra



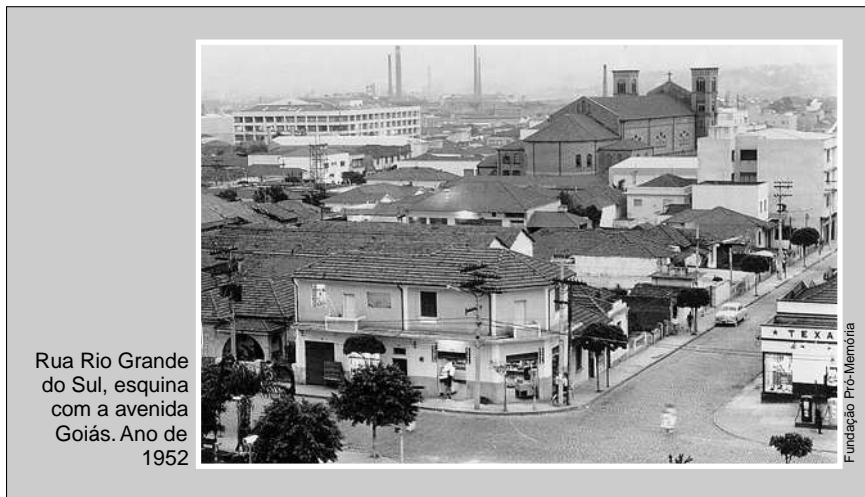
José Roberto
GIANELLO (*)

No início da década de 50, aos municípios brasileiros já era permitido

o uso de símbolos próprios, como bandeiras, brasões, hinos etc. Isso foi legalizado pela Constituição de 1946 (artigo 195, parágrafo único).

Com a redemocratização de 1946 e o surgimento de novos municípios - entre os quais São Caetano do Sul -, o primeiro prefeito da cidade, Ângelo Raphael Pellegrino, promulgou a Lei nº 10, de 27 de Maio de 1949, que abriu concurso público entre os artistas brasileiros para o desenho do brasão e da bandeira do recém-formado Município. O vencedor do concurso, Salvador Tautomurgo, ao apresentar o projeto do brasão de São Caetano do Sul, assim justificou a presença da engrenagem de ouro no centro da insígnia: A engrenagem de ouro, símbolo tradicional da indústria, representa a vida atual do Município, um dos mais importantes centros industriais do País.

Não poderia ser mais correta a justificativa. Realmente, São Caetano do Sul, no período de 1949 a 1952, apresentou índices impressionantes de crescimento econômico e movimento industrial. A história da instalação de indústrias na cidade data de antes da emancipação política (em realidade, desde o início do século é pos-

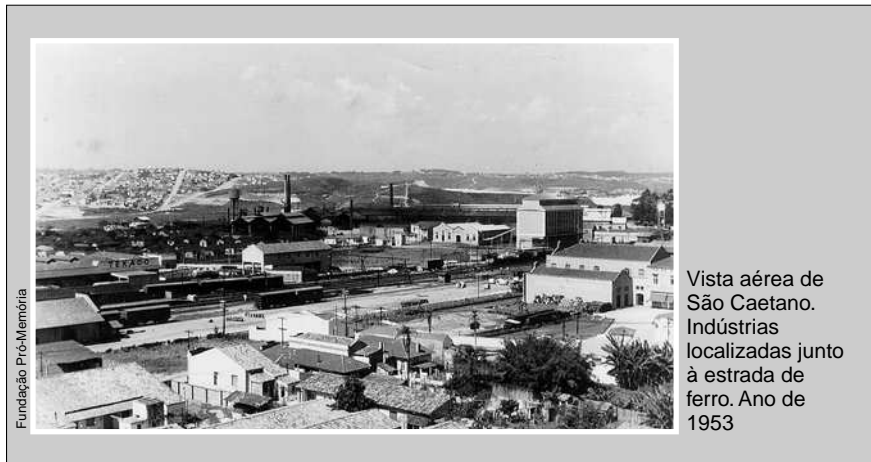


sível perceber uma evolução contínua). Diversos ramos de atividade marcaram passagem em São Caetano: montagem de veículos, cerâmica, produtos químicos, tecelagens, indústrias mecânicas, etc. No contexto de industrialização vivido pelo Brasil, nessa época, quando os bens de produção foram priorizados em detrimento dos bens de consumo, o Município criou fábricas fornecedoras de matéria-prima para as indústrias locais. Desse modo, estabeleceu a base do segundo surto da industrialização brasileira, ocorrido em São Paulo e na região do ABC.

Na euforia do pós-guerra, as fábricas encontravam campo fértil para as atividades. E, nesse período, a região do ABC já revelava grande vocação industrial. Com efeito, vários fatores contribuam para isso: território localizado entre o planalto paulista e o porto de Santos; recente inauguração da Via Anchieta (22 de Abril de 1947),

início da produção de caminhões F.N.M, no Rio de Janeiro; começo da indústria automobilística brasileira; criação da Comissão de Desenvolvimento Industrial por Getúlio Vargas (1951); fundação da Companhia Siderúrgica Mannesmann; criação da Subcomissão de Jipes, Tratores, Caminhões e Automóveis; criação do Banco de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e, finalmente, a grande decisão que moldou o perfil da região a partir de 1952: limitação da concessão de licenças de importação para peças automotivas produzidas no País.

O pós-guerra transformou o distrito de São Caetano em um município tipicamente industrial, tendo como cenário as várzeas dos rios Tamanduateí e dos Meninos, coalhadas de chaminés, pavilhões industriais, pequenas fábricas, indústrias médias e de pequeno porte dirigidas pelos próprios proprietários e familiares. A cidade abria-se



Vista aérea de São Caetano. Indústrias localizadas junto à estrada de ferro. Ano de 1953

para novas levas de imigrantes, refugiados da guerra, com excelente formação técnica (o que era útil para o progresso). Muitos investimentos foram feitos nesse tempo. A industrialização, que alavancou a urbanização, também promoveu a renovação da infra-estrutura urbana com novas ruas, novos bairros e com a chegada dos primeiros edifícios residenciais.

São Caetano do Sul, em 1950, abrigava 250 fábricas, empregando 21.056 operários. Os trabalhadores, em relação às indústrias, estavam distribuídos da seguinte forma: Mecânica 30%, Têxtil 25%, Madeira 18%, Química 10%, Cerâmica 10%, Outras 7%.

As três maiores empresas da cidade (General Motors, Matarazzo e Cerâmica São Caetano) apresentavam, nos respectivos segmentos, projetos de expansão e realização de novos produtos. A General Motors do Brasil preparava-se para lançar, em 12 de Julho de 1951, o refrigerador Frigidaire - até então importado -, que passaria a ser fabricado em São Caetano do Sul. Dentro do plano de expansão da General Motors, a fabricação de refrigeradores significava um avanço, sobretudo tendo em vista as condições climáticas do País. Além disso, a General Motors, em 1952, iria co-

locar no mercado o Cadillac, o Buick e o Oldsmobile, automóveis cujos carburadores reduziam o consumo de combustível.

As Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, no Relatório de Diretoria publicado em Abril de 1950, destacavam que, no Grupo de São Caetano, prosseguiram intensos trabalhos de aperfeiçoamento da produção e das instalações. Nessa época, o fato mais importante, na unidade Matarazzo de São Caetano, foi a assinatura de um contrato, com empresas ingle-

sas, para a aplicação exclusiva, no Brasil, do processo Nelson de fiação contínua de raiom. O acordo estabelecia a encomenda de máquinas a serem instaladas numa seção especial da Fábrica de Raiom (a montagem deveria estar em pleno andamento no decorrer de 1950). Na mesma fábrica, estava em desenvolvimento a produção de fio de raiom para pneus, sendo instalado um novo grupo Velox para a produção de vapor. E, ao completarem-se as obras de edificação da Fábrica de Soda Cáustica, a Fábrica de Raiom estaria com capacidade plena para produzir doze toneladas diárias do produto, tornando-se a maior indústria do gênero no País. Ao mesmo tempo, era aumentada a produção de celulose, de linter, de algodão e de sulfureto de carbono, além de que um forno-túnel estava sendo instalado na Fábrica de Louças Cláudia.

A Cerâmica São Caetano, em funcionamento desde 1924, apesar do abalo provocado pela morte recente do diretor Roberto Simonsen (25 de Maio de 1948), continuava a trabalhar sobre bases modernas de produção. Tudo era rigorosamente científico, visando à excelência em qualidade, quantidade e preços. Estabeleceu-se, no interior da Cerâmica São Caetano, uma bem montada fábrica-piloto, onde se processavam os estudos dos tipos a fabricar e os respectivos ensaios. As instalações e maquinários obedeciam às exigências da técnica moderna (máquinas de fabricação nacional e equipamentos especiais de peças sobressalentes de importação eram utilizados). A área em que se localizava a indústria era de um milhão de metros quadrados. A superfície coberta era de 60 mil metros quadrados. Ali trabalhavam 1.400 operários, sendo que os técnicos nacionais

Propaganda do refrigerador Frigidaire, modelo 1951, fabricado pela General Motors do Brasil, em São Caetano do Sul

possuíam comprovada competência. As linhas de fabricação de produtos da Cerâmica São Caetano, em 1950, eram basicamente duas: na primeira, produtos de terracota e materiais refratários; na segunda, refratários de alta classe, feitos para suportar as elevadas temperaturas dos altos-fornos (travavam-se de tijolos e peças especiais de sílica, sílico-aluminosas, altamente aluminosas, refratários básicos e neutros de magnésita, cronita e zircônio).

Não eram apenas as grandes fábricas que criavam sofisticados produtos, em São Caetano, no início da década de 50. Além das grandes empresas, podemos destacar outras 20 indústrias de porte médio que produziam as mais diferentes coisas. Eram elas: Aços Villares S.A.; Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia; Indústrias Aliberti S.A.; PAN-Produtos Alimentícios Nacionais; Tecelagem Nice; Indústria Cerâmica Vitrex Ltda.; Usina Colombina S.A.; Dal'Mas Indústria Agro-Química Brasileira; Metalúrgica São Francisco; Refinaria de Óleos Brasil; Fidelidade S/A.; Ferro Enamel S/A.; Brasitex - Polímer Indústria Química; Sipes do Brasil S/A.; Willo-Artefatos de Madeira; Fábrica de Tintas Ideal; Moinho Santa Clara e Porcelana Monte Alegre.

Na categoria de indústrias menores, havia aproximadamente 200 empresas, conforme relação anexa a este artigo, fabricando os mais variados produtos. Alguns, muito curiosos, obtiveram sucesso de venda na época. Destacamos: a máquina de limpar relógios, fabricada pela Oficina de Metais Sáfrány, localizada na Rua Amazonas, 632, e o *nível-técnico*, fabricado pela Metalúrgica Barile, situada na Rua Rodrigues Alves, Bairro Fundação.

João Sáfrány chegou a São



Caetano do Sul em 1934. Após trabalhar na General Motors durante dez anos, inaugurou, em 23 de Junho de 1944, sua própria fábrica (especializada em artigos dentários, articuladores, prensas, etc). Os produtos eram fabricados no processo de fundição de conquilhas (sistema de fundição em que o molde de alumínio substitui o molde de areia), sendo que o bronze e o alumínio eram utilizados como matéria-prima. A máquina de lavar relógios, carro-chefe da empresa, tinha grande aceitação nas relojoarias de todo o Brasil (o engenho era distribuído através de agenciadores espalhados por todo o País). A atuação de João Sáfrány, como industrial e empresário, levou-o a uma participação destacada na função de conselheiro-fundador da Confederação das Indústrias de São Paulo - Delegacia de São Caetano do Sul.

Quanto ao produto da Metalúrgica Barile, o *nível-técnico*, tratava-se de um aparelho indispensável para o reconhecimento de níveis e a medição de planos (quando anexado a um telêmetro, era também usado no cálculo de distâncias e alturas). Poderia ser empregado nas piores condições climáticas, pois possuía um dispositivo que permitia regular o líquido sob qualquer temperatura. As aplicações do *nível-técnico*

eram múltiplas, sendo que o utensílio era aproveitado nas construções em geral (pisos, galerias de esgoto e pluviais, curvas de nível e encanamentos). O invento foi patenteado e, em seguida, registrado em diversos países.

O desenvolvimento industrial de São Caetano do Sul, logicamente, não parou em 1952. Durante a realização da Exposição Industrial - em Abril de 1953 -, relativa ao IV Centenário de Santo André, as indústrias de São Caetano compareceram com o que produziam de melhor e ocuparam todos os 48 estandes do pavilhão C. Na inauguração da mostra, em 10 de Maio de 1953, o Presidente da República, Getúlio Vargas, foi representado pela deputada Ivete Vargas. Na cerimônia de abertura, o presidente da comissão-executiva da exposição, Victor Mayerá Júnior, comparou os operários do ABC aos bandeirantes de outras eras, realizando, agora, o alargamento das fronteiras econômicas do País e o fortalecimento da unidade nacional. Justa homenagem ao espírito realizador da população do ABC.

(*) José Roberto Gianello é sociólogo e assessor da Divisão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Relação alfabética das indústrias de São Caetano do Sul em 1952

■ A. CASANELLI & CIA.

Fundição de bronze, alumínio e latão

Rua Oswaldo Cruz, 156 - fundos - Fone 101 - Capital em movimento: Cr\$ 60.000,00; Sócios: Antônio Casanelli, Alcides Casanelli e Oswaldo Ferreira. Inscrição: 6.923

■ A. D.FERRARI & CIA. LTDA.

Cerâmica de refratários
Rua Conceição, 454

■ ADELELMO VECCHI

Artefatos de cimento, depósito de materiais para construções

Fábrica de Ladrilhos Santo Antônio - Avenida Goiás, 834 - Fundada em 1928; Capital: Cr\$ 30.000,00 - Inscrição: 1862

■ ADELINO STEFANINI

Olaria
Bairro dos Meninos

■ AFRODISIO GUTIERREZ

Oficina de pinturas, peças e acessórios para automóveis

Avenida Goiás, 1936/42 - Fone 364 - Fundada em 1924 - Capital: Cr\$ 50.000,00; Inscrição: 492

■ ALBINO RIBEIRO NETO & CIA.

Carpintaria e fábrica de cadeiras
Carpintaria Americana - Rua Santa Catarina, 84 - Fone: 143 - Fundada em 1951; Capital: Cr\$ 100.000,00 - Sócios: Albino Ribeiro Neto e José Augusto

■ ALEXANDRE BRYK

Fábrica de calçados
Rua Paraguaçu, 12 -

■ ALEXANDRE MELONI

Fábrica de fogões
Rua Oswaldo Cruz, 127 - Inscrição: 3.730

■ ALFONSO MARKOWSKI

Fábrica de calçados de borracha
Rua Monte Alegre, 177 (fundos)

■ ALFREDO CASSEB & CIA.

Fábrica de artefatos de massas plásticas, louça plástica, material elétrico, botes e abotoaduras - Artefatos de metal: artigos escolares, parafusos e rebites estampados etc

Estamparia Alfredo - Escritório:



São Caetano possuía um parque industrial têxtil avançado. Entre as maiores empresas do setor, destacava-se a Fiação e Tecelagem Nice S/A.

Rua João Adolfo, 199; São Paulo; Caixa Postal, 2140 - Fone: 32-7615; Fábrica: Rua Pitaguaries, 50 - - fone: 351 - Fundada em 1931; Capital: Cr\$ 1.000.000,00 - Em movimento: Cr\$ 4.000.000,00 - Sócios: Alfredo Casseb, Labib Casseb e Jorge Casseb; importam: baquelite, polopãs e similares, polistirene, tenite e similares dos Estados Unidos e Inglaterra

■ ALFREDO NAVARI

Serraria de mármore e granito
Rua Baraldi, 934

■ ALIMENTARIA DO BRASIL S/A.

Fábrica de massas alimentícias

Indústria e Comércio: Rua Baraldi, 332 - Inscrição: 6.556 - Fundada em 1930 - Capital: Cr\$ 1.500.000,00 - Sócios: Conrado Pesci, Inácio Venzenzo Ferina, José Canteras Soriano, Rafael Soriano Canteras, Cláudio So-reano Canteras, Thomas Canteras e Júlio Camanho

■ ANASTÁCIO BARRANTE

Torrefação e moagem de café
Rua Minas Gerais, 212

■ ANDRÉ NABARRETE FILHO

Fábrica de colchões
Rua Manoel Coelho, 264

■ ANDREUCCI & PANDOLFI

Serraria
Avenida Goiás, 744 - - Fone: 150 - Caixa Postal, 32 - Fundada em 1934 - Capital: Cr\$ 600.000,00 - Em movimento: Cr\$ 800.000,00 - Sócios: Rafael Pandolfi e Vicentino Andreucci

■ ÂNGELO BATISTA BRAIDO

Fornecedor de carvão e lenha
Rua Rio Branco, 132

■ ÂNGELO, MIGUEL & CIA. LTDA.

Serralheria, portas onduladas, grades e vitrôs
Rua Santo Antônio, 365 - - Fundada em 1947 - Capital: Cr\$ 100.000,00 - Sócios: Miguel Gonçalves Rubinho, José Quinaglia, Ângelo Bonognino e Walter Broesdorf; Inscrição: 4767

■ ANTÔNIO DA COSTA SÁ

Fornecedor de carvão e lenha
Rua Rio Grande do Sul, 44

■ ANTÔNIO DE AGOSTINI SERRAFINO

Fornecedor de carvão e lenha
Rua Alegre, 128

■ ANTÔNIO CAPARRÓS GUEVARA

Fábrica de calçados e chinelos
Calçados Floreal Ltda. - Avenida dr.

Augusto de Toledo, 587 - - Fone: 204 - Caixa Postal, 7; Capital: Cr\$ 2.000.000,00 - Fundada em 1933

■ **ANTÔNIO DE VITA**

Fábrica de artefatos de cobre
Fundição de Cobre Nossa Senhora
Aparecida - Avenida dr. Augusto de Toledo, 168 - Fone: 373 - Fundada em 1945; Capital: Cr\$ 42.000,00 - Inscrição: 3584

■ **ANTÔNIO DO NASCIMENTO**

Fábrica de artefatos de cimento
Alameda São Caetano, s/n

■ **ANTÔNIO LOJUDICE**

Máquinas de costura
Rua Manoel Coelho, 287

■ **ANTÔNIO LOUREIRO**

Fornecedor de carvão e lenha
Avenida Rodrigues Alves, 194

■ **ANTÔNIO MALDONADO**

Fornecedor de carvão e lenha
Rua Ângela, 120

■ **ANTÔNIO PASSARELLI 7 FILHOS**

Indústria de madeiras em geral
Rua Flórida, 657

■ **ANTÔNIO PINTO & FILHO LTDA.**

Fábrica de cofres e esquadrias de ferro
Rua José do Patrocínio, 81 - Sócios: Antônio Pinto e Alcides Soares; Inscrição: 649

■ **ANTÔNIO ZONZETE**

Fornecedor de carvão e lenha
Rua Santo Antônio, 1441

■ **ARTEFATOS DE MADEIRA S. CAETANO LTDA.**

Fábrica de caixas de madeira para embalagens de produtos farmacêuticos, para bombonieres e reembolso postal
Rua Pernambuco, 375 - - Capital: Cr\$ 150.000,00 - Sócios: Eloy Oliva, Maria Oliva Mascarenhas e Humberto Oliva Awazú

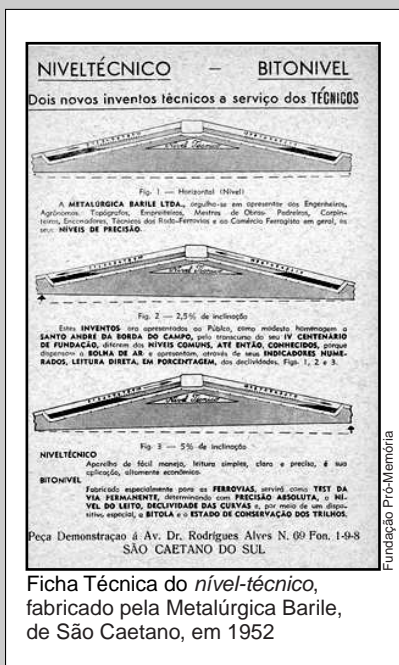
■ **ARTEFATOS DE MADEIRA WILLO LTDA.**

Artefatos de madeira, móveis para rádios
Rua Municipal, 52 - S. Caetano Sul - Fone: 357 - Caixa Postal, 195 - Fundada em 1943 - Capital: Cr\$ 300.000,00 -

Em movimento: Cr\$ 3.000.000,00 - Sócios: Alberto Christiano Wilhelmsen e Anton Holger Wilhelmsen

■ **BALBINO & PALLADINO**

Fábrica de modelos para fundição e carpintaria
Rua Baraldi, 507 - Capital: Cr\$ 50.000,00 - Sócios: Oswaldo Balbino e Olivio Palladino - Inscrição: 6762



■ **BASSANI & PATTARO**

Artefatos de cimento
Avenida Senador Roberto Simonsen, 560 - Capital: Cr\$ 40.000,00 - Sócios: Germano Bassani e Antônio Pattaro - Inscrição: 5090

■ **BENEDITO CUSTÓDIO**

Fábrica de facas para sapateiros
Avenida Souza Ramos, 110

■ **BENEDITO RAMOS**

Fornecedor de carvão e lenha
Rua Japurá, s/n

■ **BENJAMIN CASSEFF**

Indústria de camas
Avenida Souza Ramos, 200

■ **BISQUOLO & CIA.**

Tipografia
Avenida Souza Ramos, 363 - Inscrição: 6.589

■ **CALÇADOS FLOREAL LTDA.**

Fábrica de calçados e chinelos para homens, senhoras e crianças
Avenida dr. Augusto de Toledo, 587 - - Fone: 204 - Caixa Postal, 7 - Capital: Cr\$ 2.000.000,00, Fundada em 1933 - Diretor: Antônio Caparrós Guevara

■ **CALÇADOS MAILASK INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.**

Fábrica de calçados
Rua Amazonas, 738; Caixa Postal, 191 - Fone: 266 - Capital: Cr\$ 200.000,00

Sócios: Julian L. Franco, Antônio Lasso, Rafael Bonesso e Fioravante Crepaldi; Inscrição: 6.813

■ **CALÇADOS & CIA.LTDA.**

Indústria e comércio de vidros e espelhos
Rua Antônio Bento, 15

■ **CARLOS RIBEIRO**

Fábrica de louças e porcelanas
Porcelana Americana - Rua Pernambuco, 195 - Fone: 142 - Fundada em 1949; Inscrição: 6659

■ **CASTELO & GRABAR LTDA.**

Fábrica de calçados
Indústria de Calçados Reinaldo - Rua Santo Antônio, 319 - Sócios: Raul G. Grabar e Janin Castello; Inscrição: 4045

■ **CASTRO, RODRIGUES & CIA.LTDA.**

Madeiras compensadas
Rua Santa Rosa, 64 - ; filial à Rua Major Carlos Del Prete, 104 - - Escritório Rua Álvares de Azevedo, 299 - São Paulo - Fundada em 1948 - Capital: Cr\$ 120.000,00 - Em movimento: Cr\$ 500.000,00 - Sócios: Joaquim Rodrigues Castro, Antônio Rodrigues Castro; Inscrição: 5.460

■ **CERAMICA ITABRASIL S.A.**

Fábrica de materiais refratários, de louças de pó de pedra e de porcelana para uso doméstico
Rua Major Carlos Del Prete, 410 - - Escritório: Praça da Sé, 247, São Paulo. Capital: Cr\$ 2.500.000,00 - diretor-presidente: Ângelo Rafael Pellegrino; diretor-secretário: dr. Armando Amarante; diretores industriais: José Alexandre Rossetti e Brasília Rossetti

■ CERAMICA REGINA LTDA.

Cerâmica, artigos para adorno e uso doméstico

Rua Conselheiro Lafaiete, 136; Escritório: Rua Brigadeiro Tobias, 55; 1º andar, sala 1; São Paulo - Fone: 340933 - diretor: Antônio Lezidati

■ CERAMICA SÃO CAETANO S/A.

Telhas colonial e marselha; únicos e exclusivos fabricantes da telha Brilhantes; ladrilhos (quadrados, retangulares, sextavados e losângos; vermelhos, amarelos, marrons, pretos), lajotas, lajotinhas, trator, tijolos prensados e outros; material refratário para qualquer tipo de indústria

Escritório Central: Rua Boa Vista, 84; 6º andar; Fones: Seção Refratários: 33-4952 - Gerência e Seção do Interior: 32-4229 - Seção de Compras: 32-7636 - Loja: Rua Boa Vista, 143 - Fone/Chefia: 32-4329 - Caixa e Vendas: 32-3429 - São Paulo - Caixa Postal, 278 - Fábrica: Rua Casemiro de Abreu, 4; Fundada em 1912

■ CHECCHI, MARINS & CIA.LTDA.

Fábrica de esquadrias de ferro e portas onduladas

Serralheria São Caetano - Avenida Goiás, 9344 - Fone: 216

■ COLOMBA PASTORE SCATTORE

Indústria cerâmica

Rua Major Carlos Del Prete

■ COMERCIO E INDUSTRIA

MURILLO MONTEIRO DA SILVA

Transformadores para rádios e montagens

Avenida dr. Augusto de Toledo, 21; Inscrição: 6706

■ CIA.LANIFÍCIO SÃO PAULO

Indústria de tecidos de lã em geral

Rua Luiz Gama, 53 - Fone: 184 - Caixa Postal, 1217 (São Paulo - Fundada em 1933); Capital: Cr\$ 15.000.000,00 - Diretores: Ismael Chaves Barcellos, José Chaves Barcellos, Antônio Chaves Barcellos e Pedro Chaves Garcia. Gerente: Orestes Chaves Garcia

■ CIA SIDERÚRGICA SÃO CAETANO LTDA.

Indústria de ferro. Lâmina para construções

Avenida Conde Francisco Matarazzo, 838 - São Caetano do Sul - Telefone: 316 - Fundada em 1945 - Capital: Cr\$ 6.000.000,00 - Em movimento: Cr\$ 20.000.000,00 - Sócios: Rafael Meyer, Ettore Cattarin e Alberto de Vieira Mendes; Inscrição: 3554



Máquina de lavar relógios: funcionando na Relojoaria do Gallo, situada na Rua José Paolone. Julho de 2000

Fundação Pró-Memória

■ CRISPIM TENET

Tecelagem de algodão

Rua Conselheiro Lafaiete, 12

■ CRISTALEIRA SUL AMÉRICA LTDA.

Fábrica de vidros, telhas de vidro, ladrilhos Pavès, blocos ocós e vidros em geral

Rua Manoel Coelho, 67 - - Fone: 381 - Escritório: Rua Nova São José, 92 - São Paulo - Capital: Cr\$ 600.000,00 - Em movimento: Cr\$ 3.000.000,00 - Sócios: Vicente Orlando de Benedictis e Vicente Sarpi

■ DA COSTA & COSTA LTDA.

Decorações de porcelanas, louças, faianças e mosaicos. Cerâmica fina, vasos, pratos, xícaras, bibelôs, abajures

Rua Pernambuco, 430 - Caixa Postal, 178 - - Fundada em 1950 - Capital: Cr\$ 50.000,00 - Sócios: Jayme da Costa Patrão e Renato Costa; Inscrição: 6770

■ DA ROS & GRANDO LTDA.

Serralheria, portas onduladas, caixilhos, portões e grades

Serralheria Bandeirante - Rua Amazonas, 241 - Fone: 419 - Fundada em 1951 - Capital: Cr\$ 30.000,00 - Sócios: Domingos Da Ros e José João Grandó; Inscrição: 7014

■ DAL'MAS S/A.

Indústrias de glicerina, estearina simples, ácido graxo, oleína, naftalina, cola de ossos, adubos químicos e orgânicos, velas e graxas - Exporta: cola de ossos, glicerina e estearina - Importa: parafina e solventes

Indústria Agro-Química Brasileira - Rua Major Carlos Del Prete, 488 - - Fone: 255 - Fundada em 1946 - Capital: Cr\$ 2.500.000,00 - Caixa Postal, 40

■ DEZENA & ZENENZELLI

Fornecedor de carvão e lenha
Rua Alegre, 247

■ DINO AGOSTINHO

Fornecedor de carvão e lenha
Rua Herculano de Freitas, 78

■ DIRCEU DA SILVA NASCIMENTO

Indústria de caixotaria
Caixotaria Universo - Rua Júpiter, 42 - Inscrição: 6.920

■ DOMINGOS PERIM

Indústria de materiais cerâmicos
Estrada das Lágrimas s/n

■ E. RÉA & CIA. LTDA.

Fundição e fábrica de fogões
Avenida Senador Roberto Simonson, 1002 - - Escritório: Rua Bráulio Gomes, 153 - São Paulo - Fone: 34-1745 -Capital: Cr\$ 76.500,00 - Sócios: Vicente Réa, Américo Réa, Eugênio Réa, dr. Nicolau Réa e Sílvia Réa

■ ERMANA & PASQUAL LTDA.

Fábrica de botões de madrepérola
Rua Bueno de Andrade, 2 - - Fundada em 1950 - Capital: Cr\$ 100.000,00 - Sócios: Pasqual Espacaquerch e Ermana Ângela Espacaquerch; Inscrição: 6520

■ F. ALMANSA & LORENTE LTDA.

Fábrica de calçados
Rua Amazonas, 1448 - Fone: 467 - Caixa Postal, 148 - Fundada em 1942 -

Capital: Cr\$ 150.000,00 - Sócios: Francisco Almanza e Antônio Lorente Gonzales; Inscrição: 946

■ **F. ASSUMPCÃO & CIA.LTDA.**
Fábrica de sulfureto de carbono
Rua Baía, 752 - - Escritório: Rua Almirante Brasil, 119 - Telefone: 9 - 1907

■ **F. BLANCO, PRIOR & CIA.LTDA.**
Materiais para construção
Rua Tupã, 200

■ **F. MARINOTTI & IRMÃOS**
Fábrica de figuras de barro e estatuetas
Rua Manoel Coelho, 739 - - Capital: Cr\$ 75.000,00

■ **FÁBRICA DE BRINQUEDOS SÃO CAETANO LTDA.**
Fábrica de brinquedos
Avenida Goiás, 1048

■ **FÁBRICA DE CORRENTES S.CAETANO LTDA.**
Fábrica de Correntes
Rua Prudente de Moraes, 60 - - Fone: 206 - Caixa Postal, 78 - Fundada em 1947 - Capital: Cr\$ 150.000,00 - Em movimento: Cr\$ 1.000.000,00 - Sócios: Isidoro de Santis, Ângelo Saconi, José Pelegrino Ferrer e Sebastião Sampaio de Assis ; Inscrição: 5.004

■ **FÁBRICA DE LADRILHOS E ARTEFATOS DE CIMENTO**
Ladrilhos e artefatos de cimento
Rua São Paulo, 1896

■ **FÁBRICA DE LACTICÍNIOS PARAÍSO**
Fábrica de manteiga e queijos
Rua Baraldi, 1031- - Fone: 243 - Caixa Postal, 35 - Fundada em 1942 - Capital: Cr\$ 170.000,00 - Diretor-gerente: Ricardo Falchero; Inscrição: 1.791

■ **FÁBRICA DE PRODUTOS QUÍMICOS AUXILIARES BRASITEX S/A.**
Produtos auxiliares para a indústria têxtil, anilinas, acetatos de cromo, óleos, sabões, produtos de engomagem; sal de cromo, curtimento, vanilinas sintéticas, purgas suprapom, óleos de engraxamento; suprasol, anilinas para curtumes, pigmentos, resinas sintéticas
Rua Marconi, 124 -4º andar, salas

407-8-9 - São Paulo - Fones: 34-8528 e 36-5821 - Caixa Postal 8108 - Fábrica: Rua Baraldi, 414- - Capital: Cr\$ 10.000.000,00 - em movimento: Cr\$ 16.000.000,00 - Diretores: José Maria Moreira de Moraes, Georges Gasnier e Georges Somlay



OFICINA DE METAIS SAFRANY
Artigos dentários, Molas de todos os tipos, Articuladores, Pressas, etc. - Fundição de Conquilhas, Metais, Bronze e Alumínio.

João Safrany
Fábrica e Assistência
RUA AMAZONAS, 632
S. CAETANO DO SUL
TELEFONE: 358

Máquina para limpar relógios

Trinças e Fechaduras para Orelhas

Fundação Pró-Memória

A máquina de lavar relógio, produzida pela Oficina de Metais Safrany, era distribuída em todo território nacional

■ **FÁBRICA DE TINTAS IDEAL LTDA.**
Fábrica de tintas, vernizes e esmaltes
Rua dr. José Paolone, 129 - - Fone: 399 - Caixa Postal, 194 - 4º andar. Fundada em 1939; Inscrição: 6.313

■ **FABRICA ENAMEL S/A.**
Esmaltes vitrificáveis para ferro e louça; corantes minerais
Avenida Goiás, 884 - - Fone: 1186 - Caixa Postal, 2948 (São Paulo) ; sócios-gerentes: R. F. Schlegel, Clifford M. Andrews, R. A. Bennett, A. Posnick, L. C. Heilbrooner e A.H. Norris. Representam as seguintes empresas: Ferro Corporation, Cleveland, Ohio - International Clay Machinery Co., Dayton, Ohio - Binks Manufacturing Co., Allied Engineering

■ **FIACÇÃO E TECELAGEM NICE S/A.**
Fios de algodão, tecidos de raiom e algodão
Escritório Central e Tecelagem: Rua do Manifesto, 1183 - São Paulo - Fone:

3-0131 - Caixa Postal 12318 - Fiação: Avenida Souza Ramos, 651 - Fone: 423 - Capital: Cr\$ 12.000.000,00 - Em movimento: Cr\$ 400.000.000,00 - Diretores: Ibrahim Jafet, Edgard Jafet

■ **FIDELIDADE S/A.**
Empresa de armazéns gerais
Rua Américo Brasileiro, 1 - Caixa Postal, 7105 - Fones: 200 e 205 - Filiais: Santos e Recife. Inscrição: 1786

■ **FILOMENO SILVESTRE**
Indústria e comércio de calçados
Rua Perrella, 171 - Inscrição: 3013

■ **FILTREX LTDA.**
Indústria de aparelhos de depuração de água
Avenida Goiás, 1040 - Fone: 346 - Sócios: Roberto Del Monte e Fausto Ricardi ; Inscrição: 278.241

■ **FRANCISCO GARBELOTTO**
Fábrica de material refratário e peças em geral
Rua Major Carlos Del Prete, 1094 - Fone: 344 - Fundada em 1936 ; Inscrição: 996

■ **FRANCISCO MARTINS LOPES**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Alagoas, 254

■ **FRANCISCO POSZTBIEGEL**
Fábrica de aruelas para mármore e ônibus
Fundição São Carlos - Rua São Carlos, 150 - Fone: 212 (recado) ; Inscrição: 2829

■ **FRANCISCO REBIZZI**
Olaria
Estrada das Lágrimas (Vila Palmares)

■ **FRANCISCO DEDENHO**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Pinto Ferraz, 94

■ **FUNDIÇÃO S.CAETANO LTDA.**
Fundição de ferro
Rua José de Alencar, 2-A - Fundada em 1944 - Capital: Cr\$ 15.000,00 - Sócios: Ângelo Ferrari e Romão Aroca Fernandes ; Inscrição: 2.830

■ **GARBARINO GIACOMO & FILHO**
Marmoraria
Rua Tiradentes, 316

■ **GENERAL MOTORS DO BRASIL S/A.** (CIA. GERAL DE MOTORES DO BRASIL)

Fábrica de carrocerias de aço e cabinas para ônibus e caminhões; molas para chassis de veículos; acumuladores; refrigeradores e outros produtos de refrigeração; montagem de automóveis e caminhões - Importação: automóveis e caminhões desmontados, geladeiras, conjuntos geradores e motores marítimos. Diesel, aparelhos para indústria, peças e acessórios

Avenida Goiás, 1805 - Caixa Postal, 8200 - Fundada em 1925 - Capital: Cr\$ 75.000.000,00 - Diretores: S. E. Dithmer - diretor-gerente; J. C. Fouse - diretor de pessoal; E. C. Nurenberg - diretor-tesoureiro; J. M. Robertson - diretor-técnico; L. J. Kelly - diretor e gerente de suprimento; F. X. McDonnell - diretor - subtesoureiro; F. H. Coppess - diretor-assistente executivo

■ **GEORGE HACK & KADI LTDA.**

Fábrica de espelhos, vidros e niquelação

Avenida Conde Francisco Matarazzo, 637

■ **GRECHI & CIA. LTDA.**

Empresa funerária

Rua João Pessoa, 213

■ **GUMERCINDO A. BREVIGLIERI**

Comércio de móveis, decorações finas, colchões de molas, tapeçarias (fabricação própria)

Avenida Conde Francisco Matarazzo, 33 - Fone: 119 - Caixa Postal, 133 - Fundada em 1948; Inscrição: 5515

■ **HERCULES CAPELLI**

Artefatos de cimento

Rua Senador Vergueiro, 182 - Fundada em 1948 - Capital: Cr\$ 20.000,00; Inscrição: 5.483

■ **INDÚSTRIA ALIBERTI S/A.**

Fábrica de botões de jarina e madreperla e plásticos; plastopás, baquelite e artefatos de galalte, etc

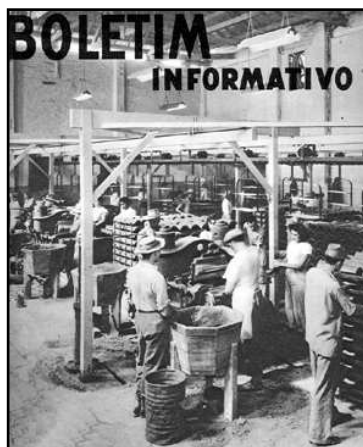
Parque D. Pedro II, 180 - 1º andar - São Paulo - Fones: 32-5662 e 35-5955 - Caixa Postal, 4.069 - Escritório: Rua Senador Vergueiro, 74 - Fone: 179 - Filial em Belém do Pará - Fundada em 1924 - Capital: Cr\$ 6.000.000,00 - Diretor-presidente: Aldo Aliberti; diretor in-

dustrial: Marcelo Cappo; diretor-gerente: Francisco Armando Abbondanza; diretor comercial: Reinaldo Rampazzo

■ **INDÚSTRIA DE ARTEFATOS DE METAIS UNION REBITE LTDA.**

Indústria de artefatos de metais

Rua Alegre, 123 - Fone: 377 - Capital: Cr\$ 160.000,00 - Sócios: Francisco Peliciari, Nilson Figueiredo, Mecislavas Kulesis e Armando Milani; Inscrição: 6771



Capa do Boletim Informativo da Ciesp, de cinco de Maio de 1952, com vista parcial da Seção de Prensagem de Telhas da Cerâmica São Caetano

■ **INDÚSTRIA DE BOTÕES SÃO CAETANO LTDA.**

Fábrica de botões

Rua Perrella, 209 - Fone 461 - Capital: Cr\$ 100.000,00 - Sócios: Lauro Garcia e Losch Garcia; Inscrição: 3166

■ **INDÚSTRIA DE BOTÕES S. JORGE LTDA.**

Fábrica de botões

Rua São Jorge, 92

■ **INDÚSTRIA BRAIDO LTDA.**

Fábrica de adubos

Avenida Municipal, 526; Escritório: Rua Mercúrio, 61 - 2º andar, salas 9-10 - São Paulo - Fundada em 1952

■ **INDÚSTRIA CERÂMICA AMERICANA S/A.**

Cerâmica, produtos e subprodutos de barro, caolim, quartzo, feldspato, la-

drilhos cerâmicos, mosaicos, pastilhas de porcelana e vidradas para revestimentos e piso

Rua Conceição, 159 - - Escritório: Rua da Quitanda, 96 - 7º andar, sala 709 - São Paulo - Fone: 33-5571 - Caixa Postal, 4281 -- Fundada em 1937 - Capital: Cr\$ 7.500.000,00 - Diretoria: William S. Cunningham, presidente; Rafael Guaspari, vice-presidente; Rubens de Souza Aranha, diretor

■ **INDÚSTRIA CERÂMICA SANITÁRIA VITREX LTDA.**

Fábrica de material e artigos sanitários

Rua Carlos Del Prete, 1003 - Fone: 326 - Caixa Postal, 140 - Fundada em 1948 - Capital: Cr\$ 180.000,00 - Em movimento: Cr\$ 2.000.000,00 - Sócios: Ricieri Longe e José Pedro

■ **INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE BEBIDAS**

Fábrica de bebidas alcoólicas, refrigerantes, álcool, vinagre, xarope, licores e água mineral; importação de vinhos do Rio Grande do Sul

Rua Alegre, 35 - Fone: 278 - Caixa Postal, 53 ; Fundada em 1943 - Capital: Cr\$ 500.000,00 - Sócios: Francisco Miguel Mora, Christovam Miguel Sanches, Rafael Miguel Sanches e Heitor Capuzzo - Inscrição: 1011

■ **INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS PIF LTDA.**

Indústria e comércio de madeiras;

fábrica de parquetes para assoalhos

Rua Marechal Deodoro, 76 - - Capital: Cr\$ 260.000,00 - Sócios: Pascoal Vicente Idargo, Rineo Pessotti e Francisco Álvares Filho

■ **INDÚSTRIA DE ARTEFATOS DE METAIS UNION REBITE LTDA.**

Artefatos de metais

Avenida Goiás, 819

■ **INDÚSTRIA DE FERRO MALEÁVEL LTDA.**

Fábrica de acessórios para indústrias têxteis, automóveis, estradas de ferro, correntes transportadoras, ferramentas e fundição de metais

Rua Maranhão, 868 - Sócios: José Mesam e João Frederico Koelle - Oficina em São Paulo: Rua São Bento, 68 - 1º andar, Fone: 32-2497

■ **INDÚSTRIA DE PREGOS FERMO LTDA.**

Fábrica de pregos e rebites

Rua Amazonas, 1378 - - Fone: 102
- Fundada em 1944 - Capital: Cr\$ 900.000,00 - Sócios: Libânia Ferreira, Adriano Souza Ramos e Narciso Souza Ramos

■ **INDÚSTRIA DE PREGOS SÃO JOSÉ LTDA.**

Indústria de pregos

Rua José do Patrocínio, 164

■ **INDÚSTRIA DE TIJOLOS E AFINS ITA LTDA.**

Fábrica de tijolos

Vila Boqueirão

■ **INDÚSTRIA MECÂNICA POLLONE LTDA.**

Fábrica de peças de automóveis

Rua Botucatu, 17 - - Fundada em 1951 - Capital: Cr\$ 300.000,00 - Sócios: Piero Pollone e Boris Majajskin; Inscrição: 7173

■ **INDÚSTRIA METALÚRGICA S.CAETANO LTDA.**

Fábrica de ferragens para malas em geral; alças, cabides de metal, cantos; cantoneiras, dobradiças, cravos, fechaduras, fechos, etc

Rua Rio Grande do Sul, 649 - - Caixa Postal, 153 - Fone: 366 - Fundada em 1940 - Capital: Cr\$ 70.000,00 - Sócios: Plínio Gastaldo, Carlos Gastaldo, Pedro Marconi e Iracema Salles Arcuri

■ **INDÚSTRIA DE MÓVEIS SANTA CATARINA LTDA.**

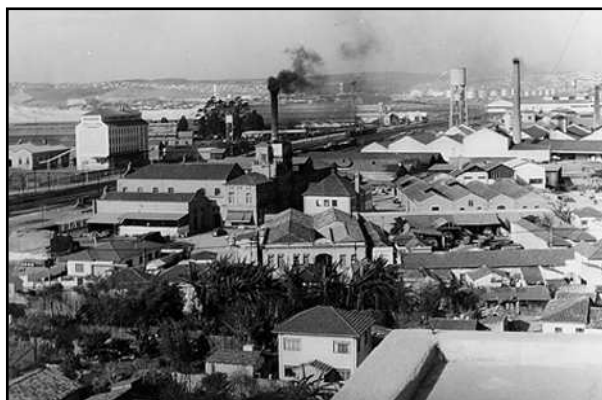
Fábrica de móveis

Rua Rafael Corrêa Sampaio, 481; Capital: Cr\$ 240.000,00 - Inscrição: 4135 - Sócios: Scherk & Filhos

■ **INDÚSTRIA SANTANA LTDA.**

Fábrica de pregos, trefilação de arame, anil, sabão e ultramarino

Rua Senador Vergueiro, 428; Fone: 188 - Capital: Cr\$ 2.000.000,00 - Fundada em 1925 - Caixa Postal, 42 - Sócios: Manoel Gomes Santana, Antônio Coelho de Souza, Alberto Ferreira da Silva, Maria de Assumpção Santana, Olímpia Santana, Antero Gomes Santana e Henednia Victor Ferreira; Inscrição: 1842



Aspecto de várias indústrias de São Caetano, em 1952. Destacam-se, à esquerda, o Moinho Santa Clara e a Refinadora de Óleos Brasil. Ao fundo, a General Motors

Fundação Pró-Memória

■ **INDÚSTRIA TÊXTIL SÃO CAETANO LTDA.**

Indústria têtil

Rua Rio Grande do Sul, 436

■ **IRMÃOS DALL'ANTONIA**

Esquadrias de madeira; portas, janelas, venezianas, portões, quadros de luz, carpintaria, materiais para construção

Rua Amazonas, 373 - Fone: Caixa Postal, 18 - Fundada em: 1928 - Capital: Cr\$ 300.000,00 - Em movimento: Cr\$ 500.000,00 - Sócios: Antônio Dall'Antonia, Paulo Dall'Antonia

■ **IRMÃOS LOPES & CIA. LTDA.**

Fábrica de carrocerias e furgões

Rua Santa Rosa, 26 - Fone: 485 - Fundada em 1947 - Capital: Cr\$ 60.000,00 - Sócios: Braz Rodrigues Lopes Garcia; Inscrição: 5876

■ **IRMÃOS RODRIGUES**

Fornecedor de carvão e lenha

Rua Santa Catarina, 81

■ **IRMÃOS SCARTOZZONI**

Fábrica de móveis de pinho

Rua Serafim Constantino, 100 - Sócios: Arsênio Scartozzoni e Augusto Scartozzoni; Inscrição: 1.168

■ **IRMÃOS VON ZEIDLER**

Fábrica de gomas para indústrias têxteis

Avenida Souza Ramos, 510 -

■ **IRMÃOS ZAMBOM LTDA.**

Metalúrgica, chuveiros, torneiras de bóia, ralos, sifões, tubos, estiradores, lavatórios

Rua Manoel Coelho, 102 - - Capital: Cr\$ 150.000,00 - Sócios: Armando Zambom e dr. Ângelo Antenor Zambom; Inscrição: 5.537

■ **IRMÃOS ZORZI**

Fábrica de tecidos de algodão, cretone, algodão infestado, chantung

Tecelagem São Francisco - Rua Minas Gerais, 24 - - Capital: Cr\$ 50.000,00 - Sócios: Amador Guerino Zorzi e Antônio Luiz Zorzi ; Inscrição: 4835

■ **J. SIBOGLO & ROSIK**

Fábrica de calçados

Avenida Conde Francisco Matarazzo, 627

■ **JACY ALVES DA SILVA**

Fábrica de chinelos

Rua Espírito Santo, 75

■ **JOÃO BATISTA ALONSO LOPES**

Fábrica de louças de terracota, estatuetas, vasos e bibelôs

Rua Luiz D'Agostini, 51 - - Fundada em 1941 - Capital: Cr\$ 10.000,00 - Em movimento: Cr\$ 20.000,00; Inscrição: 1212

■ **JOÃO BERNADHT**

Fábrica de bonecas de pano

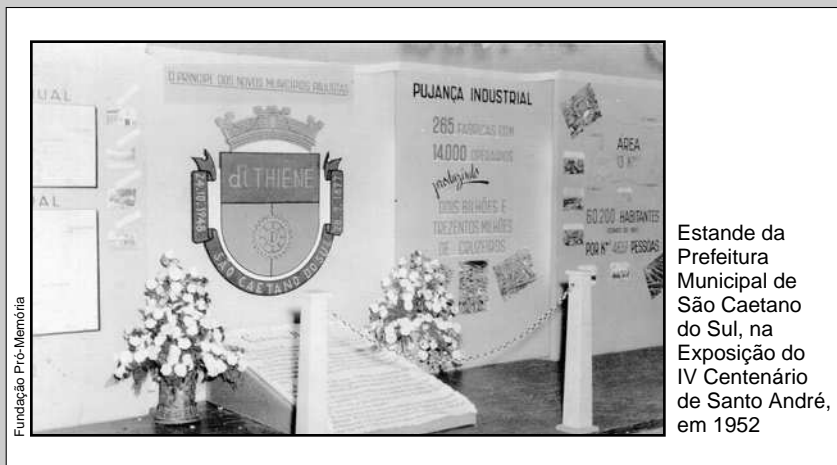
Rua São Carlos, 241

■ **JOÃO CAPARRÓS**

Fábrica de calçados para crianças, tipos ponteados e Balila

Calçados Astral - Rua Oswaldo Cruz, 588 - - Caixa Postal, 131 - Fundada em 1947 - Capital: Cr\$ 200.000,00; Inscrição: 4928

- **JOÃO CASSETA**
Moinho de fubá
Rua Piauí, 185
- **JOÃO LONGO LOURENÇO**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Piauí, 147
- **JOÃO MOLINARI**
Fábrica de colchões de crina e algodão; comércio de colchões de mola
Colchoaria São Caetano - Rua Ala-goas, 457 - Fundada em 1938 ; Inscrição: 1254
- **JOÃO SNESKO**
Fábrica de calçados de borracha
Rua Tapuias, 164
- **JOAQUIM PERES**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Ângela - Vila Gerti
- **JORDANO VENTURA**
Fábrica de palha de madeira
Rua Manoel Coelho, 30
- **JOSÉ ANTÔNIO CARNEVALI**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Santo Antônio, 634
- **JOSÉ BARBOSA**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua P. Machado, 67
- **JOSÉ CAETANO**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Santo Antônio, 269
- **JOSÉ MENDES & IRMÃO**
Carpintaria
Rua Oswaldo Cruz, 1718
- **JOSÉ PERUCCHI**
Fábrica de guidões, porta-bagagens, selins, couros, molas e carrinhos para selins, caixas de cubo de rodas laterais de pedal e outros acessórios; importação e comércio de tubos e cachimbo para quadros de bicicletas; bicicletas e acessórios em geral
Indústria e Comércio de Bicycletas e Acessórios - Avenida Goiás, 956 - - Fone: 399 - Capital: Cr\$ 50.000,00
- **JOSÉ ROMÃO**
Fábrica de artigos de vime e junco
Rua Inhaúma, 349
- **JOSÉ SCHERK & FILHOS**
(Vide Fábrica de Móveis Santa Catarina LTDA.)
- **JÚLIO LOPES**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Tapuias, 281
- **L.TRENTINI**
Fábrica de bebidas alcoólicas
Rua Baía, 257
- **LENZINI & CIA. LTDA.**
Fábrica de parafusos
Rua Manoel Coelho, 126 - - Capital: Cr\$ 90.000,00 - Sócios: Gino Lenzini, Guido Lenzini e Emílio Locatelli ; Inscrição: 4877
- **LUIZ ALCIDES VENTURA**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Manoel Coelho, 30
- **LUIZ CARLOS**
Moinho de fubá
Rua Sergipe, 3
- **MAGAGNA & BINA LTDA.**
Fábrica de móveis para escritório: escrivaninhas, bureaux, armários de portas corredeças, cadeiras, mesas, etc. Fornecedores da Prefeitura Municipal de São Caetano e da General Motors do Brasil S/A
Avenida Goiás, 1456 - - Fone: 211 (recado) - Fundada em 1946 - Capital: Cr\$ 100.000,00 - Em movimento Cr\$200.000,00 - Sócios: Renato Bina e Orestes Magagna
- **MAILASKI - CALÇADOS FINOS LTDA.**
Fábrica de calçados
Rua Amazonas, 1012 -
- **MAMORU & IWASAKI**
Fábrica de bonecas de massa
Rua Goitacazes, 394 -
- **MANOEL RIBEIRO**
Fábrica de louças e porcelanas
Rua Pernambuco, 195 -
- **MANOEL RICARDO**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Carlos Del Prete, 84
- **MANUFATURA BRASILEIRA DE LOUÇAS S/A.**
Fábrica de louça
Rua Pernambuco, 10
- **MÁRIO AUGUSTO DE MENEZESS**
Fábrica de espanadores
Rua Herculano de Freitas, 689
- **MARKESZ & FILHO LTDA.**
Fábrica de porcelanas, azulejos, louças sanitárias, bibelôs, adornos, artefatos de porcelana
Porcelanas Caramuru - Rua Caramuru, 123 - - Fundada em 1949 - Capital: Cr\$ 600.000,00 - Sócios: Luiz Markesz e Alajos Markesz; Inscrição: 6223
- **MATHEU CONSTANTINO**
Metalúrgica
Rua Amazonas, 69
- **MATHIAS FLOHR**
Fábrica de pincéis
Rua Nilo Peçanha, 114
- **MATHIAS LASINSKI**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Visconde de Mauá, 620



Estande da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, na Exposição do IV Centenário de Santo André, em 1952

Fundação Pro-Memória

■ METALÚRGICA GLÓRIA S. A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO
*Fábrica de glicerina, oleína, velas,
produtos metálicos e estearina*

Escritório: Rua 15 de Novembro,
228 - 14º andar, salas: 1415 a 1418 -
São Paulo - Fones: 32-1366; Caixa
Postal, 3377; Fábrica: Rua Conselheiro
Antônio Prado, 74 - - Fone: 159 - Ca-
pital: Cr\$ 8.000.000,00 - Em movi-
mento: Cr\$ 30.000.000,00 - Diretores:
José Corona - presidente; Joaquim Fra-
sano - diretor-gerente; Edda Corona,
diretora-secretária

■ METALÚRGICA BARILE LTDA.
*Fábrica de artefatos de metal e ar-
tigos para presentes em geral*

Rua Rodrigues Alves, 69 - - Fone:
198 - Fundada em 1946 - Inscrição:
1129 - Capital: Cr\$ 1.100.000,00 - Só-
cios: João Barile, Eduardo Barile, An-
tônio Armando Barile, Ana Maria Te-
resa Barile, Carmine Walter Barile,
Ofélia Carmela Barile e viúva Orlando
Barile

■ METALÚRGICA CENTELHAS
Metalúrgica
Rua Manoel Coelho, 774 -

■ METALÚRGICA ECLÉTICA
LTDA.

*Fábrica de lustres de bronze e fer-
ro batido, pendentas, arandelas, apli-
cações, lanternas, abajures, luz fluo-
rescente; porta-retratos, acessórios
para exposição em vitrinas, artigos pa-
ra presente*

Rua Amazonas, 251 - - Fundada
em 1949 - Capital: Cr\$ 230.000,00 -
Em movimento: Cr\$ 900.000,00 - Só-
cios: Wolney Prado e Lino Prado

■ METALÚRGICA MONTE
ALEGRE LTDA.
*Metalúrgica (matrizes, ferramen-
tas, estampos)*

Rua Pitanguares, 343 - - Fundada
em 1946 - Capital: Cr\$ 75.000,00 -
Sócios: Gustavo Flekner, Carlos
Flekner e Francisco Flekner ; Inscri-
ção: 4701

■ METALÚRGICA PARAÍBA LTDA.
*Metalúrgica, funilaria, niquelação,
fábrica de puxadores de bronze para
móveis*

Rua Paraíba, 435 - - Fone: 254 (re-
cado) - Capital: Cr\$ 100.000,00 - Só-
cios: Gabriel Fernandes e Etelvino Za-
ni; Inscrição: 5.596

■ METALÚRGICA RESBRON LTDA.
Metalúrgica, fundição
Avenida Goiás, 1328 - - Diretor:
Plácido Pasqual

■ METALÚRGICA SÃO
FRANCISCO S/A.
*Fábrica de ferro e aço para o Bra-
sil e a Argentina*

Escritório: Rua Senador. Queiroz,
667 - 5º andar - São Paulo - Caixa Pos-
tal, 4057 - Fones: 34-9390 e 36-2376 -
Fábrica: Rua Major Carlos Del Prete,
316 - - Fundada em 1935 - 335 operá-
rios - Capital: Cr\$ 22.000.000,00 - Em
movimento: Cr\$ 60.000.000,00 - Dire-
tores: Frederico Jafet, Carlos Jafet, dr.
Gladston Jafet e dr. Roberto Jafet

■ MINERAÇÃO GERAL DO
BRASIL LTDA.
*Mineração de ferro, manganês e
carvão de pedra; ferros laminados, re-
dondos para construção civil e ferro-
gusa*

Escritório: Rua Senador Queiroz,
667 - São Paulo - Fone: 32-9516 - Fá-
brica: Rua Municipal, 49 - - Fundada
em 1938 - No Rio de Janeiro: Avenida
13 de Maio, 13, 15º andar - Fone: 52-
4077 - Capital: Cr\$ 250.000.000,00

■ MINORU TOYODA
Fábrica de estatuetas de barro
Avenida Goiás, 1064

■ MOAGEM DE PEDRAS S.
CAETANO LTDA.

Moagem de pedras
Rua Major Carlos Del Prete, 647

■ MOINHO SANTA CLARA S/A.
Farinha de trigo, farelo e farelinho
Escritório: Largo do Tesouro, 16 -
2º andar - São Paulo - Caixa Postal,
1559 - Fone: 325648 - Capital: Cr\$
3.000.000,00 - Diretor: Emilio Gianni-
ni - Fábrica: Rua Senador Lacerda
Franco, 3900

■ NELLO BACCI
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Baía, 71

■ NESTOR FLORENCIO DE JESUS
Fábrica de linguíça
Rua Martim Francisco, 188

■ OLINDO F.DE ANDRADE
Fábrica de escovas e pincéis
Fábrica de Pincéis e Escovas Olin-
do - Rua Oswaldo Cruz, 155 - - Fone:
101 - Caixa Postal, 24; Inscrição: 1863

■ OSWALDO PILON
Fábrica de massas alimentícias
Rua João Pessoa, 98 - Merceria e
Pastificio - Capital: Cr\$ 250.000,00
- Inscrição: 6.582

■ OTAVIO MARCHIONI
Fornecedor de carvão e lenha
Rua Municipal, 182

■ PABLO GONZALEZ CARVAJAL Y
DEL RABAL
*Fábrica de brinquedos de papel e
madeira*
Rua Perrella, 104

■ PAN PRODUTOS ALIMENTÍCIOS
NACIONAIS S/A.
*Fábrica de chocolates, balas, cara-
melos, bombons, gomas, confeitos,
marzipã, pão de mel, waffer e bala
Paulistinha; Importação de goma ará-
bica, essências e frutas secas*
Rua Tapuias, 155 - - Fone: 192 -
Seção Comercial: Rua 25 de Março,
349 - São Paulo - Fone: 33-3193 - Ca-
pital: Cr\$ 2.500.000,00

■ PAOLONE FILHO LTDA.
Padaria
Avenida Conde Francisco Mataraz-
zo, 165

■ PEDRO ANTÔNIO GARCIA
Fábrica de isqueiros
Inscrição: 3709 - Rua São Carlos, 3
- Capital: Cr\$ 50.000,00

■ PEDRO BRAIDO
Fornecedor de carvão e lenha
Travessa São José, 7

■ PEDRO CERNAWSKI
*Comércio e indústria de calçados
de borracha*
Casa São Pedro - Rua Amazonas,
781 - Capital: Cr\$ 20.000,00
- Inscrição: 1730 e 6408

■ **PETRAS KAVALLAUSKAS**
Fábrica de calçados
Rua Heloísa Pamplona, 29 (fundos)

■ **PORCELANA BARCELONA LTDA.**
Fábrica de porcelanas
Rua Alegre, 1043 -

■ **PORCELANA MONTE ALEGRE S/A**
Cerâmica
Escritório Central: Rua Marconi, 124 - 8º andar - salas 801-2 - São Paulo - Fone: 36-0953 - Caixa Postal, 5053 - Fábrica: Rua Marechal Deodoro, 25

■ **PORCELANA REX LTDA.**
Artefatos de porcelana, isoladores, de alta e baixa tensão, para eletrificação e peças especiais sob encomenda
Avenida dr. Augusto de Toledo, 200 - Fone: 499 - Fundada em 1945 - Capital: Cr\$ 500.000,00 - Sócios: Waldemar Moreira dos Santos, dr. Eugênio Scalisse e Antônio Sppine

■ **PRODUTOS ALIMENTÍCIOS LINGUANOTTO LTDA.**
Fábrica de doces
Rua Amazonas, 490

■ **QUATRO PAUS INDÚSTRIA QUÍMICA LTDA.**
Fungicidas, inseticidas, microbicidas, ácido sulfúrico e seus congêneres; compra e venda de artigos para lavoura e outros fins; Formicida Quatro Paus; sulfureto de carbono
Escritório Central: Rua Florêncio de Abreu, 157- 3º andar - sala 301 - São Paulo - Caixa Postal, 3907 - Fone: 32-3299 - Fábrica: Rua Senador Vergueiro, 498 - - Capital: Cr\$ 450.000,00 - Sócios: Antônio Gonçalves Pereira, Abel Marques Nogueira e Pompeu Andreucci

■ **QUIMBRASIL - QUÍMICA INDUSTRIAL BRASILEIRA S.A.**
Ácido sulfúrico, superfosfato, azul- ultramar, anil, inseticidas, terras decorativas; importação de produtos químicos para indústria e lavoura, anilinas, etc
Escritório Central: Rua São Bento, 308 - 10º andar - São Paulo - Caixa

Postal, 5124 - Fone: 33-6586 - Fundada em 1936 - Filiais em Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Recife - Fábrica: Rua Conceição, 152 - Diretores: Eugenio Belotti, Eduardo Cané, Jorge de Souza Rezende e Francisco Finamore - 30 operários

■ **R. B. MARTINS & CIA.**
Torrefação e moagem de café
Avenida Goiás, 1639 - Capital: Cr\$ 105.000,00 - Sócios: Rosa de Barros Martins, Rosa de Oliveira e Gentil Darcil

■ **REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL S.A.**
Fábrica de gordura de coco Brasil, azeite de amendoim Mesa, tipo Lucca, óleo composto Amendoliva, azeite Amélia, óleo de coco para fins industriais, rações balanceadas para animais, sabão, molho Mesa; exportação para Argentina, Uruguai, Europa, América Central e do Norte; representada nas principais praças do País
Escritório Central: Rua Boa Vista, 314 - 2º andar - São Paulo - Caixa Postal, 1117 - Fones: 34-8816 e 34-7378 - Fábrica: Rua Amazonas, 5 - - Fundada em 1913 - Capital: Cr\$ 30.000.000,00 - Diretores: J. J. Pasche e L. E. Corthesy

■ **REPRENSAGEM E ARMAZEM DE ALGODÃO S.A.**
Algodão
Rua Américo Brasiliense, 1

■ **RICARDO FALCHERO**
Fábrica de manteiga e queijos
Fábrica de Laticínios Paraíso - Depósito e Escritório, Rua Baraldi, 1031 - fone: 243 - Caixa Postal, 35 - Fábrica: em São Sebastião do Paraíso (Minas Gerais)

■ **RODRIGUES & MORALES LTDA.**
Móveis de estilo
Fábrica de Móveis Dilar - Rua Paraíba, 107 a 143 - - Fone: 412 - Caixa Postal, 182 - Fundada em 1949 - Capital: Cr\$ 200.000,00 - Sócios: Agostinho Rodrigues e Ramon Moralez Jo- yas; Inscrição: 6514

■ **ROQUE PARMO**
Fornecedor de carvão e lenha
Rua 14, nº 9

■ **RUBLEA LERNER**
Fábrica de colchões
Avenida Conde Francisco Matarazzo, 619

■ **S. TOYODA & CIA. LTDA.**
Cerâmica e fábrica de estatuetas de barro
Rua Amazonas, 678 - - Fone: 187 - Fundada em 1925 - Capital: Cr\$ 80.000,00 - Sócios: Senjiro Toyoda, Keigo Toyoda, Massumi Kohara e Yanosuke Mizuno

■ **SANTOS RUBIO**
Fornecedor de carvão e lenha
Avenida Paraíso, 692

■ **SIPES DO BRASIL**
Fabricação, Importação e Representação de Soda Cáustica, Cloro, etc
Sociedade Industrial de Produtos Eletrolíticos e Sintéticos Ltda. - Escritório: Avenida São João, 1426 - São Paulo - Fone: 52-3984 - Fábrica: Rua Santo Antônio, 174 - - Capital: Cr\$ 1.000.000,00 - Sócios: César Sergentes Rossa, Armando Sergentes Rossa e Renato Sergentes Rossa -

■ **S/A. INDÚSTRIAS REUNIDAS FRANCISCO MATARAZZO**
Fios de seda, algodão e raiom, tecidos e sacos de juta, pregos, glicerina, ácido sulfúrico, soda cáustica, cloro, ácido clorídico, BHC, bissulfureto de carbono, sulfato de sódio e de alumínio, produtos cerâmicos, antiácidos, essências de laranja e limão, caféina e mentol, sabões, sabonetes, velas, perfumarias, louças e azulejos, amidos de arroz e de trigo, óleos vegetais, gorduras, açúcar refinado, farinha de trigo, banha, arroz, fécula, destriana, farelos, fubá fino, carnes, produtos frigoríficos, massas alimentícias, papel, papelão e papel transparente (celosul), celulose, álcool, cal e gesso

Escritório Central: prédio Conde Francisco Matarazzo - Praça do Patriarca - São Paulo - Fone: 33-5151 - Caixa Postal, 86 - Fundada em 1881 - 26.000 operários - Fábrica em Praça Comendador Ermelindo Matarazzo, 91

■ **S.A. WHITE MARTINS**
Acetileno, azoto e oxigênio, carvão para motores e dinamos, maçari-

cos de cortar e soldar; geradores de gás acetileno, obras de caldeiraria e serralheria, fundição de ferro e metal, varetas para soldas

Escritório Central: Rua Florêncio de Abreu, 470 - Caixa Postal, 108-A - São Paulo - Fones: 32-2170, 33-2178 e 33-2179 - usina: Rua Raul Pompea, 144 - Fones: 51-5783 e 51-3068 - São Paulo - Depósito: Rua Luiz Gama, 66 - Subfiliais: Araraquara, Bauru e Ourinhos - Capital: Cr\$ 60.000.000,00

■ **SOCIEDADE DE COMÉRCIO LTDA.**

Fornecedor de carvão e lenha
Rua 28 de Julho, 215

■ **SOCIEDADE ELETROQUÍMICA SELQUI**

Óxido de ferro
Rua José de Alencar, 2

■ **STEFAN RITSCHHEL**

Tecelagem
Rua Manoel Coelho, 918 (fundos)

■ **TECELAGEM MONTE ALEGRE LTDA.**

Tecelagem de linho belga e inglês
Rua Maranhão, 196 - - Fone: 387 - Caixa Postal, 188 - Fundada em 1947 - Capital: Cr\$ 1.500.000,00 - Sócios: Américo Figueiredo, Ângelo Rafael Pelegrino, Geraldo Cambaúva e Ernesto Picozzi - Inscrição: 4822

■ **TEREZA BEZERRA NUNES**

Fábrica de Perfumes
Rua Olinda, 47

■ **TERESEVICIUS & BALOG LTDA.**

Tecelagem
Travessa São Francisco, 202 - - Capital: Cr\$ 60.000,00 - Sócios: Povi-las Teresevicius e Emerich Balog

■ **THE TEXAS COMPANY (South America LTDA.)**

Petróleo e Derivados
Travessa São José, 101

■ **TORREFAÇÃO E MOAGEM DO CAFÉ JAMBO LTDA.**

Rua João Pessoa, 213 - Fundada em 1951 - Capital: Cr\$ 60.000,00 - Sócios: Antônio Cardoso, Adão Cizzoto, João L. P. Bonaparte

Publicidade da Cerâmica São Caetano, em 1952, com informações a respeito dos produtos feitos na fábrica de São Caetano do Sul

Cerâmica São Caetano S. A.
Escritório Central: Rua Boa Vista, 84 - 6.º and. Lója: Rua Boa Vista, 148
FONES: FONES:

Seção de Refratários	33-4952	Chefia	32-4329
Seção Interior	32-4229	Vendas	32-3429
Gerência e Compras	32-7636	Caixa	33-4952

Fábrica em São Caetano do Sul (E.F.S.J.) - Rua Casemiro de Abreu 4 - Fone: 1124 - Linha 486

TELHAS: - "COLONIAL" - "MARSELHA" - "ESCAMA" e "GREGA" - Único e exclusivo fabricante das afamadas TELHAS "BRILHANTE"

LADRILHOS: - Quadrados, Retangulares, Sextavados e Losangos - Vermelhos, Amarelos, Marrons e Pretos

LADRILHÕES - LAJOTAS - LAJOTINHAS E TROTOIR

TIJOLOS Prensados para: Pisos, Degraús, Pingadeiras, Colunas e outros
Para riscar um ladrilho "São Caetano" só outro ladrilho "São Caetano"

MATERIAIS REFRACTARIOS para qualquer tipo de Indústria

TODOS OS PRODUTOS A MARCA
"SÃO CAETANO" QUE EXPRESSA
LEVAM ESTA MARCA QUALIDADE



■ **USINA COLOMBINA LTDA.**

Ácidos comerciais e puros para análise; acetatos, alcoolatos, amônia comercial e pura; carbonatos, coló-dios, fosfatos, nitrato de potassa, for-miato de sódio, sulfatos, sulfuretos, sais em geral para indústrias e fins farmacêuticos; lança-perfumes Colom-bina etc

Escritório Central: Rua Silveira Martins, 53 - Fones: 32-1524 e 33-6934 - Caixa Postal, 1469 - São Paulo - Fábrica: Rua Luiz Gama, 1 - - Funda-da em 1929 - Capital: Cr\$ 5.000.000,00 - Sócios: Carlos de Barros e Salo Wissmann

■ **VASILE D'ESTEFANI**

Fábrica de artefatos de cimento
Rua Oswaldo Cruz, 882

■ **VENERANDO D'ESTEFANI**

Fornecedor de carvão e lenha
Avenida Goiás, 840

■ **VICENZO LTDA.**

Fornecedor de carvão e lenha
Rua Santo Antônio, 459

■ **VIRGILIO TEIXEIRA & IRMÃOS**

Fábrica de artefatos de porcelana e similares
Rua Major Carlos Del Prete, 587

■ **WALTER CORNACCHINI**

Fábrica de vassouras
Rua Niterói, 143

■ **YASUO KITAHARA**

Fábrica de bonecas de pano e bi-chos de astracan
Rua Piauí, 322 - Inscrição: 3614

■ **YOLANDA COPPINI**

Fábrica de calçados
Rua Major Carlos Del Prete, 86

Fontes:

1. Recenseamento da Indústria Paulista - Fiesp - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - Donato Editora, Volume I e II
2. Anuário das Indústrias - 1952 - Cen-tro da Federação das Indústrias do Esta-do de São Paulo
3. Isto é São Caetano - Documentário Histórico Ilustrativo do Município - Guia Geral da Indústria, Comércio, e Profis-sões Liberais de Editores: Sociedade Brasileira de Expansão Comercial Ltda., 1952
4. Boletim Informativo da Ciesp - (1949-1965) - Coleção Ciesp - Arquivo da Fundação Pró-Memória de São Cae-tano do Sul

Das cabras aos 43 milhões de cruzeiros

Como a primeira administração cuidou das carências da cidade e, apesar dos problemas, transformou São Caetano em um rico município

Alexandre Toller RUSSO (*)

A primeira administração municipal de São Caetano do Sul iniciou-se em 1949 e terminou em 1953. Durante os quatro anos, o prefeito eleito, Ângelo Raphael Pellegrino, e os vereadores - em grande parte membros da chapa autonomista que apoiou Pellegrino - enfrentaram muitas dificuldades para promover o crescimento do recém - formado município.

No dia da posse, três de Abril de 1949, os cofres municipais estavam vazios, porém a cidade precisava de muitos investimentos em infra - estrutura. Abastecimento de água, escolas, hospitais, pavimentação, saneamento básico, enfim, todas as necessidades primordiais faltavam a São Caetano. As carências, à medida que a população ia crescendo, criavam inúmeros entraves ao progresso, de maneira que os primeiros administradores do município tiveram muitas dificuldades em elevá-lo de uma condição de atraso para outra de pujança no cenário urbano paulista.

ADMINISTRAÇÃO - O prefeito Pellegrino fez a seguinte declaração, no dia em que tomou posse: No prédio de dois andares da Rua Pará, onde estava instalada a sub-prefeitura, tudo o que encontrei foi um balcão com uma máquina registradora; na parte superior, uma mesa e duas cadeiras. Ao la-

do, com todas as suas deficiências, o serviço de Pronto - Socorro. Nos cofres, dinheiro algum.

O problema imediato, portanto, era arrumar instalações adequadas. As primeiras cinco leis promulgadas pelo prefeito dispunham exatamente sobre isso: enquanto a primeira solicitava um empréstimo de 150 mil cruzeiros ao Governo do Estado, para a instalação da Prefeitura e da Câmara Municipal, a segunda abria um crédito de 390 mil cruzeiros para a compra de móveis.

Em seguida, era preciso preencher alguns setores do funcionalismo público. Ao longo do ano de 1949, o prefeito abriu algumas vagas, mediante concursos, porém os cargos de maior importância eram ocupados por pessoas indicadas. O fato suscitou, na época, o comentário de que apenas funções sem grande força junto à administração seriam preenchidas por concurso; o que se mostrou sem fundamento, pois vários cargos importantes - ainda que não os de confiança - foram concedidos através de concursos públicos.

Os problemas financeiros da cidade, entretanto, não seriam resolvidos somente por meio de empréstimos junto ao governo estadual. Assim, foi sobretudo da arrecadação dos impostos que o município obteve os recursos necessários para desenvolver-se. Uma das medidas iniciais da primeira administração foi revogar um antigo decreto - lei municipal, que dispunha sobre a isenção de impostos para novas indústrias instaladas em São Caetano. A re-

solução tinha o objetivo de aumentar a participação da cidade na divisão das receitas do Estado, uma vez que a partilha das riquezas era proporcional à geração das mesmas.

O balanço do ano de 1949 mostrou o crescimento de São Caetano: partindo do zero, a arrecadação final foi de quase 11 milhões de cruzeiros. No ano de 1950, a prosperidade era demonstrada pelo fato de a indústria Matarazzo ter aplicado considerável parte de seu capital nas instalações da fábrica em São Caetano. A arrecadação, nesse ano, chegou a 17,4 milhões de cruzeiros.

O grande volume de dinheiro que entrava nos cofres municipais, no entanto, não vinha exclusivamente das indústrias. Boa parte da arrecadação era obtida com impostos cobrados da população. Na década de 50, o imposto predial totalizava 486 cruzeiros por ano ao contribuinte. A insatisfação da população com os altos impostos era agravada por um problema que os administradores tiveram que enfrentar até o fim do mandato: o aumento do preço dos alimentos. De fato, desde 1949, era tanta a falta de controle sobre o preço da carne, em São Caetano, que o prefeito foi obrigado a criar uma Comissão Municipal de Preços para fiscalizar o cumprimento das leis. Todavia, basta observar a charge de Jayme da Costa Patrão, publicada no Jornal de São Caetano de 26 de Maio de 1951, para ver como a medida não surtiu o efeito desejado. (entra imagem)

A honestidade dos primeiros

administradores jamais foi posta em dúvida e, ao fim dos quatro anos de mandato, a opinião a respeito da primeira administração foi a melhor possível. Um episódio, porém, causou alvoroço entre os políticos da época. Em 1952, o vereador Moysés Chapaval, desentendendo-se com o também vereador Lauriston Garcia, pediu que o mandato deste último fosse cassado. Chapaval alegava ter provas de que Garcia, fazendo-se passar por um munícipe, enviara à Prefeitura um requerimento pedindo a cassação de seu mandato. Ambos, contudo, mantiveram-se em seus cargos.

PROGRESSO - Apesar da insatisfação do povo em relação aos impostos, era quase unânime a opinião de que a cidade progredia e enriquecia. Entre 1950 e 1951, a arrecadação municipal aumentou em mais de dez milhões de cruzeiros, isto é, de 17,4 milhões passou para 28,5 milhões.

Um dos principais motivos do enriquecimento era o impulso que as indústrias davam à economia local. A presença cada vez maior de fábricas na cidade pode ser constatada, por exemplo, pelo desaparecimento progressivo dos campos de várzea. Na década de 30, ainda que estivessem em São Caetano indústrias como Matarazzo, Cerâmica São Caetano e General Motors, existia um grande número de campos de várzea para a prática do futebol. Nos anos 50, porém, a maioria dos terrenos outrora utilizados como campos de futebol estavam ocupados. De fato, havia 240 indústrias na cidade, divididas entre as de montagem de automóveis, cerâmica, tecelagem, fundição, metalurgia, gêneros alimentícios e outras. Foi nessa época que chegaram a São Caetano indústrias

como ZF, Brasinca e Mineração Geral do Brasil

Forçadas a abandonar os campos, as agremiações amadoras de São Caetano buscaram, junto aos vereadores, uma saída para o problema. Sem condições de disputar campeonatos, os esportistas queriam um local em que pudessem organizar os certames. Em Fevereiro de 1950, alguns parlamentares apresentaram à Câmara um projeto para a construção de um Estádio Municipal (a obra não foi concluída durante a primeira gestão, porém, foram desapropriados e indicados os terrenos em que deveriam ser feitas as construções).

O avanço industrial também foi responsável, em grande parte, pelo crescimento da população. Os bairros que abrigaram a maioria dos funcionários das indústrias da cidade estavam entre os de maior concentração populacional: Vila São José - 4210 habitantes; Vila Gerti - 6285; Vila Barcelona - 9389. Nos anos 50, a população era de 60.156 habitantes. Muitos desses bairros, no entanto, sofriam com a falta de infra - estrutura. À maioria faltavam iluminação elétrica e transportes eficientes, além de que o crescimento rápido e desordenado da cidade dificultava a resolução dos obstáculos que surgiam. Boa parte das dificuldades era levada ao conhecimento da Prefeitura pelos próprios cidadãos, e os primeiros anos de autonomia foram marcados por muitos abaixo - assinados exigindo providências para resolver os problemas dos bairros.

A Prefeitura não poupou esforços para equacionar essas questões. A alta arrecadação proporcionava meios para que os trabalhos necessários ao desenvolvimento da cidade fossem inicia-

dos. Durante a gestão Pellegrino, a rede de energia elétrica foi estendida a várias ruas, a rede de esgotos chegou a muitos bairros, e a pavimentação, aos poucos, foi levada às principais vias de acesso.

O mesmo empenho foi verificado na tentativa de por um termo ao problema da falta de telefones no município. Em 1949, os jornais noticiavam a insatisfação do povo quanto à morosidade da Companhia Telefônica Brasileira em atender às necessidades mais urgentes. Tal situação mobilizou prefeito e vereadores: em 1951, Pellegrino e os parlamentares visitaram a Companhia Telefônica Brasileira e negociaram a ampliação da rede telefônica em São Caetano. O esforço, no entanto, não teve muito resultado, pois o descaso da empresa para com a cidade não diminuiu.

Um outro problema era o serviço postal. Em 1950, São Caetano possuía mais de 60.000 habitantes, mas apenas uma agência de correios. O estabelecimento contava com cinco carteiros e três funcionárias para o serviço interno. Nesse mesmo ano, 946.235 cartas foram expedidas de São Caetano para outros locais, enquanto 899.613 chegaram à cidade.

O transporte coletivo também necessitava de melhorias. A maioria dos ônibus era muito mal - equipada, e as tarifas cobradas eram muito altas. No intuito de melhorar a situação, foi proposta à Câmara a criação de uma companhia de capital misto - como a CMTC (Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos), de São Paulo, capital - para organizar o transporte público na cidade. O projeto, entretanto, não foi concretizado durante a primeira administração.

Uma real melhoria verificada

nos primórdios da emancipação foi a criação do Tiro de Guerra. Até então, os sancaetanenses eram obrigados a passar um ano no Exército, em São Paulo, para obter a reservista. O TG nº 277 foi oficialmente instalado no dia 15 de Novembro de 1951, na Rua Maranhão, 106.

O desenvolvimento da cidade fora notado pelos proprietários da Urbs Sociedade Imobiliária, donos do Mercado Inca. Estabelecimento de grandes proporções, o Mercado Inca representava o progresso. Com efeito, antes do Mercado as compras eram feitas em armazéns, todos de pequenas proporções, e que não davam ao cliente um acesso direto aos alimentos. Em 1950, as obras para a construção do prédio que abrigaria o empreendimento estavam adiantadas. No dia 16 de Dezembro do mesmo ano foi inaugurado o Mercado Inca.

O progresso não trouxe apenas melhorias. Na verdade, a segurança do município foi ficando cada vez mais comprometida na razão direta do crescimento das indústrias e da população. Deficiências como a falta de equipamentos à Polícia e a falta de recursos para evitar e combater incêndios comprometiam o bem-estar dos cidadãos.

O aumento da criminalidade foi muito mais rápido do que a organização da Polícia. Em 1950, eram apenas 11 os vigilantes noturnos responsáveis pela segurança da cidade. No fim do ano, haviam sido instaurados inquéritos para nove furtos, um homicídio, e dois estupros. A falha não era apenas no número de homens disponíveis, mas também no de recursos. O primeiro veículo destinado à Polícia de São Caetano foi adquirido por meio de uma arrecadação, feita por parte da popu-

lação (liderada por Abib João Kirche, Júlio Marcucci, Francisco Massei e Antônio Dall'Antonia), que resultou no total de 94.980 cruzeiros. O dinheiro foi empregado na compra de uma perua mista, com lugares para autoridades e soldados, e que possuía um compartimento fechado para seis presos. Algumas indústrias também contribuíram para a aquisição do veículo.

Quanto à questão dos incêndios, as principais críticas eram concernentes à falta de aparelhos necessários para o combate ao fogo e, também, à ausência de um pessoal treinado para evitar, ou, em alguns casos, combater o incêndio. Ainda que a criação de um Corpo de Bombeiros não fosse unanimidade - pois havia quem considerasse ser muito cara a manutenção de um serviço como esse -, todos concordavam que a cidade estava despreparada para enfrentar o problema dos incêndios. Na verdade, não era somente a falta de preparo e de recursos que comprometia, em relação aos incêndios, a segurança do município. A própria ocupação do território, ou seja, os locais em que estavam as casas ou as indústrias, oferecia riscos à população. Na parte baixa da cidade estavam localizados enormes depósitos de gasolina e derivados, material altamente inflamável e explosivo. Diante disso, medidas sobretudo para a prevenção dos incêndios eram primordiais à sobrevivência de São Caetano.

O avanço das indústrias e do capitalismo também trouxe o desemprego. A Fábrica de Louças Adelina foi sucedida pela Manufatura Brasileira de Louças e, desta forma, os trabalhadores das Louças Adelina perderam seus empregos. Sensibilizados, os vereadores formaram uma comissão

para auxiliar os desempregados, chegando mesmo a sugerir a idéia de que o IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários) pagasse aos ex-funcionários um terço de seus antigos salários enquanto estivessem sem emprego. Ainda que a sugestão não tenha sido posta em prática, os vereadores procuraram, de todas as formas, ajudar os trabalhadores.

Apesar de iniciativas como essa, a Prefeitura sofreu uma grave crítica na época. Constatou-se que os funcionários municipais, muito mal remunerados, eram obrigados a morar em casas precárias na Avenida Goiás. Recebiam um salário de 1.200 cruzeiros, à base de 5,00 cruzeiros por hora, e assim deveriam sustentar a família e pagar o aluguel. Ao tomar conhecimento do fato, os vereadores propuseram à Câmara um projeto para a construção de casas populares.

Antes disso, porém, o prefeito havia se ocupado do problema da habitação. Em 11 de Julho de 1950 foi aprovada uma lei que isentava do pagamento de taxas a construção de casas destinadas às classes proletárias, desde que a área útil das construções não ultrapassasse a 60,00 m². Quem muito contribuiu no campo das construções em São Caetano foi Miguel Ignácio Curi. Nos anos 50, ele comandou a edificação de diversas casas em uma área de mais ou menos 50.000 m² na região do atual Jardim São Caetano. As obras seguiam um padrão, mas nem por isso eram todas iguais. Vendidas mediante planos para a facilitação do pagamento, muitas dessas casas também foram erigidas em outras regiões da cidade.

Como conseqüência do progresso, certos hábitos mudaram. Em 1949, muitos comerciantes

reclamavam da rígida regulamentação dos horários outorgada pela Prefeitura. De acordo com um edital de 27 de Agosto de 1949, o horário de fechamento do comércio era às seis da tarde. Muitas pessoas - visto que suas atividades não lhes permitiam antecipar as compras-, porém, faziam pedidos após o horário de funcionamento das lojas. A insatisfação dos comerciantes pode ser verificada na opinião de Dirceu Luiz, dono de uma loja de sapatos na cidade. Na época, fez a seguinte declaração ao Jornal de São Caetano:

- Com o atual horário é impossível trabalhar sem transgredir a lei. Se não fosse para aumentar a fêria do dia, pelo menos para servir um ou outro operário que diariamente nos pede para vendermos depois das 18 horas, somos forçados a permitir a entrada de clientes depois do atual horário.

Não obstante apresentar as características de uma crescente urbanização, São Caetano ainda possuía traços rurais bem marcantes. A zona rural do município contava com mais de 4.000 habitantes, e animais típicos de uma fazenda por vezes circulavam pela cidade. Segundo um edital da Prefeitura, publicado no Jornal de São Caetano de 17 de Junho de 1950, "uma cabra preta, de pêlo crespo, aguardava o dono no Depósito de Animais".

SANEAMENTO BÁSICO - O caráter rural da cidade não era atestado apenas por animais como cabras, mulas ou galinhas, mas, principalmente, pela falta de um serviço de esgotos, de redes de águas pluviais, de pavimentação em várias ruas, e de energia elétrica em muitos bairros. Os maiores esforços da primeira administração foram empregados na tentativa de

resolver esses problemas básicos.

Logo no primeiro ano de governo, Pellegrino e os vereadores desapropriaram alguns terrenos, destinando-os à execução dos serviços de esgoto, e abriram concorrência para a aquisição de um caminhão irrigador e de um outro destinado à limpeza pública. No fim do primeiro mandato, haviam sido construídos 10.287 metros lineares de rede de água, 811 metros lineares de galerias de águas pluviais, um emissário central de esgotos no rio Tamanduateí, e 11.152 metros lineares para o desenvolvimento de rede de esgotos. Foram pavimentados 52.950,34 m² de vias públicas, 17.525 metros lineares de guias, e também 11.017,05 m² de sarjetas.

Durante os quatro anos em que as obras estiveram em andamento, as cobranças, por parte dos jornais e dos cidadãos, eram quase diárias. Desde a falta de um serviço de recolhimento de animais - a carrocinha -, até às queixas contra o mau cheiro no centro da cidade e os abaixo-assinados para a instalação de luz elétrica nos bairros, tudo foi motivo de exigências e, às vezes, de duras críticas aos responsáveis pelo primeiro governo da cidade. As charges jornalísticas da época servem para mostrar quais eram os principais problemas de São Caetano. Jayme da Costa Patrão, destacado chargista do município, fez alguns desenhos satirizando a falta de saneamento básico, e, em outros, lembrou a necessidade de uma carrocinha nas ruas.

A ausência de uma rede de esgotos eficiente, bem como a de um maior número de ruas e guias pavimentadas, proporcionava a proliferação do culex, mosquito responsável por várias doenças, e também o aumento considerável

da população de ratos. A falta de galerias de águas pluviais, por sua vez, resultava em enchentes na cidade. Em 1952, uma grande enchente causou a morte de uma pessoa, a inundação de vários prédios, e quase 100 mil cruzeiros em prejuízos. Na época das chuvas, a cidade era de fato bastante castigada e, por isso, a construção de redes de águas pluviais, com vistas a fazer escoar as águas das chuvas para o rio Tamanduateí, tornava-se cada vez mais urgente.

Dentre os problemas de infraestrutura enfrentados pelos moradores de São Caetano, no decorrer dos quatro anos da primeira administração, um dos mais graves foi o abastecimento de água. Não raro, os cidadãos passavam dias sem o líquido ou, quando abastecidos, a água muitas vezes chegava espessa e barrenta. Várias tentativas foram feitas para equacionar a questão, mas, ao fim do mandato, apenas uma solução parcial havia sido obtida.

A origem desta deficiência remonta ao tempo em que São Caetano era administrada por Santo André. O fornecimento de água era regulado pelo Município vizinho e, antes de 1949, já era grande o sofrimento da população. Quando a cidade conseguiu a emancipação, apesar de politicamente independente, continuou a depender da água proveniente de Santo André. Diante disso, prefeito e vereadores incentivaram estudos com o objetivo de encontrar uma alternativa para livrar a cidade dos constantes problemas de falta de água. Os primeiros levantamentos, feitos pelo engenheiro Plínio de Queiroz, mostravam que a represa do Rudge Ramos seria capaz de fornecer água a São Caetano. Queiroz calculava que o volume

de água existente na represa era suficiente para abastecer até mesmo o dobro da população da cidade. Quanto ao fato de que a água não seria suficiente para as necessidades das Indústrias Matarazzo - que a utilizavam, filtrando-a, em sua produção -, o engenheiro argumentava que isso ocorreria somente nas épocas mais secas e, mesmo assim, uma saída poderia ser encontrada.

Ainda que a captação das águas do Rudge Ramos fosse a solução definitiva para os problemas, a idéia foi posta temporariamente de lado devido à constante poluição do rio dos Meninos. Como a falta de água persistia, Pellegrino entrou em negociação com os prefeitos de Santo André e São Bernardo, a fim de, em um esforço conjunto, resolver a questão. O acordo entre os três municípios, contudo, iria levar muito tempo até ser concluído e posto em prática. Por essa razão, em Abril de 1950, Pellegrino anunciou um ajuste, firmado com São Paulo, pelo qual ficava estabelecido que o município receberia água por meio de uma ligação tubular com a adutora de Rio Claro. Na ocasião, Lucas Nogueira Garcez, então secretário da Viação em São Paulo (e que depois viria a ser Governador do Estado), fez a seguinte declaração: Eu estudei pessoalmente o assunto do abastecimento de água para São Caetano do Sul e verifiquei que a situação é desesperadora (...) Em vista disso, forneceremos água por um determinado tempo, de acordo com os entendimentos feitos com o prefeito desse município.

O entendimento determinava que o fornecimento de água, por parte de São Paulo, deveria aproveitar uma tubulação já existente. Entretanto, eram necessários

mais alguns metros de extensão para a conexão com a adutora de Rio Claro. O serviço completo ainda exigia a construção de um tanque para a cloração da água e a substituição de inúmeros tubos encontrados partidos durante as ligações experimentais feitas. As despesas, estimadas em cerca de 400 mil cruzeiros, foram custeadas pelos municípios de São Caetano e São Bernardo, uma vez que, dos seis milhões de litros cedidos por São Paulo, quatro destinavam-se a São Caetano, e dois a São Bernardo.

Ao longo dos quatro anos de mandato, Pellegrino foi renovando o acordo firmado com São Paulo, de modo que, se a solução não era definitiva, ao menos a população não sofria tanto como antes. Todavia, o prefeito jamais deixou de incentivar os estudos em busca de um termo decisivo ao problema do abastecimento de água.

TRÂNSITO - O Jornal de São Caetano, de 9 de Julho de 1949, publicou na primeira página a foto da colisão de dois carros. A imagem era seguida de um pequeno texto que aludia à necessidade de uma melhor sinalização do trânsito na cidade.

O aumento da população e da riqueza resultou em uma maior frota de automóveis circulando pelo município. Tendo por base que São Caetano, na época, não possuía nenhuma placa de sinalização do trânsito, que as ruas eram estreitas e, na maior parte, não pavimentadas, o aumento do número de veículos tornava perigoso tanto o tráfego de automóveis como o de pedestres. As ruas de São Caetano, a bem da verdade, não estavam preparadas para comportar o tráfego de veículos. Ainda que a pavimentação

fosse uma das prioridades do governo, somente em 1952 é que foi aprovado um plano de calçamento para todas as ruas; até então, apenas alguns trechos estavam pavimentados. O número de carros, ao contrário, aumentava com muito maior rapidez do que chegavam à cidade melhorias como as placas de sinalização. No mesmo ano em que foi aprovado o plano de calçamento do município, 1952, eram tantos os veículos, que o delegado de São Caetano baixou uma portaria estabelecendo mão única na direção da praça Cardeal Arcoverde e proibindo o estacionamento de automóveis nas ruas Baraldi, Amazonas - até à Avenida Goiás, e Goiás, até à Rua Alegre.

Outro fator que complicava demais o tráfego de automóveis eram as porteiras da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ). Além do transtorno causado aos cidadãos comuns, que às vezes ficavam esperando 15 minutos ou mais até o trem passar, também havia o inconveniente de prejudicar as indústrias; de fato, inúmeros caminhões, carregados de matéria-prima para as fábricas da região, atrasavam as entregas por causa das porteiras. Uma solução para o transtorno fora oferecida logo no início da primeira administração: tratava-se do projeto do vereador Jordano Vincenzi, cujo objetivo era o de construir um viaduto sobre as porteiras. Os grandes entraves à execução do plano eram o custo elevado e o tempo necessário aos estudos para a execução da obra. Um crédito de 12 milhões de cruzeiros foi aberto pela Prefeitura, no final do primeiro mandato, porém, até o início de 1953, as construções não haviam sido iniciadas.

EDUCAÇÃO - O incentivo à edu-

cação foi um dos pontos mais positivos da primeira administração. Reconhecido por todos, o empenho do prefeito Pellegrino em criar escolas e condições de estudo no nascente município pode ser observado através das realizações efetuadas durante os quatro anos em que esteve no comando do Executivo da cidade: construção de três prédios para grupos escolares - Grupo Escolar Sílvia Romero; Grupo Escolar 23 de Julho, na Vila Barcelona; e D. Benedito P.A de Souza, na Vila Paula -; e desapropriação de um terreno, na Rua Maranhão, para a construção de um prédio destinado ao Jardim de Infância. Além disso, um dos primeiros projetos apresentados à Câmara Municipal tinha o objetivo de proporcionar bolsas de estudo às crianças pobres. O projeto foi transformado em lei no dia 15 de Outubro de 1949.

Uma das lutas travadas pelos membros da primeira administração, e sobretudo pelo prefeito Pellegrino, foi a da instalação de um Ginásio Estadual na cidade. De acordo com uma lei estadual, São Caetano, por uma série de fatores, tinha o direito de ter um ginásio construído, desde as fundações iniciais ao fornecimento de material escolar, às custas do Estado. Em 1950, o Ginásio Estadual Bonifácio de Carvalho foi inaugurado, porém funcionaria nas dependências do Grupo Escolar Senador Fláquer. Em 1952, já com a primeira turma formada, o Ginásio Estadual Bonifácio de Carvalho continuava sem prédio exclusivo.

As dificuldades não desanimaram Pellegrino. A Prefeitura continuou sua política de incentivo à educação, iniciada no primeiro ano de mandato com a declaração de que alguns terrenos

seriam destinados à construção de escolas, e também com o fornecimento de material didático para que o Ginásio São Caetano começasse a funcionar. Em 1952, cedeu um terreno, na Rua Amazonas, para a construção do Instituto Nossa Senhora da Glória, dirigido pelas Irmãs Clarissas Franciscanas. No último ano de mandato, Pellegrino instalou o Grupo Escolar Vila Marlene, criado pelo governo estadual. Os prédios foram cedidos por Miguel Ignácio Curi, e o estabelecimento foi organizado pelos professores Olívio Gomes e Amador Arruda Mendes.

SAÚDE - A Saúde foi outro segmento que recebeu grande incentivo do prefeito e dos vereadores. De 1949 a 1953, a primeira administração ocupou-se com a construção do Hospital São Caetano. A idéia da construção do hospital foi sugerida e sustentada pela Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, cujo primeiro presidente foi Ângelo Raphael Pellegrino. Em 1950, começaram as obras para erguer o prédio onde funcionaria o estabelecimento, e os custos foram calculados em torno de um milhão de cruzeiros.

A população da cidade teve um papel muito importante na construção do Hospital São Caetano. Desde o momento em que a idéia surgiu, bailes, festas e encontros foram promovidos a fim de angariar fundos para custear as despesas com os materiais necessários ao erguimento do hospital. Em todas as ocasiões, os habitantes da cidade compareceram em peso.

As obras andaram em ritmo acelerado e, em 1951, foi aberta concorrência pública para a execução do serviço de acabamento. No ano seguinte, solicitou-se ao

governo estadual um empréstimo para concluir a construção do hospital. No fim da gestão Pellegrino, o Hospital São Caetano estava praticamente pronto. Se a construção desse estabelecimento médico foi o carro-chefe do governo Pellegrino na área da saúde, isto não quer dizer que não surgiram outras melhorias durante os primeiros quatro anos de mandato. Com efeito, além da instalação do Pronto - Socorro, a Prefeitura criou também o Samdu, Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência.

SALDO POSITIVO - Ao cabo de quatro anos comandando a cidade, os membros da primeira administração tiveram o trabalho reconhecido pela população da época. Em Abril de 1949, primeiro mês de mandato, as finanças do município estavam na estaca zero. Em quatro de abril de 1953, dia da posse de Anacleto Campagna, segundo prefeito de São Caetano, as contas apresentavam um saldo de 5,9 milhões, relativos ao exercício de 1952, e um orçamento, para o exercício seguinte, no montante de quase 43 milhões de cruzeiros.

Antes da autonomia, São Caetano, devido ao descaso da Prefeitura de Santo André, sequer havia iniciado seriamente os serviços de infra-estrutura necessários a qualquer cidade. Apesar das inúmeras dificuldades, os componentes do primeiro governo do novo município deram um passo firme em direção à imagem de riqueza e eficiência que São Caetano viria a adquirir com o tempo.

(*) Alexandre Toller Russo é jornalista

Autonomia, marcada por conflitos dentro da Câmara de Santo André

Aleksandar JOVANOVIC (*)

Oito meses e algumas semanas antes da realização do plebiscito que definiria, de modo contundente, a emancipação político-administrativa de São Caetano, a Câmara Municipal de Santo André discutia, de modo acalorado, o movimento separatista. Todavia, os desdobramentos dos debates ganhavam intensidade, principalmente em 1949, quando projeto de resolução da Mesa objetivava declarar vagas quatro (de um total de dez) cadeiras ocupadas por vereadores eleitos em São Caetano. Os atingidos foram à Justiça e ganharam o direito de continuar na Casa, mas o vereador Anacleto Campanella renunciaria ao mandato em 19 de outubro de 1949.

O País vivia um período de ebulição político-social: em 1946, havia sido promulgada uma nova Constituição que devolvia a autonomia a Estados e Municípios, instituía o direito de greve e mantinha a independên-

cia entre os três poderes da República. Nesse ano, o governo da União proibia o jogo em todo o território nacional e determinava o fechamento dos cassinos. Após passar decênios na ilegalidade, o Partido Comunista Brasileiro havia conseguido sair das sombras e tornar-se um partido político legalmente formado. Mas, em 1947 o governo de Gaspar Dutra colocava a legenda na ilegalidade, sob o argumento de que não se tratava de um partido

democrático e de que servia aos interesses de uma potência estrangeira. Por isso, no ano seguinte, o Brasil rompia relações diplomáticas com a União Soviética. Não havia sequer 50 milhões de habitantes no País.

Em 1949, era fundada a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, cujos estúdios estavam localizados em São Bernardo do Campo. Menos de um ano depois, as então três cidades da região (Santo André, São Bernardo e São Caetano) contabilizavam 413 fábricas e 49.160 operários. No censo de 1950, São Caetano aparecia com 59.832 habitantes, sendo 4.433 das áreas suburbana e rural e 55,399, da urbana. Essa era a moldura do quadro em que se inseriam os candentes debates relativos ao desgarramento do distrito de São Caetano de Santo André.

Na quarta sessão ordinária do Legislativo de Santo André, em fevereiro de 1948, o vereador Syr Martins, do Partido Socialista Brasileiro, havia proposto um

Reunião no Plenário da Câmara Municipal de Santo André. Da esquerda para a direita: Anacleto Campanella, Otaviano Gaiarsa e Luiz Lobo Neto (Zico Lobo). Imagem do final da década 40



Fundação Pró-Memória



Flagrantes dos trabalhos da Câmara Municipal de Santo André. À esquerda Anacleto Campanella, vereador de São Caetano do Sul e Fioravante Zampol, presidente da Câmara. Final da década de 40

Fundação Pró-Memória

voto de pesar devido às idéias emancipacionistas. É interessante notar que as posições não estavam ainda definidas de modo categórico com respeito aos ideais emancipacionistas, frustrados vinte anos antes. Na quinta sessão ordinária da Casa, o vereador Francisco Barone opinava a favor da inclusão da Sociedade Beneficente Hospitalar de São Caetano na lista de auxílio que se pretendia conceder ao distrito de Mauá para a construção de um hospital. Propunha, inclusive, um substitutivo em que a Prefeitura de Santo André deveria conceder 80 mil cruzeiros para aos Serviços Hospitalares Mauá Ltda., e 300 mil para a entidade de São Caetano.

Em ambos os casos, para receber o dinheiro, as instituições deveriam apresentar projeto, aprovado pela Prefeitura, para edificar hospitais nos distritos. Nas longas discussões registradas nas Atas da Câmara de Santo André, evidenciava-se uma situação tensa entre os representantes do distrito de São Caetano e seus colegas eleitos por outras localidades do Município. Ainda assim, havia apertes moderados e tentativas de apaziguamento. O vereador Arthur da Rocha, a cer-

ta altura, afirmava textualmente: ...em São Caetano há precariedade com referência a estas instituições (referia-se a hospitais). Em outro momento, o vereador Luiz Boschetti exibia tom conciliador: ...tanto faz São Caetano como Mauá, ou outro distrito, todos constituem o Município de Santo André.

Anacleto Campanella, que se tornaria depois prefeito de São Caetano duas vezes, apresentara, em 21 de fevereiro do mesmo ano, projeto de lei que propunha a concessão de 200 mil cruzeiros para a construção de um hospital no distrito. Assinavam o documento com ele os vereadores Verino Ferrari, Eduardo Ferrero,

João Relá, Armilindo Franchini e Araújo Freitas, evidenciando um jogo político ainda equilibrado. Parecia claro que o distrito de São Caetano, com quase 50 mil habitantes, representava fatia muito importante para Santo André. E, ânimos acirrados ou não, indicações e requerimentos - muitas vezes, sem efeito prático algum - eram apoiados mutuamente pelos vereadores.

DEBATES - Em 6 de novembro de 1948, após a realização do plebiscito em São Caetano, o vereador Luiz Boschetti apresentava um curioso requerimento ao plenário: congratulava-se com os 1.029 eleitores do distrito que votaram contra a separação. Trata-se, em verdade, de resposta a outro documento, de 27 de outubro, subscrito por três parlamentares eleitos por São Caetano (João Dal'Mas, Anacleto Campanella e Lauro Garcia), em que se congratulavam com o resultado do plebiscito, favorável à secessão territorial. Mas a emancipação já estava permeando muitos pronunciamentos, denotando preocupação com as consequências econômico-financeiras: na sessão de 6 de novembro, o presidente da Câmara, Fioravante



Vereadores e autonomistas de São Caetano durante sessão na Câmara de Santo André. João Dal'Mas [em pé, à direita] defende a autonomia de São Caetano. Imagem do final dos anos 40

Fundação Pro-Memória



Sessão da Câmara de Santo André, no final dos anos 40

Fundação Pro-Memória



Plenário da Câmara de Santo André. Da esquerda para a direita: Anacleto Campanella, Armelindo Franchini [ao fundo]; [sentado] jornalista Mário Porfírio Rodrigues, do Jornal São Caetano; Arão Awada; José Benedito de Castro; Luiz Boschetti; Syr Martins e Antonio Barone

Zampol, usava a tribuna para discursar a respeito de pedido de aumento para o funcionalismo público municipal e destacava que a emancipação de São Caetano e a instalação do Município no ano seguinte (1949) implicaria a necessidade de revisar a arrecadação prevista para Santo André. Sou contra que, com a saída de São Caetano, a Prefeitura passe a cobrar impostos para pagar exclusivamente vereadores, funcionários e dívidas, sem realizar um só melhoramento público...observava Zampol.

Três dias após o plebiscito de São Caetano, a sessão ordinária da Câmara de Santo André era palco de muitos debates acalorados. O vereador Anacleto Campanella, através de requerimento e, também da tribuna, acusava a Prefeitura de Santo André de ter adotado represálias contra a população do "distrito rebelde". No papel, solicitava ao prefeito de Santo André que determinasse o reinício dos trabalhos de pavimentação e limpeza das ruas. Os paralelepípedos, os coletores de lixo, as manilhas, as vassoura da limpeza pública estão sendo transportados para a sede, como se São Caetano não mais existisse como célula de

Santo André, afirmava Campanella no documento. E mencionava uma rebelião dos moradores na noite anterior.

(...) a população de São Caetano queria fazer represálias contra essa medida do sr. prefeito municipal. Mas alguns homens ponderados resolveram impedir. A população de São Caetano pretendia arranjar quatro ou cinco caminhões, recolher o lixo e depositá-lo à porta do cartório do sr. prefeito, informava da tribuna. Campanella relatava ainda denúncias referentes a uma suposta ordem do chefe do Executivo para que funcionários da Prefeitura, residentes em São Caetano, fossem demitidos

e todos os comerciantes do distrito, multados.

EXTINÇÃO - Em 15 de janeiro de 1949, o Legislativo de Santo André colocava em votação o Processo 29/49: tratava-se de resolução da Comissão de Justiça da Casa, subscrita por 16 dos vereadores, propondo que os mandatos dos vereadores Antonio Dardis Neto (Partido Socialista Brasileiro), Anacleto Campanella (União Democrática Nacional) e João Dal'Mas e Lauro Garcia (Partido Democrata Cristão) fossem extintos e declaradas quatro vagas de vereadores na Câmara Municipal. O argumento baseava-se no artigo 26 da Lei Orgânica dos Municípios, segundo o qual "os vereadores são obrigados a residir no território do município". Assim que o assunto foi colocado em discussão, o vereador Alfredo Maluf (que já havia sido prefeito de Santo André) protestou, lembrando que, na verdade, dez e não somente quatro vereadores haviam sido eleitos por São Caetano.

Seguia-se interessante discussão: o vereador Luiz Lobo Neto explicava, textualmente: Não se pretende cassar mandato de ninguém (...) Pretende-se tão somen-

Sessão na Câmara de Santo André com a presença de vereadores, o prefeito Fioravante Zampol e alguns autonomistas de São Caetano. Da esquerda para a direita: Eduardo Ferreira, Antonio Dardis Neto, ?, João Dal'Mas, Fioravante Zampol, Lauro Garcia e Silvio Franco de Santo André. Flagrante de 1946



te (...) declarar a perda de mandato desses vereadores de São Caetano. Não é justo que a autonomia de Santo André seja conspurcada aqui por elementos que não estão radicados no município.

Maluf chegou a contestar os argumentos, em plenário, rebatendo afirmações dos vereadores Francisco Barone e Armilindo Franchini (claramente favoráveis à perda de mandato dos quatro colegas). Lembrava que vereadores de São Caetano também haviam obtido votos em Santo André. O vereador Silvio Franco também manifestava-se contrário e fazia declaração de voto contrário ao documento da Comissão de Justiça, sob o pretexto de a Casa estar cometendo um atentado contra o livre exercício dos poderes constitucionais. Também observava que os vereadores favoráveis à emancipação de São Caetano não poderiam ser censurados porque comungaram com o seu povo, chamando a atenção para o fato de o distrito possuir grande arrecadação, capaz de prover as necessidades da nova administração.

Depois, Maluf voltava à carga, alertando que a Câmara Municipal "mais uma vez vai sofrer um mandado de segurança". Co-

locava a própria residência à disposição do colega Antonio Dardis Neto para que ali residisse até encontrar casa em Santo André, e sublinhava novamente que outros vereadores deveriam, sob as mesmas condições, perder os mandatos. Lobo Neto voltava à carga, dizendo que o objetivo básico da resolução era colocar Santo André "a salvo da intromissão de elementos alheios".

João Dal'Mas (depois vice-prefeito e prefeito de São Caetano) declarou poder provar que residia em Santo André. Anacleto Campanella assim procedia também. Após um aparte jocoso do vereador Benedito de Castro - Vossa Excelência pode me dizer,

rapidamente, sem consultar pa-peizinhos, onde é a sua residência? -, Campanella anunciava o endereço: Avenida Dom Pedro II, 2.814. Dal'Mas dizia da tribuna que estava em curso um golpe político de um partidarismo barato. Syr Martins chegou a confessar em plenário que os quatro vereadores eram os mais visados, porque Vossas Excelências foram os inimigos de Santo André e os líderes da campanha. Houve acusações de Benedito de Castro contra Lauro Garcia, afirmando que ele teria prometido renunciar ao mandato

Lobo Neto faria, ainda, um discurso inflamado, defendendo o passado de 395 anos de Santo André e apelando para argumentos sentimentais: O que diriam nossos eleitores, nossos pósteros, nossos filhos, se um dia alguém lhes dissesse: os seus ancestrais foram guiados, foram conduzidos por elementos alheios?...João Dal'Mas e diversos colegas ainda se envolveriam em verdadeira batalha verbal durante a sessão da Câmara, discutindo filigranas jurídicas, fidelidade à vontade dos eleitores e assuntos correlatos. Os 28 vereadores da Casa estavam presentes à sessão e a resolução foi aprovada por 19 votos a

Sessão na Câmara de Santo André com a presença do prefeito Fioravante Zampol e alguns vereadores. Imagem de 1946



Fundação Pro-Memória

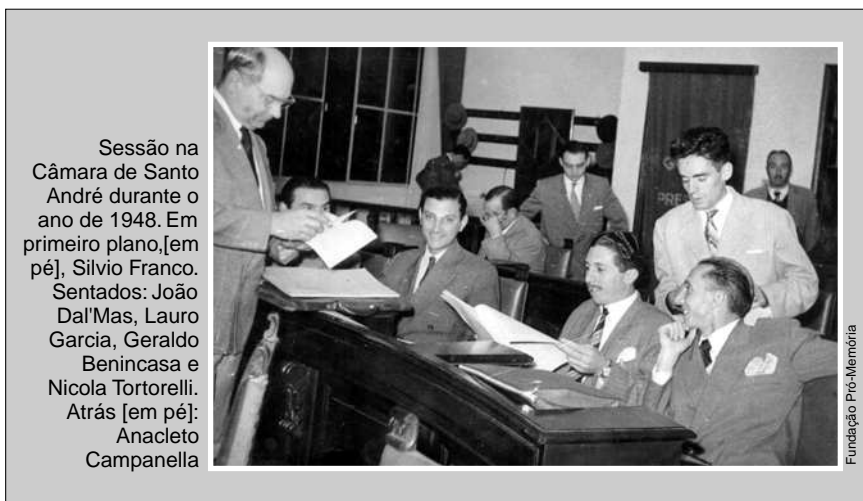


Sessão na Câmara de Santo André Da esquerda para a direita, (?); (?); João Dal'Mas; Eduardo Ferreira e (?); (?); (?); Geraldo Benincasa, em foto de 1946

favor, 8 contra e uma abstenção. O vereador Rodolpho Serff protestou imediatamente, sublinhando o fato de ter sido contra a emancipação de São Caetano, mas acusando o Legislativo de ter aplicado um rude golpe contra a democracia. Silvio Franco também defendia os colegas atingidos pela resolução e dizia que era um dia negro para a Câmara Municipal de Santo André.

O plenário foi palco de muita discussão naquela sessão. Diversos vereadores trocavam acusações e tentavam justificar as posições - a favor ou contra a extinção dos quatro mandatos. Lauro Garcia chamava a medida de acintosa, iníqua e que fere os princípios democráticos.

RENÚNCIA - Em 19 de outubro de 1949, o vereador Anacleto Campanella foi à tribuna da Câmara de Santo André e renunciou ao mandato. Apresentava uma longa justificativa. Explicava, por exemplo, que se tratava de uma questão moral, porque, a despeito de ter ganhado na Justiça o direito de permanecer no Legislativo, sentia que o seu lugar seria em São Caetano após a emancipação. Começamos o ano de 1949 muito mal, porque a autonomia de São



Sessão na Câmara de Santo André durante o ano de 1948. Em primeiro plano, [em pé], Silvio Franco. Sentados: João Dal'Mas, Lauro Garcia, Geraldo Benincasa e Nicola Tortorelli. Atrás [em pé]: Anacleto Campanella

Fundação Pró-Memória

Caetano apaixonou de tal forma a opinião do povo, dos vereadores, que aqui (...) ninguém se entendia mais (...) Quero, antes de mais nada, esclarecer que durante os comícios que fizemos em São Caetano para fazer com que o povo sentisse a necessidade de nossa autonomia, tive oportunidade de declarar que renunciaria ao meu mandato de vereador de Santo André assim que fosse criado o Município de São Caetano do Sul, declarava.

Campanella apresentava um interessante argumento para os colegas: (...) enquanto pendia a questão no Judiciário ainda havia um pouco de entusiasmo para aqui permanecermos. Mas, ven-

cida a causa, eu vos pergunto: quê viria fazer aqui em Santo André? Qual o interesse que um vereador tem em defender pontos de vista que desconhece? Nenhum! Naturalmente, não pretendo ficar neste plenário e, pensando assim, retiro-me. Encerrado o pronunciamento do parlamentar oriundo de São Caetano, seguiram-se diversas intervenções contemporizadoras e elogiosas dos vereadores de Santo André - defensores ou não da tentativa de extinguir quatro mandatos, inclusive o de Campanella. A partir das sessões seguintes da Casa, a autonomia de São Caetano, os prejuízos na arrecadação de Santo André, advindos com a emancipação do antigo Segundo subdistrito, a malsucedida tentativa de extinção de quatro mandatos de vereadores, não foram mais tema em plenário. Não há mais registros nas Atas do Legislativo a este respeito; um véu de esquecimento e sombras passou a encobrir os temas que tanto agitaram os círculos políticos, a imprensa e a população.

(*) Aleksandar Jovanovic é jornalista, professor da Universidade de São Paulo e presidente da Fundação Pró-Memória

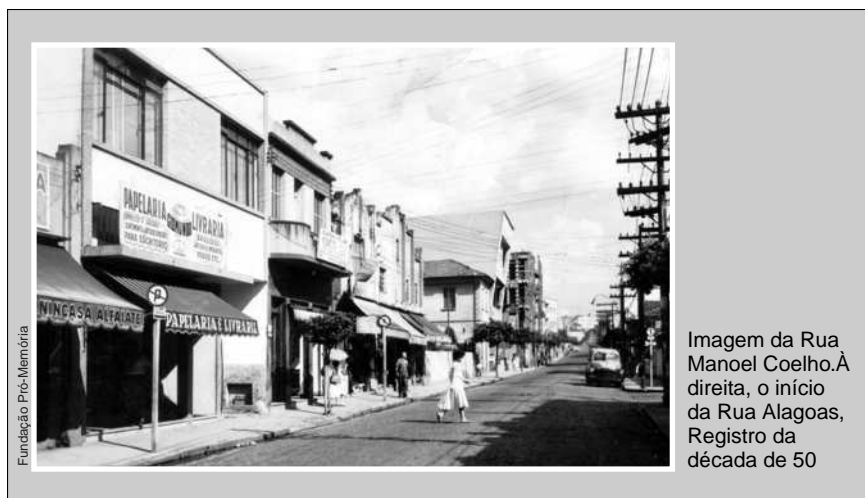


Imagem da Rua Manoel Coelho. À direita, o início da Rua Alagoas, Registro da década de 50

Fundação Pró-Memória

Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro impulso para o desenvolvimento real

Domingo Glenir SANTARNECCHI(*)

Nascido em Jaqueira, distrito do Município de Maraial, Estado de Pernambuco, a 26 de Julho de 1891, Ângelo Raphael Pellegrino era filho do casal de italianos Francisco Pellegrino e Domingas Anunziata Masulo Pellegrino. Foi casado com Nelly Guilhermina Akesson Pellegrino, falecida em 26 de Junho de 1953, em São Caetano do Sul, e com ela teve um único filho: Ivo Pellegrino.

Fez os estudos primários em Jaqueira e o curso secundário no Colégio Salesiano Sagrado Coração de Jesus, em Recife. Posteriormente, transferiu-se para a Itália, na cidade de Caserta, nos anos 1912 e 1913, onde cursou o Instituto Técnico, vindo a diplomarse. Logo depois, matriculou-se na Escola Politécnica da Universidade de Turim, cursando apenas os primeiro e segundo anos. Em consequência da deflagração da Primeira Guerra Mundial, transferiu-se para a Suíça, em 1915. Matriculou-se na École D'Ingénieurs da Universidade de Lausanne. Diplomou-se, em 1918, com grande distinção, laureando-se em engenharia eletromecânica.

De volta ao Brasil, embarcou para a Capital da República (Rio de Janeiro) em busca de uma ocupação. Não obteve sucesso. Dessa forma, veio para São Paulo, conseguindo seu primeiro emprego na Companhia Nacional de Tecidos de Juta, no Brás, como desenhista técnico e engenheiro auxiliar da administração. Em 1921, deixou a companhia e assumiu o cargo de gerente da então Cerâ-

Em 30 de dezembro de 1951, foram inauguradas novas salas de aula do Grupo Escolar da Vila Marlene (atual Bairro Nova Gerti). Na foto, o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino acompanhado dos diretores da Prefeitura e autoridades militares e eclesiásticas



Fundação Pro-Memória



Fundação Pro-Memória

Da direita para a esquerda, Ângelo Raphael Pellegrino, prefeito de São Caetano; Daniel Giardullo, diretor da Fazenda e, de óculos, Geraldo Benincasa. Década de 50



Em 7 de maio de 1949, a mesa organizadora do Baile da Primavera, tendo como orador o professor Benedito Moura Branco, chefe de gabinete na gestão do prefeito de São Caetano, Ângelo Raphael Pellegrino

Fundação Pro-Memória



Fundação Pro-Memória

Ângelo Raphael Pellegrino com autoridades municipais, entre elas Jayme Fuchs, João Jacob Lorenzini e Daniel Giardullo. Década de 50

mica São Caetano Ltda. No ano seguinte, a indústria foi vendida para o senador Roberto Simonsen e Pellegrino deixou o cargo, sendo sucedido pelo engenheiro Armando de Arruda Pereira.

No início de 1923, transferiu-se para Campos do Jordão, onde, em sociedade com o cunhado, Pedro Gianotti, passou a construir casas em larga escala. Em 1925, a convite do prefeito de Amparo, assumiu, como titular, a Diretoria de Obras do Município. Um ano depois, adquiriu, em sociedade com o amigo José Rossetti e alguns conhecidos, vários terrenos em São Caetano. Na ocasião, procedeu à abertura das ruas São Francisco, Margarido Pires, Joaquim Nabuco, entre outras. Nessas áreas, iniciou, com seus sócios, a construção de centenas de casas populares, vendidas com grande facilidade de pagamento às pessoas menos favorecidas pela sorte. Não obstante essas atividades, a partir de 1926 dedicou-se também à lavra de caulim e, posteriormente, de argila, o que fez até 1957.

Pellegrino foi um dos fundadores da Cerâmica Itabasil S.A. (1957), da qual foi diretor - presidente; fundou também a Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano (1947), sendo o primeiro presidente da entidade (até 1948); fez parte do Conselho da Sociedade Amigos de São Caetano (1948); foi membro do Rotary Club - São Caetano do Sul; e ainda participou da fundação da CTBC (Companhia Telefônica da Borda do Campo), chegando mesmo a dirigi-la.

POLÍTICA - O engenheiro nunca teve a intenção de fazer carreira política; no entanto, houve mudanças em seus planos. O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp),



Ângelo Raphael Pellegrino com o proprietário das Casas Bahia, Samuel Klein, na comemoração dos 30 anos do Tiro de Guerra de São Caetano, em 16 de maio de 1981

Morvan Dias Figueiredo, convidou-o para ser candidato a prefeito de São Caetano: Mas como, se não tenho partido?, respondeu Pellegrino. Morvan disse: Vá para casa que você será procurado pelos representantes dos partidos da cidade para tratar do assunto. Em



Ângelo Raphael Pellegrino em frente à arquibancada do campo de futebol do São Caetano Esporte Clube (rua Paraíba com rua Margarido Pires). Da esquerda para a direita: Ângelo Raphael Pellegrino; Paulo Oliveira Pimenta, diretor administrativo da Câmara Municipal e Paulo Autran, funcionário da Câmara Municipal. Década de 50

realidade, uma pesquisa havia sido feita, e Ângelo Raphael Pellegrino fora indicado, por todos os gerentes das indústrias locais, como o candidato ideal.

Certa noite, por volta das 23 horas, fui procurado por dois amigos (...) Eu os atendi de pijama, e me informaram de que eu deveria me aprontar, pois cerca de 40 pessoas, dentro de meia hora, viriam à minha casa para tratar da candidatura a prefeito, revelou o engenheiro. Com a chegada das lideranças políticas, houve discursos na sala principal da casa. Na oportunidade, Pellegrino foi definitivamente indicado como candidato pela coligação de seis partidos, ficando apenas um partido contrário à escolha.

Chegando o período pré-eleitoral, o grupo quase não tinha feito propaganda, pois não dispunha de dinheiro para isso. Entretanto, não havia melhor publicidade do que os elogios dos moradores das casas populares construídas pelo engenheiro. De fato, em 1932 (época da Revolução), quando as residências foram vendidas, muitos não conseguiram pagar as prestações. Pellegrino, contudo, estendeu os prazos e permitiu que as pessoas fossem, aos poucos, saldando as dívidas.

A eleição foi vencida por Ângelo Raphael Pellegrino, que obteve 4.094 votos. Seu adversário, José Luiz Flaquer Netto, sobrinho do prefeito de Santo André, obteve apenas 1.017 votos. A cerimônia de posse ocorreu no dia quatro de Abril de 1949, às 15 horas, na Câmara Municipal, instalada na Rua João Pessoa, 120, em cima da antiga Loja Copagel. Pellegrino fez o juramento perante os vereadores e o juiz do TRE, Plínio Gomes Barbosa. Em seguida, João Dal'Mas, um dos que batalharam pela autonomia e, na época, vereaa-

dor de Santo André por São Caetano, fez um discurso. No pronunciamento, Dal'Mas injetou ânimo, otimismo e entusiasmo nos dirigentes da cidade que ora nascia, dando-lhes uma força interior tal qual a trazida pelos imigrantes italianos quando da fundação do Núcleo Colonial, em 1877.

Depois da cerimônia de posse, prefeito, vereadores, autoridades, equipe de trabalho e população seguiram para o prédio da Rua Baraldi, esquina com a Rua Rio Grande do Sul - local onde hoje funciona uma casa de pão de queijo -, para iniciar o trabalho. O primeiro dia do chefe do Executivo foi decepcionante: deparou-se com uma Prefeitura totalmente vazia, sem dinheiro, e com apenas alguns funcionários deixados por Santo André. No gabinete, encontrou uma mesa - doada pela recém - eleita vereadora Olga Montanari de Mello -, uma cadeira, um vaso de flores e nada mais.

A mesa em que Pellegrino dirigiu os destinos da cidade, nos primeiros anos pós - emancipação, mais tarde foi abandonada num depósito da Prefeitura. Localizamo-la, em 1974, graças às informações do escritor e advogado Manuel Cláudio Novaes, um dos primeiros servidores municipais. Mandamos recuperá-la



Ângelo Raphael Pellegrino visitando uma escola municipal com sua equipe. Década de 50

Fundação Pró-Memória

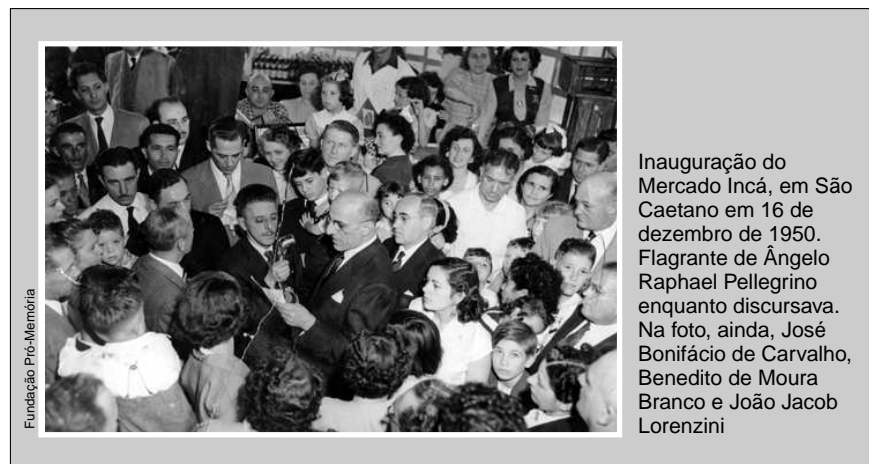
e a entregamos ao Museu Municipal, onde pode ser vista. O acaso fez com que a mobília histórica fosse preservada.

Com o cofre vazio, o prefeito perguntou aos auxiliares como São Caetano poderia arrecadar dinheiro para as primeiras despesas. Informaram-lhe que havia uma feira na Vila Paula. Mandou, então, dois funcionários para lá, a fim de levantar os fundos necessários à Prefeitura. Pellegrino não possuía nem lápis e nem papel para controlar a soma obtida. Arranjaram-lhe um lápis. Curiosamente, uns talões do jogo do bicho foram utilizados como recibo. A renda - Cr\$ 400,00 - foi controlada pelo prefeito, que anotava tudo numa caderneta (como as usadas nos armazéns), pois não havia consegui-

do achar um despachante para fazer o serviço. Somente duas semanas depois é que um especialista passou a fazer o trabalho.

Próximo à sede do Governo Municipal, na Rua Rio Grande do Sul, esquina com a Rua Pará, ficava um prédio que, até então, abrigava a Subprefeitura de Santo André. No andar térreo, havia uma máquina registradora, uma mesa e duas cadeiras. No andar superior, estavam as demais repartições, que contavam com um velho balcão, uma mesa, duas cadeiras e uma máquina de escrever, em péssimo estado de conservação. Na parte lateral do edifício, estava instalado, com todas as suas deficiências, o Pronto - Socorro, que contava com uma ambulância velha e os serviços de dois médicos e dois enfermeiros. Essa foi a herança deixada pelos dirigentes de Santo André, que levaram todas as plantas, documentos, móveis e equipamentos da Prefeitura. Assim foi iniciada a primeira administração de São Caetano do Sul.

Ainda que tenha enfrentado várias dificuldades, Pellegrino conseguiu fazer com que a cidade começasse a sair da condição semi - rural em que se encontrava. Com efeito, os primeiros passos para um real crescimento (pois,



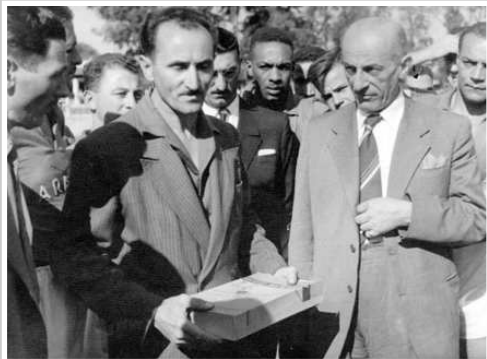
Inauguração do Mercado Incá, em São Caetano em 16 de dezembro de 1950. Flagrante de Ângelo Raphael Pellegrino enquanto discursava. Na foto, ainda, José Bonifácio de Carvalho, Benedito de Moura Branco e João Jacob Lorenzini

Fundação Pró-Memória



Ângelo Raphael Pellegrino com Benedito de Moura Branco no momento da assinatura da Lei nº 1, em 14 de abril de 1949, na Prefeitura Municipal de São Caetano

Aniversário do C. A. Flor do Mar em 15 de novembro de 1949. Umberto Cecatto, da Comissão Municipal de Esportes, entregando ao prefeito Ângelo Raphael Pellegrino uma coleção da ópera O Guarani, doada pelo dono da primeira loja de discos de São Caetano do Sul. Estavam presentes no evento, o vice-presidente do C. A. Flor do Mar, Elzio Rolli; o secretário Ricieri Franzin e alguns jogadores de futebol, como Ministrinho, Hércules do Araras e veteranos do Palmeiras



Campanha Pró-Natal da Criança Pobre de São Caetano, realizada no dia 21 de dezembro de 1949. O evento teve início na sala de espetáculos do Cine Max. No flagrante, Ângelo Raphael Pellegrino; a presidenta do movimento Bruna Cassetari Ricci; a secretária Olga Montanari de Mello



Discurso do prefeito Ângelo Raphael Pellegrino por ocasião da instalação do Posto Samdu

até então, Santo André não havia promovido um desenvolvimento efetivo em São Caetano) haviam sido dados. Após entregar a direção da cidade a Anacleto Campagna, o ex-prefeito abandonou a política, dedicando-se exclusivamente ao cargo de diretor - técnico da CTBC. Jamais se envolveu com qualquer um dos grupos políticos que surgiram no Município; no entanto, se quisesse, poderia ter voltado a ser prefeito, visto que era sempre procurado nas vésperas de campanhas eleitorais.

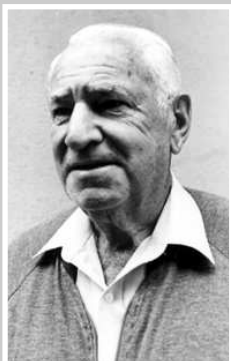
Em Abril de 1972, por ocasião dos festejos do 24º aniversário da emancipação político - administrativa, a Câmara Municipal reuniu-se, em sessão solene, no intuito de render homenagem a Pellegrino. Foi-lhe outorgado o título de Patriarca da Autonomia. Outra cortesia foi a criação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ângelo Raphael Pellegrino, localizada na Estrada das Lágrimas, Bairro Mauá.

Quando o prefeito Luiz Tortorello construiu o Palácio da Cerâmica (na Rua Eduardo Prado, 201, Bairro São José), no final de seu primeiro mandato (1992), também prestou significativa homenagem - aguardada pelo povo da cidade - ao primeiro chefe do Executivo de São Caetano do Sul: o Palácio da Cerâmica foi denominado Palácio Prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, e um busto do engenheiro foi colocado ao lado da rampa de acesso ao edifício.

(*) *Domingo Glenir Santarnechchi é jornalista, advogado e pesquisador da memória da cidade. Escreveu artigos sobre a história do Município e uma biografia do santo padroeiro, São Caetano di Thiene. É apresentador do programa ABC Brasil, da TV São Caetano, Canal 45 UHF*



Waldemar Dalcin



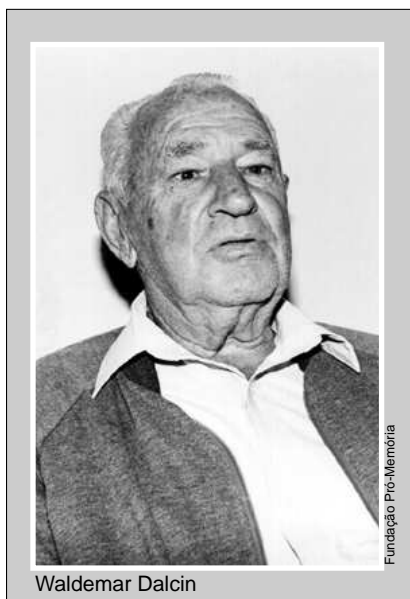
Fundação Pro-Memória

Nas falas de D'Agostini e Dalcin, o quadro das décadas de 40 e 50

Descendentes dos primeiros imigrantes italianos que vieram para São Caetano, Alexandre D'Agostini e Waldemar Dalcin, ambos nascidos na cidade e moradores do Bairro Fundação, permitiram, através dos relatos de impressões e experiências, o resgate do modo de vida que caracterizou as décadas de 40 e 50. Relembrando os anos que antecederam a primeira administração - e também a época da gestão Pellegrino - em enfoques particulares, ambos puderam enriquecer o retrato desse tempo. Não obstante a peculiaridade das contribuições, os pontos em comum dos depoimentos formam um quadro geral do período. Meios de transporte, condições das ruas, serviços básicos, clima político, campos de várzea e banhos de lagoa foram alguns dos assuntos abordados. Os perfis de Alexandre D'Agostini e Waldemar Dalcin funcionam como guias pa-

ra o conhecimento mais detalhado de todo um momento histórico.

Antes da emancipação não faltavam impostos e problemas. Os serviços básicos quase não existiam. Quando Santo André administrava, São Caetano era uma fazendinha. Todas as ruas eram de terra. Aliás, trago a prova disso no



Waldemar Dalcin

Fundação Pro-Memória

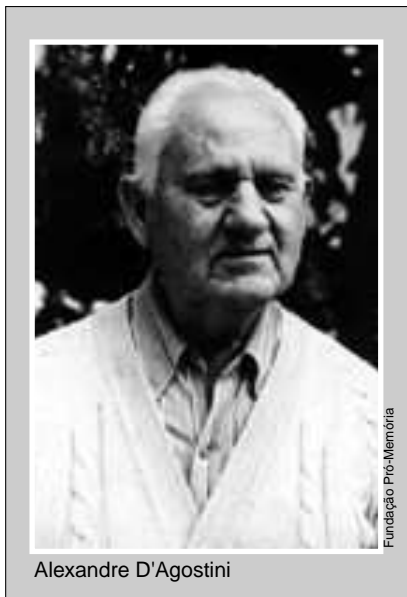
joelho, pois ralei toda a perna na terra seca quando caí de meu carrinho de rolimã, comenta Alexandre D'Agostini.

Desde 1930, as olarias estavam sendo substituídas por indústrias diversas (montadoras, metalúrgicas etc). Ainda assim, as várzeas eram fontes preciosas de barro para os fabricantes de tijolos e afins. A lama de alguns lugares, porém, causava transtornos à população: *Quando dava enchente, o pessoal da Vila Bela tinha que passar por São Caetano para tomar o trem e ir a São Paulo. Para vir até o lado de cá, ou se pegava um barquinho ou se subia na carroça de uns napolitanos, atravessando o caminho pelo meio do barro (...)* Em algumas lagoas, o pessoal nadava pelo lado. Uma vez, as mulheres aqui do bairro (Bairro Fundação) nos viram nus e chamaram a polícia. Eles (os policiais) me pegaram, mandaram eu colocar a roupa, e me levaram pa-

ra a delegacia. No caminho, minha tia me reconheceu e logo foi contar a minha mãe o que tinha visto. Minha mãe chegou antes de mim na delegacia. O assunto foi resolvido sem maiores problemas (...).

Banhos de lagoa e jogos de futebol eram as principais diversões de jovens e garotos. Nas décadas de 40 e 50, Alexandre D'Agostini viveu juventude e maturidade. Não passava muito tempo longe de um campo de futebol. Em realidade, foi um ótimo jogador e participou de vários times amadores que obtiveram relevantes conquistas.

Comecei no Juvenil Corinthians. Juntamos uma turma de moleques e resolvemos montar um time. Fomos até à Casa Quaglia para comprar uniforme. O único jogo de camisas que encontramos era azul e branco. Compramos, mas ficou para o segundo time. As camisas do primeiro time têm outra história. Naquela época, havia um álbum de figurinhas da bala-futebol (doce que existia naquele tempo). Juntando 12 álbuns completos, podíamos trocá-los por um jogo de camisas. Assim



Alexandre D'Agostini

Fundação Pró-Memória

conseguimos nosso uniforme (camisetas listradas em vermelho e branco). Só mais para a frente é que compramos a camisa do Corinthians.

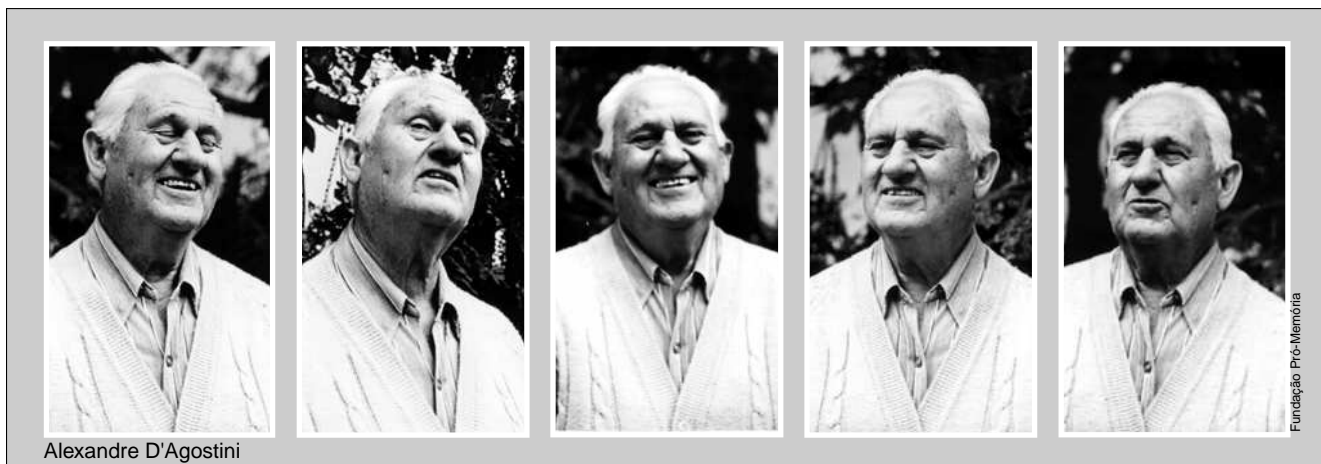
Nesse tempo, a população costumava acompanhar os jogos de várzea. Os campeonatos eram disputados aos domingos, em módulos matutinos e vespertinos. As mais prestigiadas eram as partidas da manhã, uma vez que, à tarde, tanto os solteiros como o casados costumavam sair em busca de distração.

Alexandre D'Agostini, em

1946, foi jogar no time amador do Palestra Itália (que foi obrigado a mudar o nome para Palmeiras, devido à posição assumida pela Itália na Segunda Guerra Mundial). Apesar de ter feito boas partidas, não pôde conciliar os treinos com o trabalho de torneiro mecânico na Villares. *Eu ganhava uma ajuda de custo, apenas para poder pagar a condução até o Parque Antártica. Com o bicho de alguns jogos comprei uma bicicleta. Isso foi bom, pois, durante a semana, conseguia sair do trabalho e almoçar em casa.*

Depois da passagem pelo amador do Palmeiras, atuou na seleção de São Caetano, no São Caetano EC, no Mecânica FC e no São Cristóvão, clube que ajudou a criar e que formou um dos melhores quadros amadores da região. *Não é por nada, mas o São Cristóvão era bom mesmo. Às vezes, íamos jogar com os melhores times de Santo André, São Bernardo, Mauá etc, e enfiávamos sacoladas neles. Depois que parei, virei técnico do São Cristóvão. Jogou até por volta de 1953.*

O referido clube também



Alexandre D'Agostini

Fundação Pró-Memória

fez sucesso ao sediar festas em seu salão de bailes. Na década de 1950, o São Cristóvão chegou a ser mais renomado do que o São Caetano EC. O salão, contudo, teve fim rápido. Os donos do prédio quiseram vender o local. *Tudo bem que os proprietários quisessem vender o lugar, mas eu acho que a perda do salão poderia ter sido evitada se tivéssemos aceitado a proposta deles* (os proprietários). *Na verdade, disseram que poderíamos pagar, mês a mês, a quantia que nos fosse possível obter, até que, finalmente, quitássemos a dívida.*

As atividades de Alexandre D'Agostini dão uma idéia geral do que faziam os cidadãos de São Caetano no período que precedeu a primeira administração e também durante ela. Como D'Agostini, muitos outros moços jogaram bola nos campos de várzea, enfrentaram dificuldades com a falta de serviços básicos, nadaram e brincaram nas lagoas e trabalharam nas indústrias da cidade. Salvo, claro, as particularidades de muitas experiências, é possível perceber, no perfil de Alexandre D'Agostini, um quadro geral da época.

DALCIN - *No tempo da autonomia, o povo, em geral, fez muita pressão. Houve divulgação de idéias e posições. Depois aconteceu o plebiscito. Minha irmã (Guiomar Dalcin), aliás, trabalhou muito para a emancipação. Ela era telefonista da Matarazzo e, quando saía do trabalho, sempre se juntava com os que brigavam pela independência po-*

lítica. Apesar disso, não é citada por ninguém.

A insatisfação do povo com a Prefeitura de Santo André não era à toa. Ainda que os impostos fossem infalivelmente cobrados, quase nenhuma melhoria era promovida em São Caetano. Por isso, quando, em 1948, organizou-se um plebiscito no intuito de saber se a cidade deveria ou não obter a independência política, os chapas-brancas venceram com folgada margem de votos. *As opiniões eram divididas entre os chapas-brancas, isto é, os favoráveis à causa autonomista, e os chapas-pretas, contrários à separação de Santo André e São Caetano. Famílias tradicionais como os Dal'Mas e os Lorenzini eram chapas-brancas. Outras, como os Masseis e os Flaquers, eram chapas-pretas.*

Ângelo Raphael Pellegrino assumiu, em 1949, a Prefeitura de São Caetano do Sul. O recém-formado Município possuía ainda caráter semi-rural. Com efeito, a maior parte dos bairros não contava com luz elétrica, sistema de esgoto, ruas pavimentadas e outros serviços básicos:

Aqui na Fundação (Bairro Fundação) era tudo várzea. Tudo bem que a água encanada já era da época do Flaquer, mas o serviço melhorou depois que o Pellegrino assumiu (...) As ruas eram de terra. Quando chovia, o ônibus não conseguia de jeito nenhum subir as ladeiras. Se não derrapava, atolava no barro (...) Para se locomover pela cidade, o pessoal ia a pé mesmo (...) Algumas charretes eram usadas para entregar bebidas nas ca-

sas. As garrafas eram colocadas em caixas de madeira e, em seguida, transportadas de charrete até às casas das pessoas, disse Waldemar Dalcin, esboçando retrato geral de todos os bairros.

Nessas várzeas proliferavam campos de futebol. Mesmo que a ocupação de terrenos por indústrias fosse uma constante desde os anos 30, na década de 50 ainda havia espaço de sobra para a prática esportiva. A substituição dos campos de várzea por instalações de empresas, aliás, é uma maneira eficaz de visualizar a passagem do ambiente semi-rural, que caracterizava São Caetano nos primórdios dos anos 50, à urbanização característica de hoje.

Aqui tínhamos muitos campos de várzea. Havia vários times, como por exemplo o Corinthinha, o Palmeirinhas, o Brasil. Muita gente boa saiu daqui. Alguns até foram jogar em times de expressão.

Assim como os problemas de infra-estrutura começaram a desaparecer durante a gestão Pellegrino, igual foi o destino dos campos de várzea: gradualmente, as indústrias foram ocupando terras e, em menos de dez anos, São Caetano figurava entre os municípios de maior progresso do País. *Foram inegáveis as melhorias trazidas pelo progresso: serviço de lixo, luz, esgoto. No entanto, não é por isso que deixo de ter saudade das coisas boas daquele tempo. E uma das melhores coisas era jogar bola nesses campos. A cidade, a partir da primeira administração, dava os passos iniciais de uma transformação radical em sua fisionomia.*



Fundação Pró-Memória

Walter Squadroni em depoimento à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em 15 de Agosto de 2000

A contribuição da família Squadroni vem sendo feita há quase meio século

Na década de 50, São Caetano do Sul era uma cidade essencialmente industrial. Abriga, entre pequenas e grandes indústrias, aproximadamente 350 fábricas e 20 mil operários. A rápida transformação urbana fazia - se notar através de obras grandiosas (para a época), como o Viaduto dos Autonomistas e o Jardim Público Primeiro de Maio. A melhoria de serviços essenciais como pavimentação, redes de esgotos, canalização das águas, arborização e transportes coletivos também atestava o crescimento do Município.

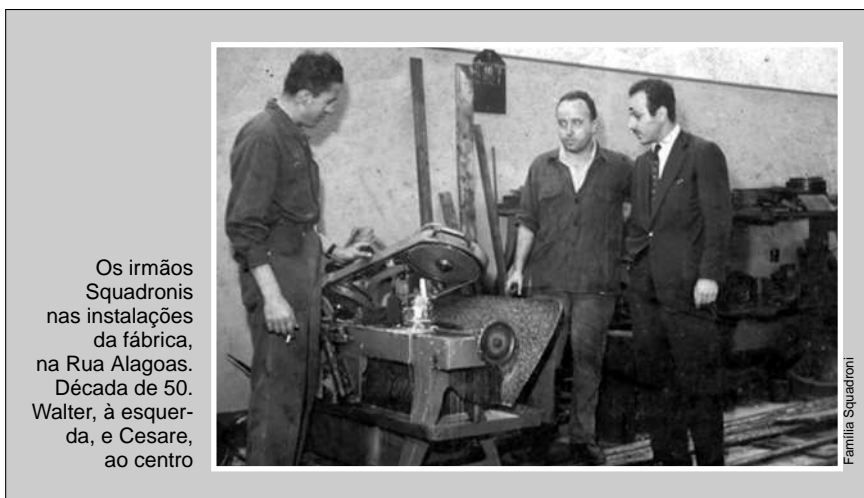
O dinheiro que arcava com as despesas municipais era proveniente, em sua maior parte, do parque industrial instalado na cidade. A existência de grandes e pequenas indústrias requeria uma infra - estrutura capaz de dar suporte às novas exigências de São Caetano (as antigas olarias estavam sendo substituídas pelos estabelecimentos industriais). Nesse contexto, as oportunidades de trabalho, na fabricação de produtos para as indústrias automobi-

lísticas que se instalavam na região, estavam sendo preenchidas por homens de visão, que tinham como diferencial a formação técnica especializada e muita vontade de progredir.

Tais virtudes possuíam os irmãos Cesare e Walter Squadroni. Imigrantes italianos, provenientes de Civita Nuova, chegaram a São Caetano em 1949 e 1952 (respectivamente). A chegada dos Squadronis coincidiu com o fim da Segunda Guerra Mundial. Com efeito, a recessão havia empobrecido a Europa - e em particular a Itália

-, causando fome e desemprego. Assim, muitas pessoas, sem condições de esperar a reestruturação do Continente, buscaram recomeçar as vidas em países da América.

Cesare Squadroni foi o primeiro a chegar ao Brasil. Desembarcou no Rio de Janeiro, em 1949, e seguiu viagem para São Caetano do Sul (na Itália, serviu o exército durante a guerra; ficou preso em um campo de concentração, na África, até à derrocada dos alemães). O primeiro emprego foi na Cerâmica São Caetano. De-

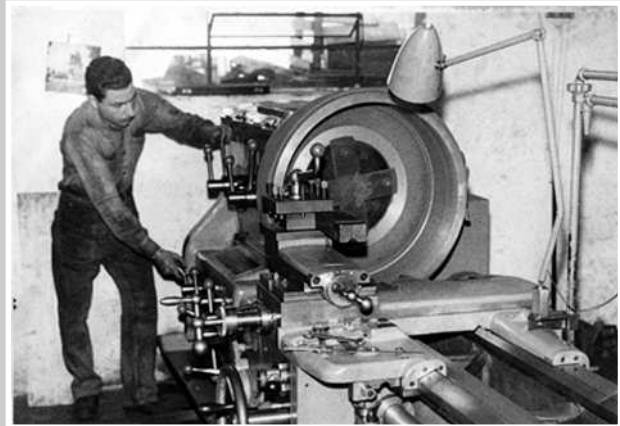


Os irmãos Squadronis nas instalações da fábrica, na Rua Alagoas. Década de 50. Walter, à esquerda, e Cesare, ao centro

Família Squadroni



Na década de 70, a indústria recebeu a visita do prefeito Raimundo da Cunha Leite, acompanhado dos auxiliares. Walter aparece à esquerda do prefeito. Cesare à direita



Tambor de freio do caminhão da marca International. A peça era fabricada, na década de 50, pela empresa de Cesare e Walter

pois de instalado e estabilizado, sentiu-se preparado para receber o irmão. Walter chegou, em 1952, e logo foi trabalhar ao lado de Cesare.

Com muito espírito de luta, sonhos e ideais, desligaram-se da Cerâmica São Caetano no intuito de iniciar negócio próprio na área metalúrgica (de fato, possuíam profundos conhecimentos de mecânica e ferramentaria). Desse modo, fundaram, na Rua Alagoas, a firma Construções Mecânicas Irmãos Squadroni (dirigiram - na por 16 anos). Após um breve período de adaptação ao novo trabalho, resolveram trazer para o Brasil a mãe, Pasqualina Muni Squadroni, e a irmã, Lina Squadroni (tornou - se sócia da empresa).

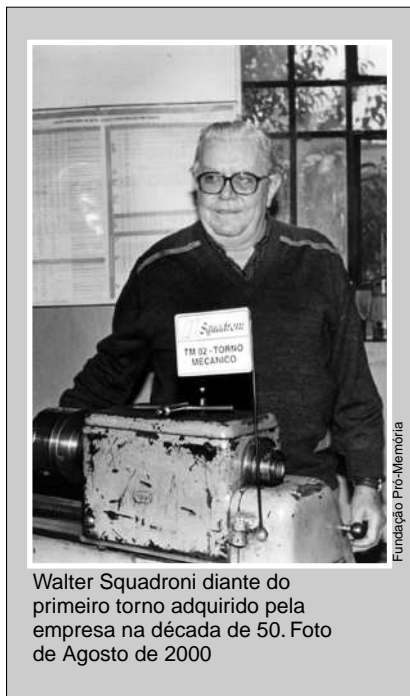
O desenvolvimento da indústria aconteceu por etapas. Em um primeiro momento, produziram peças para a fábrica de caminhões *International* e para a indústria de tratores *Massey Ferguson*. Uma das características do negócio dos Squadronis era construir as próprias máquinas e ferramentas. Dessa maneira, não tinham

muitas despesas com maquinário. Por vezes, também com a intenção de poupar, adquiriam ferramentas e máquinas de segunda mão. Após alguns reparos, utilizavam - nas na produção. Tais instrumentos podem ser vistos, ainda hoje, funcionando normalmente nas instalações do Bairro Santa Maria. É com muito orgulho e satisfação que Walter Squadroni exi-

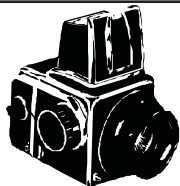
be as relíquias da década de 50. O primeiro torno, a primeira fresa, a primeira serra circular. Todos em perfeito estado de conservação e mantidos com muito carinho.

Com o crescimento da produção, as instalações da Rua Alagoas ficaram pequenas para dar conta de um número cada vez maior de pedidos. Em primeiro de Março de 1970, a fábrica foi transferida para a Alameda Conde de Porto Alegre, no Bairro Santa Maria. Funciona até hoje (possui 80 funcionários e é tocada pela nova geração dos Squadronis: Sandro Squadroni, filho de Walter, e Renata Squadroni, filha de Cesare, falecido em 1997).

A atual administração mantém a filosofia de trabalho dos irmãos imigrantes. Ainda que outros produtos sejam fabricados (acessórios para a indústria de móveis), a força de vontade e a preocupação de fazer um trabalho bem - feito não deixaram de ser os parâmetros da empresa. Os Squadronis continuam fazendo a história de São Caetano do Sul (José Roberto Gianello).



Walter Squadroni diante do primeiro torno adquirido pela empresa na década de 50. Foto de Agosto de 2000



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 - Em Maio de 1957, o Jornal de São Caetano promoveu uma campanha para a construção de uma parada de trens, no Bairro Barcelona, com o apoio do deputado Lauro Gomes e da bancada do PSP na Câmara Federal. O local escolhido e apontado como ideal para a construção da estação ferroviária foi o trecho apresentado na fotografia, entre as instalações da General Motors e os fundos das ruas Condessa Rosa Matarazzo e Botucatu, pequenas travessas da Avenida Goiás



Fundação Pró-Memória

2 - No dia 20 de Dezembro de 1973, o prefeito de São Caetano do Sul, Walter Braido, em companhia de Arno Traeger e José Jorge Pereira, respectivamente presidente e diretor de operações da Companhia Telefônica da Borda do Campo (atual Telefônica), fez a primeira ligação telefônica do aparelho público - orelhão - instalado na Praça Primeiro de Maio, junto ao antigo Paço Municipal de São Caetano do Sul



Glenir Santamecchi

3 - Foto da cobertura radialística feita ao vivo pela Rádio Cacique de São Caetano do Sul, durante o carnaval nos salões da Sberoc-Sociedade Beneficente, Esportiva e Recreativa Oswaldo Cruz, na década de 60. Da esquerda para a direita: Moacir Astolphi (técnico de externa); Edmar de Agostinho (sonoplasta); Alberto do Carmo Araújo, Giba, (repórter e comentarista esportivo); Nelson Robles (locutor); Hugo(?) (locutor comercial) e Serafim Sanches Monteoliva (presidente da Sberoc)



Mário Botteon

4 -Clube Juvenil Palmeirinha, cuja sede ficava na casa de Zinho Perrella, no Bairro Fundação. A foto, de 1943, foi tirada quando o time estreava o uniforme novo, participando de um jogo amistoso ocorrido nos campos varzeanos da Baixada do Glicério, em São Paulo. Da esquerda para a direita, de pé: Didi, Walter, Baiano, Oscar Perrella, Orlando, Adabo e Zinho Perrella. Agachados, na mesma ordem: Andrea Perrella Neto(Filpo), Fifo Viola, Zequinha Orsi, José Pompermayer(Lelé), Lila e Mário Botteon

São Bernardo: raízes e evolução.

O vulto histórico de Tomás Inocêncio Lustosa



Celso de Almeida
CINI (*)

Imerso nas brumas históricas do tempo e quase esquecido nas dobras da

origem mais recente do ABC paulista, mais precisamente na então Freguesia de São Bernardo, cujas raízes vieram do século XVIII, destaca-se a figura de um homem público, por trás do hábito clerical. Tendo nascido no alvorecer do século XIX, ele conheceu o fim do Brasil - Colônia, o efêmero Reinado de D. João VI, ligado à vinda da Família Real portuguesa em 1808, os Impérios (de Pedro I e Pedro II), com a Regência intermediária, e o advento e o início da República. Falamos de Tomás Inocêncio Lustosa que viveu, trabalhou, amadureceu na profissão de fé, amou, conquistou benefícios à comunidade e fez história. Era homem simples, humilde mas decidido e permaneceu praticamente esquecido pelos historiadores, embora tenha sido vulto histórico de inegável valor para o desenvolvimento do território do ABCDMR, na época todo contido em São Bernardo.

Felizmente, graças a obras e pesquisas efetivas de diversos historiadores e jornalistas antigos, modernos e contemporâneos [1], alguns patrocinados pelas Municipalidades do ABC mas, especialmente mercê das pesquisas e da notável bibliografia documental de quatro séculos, levantada na segunda metade do século XX, e reunida por Wanderley dos Santos,



Celesina de Almeida Rosa, em 1999, com 98 anos de idade

Celso de Almeida Cini

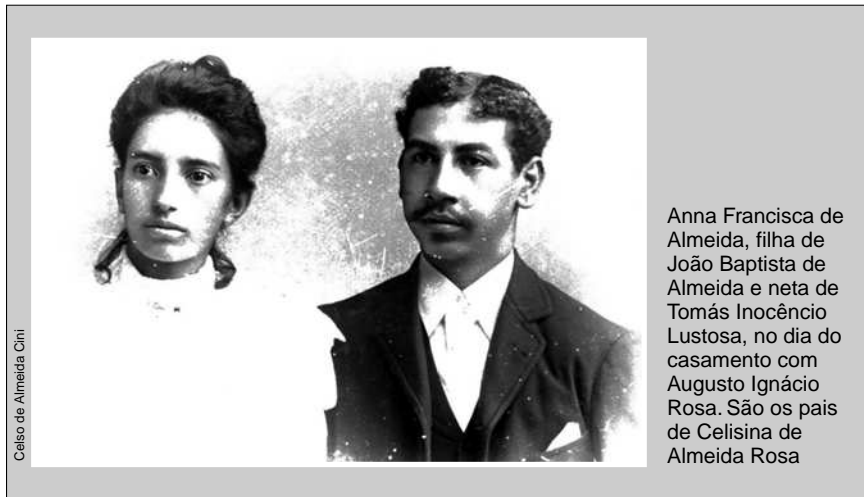
e outras que temos levado a cabo [2], emerge a pessoa do Padre Tomás Inocêncio Lustosa, de seu profundo sono no tempo, para assumir um lugar de destaque na história fascinante deste indômito ABC paulista. Ordenou-se sacerdote em 1828, com 26 anos, sendo logo nomeado padre coadjutor na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem. Em 1848, tornou-se Vigário Encomendado nesse mesmo templo e, em 1865, Vigário Colado nessa Paróquia, lá permanecendo até sua morte, em 1892, com 66 anos de serviços prestados à igreja e à comunidade bernardense.

Nesse período, além do ofício sacerdotal, o Vigário desempenhou inúmeras atividades paralelas de destaque, incomuns ao clero: foi Fabriqueiro [3] da Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem. Foi nomeado, em 1830, Mestre de Primeiras Letras da Freguesia de São Bernardo. Pioneiro na função, escolhido por concurso público promovido pela Província de São Paulo, ocupou o cargo por 33 anos, iniciando milhares de crian-

ças e jovens na educação e no despertar para a vida.

O Padre Mestre foi ainda um dos fundadores de inúmeras capelas, no centro e na zona rural, da antiga Freguesia de São Bernardo, cuja área abrangia todos os atuais municípios de Santo André, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra e Paranapiacaba, incluindo-se toda a Serra do Mar, e estendia seus limites até o Brás e Santo Amaro, distritos com os quais a Freguesia bernardense fazia divisa. E, como era em torno das capelas que cresciam as populações, o fato tem importância histórica transcendental para a evolução e o crescimento da região.

Em 1834 Tomás Inocêncio Lustosa foi também incluído entre destacados nomes da Reserva do Serviço Ordinário da Sexta Companhia do Primeiro Batalhão da Guarda Nacional de São Bernardo, ao lado de Francisco Mariano Galvão Bueno, Francisco Martins Bonilha, Antônio Joaquim de Oliveira Prestes e outros nomes de relevo. Entre 1839 e 1840, o Pe. Tomás Inocêncio Lustosa foi eleito



Anna Francisca de Almeida, filha de João Baptista de Almeida e neta de Tomás Inocêncio Lustosa, no dia do casamento com Augusto Ignácio Rosa. São os pais de Celisina de Almeida Rosa

Celso de Almeida Cini

Juiz de Paz em São Bernardo, o mais alto cargo público da Freguesia, em que se revezavam importantes figuras locais, conforme Ata da Câmara paulistana de 1837, Vol. 30, pg. 25. Mais tarde beneficiou a população tomando a iniciativa de discutir e resolver, decisivamente, alterações e questões de limites e divisas de São Bernardo com Santo Amaro, na área do Rio Acima, próximo a Zanzalá.

Sem dúvida, já com carisma de homem público, desempenhou importante papel nas atividades políticas da Freguesia de São Bernardo, em 1889, ao lado de eminentes figuras, como o deputado paulista Joaquim Lopes Chaves, e os políticos de Itu, convencionais republicanos, Luiz Pinto Flaquer, José Luiz Flaquer, além de coronéis e representantes dos imigrantes italianos, figurando entre os líderes da comunidade para que São Bernardo fosse elevado à categoria de município, com a promulgação da Lei que tornou Vila a antiga Freguesia bernardense que, na época, era distrito de São Paulo. Esta última atividade do Padre Lustosa ocorre já no final do século XIX, quando o Vigário contava 87 anos.

E mais: O Padre Tomás Inocêncio Lustosa teve notória influência na vida sócio - cultural e

religiosa de São Bernardo, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra e, especialmente, da vizinha povoação de São Caetano (ainda Tijucucu), quando despertava politicamente, após o assentamento dos imigrantes, em Julho de 1877, trazidos pelo histórico Vapor Europa. Entre eles estavam colonos italianos destinados à Freguesia de São Bernardo.

De fato, os registros históricos, políticos e clericais da época mostram que parte das famílias italianas foram assentadas em terrenos de São Bernardo, onde hoje se situam os bairros de Ferrazópolis, Demarchi, Batistini, Assunção, Alves Dias, Vila Ferreira, Estrada do Vergueiro (antiga Fazenda dos Beneditinos), Rudge Ramos, Pico do Bonilha até o Parque do Pedroso, Billings e Bairro dos Finco e mais seis linhas, no atual Distrito do Riacho Grande, que também pertenciam ao Núcleo Colonial de São Bernardo, composto de 15 linhas coloniais. Daqueles destinados a São Caetano muito já se tratou. Em 1888 foi criado um novo Núcleo em Ribeirão Pires que nessa época também pertencia a São Bernardo. Aliás, em todo o Estado (Província) de São Paulo havia 15 Núcleos com assentamento de imigrantes.

Enfim, o Padre Tomás Inocêncio Lustosa se identifica com a própria história de São Bernardo da Borda do Campo, a cuja comunidade se dedicou e serviu durante sua longa existência de quase um século!

ORIGEM - A Sesmaria Medeiros / Maldonado. Fica, como homenagem aos *500 anos desta venturosa terra brasílica*, nossa contribuição da notícia sobre a origem de *São Bernardo da Borda do Campo* que, desde o grito lusitano de terra a vista, traz e mantém reminiscências históricas e identidade geográfica com a primitiva *Vila Velha de Santo André de João Ramalho* sendo, as localidades, objeto de vinte anos de pesquisas recentes, realizadas pelo incansável Wanderley dos Santos, revelador de importante acervo de fontes históricas e de rica bibliografia dos antecedentes e origens do ABC, amparado por documentos indiscutíveis, de caráter político, étnico, cultural e sócio - religioso, fontes essas legítimas e fidedignas, contidas em sua obra já citada.

Fato importante para a formação de São Bernardo, a partir de 1717 foi, sem dúvida, o êxodo forçado da população de Santo André da Borda do Campo, que vivera de modo efêmero seu fastígio como Vila, entre 1553 e 1560, com seus alcaides e vereadores, entre eles, João Ramalho, Baltazar Nunes, Álvaro Annes, João Pires Gago, Gonçalo Fernandes, Diogo Fernandes, Simão Jorge, Antônio Cubas e outros, que se revezavam como Alcaide (Prefeito), Juizes, Almotacéis (Inspetores de pesos e medidas), Vereadores, Procuradores do Conselho etc. Naturalmente, as notícias do antigo povoado já vinham de antanho, e já eram conhecidas da Capitania de São Vicente desde 1536, incomodando os

portugueses, dirigentes locais, comprovado por diversos documentos que havia muito interesse naquelas paragens do planalto onde se encontravam roças plantadas por João Ramalho e sua gente, a ponto de ser local proibido para os habitantes de São Vicente para evitar o despovoamento do litoral.

Mas a proibição da municipalidade vicentina foi suspensa por ato de Ana Pimentel, a esposa e então procuradora do donatário da Capitania, Martim Afonso de Souza, que assumira novas funções em terras distantes. Isso propiciou que novos moradores se juntassem a João Ramalho. Na verdade, há provas de que João Ramalho, que nasceu em 1470 em Vouzela, Comarca de Vizeu, Beira Alta, filho da nobreza de Portugal, chegou ao Brasil por volta de 1513 [5]. Pode, portanto, ter subido a Serra do Mar antes de 1530. É certo que em 1532 já se fixara no planalto, envolvendo-se com os índios locais, pela amizade com o Cacique Tibiriçá e pela união com a filha deste, Bartira que, com o nome de Isabel, se converteu mais tarde ao cristianismo. Liberados, outros patrícios o seguiram e fundou-se o povoado de Santo André da Borda do Campo em sítio para além da atual Vila Luzita, no vale do Ribeirão Guarará, como assevera Wanderley dos Santos em sua obra bibliográfica já citada [5A].

Realmente, antes mesmo que Santo André se tornasse Vila, já havia queixas de São Vicente de que o povoamento do planalto prejudicava os interesses portugueses de desenvolvimento do litoral. Assim, em nove de Setembro de 1542, as autoridades da Capitania Vicentina, através da Câmara Municipal, impunham punições para João Ramalho que, segundo eles, mantinha à força portugueses que para lá tinham sido chamados.

Mandaram chamar alguns homens bons do povo que foram achados na dita Vila (Santo André), e assentaram que, por razão desta povoação (São Vicente) ser melhor povoada e enobrecida e em ela haver sempre gente, que nenhuma força das que estão na Vila se levem fora dela e todas as outras que estão fora desta Vila (- São Vicente) as tragam para ela e, assim, a de João Ramalho que está no campo. Por fim, que todas as forças sejam aqui juntas (...) (...) assim acordam e assentam e mandam apregoar (...) e sob pena de mil réis as tragam do dia que lhes for notificado as que estão no campo ... do dia da notificação há dous meses.

Mas o retorno daquelas forças para São Vicente não aconteceu. E o povoado de João Ramalho prosperava [6].

Por isto tudo, em 1550, o Padre Leonardo Nunes incentivou e orientou fosse erguida uma ermida, consagrada a Santo André, na região da Borda do Campo. Então, em oito de Abril de 1553, Santo André tornou-se Vila (Município). Em carta a D. João III, datada de primeiro de Junho de 1553, Tomé de Souza dá contas da decisão: *ordenei outra Vila no começo do campo desta de São Vicente, dos moradores que estavam espalhados por ele e os fiz cercar e ajuntar para se poderem aproveitar todas as povoações deste campo e se chama Vila de Santo André, porque onde situei estava uma ermida deste apóstolo e fiz capitão dela a João Ramalho, natural do termo de Coimbra, que Martim Afonso já achou nesta terra quando cá veio. Tem tantos filhos e netos, bisnetos e descendentes dele e não ousou dizer a V.A., não tem cãs na cabeça nem no rosto e anda nove léguas a pé antes de jantar (...) [6 A].*

ÊXODO - Mas, a sorte e os fados viravam contra os ramalhinhos e já estavam para mudar em 1556. Vários documentos dão conta de que se buscava convencer as autoridades a extinguir a Vila, alegando motivos de miséria local e necessidade de gente para garantir a segurança da Vila de São Paulo de Piratininga (1554) e também dos habitantes da própria Vila de Santo André. Em dois de Setembro de 1557, o Pe. Manoel da Nóbrega condenava, em carta, que se despovoasse São Vicente: *para fazerem-nos viver na Vila de Santo André da Borda do Campo, onde não têm mais que farinha e onde não se podem ajudar do peixe do rio porque está a três léguas daí, nem vivem em partes convenientes para suas criações (...)*

Assim, com a vinda de Mem de Sá, Governador Geral, este atendeu aos rogos e reclamos do povo de São Vicente, de Santos, de Manoel da Nóbrega e dos Jesuítas de São Paulo de Piratininga, pedidos esses certamente eivados de ciúmes ou de outros sentimentos menos nobres, talvez por ter sido Santo André da Borda do Campo elevado à categoria de Vila antes de São Paulo. E, sob a alegação de ter de aumentar a defesa de São Paulo contra o iminente ataque dos Tamoios, provocaram o êxodo da população da Vila de Santo André da Borda do Campo para Piratininga. O desenlace realmente ocorreu no início de Maio de 1560, destruindo-se a Vila onde o povo, dizia o procurador do Conselho: *(...) em esta vila, morriam de fome e passavam muito mal e morria o gado (...)*

Conforme explicava a Câmara paulistana à Rainha de Portugal em 20 de Maio de 1561, um ano após a extinção da Vila Ramalhina: *Este ano passado de 1560 veio a esta Capitania Mem de Sá,*

Governador Geral, (...) e assim mandou que a Vila de Santo André, onde antes estávamos, se passasse para junto da Casa de São Paulo, que é dos Padres de Jesus, porque nós todos o pedimos por uma petição, assim por ser lugar mais forte e mais defensável e mais seguro (...)

Também o padre José de Anchieta, em carta de 12 de Junho de 1561, mencionava que: *Uma povoação de portugueses, que estavam a três léguas apartados, se mudou para Piratininga por mandado do governador; a instância dos Padres, porque estava em mui grande perigo dos inimigos corporais, dos quais estava já espiada, por caminhos que haviam aberto pelos bosques (...), e muito mais pelo grandíssimo perigo em que estavam dos inimigos espirituais (...), porque não tinha sacerdote que lhes administrassem os sacramentos, e ainda que em suas enfermidades os socorriamos [7].* Pelos depoimentos evidencia-se que todos reforçavam as justificativas para fazer desaparecer a Vila Santo André da Borda do Campo.

Extinta a Vila de Santo André de modo tão pouco usual, surge o português Amador de Medeiros, ouvidor na Capitania de São Vicente, à qual ele emprestara grande apoio ajudando a sustentar a fazenda, desde 1543. Como era morador em Santos desde aquela data, muito provavelmente gozava das graças dos dirigentes da Capitania de São Vicente. Assim, logo após a mudança da gente da Vila Velha de Santo André, ainda em 1560, o mesmo Amador de Medeiros que, naturalmente, devia conhecer as terras do planalto, as roças, a antiga Vila e a amena paragem abandonada, após a destruição, apressou-se e apresentou requerimento rogando obter carta de sesmaria praticamente dessa mesma área.

Seu pedido descreve localidade que se identifica com terras, onde se incluíam as antigas propriedades de João Ramalho que é ali citado, conforme reestudos de Dom Martinho Johnson, segundo registros do Mosteiro de São Bento [8].

Em seu rogo, dizia Medeiros (segue a íntegra da Carta de Sesmaria, transladada para o Livro do Tombo da Ordem de São Bento, com ortografia original, mas com identificação atual dos locais): *que pedia um pedaço de terra, que parte pelo rio da Tamandatiiba (Rio dos Meninos) [8-A], junto de uma roça, que João Dias tem junto a Inhoaiba (atual Bairro do Jabaquara), e dali cortará direito a um pico alto (Pico do Bonilha - Ponto Alto) e redondo, que se mostra do Campo estar uma cumiada alta (Serra do Guarará), como tudo se mostra de uma Cruz, que está no caminho, que vai de Santo André para São Paulo (pela esquerda), que uma pedra de curisco quebrou, que se diz, que João Ramalho pos ali. E do dito pico alto irá pela dita cumiada (pela Serra do Guarará) sempre até ir dar no caminho para Irabatiba (o mesmo que Geribatiba, Distrito de Riacho Grande); e partir com os herdeiros do Mestre Bartolomeu, que Deus tem (região do Ribeirão dos Couros); e dali partindo sempre com eles até vir ter com terras de Pero de Sibra (Pedro da Silva), e tornar a dar no pedaço de terra, que parte do Ipiranga com terras de Antonio Pinto com os capões que vão para a banda de Irabatiba [9], e com terras de Antonio Rodrigues de Almeida e de Jorge Moreira (Bairro do Ipiranga) para a banda de Piratininga. E das outras bancas com campos, e com quem de direito deva partir por quanto estas terras estão devolutas e ele suplicante as quer aproveitar e fazer*

que rendão para El Rei Nosso Senhor, e para o Senhor Martim Afonso de Souza [9-A].

Ora, essa concessão, tão rapidamente atendida (o Capitão Pedro Colaço assinou a carta de sesmaria em 11 de Novembro de 1561), permaneceu abandonada, uma vez que Amador de Medeiros só tomou posse da sesmaria 13 anos mais tarde, em 11 de Outubro de 1574, na presença de Baltazar Rodrigues, Juiz Ordinário: dado que ele não fosse eterno ... era mister cuidar da posse efetiva.

Entretanto, a destruição da Vila Velha de Santo André foi, sem dúvida, pura manobra política injusta das autoridades da Capitania de São Vicente e dos Jesuítas de São Paulo de Piratininga. Ambas as vilas ressentiam-se com a carência de habitantes e, por isso, decidiram sacrificar a Vila de Santo André. Mas, se ali realmente o povo passava fome (os índios passariam fome em seu próprio território?), se o povoado de Santo André estava em grande perigo de ataque de outra tribo indígena (os Tamoios) e estrangeiro, malgrado tanta gente capitaniada pelo forte João Ramalho, seu aliado, o cacique Tibiriçá e sua tribo e, com a organização municipal que já possuíam e, se o local não era bom para os animais, que morriam, por que teriam melhor sorte ali alguns proprietários, sem reforços, como eram Amador de Medeiros que recebeu as terras e, afinal, nunca as usou, nem antes nem depois de 1574, e outros poucos, que também receberam sesmarias no local? A julgar pelo teor dos documentos que trazem os depoimentos, aqui transcritos em parte, a mudança foi uma obrigação forçada, com o beneplácito de Mem de Sá, Governador Geral. Naturalmente, havia também a oposição com caráter social e religiosa dos Jesuítas, que rejeitavam

a união de João Ramalho com Bartira, uma vez que ele já era casado [10]. Ademais, o casamento de portugueses com gentios também não era bem visto pela Igreja.

Lembramos ainda que a Igreja era apoiada e dependia da Coroa Portuguesa que se valia dos missionários da Contra - Reforma ibérica, os padres Jesuítas, para a conversão compulsória dos conquistados, já que a religião oficial dos conquistadores era o catolicismo. Mesmo antes do descobrimento do Brasil, o Papa concedera a Portugal o direito de padroado, que consistia em atribuir a Portugal o controle sobre as novas igrejas erigidas, a tarefa de construir mosteiros e o direito de nomeação de bispos, como recompensa pela conversão dos *infiéis*. *O clero fazia parte do funcionalismo público, remunerado pelo Estado* [10 A]. Daí o dizer Camões, nos Lusíadas: (...) *E aqueles reis que foram dilatando/ a Fé, o Império e as terras viciosas de/ África e de Ásia andaram devastando/ E aqueles que por obras valerosas/ Se vão da lei da morte libertando/ Cantando espalharei por toda a parte,/ Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

E, afinal, aquela brusca mudança provocada trouxe grande contrariedade e tristeza a João Ramalho que, desgostoso, recusou depois a oferta do cargo de vereador em São Paulo de Piratininga, pretextando velhice. Logo ele, grande líder, baluarte dos portugueses, homem rijo, que viveria ainda mais 20 anos, pois faleceu em 1580 [11], com perto de 110 anos! Teria o fato realmente constituído casuísmo político do Brasil - Colônia?

Com efeito, a ata da Câmara Municipal paulistana, relativa à sessão de 15 de Fevereiro de 1564, diz: *Nesta Vila de São Paulo eu João Fernandes escrivão da dita*

Vila com Baltazar Rodrigues procurador do Conselho (...) fomos às casas de Luis Martins (...) aonde ai estava João Ramalho pousado e lhe requeremos que aceitasse o cargo de vereador desta dita Vila (...) e pelo dito João Ramalho nos foi dito que ele era um homem velho, que passava dos setenta anos e que estava também em um lugar em terra dos contrários (...) e que estava também como degredado no dito lugar e que pelas tais razões não podia servir o dito cargo e que suas merces chamassem outro, o que assinou aqui eu João Fernandes, o escrivão. Nessa época, João Ramalho vivia com a família, mamelucos e indígenas, em Piratininga, afastados do Páteo do Colégio, em terras que receberam, êle e seus filhos, na atual zona leste, para os lados de São Miguel Paulista, já próximo ao Vale do Paraíba [12].

DOAÇÃO - Retornando a Amador de Medeiros e sua sesmaria, com o

domínio e a posse, mas sem a efetiva ocupação da terra, a notícia seguinte é a de que a filha de Amador de Medeiros, Maria de Medeiros, casou-se com Miguel Aires Maldonado, *que andava mais para os lados do Rio de Janeiro*. E, com a morte do sogro, o genro Maldonado herdou a sesmaria descrita, solicitando então a confirmação desta, através de nova carta que foi passada ao casal em dois de Abril de 1597, também registrada no Livro do Tombo O.S.B., conforme citação anterior. É possível que o casal Maldonado tivesse tomado posse de fato e até residido no local, eis que, falecida a esposa (Maria de Medeiros), Miguel Aires Maldonado contraiu segundas núpcias com Bárbara Pinta e, mais tarde, os herdeiros de Maldonado *declararam que ele residiu na área antes de 1637.*

O pedido da carta de confirmação, feito por Miguel Aires Maldonado, da sesmaria herdada de Amador de Medeiros, demonstra que as terras não receberam benfeitorias de vulto até aquela data. Mais tarde, Aires Maldonado se tornaria Juiz Ordinário e, por esse tempo, já com idade, pois haviam passado 40 anos desde a carta de confirmação, ele e sua mulher Bárbara Pinta decidiram doar as terras da sesmaria à Ordem dos Monges de São Bento, através de Escritura Pública de Doação, igualmente registrada no Livro do Tombo do Mosteiro O.S.B., sob condições cuja descrição histórica merece transcrição parcial e resumida:

Saibão quantos este público instrumento de escritura de doação de hoje para sempre virem, que no ano do nascimento de N.S. Jesus Cristo de 1637, aos vinte e quatro dias do mês de abril, nesta Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, fui eu Tabelião adiante nomeado, às pousadas do



Celisina de Almeida Rosa, filha de Anna Francisca de Almeida, neta de João Baptista de Alemida e bisneta de Tomás Inocência Lustosa. Em pé, a segunda, no meio. Anos 20

Juiz Ordinário, Miguel Aires Maldonado, e bem assim sua mulher Barbara Pinta, me foi dito por eles (...) (...) que tinham e possuíam uma data de terra no termo da Vila de São Paulo, Capitania de São Vicente, em a Borda do Campo, aonde chamam Tamandatui, aonde esteve de posse, e morada, em sua casa e família muitos anos, como é notório com outras datas de terras, que houve por via de herança de seu sogro Amador de Medeiros, pai de Maria de Medeiros, defuntos, mulher que foi dele dito Miguel Aires Maldonado, as quais terras todas, assim como as tem, e possui, que se acharem conforme as cartas de sesmaria, que foram dadas ao dito Amador de Medeiros em a dita Vila, e termo dela, eles ditos Miguel Aires Maldonado e a dita sua mulher Barbara Pinta com todo direito, que nelas tem, como de efeito davão e doavão deste dia para todo o sempre ao Convento, e Casa de Nossa Senhora de Montserate que como suas, que são de hoje por diante se posão apossar e senhorear delas os Ven. Pe. Dom Abades do dito Convento, Frei Amaro de Carvalhaes com os mais Religiosos que nele ora estão, e depois estiverem, com obrigação de dizerem sempre enquanto possuírem, uma missa cada ano no dia de N.S. de Monsserate pelas almas, de quem as herdarão, e deles doadores e descendentes com a condição que sendo casa, que em algum tempo largue, ou despeje a dita Religião, ou o dito seu Convento, e Mosteiro da dita Vila em forma, que neles não haja religiosos, que possuam as ditas terras, e (...) digam a dita missa ficarão obrigados de a dizer, e ficarão as ditas terras a eles ditos doadores, ou a seus herdeiros e descendentes sem mais nem uma dívida nem embargo; e logo pelo Rev. Pe. Provincial do Brasil, Frei



O Capitão Manoel Eduardo de Almeida (o Maneco do Padre), filho de Tomás Inocêncio Lustosa. Ano de 1904. Escrivão de Paz e Tabelião por Lei da Vila de São Bernardo

Domingos do Rosário foi dito que ele como Provincial da dita Ordem e Casa, e como procurador que é do Rev. Pe. Dom Abade Frei Amaro de Carvalhaes da dita Casa e mais Religiosos como me constou da procuração (...) disse que aceitava a dita doação das ditas terras dos ditos doadores com as obrigações, em esta escritura, que por tudo obrigava a dita casa (...) [12-A].

Já a posse da Ordem de São Bento foi realizada de modo simbólico e bizarro, no ano seguinte, em 16 de Setembro de 1637, por intermédio do Tabelião Ambrósio Pereira e do alcaide paulistano, Antônio Queiroz, cumprindo despacho do então Juiz Ordinário, Pedro de Moraes Madureira, estiveram na (...) *paragem chamada de*

Tamandatui (sic), que passa pelo caminho que vai para a Vila de Santos, além do sitio e fazenda de Jaques Felix, paragem que se declara na carta de data de sesmaria, e aí demos posse da carta declarada de sesmaria ao Revendo Padre Frei Paulo do Espírito Santo, como procurador que disse ser que era do Mosteiro de São Bento desta Vila de São Paulo e Religiosos dele por dita terra pertencer ao dito Mosteiro e Religiosos do Mosteiro de São Bento, conforme a doação que lhe fez Miguel Aires Maldonado e sua mulher Barbara Pinta, e lhe demos a dita posse com todas as solenidades necessárias metendo lhe nas mãos ao dito Padre árvores pequenas e ramos de outras árvores e terra, ervas e água do dito ribeiro do Tamandatui e pacificamente sem contradição alguma houvemos ao dito Padre por empossado [13].

Ora, o Mosteiro de São Bento era também senhor e possuidor de terras na paragem do *Tijucuçu*, hoje São Caetano, doadas pelo Capitão Duarte Machado, por Fernão Dias Paes e pelo Capitão Manoel Temudo, ocupando-se primeiramente desta área para, mais tarde, cuidar da posse efetiva das terras, também recebidas por doação, na paragem da Borda do Campo, conforme rol de despesas descritas na obra já citada História da Antiga Abadia de São Paulo de A. E. Taunay, que fora feita com escravos que trabalharam naquele local, por volta de agosto de 1687.

Mas é evidente que, além da Sesmaria Medeiros/Maldonado, outras concessões de terras foram feitas a diversas pessoas em locais que ficaram pertencendo à Freguesia de São Bernardo, incluindo-se áreas especificamente ligadas à Vila Velha de Santo André, como as que foram doadas ao Convento do Carmo de Santos,

cuja descrição se inicia: (...) fez a nova demarcação iniciada em 2 de Dezembro de 1633. O juiz foi à paragem, declarada na dita carta, aos Pinhaes que estão na Borda do Campo nesta Vila Velha de Santo André, levando na sua companhia a mim, Tabelião (...) [14]. É certo que, a composição integral da área, que então formava São Bernardo, abrangia partes dos atuais municípios de Ribeirão Pires, Mauá e Santo André a sudeste e Diadema ao norte, guardando, por volta de Novembro de 1656, o nome de *bairro da Borda do Campo*, a julgar pelo documento de nomeação do Capitão de Ordenanças, Francisco Velho de Moraes, com delimitação da área de autoridade [15].

O historiador Amadeu Nogueira, citado por Taunay, esclarece que *a abadia de São Bento, logo que entrou na posse da propriedade, tratou de administrar com grande proveito. (...) As terras eram férteis e excelentemente localizadas à beira da estrada principal, que ligava Santos à província de São Paulo. Como em derredor da fazenda se fosse formando um núcleo, a direção do Mosteiro fundou ali uma capela para prestar assistência religiosa aos habitantes.* (op. cit.). Entretanto, esse logo distanciou-se quase um século, pois a propriedade recebida como doação em 1637 ficou mais de 80 anos à espera da ocupação efetiva que só começou a ocorrer em 1717.

CAPELA - Prevalendo a máxima de que, no Brasil - Colônia, toda povoação nascia a partir da edificação de uma capela, Affonso de Escaragnolle Taunay, em sua obra já citada, informa-nos que o clérigo Frei Bartolomeu da Conceição, nascido em São Paulo, foi presidente do Mosteiro de São Bento

em 1714 e mais tarde, por duas vezes, abade do mesmo, eleito em 26 de Fevereiro de 1717 e reeleito em três de Abril de 1726. E, já na sua primeira gestão como abade, fez edificar a Capela de São Bernardo da Borda do Campo e a Capela de São Caetano, no Tijucuçu. A primeira delas, construída nas terras da Fazenda dos Beneditinos, dentro daquela área recebida por doação dos Aires Maldonado, terras que formavam a sesmaria original de Amador de Medeiros, onde antes estivera também parte da Vila de Santo André da Borda do Campo, edificada para além da atual Vila Luzita, no vale do Ribeirão Guarará. A sede da Fazenda dos Beneditinos situava-se no caminho de Santos, onde se abriu, mais tarde (1863), a Estrada Senador Vergueiro, sequência do caminho para Santos, no exato local onde hoje se encontra a fábrica da Villares. Nesse sítio, foi edificada a Capela de São Bernardo, em 1717, pois já se tem notícia documentada do batismo de Maria de Lima, feito nessa Capela entre 1718 e 1719.

E, enfim, por que São Bernardo? Porque a Capela foi consagrada ao santo, nascido no ano de 1090, no Castelo de Fontaines, perto de Dijon, na França, São Bernardo, fundador da abadia de Clairvaux, em 1112, berço da Ordem de Cister. Sua imagem, que atualmente se encontra no Mosteiro de São Bento, na Capital, de lá havia sido levada e entronizada na Capela construída pela Ordem dos monges beneditinos. É arte sacra finamente elaborada ainda no século XVII, por Frei Agostinho de Jesus.

Trata-se de arte em barro cinzento paulista. Tem 1,35 m de altura e pesa 116 quilos. Segundo descrição recente de Dom Clemente da Silva Nigra, *o rosto apresenta-se extraordinariamente*

te bem trabalhado e de grande expressão. A mão direita, hoje danificada, empunhava o báculo abacial. Em lugar da cruz peitoral, vê-se um pequeno relicário, onde por certo se guardaria alguma relíquia do santo [16] (São Judas Tadeu).

Essa imagem, trazida do próprio Mosteiro para servir de orago [17] à Capela recém - edificada, para lá retornou após a venda da propriedade à Fazenda Nacional, no início de 1877, quando a área foi destinada à Colônia dos imigrantes italianos, principalmente, pelo Imperador Pedro II. Antes, entretanto, fez parte do patrimônio da Matriz da Senhora da Boa Viagem de São Bernardo, onde foi objeto de retoques mal feitos.

Então, mercê da edificação da Capela *situada no Caminho de Santos*, o povoado foi-se criando e crescendo, em torno da ermida, multiplicando-se gradativamente o número de batizados, todos devidamente transcritos no Registro de Batizados da Catedral de São Paulo, pois que o *bairro de São Bernardo* pertencia à Vila de São Paulo de Piratininga, agregado ao distrito da Sé, como, aliás, assim também o registram as Atas da Cúria Metropolitana de São Paulo. O primeiro casamento ali celebrado data de três de Março do Ano da Graça de 1734 [18].

E, como o pequeno templo se erguera em louvor a São Bernardo, as Atas da Câmara Municipal de São Paulo também passam a referir-se à Freguesia, como (...) *bairro de São Bernardo* (...). Desse modo, o nome do Padroeiro [19] ganhava lugar na boca do povo e na documentação das autoridades paulistanas, para denominar aquela localidade, ficando de lado a antiga denominação de Borda do Campo, que pertencera à *velha Vila Santo André da Borda do Cam-*

po. Mas, esta Borda do Campo, que marcava o início da mata atlântica ligada à Serra do Mar, ainda arraigada na memória da população desde os tempos de João Ramalho, retornava sempre em escritos oficiais como Atas da Câmara e da Cúria e nas escrituras públicas de transação de terras ou cartas de sesmarias e, por fim, foi mantido no nome do Município, ainda que de forma reduzida, pois a Cidade pujante de hoje se denomina São Bernardo do Campo, ainda numa alusão graciosa à Borda do Campo. Também a Catedral Diocesana de São Paulo de Piratininga, consagrada à Nossa Senhora da Assunção e a São Paulo Apóstolo, relacionou as capelas existentes, informando, sobre a Capela dos beneditinos: *os moradores do bairro de São Bernardo ouvem missa na Capela do mesmo Santo, sita em uma fazenda dos monges de São Bento, à cuja administração está a dita Capela.*

Cerca de 53 anos depois de sua edificação, aí pelo ano de 1770, a Capela já se tornara acanhada, ameaçando ruir, pelo que mereceu grande reforma e ampliação até 1780, juntamente com a Capela de São Caetano, graças ao trabalho do arquiteto e cartógrafo militar, brigadeiro José Custódio de Sá e Faria, do Rio de Janeiro, que redesenhou o templo, sendo esta notícia divulgada em artigo do periódico O Estado de São Paulo [20].

Segue, em resumida cronologia, a evolução, o declínio e o destino final da Capela e das terras e as consequentes modificações que se impuseram naquela área, posteriormente denominada *São Bernardo Velho* em oposição ao bairro novo que surgiu em torno de nova Capela, erigida mais tarde, primeiro na Vila Euclides e, finalmente, no sítio da atual Rua Marechal Deodoro:

1797 Na Fazenda, os monges *relembram a necessidade de dizer missa todo dia 08 de setembro, alusiva à N.S. do Monteserrate, a pedido dos herdeiros de Miguel Aires Maldonado, e dos finados da família Amador Medeiros, para o que se erigiu a Capela (de S. Bernardo) e vivenda anexa. E se labuta nela em lavouras: mandioca, feijão, arroz e amendoim para azeite do gasto.*

1805 O Bispo paulista, Dom Mateus de Abreu Pereira, transformou a Capela em templo curado, requisitando-a para matriz da Freguesia, por provisão de primeiro de Outubro, contrariando os beneditinos e não levando em conta tratar-se de propriedade particular da OSB. Igualmente, nomeou para a função religiosa o padre João José Monteiro (Reg. De Batizados de Brancos e Libertos da Catedral SP), o que criou polêmica séria entre o bispo e a Ordem de São Bento.

1808 Nesse ano, em que chegava ao Brasil a comitiva real portuguesa, no Rio, marcando a abertura dos portos às nações amigas, encerrava-se, no mês de Dezembro, a provisão do padre João José Monteiro.

1811 A Capela ainda era o único edifício público. Ali se afixavam editais, cartas de sesmarias e outros documentos para o conhecimento público da população.

1812 Atendendo a pedido da população, a Capela foi elevada à categoria de Paróquia,

pela Diocese de São Paulo, em 23 de Setembro, com novas discussões dos beneditinos que rejeitavam a decisão por considerarem-na próprio particular e não público. Mas concordavam em permitir a instalação provisória do curato, até a construção de outro templo oficial. O padre José Basílio Rodrigues Cardim foi efetivado como pároco, em 17 de Dezembro. E o Bispo, em Ofício requer as chaves da Capela à Ordem de São Bento.

Igualmente, atendendo solicitação da população, através do Fiscal local, *em 09 de Novembro, é expedido e registrado o Alvará de criação da nova Freguesia de São Bernardo, no Livro do Tombo da Catedral de São Paulo, de cujo território se desmembrou São Bernardo.* Freguesia equivalia à categoria de Distrito de Paz, com direito a fiscal nomeado, Paróquia com Vigário nomeado pelo Imperador. A posse do novo Vigário colado, José Basílio Rodrigues Cardim, ocorreu em 11 de Dezembro, enquanto a Coroa de Portugal se preparava para declarar e incluir o Brasil no Reino de Portugal e Algarves, com protestos em Portugal (Porto).

1814 No mês de Janeiro, o Príncipe Regente oficiava aos beneditinos, *com o direito de padroado*, participando que a Capela só serviria de Paróquia interinamente, até que o povo pudesse construir sua própria Matriz. Entretanto, em 28 de Fevereiro os monges decidiram ceder ao novo Vigário, Rodrigues Cardim,

um terreno distante da sede da Fazenda para construção da nova Matriz, com outro orago [21]. Em 29 de Março, passou-se a escritura pública arrendando a propriedade, *sob a obrigação de que a Paróquia pagasse a pensão de dois frangos a cada ano*. Assim, nesse mesmo ano, o pároco fez erguer no alto do outeiro da paragem da Borda do Campo outra Capela para servir de Matriz, ainda interina, que passaria a ter como santa de invocação *Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem*, depois simplesmente *Nossa Senhora da Boa Viagem*. O terreno ficava no alto da colina da Vila Euclides e deveria servir para sítio da nova Matriz e do cemitério anexo.

Cessou então o movimento de batizados, casamentos e sepultamentos na Capela antiga de São Bernardo. A partir daí, esse local ficaria conhecido como *São Bernardo Velho*. Reduziu-se, então, o número de frades do Mosteiro de São Bento. Esvaziaram-se o movimento e as celebrações na Capela que, daí a três anos, em 1817, faria um século. A Ordem de São Bento parece tê-la desativado.

1835 Última referência externa à Capela de São Bernardo, citada por Frei Manoel da Natividade Marques que fizera um levantamento, mapeando a população da Freguesia de São Bernardo. O local já era então conhecido como *São Bernardo Velho* e vem assim mencionado numa descrição de divisas, em escritura de cessão de terras dessa época.

1877 Em cinco de Julho, a Fazenda São Bernardo e as Fazendas do Tijucuçu (São Caetano) e Jurubatuba são vendidas pela Ordem de São Bento à Fazenda Nacional para formação do Núcleo Colonial que receberia imigrantes italianos. Aliás, a Capela ainda chegou a ser reaberta ao culto, somente aos colonos. Confirmando a notícia, José de Souza Martins acrescenta: *É passada, no Cartório do 1º Ofício da Capital (Livro 86, fls. 172), a escritura pela qual a Ordem de São Bento vende ao Governo Imperial as fazendas de São Caetano, São Bernardo e Jurubatuba. [22]. O Governo paga por elas a ínfima quantia de Rs 16.000\$000 (dezesesseis contos de réis)*.

Quanto ao preço pago, lembramos que as fazendas de São Bernardo e São Caetano, sesmarias antigas, passaram ao domínio dos beneditinos por doação pura e simples, feita pelos antigos proprietários. Os monges as exploraram de 1637/1717 até 1877, com o concurso de escravos, realizando algumas benfeitorias que, a esse tempo, já estavam arruinadas. E, 240 anos depois, os monges venderam as terras, por apropriação concordada, ao Governo Imperial com lucro, porque por elas nada pagaram. *(Dai de graça o que de graça recebestes ...)*. Aliás, antes da venda, em 21 de Setembro de 1876, *Tomás Coelho enviara, do Rio de Janeiro, telegrama ao presidente da Província de São Paulo pedindo uma declaração escrita do Abade de São Bento de que concorda com*

a desapropriação das Fazendas [23].

É certo que os colonos de São Bernardo e de São Caetano, gente bastante pobre e sofrida, pagaram o preço justo pelas terras a que tiveram acesso, para receber o título definitivo de posse e domínio cerca de dez a treze anos mais tarde.

MUDANÇA - Ainda no ano de 1814, o Vigário Basílio Rodrigues Cardim oficiava à Cúria de São Paulo, solicitando a presença de um engenheiro para escolha de outro sítio para a edificação da nova Matriz bernardense, eis que a *colina da Vila Euclides se mostrava impraticável para as celebrações, por ser açoitada por muitos ventos que perturbavam o ofício da missa e assustavam os fiéis*.

O Tenente Coronel Engenheiro Daniel Pedro Muller, designado para atender ao pedido, concordou com o pároco, informando: *com efeito, (...) a referida ermida nas defeituosas circunstâncias (...), por ser aquela situação na coroa de um estéril outeiro, sem água e batido de impetuosos ventos, (...) e onde atesta ter achado nos terrenos circunvizinhos um outro local, nos terrenos de Manoel Rodrigues de Barros. Recorre, pois se dignem V.E. mandarem novamente o dito Tenente Coronel Engenheiro autorizando-o de uma portaria para, nas terras de Manoel Rodrigues de Barros [24], ou onde melhor convier, possa demarcar, tomar posse e adminicular o terreno suficiente, assim para a fatura da Matriz e seu Adro Cemitério da Freguesia, como para a indispensável residência do pároco suplicante, ficando este obrigado a pagar ao proprietário todo o terreno que se lhe tomar para este fim, ao arbítrio de uma justa avaliação*.

(...) E na mesma portaria se dignem ordenar ao Alferes Francisco Martins Bonilha, inspetor daqueles caminhos, (...) para que preste todo o adjutório e auxílio possível, a benefício desta obra.

O nome de Nossa Senhora da Boa Viagem foi proposto pelo Vigário da Igreja Matriz, o padre Basílio Rodrigues Cardim, o mesmo que propusera a mudança da Capela, do outeiro da Vila Euclides para o local onde hoje se encontra a Matriz nova, atual, construída no final da década de 40. A mudança do orago fora exigida pelos beneditinos, pois concederam o arrendamento de parte de sua propriedade com essa condição. Daí ser, a Matriz da Freguesia, consagrada a Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, para distinguir do padroeiro da primitiva ermida, a de 1717, consagrada a São Bernardo. Após a mudança, o local onde se situava a Capela antiga tornou-se conhecido como *São Bernardo Velho*, enquanto a Freguesia manteve a denominação de São Bernardo.

Entre Outubro e Dezembro de 1814, foi construída, finalmente, outra Capela (antiga) como Matriz, ainda provisória, de Nossa Senhora da Boa Viagem, já à margem da estrada que mais tarde seria a Rua Marechal Deodoro, continuação da Estrada do Vergueiro, caminho para Santos [24-A]. Até 1825 realmente serviu ela de Matriz. Para sua construção já teve como responsável pelas obras (o cargo de *fabriqueiro* só seria criado mais tarde) o Capitão Francisco Martins Bonilha, pessoa que se constituiria em outra figura de grande destaque em São Bernardo por muitos anos, até 1871, ano em que já com a patente de Alferes, faleceu.

Em 1825, os atos litúrgicos, alfaias e imagens dos santos fo-

ram transferidos para a nova Matriz, em sua primeira versão, ficando a Capelinha, com a imagem original de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, abandonada, servindo apenas como ponto de referencia dos tropeiros e viajantes que ali faziam suas preces e depositavam esmolas e donativos para a conclusão da nova Matriz, na famosa caixa da Boa Viagem [25].

Assim, a Freguesia, com a Capela dedicada à Nossa Senhora da Boa Viagem, passou a ser conhecida como Freguesia de *São Bernardo da Borda do Campo*, reconhecida esta modificação pelo Alvará de 21 de Outubro de 1812. *A ima-*



Acima: Manoel Eduardo de Almeida, filho do Pe. Tomás Inocência Lustosa, irmão de João Baptista de Almeida. Abaixo: São Bernardo no final do século XIX. Ao fundo, a Matriz de N. S. da Boa Viagem, onde o Padre Tomás Inocência Lustosa foi vigário de 1828 até 1892, ano de sua morte

gem primitiva de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem encontra-se ainda hoje na Matriz nova, no primeiro altar lateral à direita da nave [26]. Embora citado em alguns documentos, o local não fixou o nome de Freguesia da Boa Viagem, como seria usual em função da padroeira nova que emprestava nome à Capela que serviria de Matriz até 1825.

LUSTOSA - E foi assim, por ocasião da mudança para a primeira versão da nova Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, ainda acanhada, nesse ambiente simples, na Freguesia de São Bernardo, para a qual fora designado, que veio, se fixou e muito trabalhou, fazendo história, aquela figura singular do Padre Tomás Inocência Lustosa. Nascido em São Paulo em quatro de Novembro de 1802, conforme seu Processo de Habilitação de Genere [27] do ano de 1822 e segundo documentos da Cúria paulistana. Era filho natural de Benta Maria do Espírito Santo e Francisco de Paula Lustosa [28].

Tomás Inocência Lustosa foi ordenado sacerdote em 31 de Maio de 1828, conforme Registro de Matrícula de Ordenados da Diocese de São Paulo entre 1821 e 1829, e celebrou sua primeira missa em 16 de Julho desse ano [28-A]. Essa celebração teve lugar na Igreja do Carmo, que ficava na Ladeira do Carmo (hoje Avenida Rangel Pestana), altura da sede da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo. Tinha então a idade de 26 anos.

Em 23 de Outubro de 1828 já tinha sido designado como coadjutor do Vigário da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, Padre Higino Francisco Teixeira, conforme registro de Provisões de 1828 da Diocese de São Paulo. Provavelmente fixou domi-

cílio em São Bernardo já nessa época, passando a residir na pequena casa paroquial que fora construída com o edifício da Matriz, já na posição de hoje, afastada da Rua Marechal Deodoro, a estrada que constituía extensão *do caminho para Santos*. A residência do Pe. Lustosa no local vem confirmada pelo depoimento do fiscal de então. Foi assim:

O Vigário português, Higino Francisco Teixeira, residia em São Paulo e não permanecia em São Bernardo, o que irritava o Fiscal Manoel Rodrigues de Barros que fora doador das terras para a construção da Matriz. Esse sacerdote era natural da Vila de Ouros (Lisboa) e, nomeado Vigário Colado da Paróquia, manteve residência em São Paulo o que dificultava sua frequência à Paróquia e a assistência aos seus paroquianos. Assim, em Março de 1830, o fiscal Manoel Rodrigues de Barros, o mesmo que cedera área de sua propriedade para a construção da Matriz e do cemitério anexo, dirigiu severo ofício à Câmara, *contra os desleixos e abusos praticados pelo pároco (...) (...) Que preferiu ser secretário de sua Eminência Reverendíssima (o Bispo), do que residir na sua paróquia (...) do que (...) (...) satisfazer deveres de que por qualquer modo nos achamos encarregados (...) este mesmo pároco, depois de manifesto desprezo por suas ovelhas, entregou-as ao Padre Tomás Inocêncio Lustosa que residindo, frequentemente ministrava aos fiéis em suas mais urgentes necessidades* [29].

Entretanto, para resolver aquela queixa, em 1832 já havia outro Vigário Encomendado, o Padre Frei Manoel da Natividade Marques que já se encontrava em São Bernardo em Janeiro desse ano, aí permanecendo, como Vigário, até seu falecimento em

1848. Nesse período, o Padre Lustosa, já nomeado coadjutor, como tal permaneceu até 1848, ano da morte do Vigário Natividade Marques, ao qual o Pe. Lustosa substituiu, já então como Vigário Encomendado [30].

MESTRE - A população da Freguesia de São Bernardo que era, em 1813, de 326 habitantes, sendo 157 homens e 169 mulheres, crescia de ano para ano. Nessa mesma época, São Paulo já contava com uma população de 20.873 habitantes, incluindo-se a população bernardense. Dezoito anos mais tarde, em Janeiro de 1831, somente em São Bernardo já havia 1.270 habitantes, em 231 fogos [31], o que significava um crescimento de 300% em pouco mais de três lustros. Nessa época a Igreja se encarregava de realizar o censo de sua Freguesia, para informar à Cúria Metropolitana e ao Governo da Província. No entanto, 20 anos mais tarde, em 1852, por mera estimativa, o novo Inspetor de Ensino, João José de Oliveira, informava que *o quadro demográfico da Freguesia mostrava que eram 1.300 os moradores, calculando-se em 100 meninos e 100 meninas*.

Em Novembro de 1825, por intercessão do coronel Francisco Ignácio de Souza Queiroz, a Câmara de São Paulo criou *cadeiras de primeiras letras* nos bairros, contratando professores por concurso. Quatro anos depois, em Dezembro de 1829, o fiscal de São Bernardo, Manoel Rodrigues de Barros enviava ofício à mesma Câmara, requerendo a criação *de uma Cadeira de Primeiras Letras na Freguesia de São Bernardo*. O pedido foi aprovado, afixando-se edital publico, buscando candidatos ao concurso para ocupar o cargo de professor de primeiras letras. O padre Lustosa, pároco

coadjutor da Matriz, interessou-se pela função e, em 23 de Abril de 1830, o Conselho da Presidência da Província realizava com ele, candidato único a se apresentar, o concurso público. Tomás Inocêncio Lustosa foi aprovado em todas as matérias e nomeado, pelo Governo da Província, para prover a cadeira, com base na Lei de 15 de Outubro de 1827. A confirmação do Pe. Lustosa no posto foi feita pelo Marquês de Caravellas, por ato assinado no Palácio do Rio de Janeiro, em 11 de Junho de 1830 [32]. O salário do Mestre de Primeiras Letras seria de Rs. 200\$000 (duzentos mil réis) anuais. Em 31 de Agosto de 1832, o padre Lustosa enviava a relação de seus 30 alunos matriculados na Escola de Primeiras Letras de São Bernardo, informando também que as aulas haviam tido início em 17 de Março de 1830, antes mesmo de sua nomeação.

No exercício das funções de Mestre de Primeiras Letras, o Padre Lustosa era assíduo e dedicado, conforme relatórios do próprio Inspetor, Francisco Martins Bonilha, em 1834, citado pelo historiador Nuto Santana. As queixas de oito anos mais tarde referiam-se à gradativa redução do número de alunos, tirados da escola pelos pais, para auxiliarem na lida da lavoura local. Os relatórios mal-humorados do Inspetor Bonilha não impediram a permanência e a continuidade da luta pela educação, empreendida pelo Pe. Lustosa.

Em 1852, a sala de aula do Mestre era na própria casa do professor, conforme ele mesmo afirma em relato em que também se defende de acusações do então Inspetor de Ensino, Alferes Francisco Martins Bonilha. Em 13 de Março de 1852, o Padre Tomás Inocêncio Lustosa enviava ofício a Diogo de Mendonça Pinto, Inspe-

tor Geral de Instrução Pública da Província de São Paulo, respondendo a questões colocadas pela Direção, onde revela uma humildade e simplicidade dignas de nota: *A primeira aula nos dias compridos começa às 8 horas e acaba às 10 e meia; de tarde entra às 2 e acaba às 4 e meia; nos dias outros, entra às 8,30 e acaba às 11; de tarde, entra a 1 e 30 e acaba às 4 para que, alguns alunos que moram mais longe, tenham tempo de com dia chegarem às suas casas (...)* (...) *Os traslados que os alunos escrevem são impressos que à minha custa tenho mandado vir do Rio de Janeiro para eles escreverem (falava de caligrafia) (...) A muito poucos tenho ensinado Gramática Nacional porque os pais apenas os filhos mal sabem ler e escrever e algumas contas, logo os tiram da aula. Muitas vezes sem que o professor saiba. (...) O catecismo que os alunos aprendem é o histórico (...)* (...) *As correções que costume empregar são físicas e morais. A sala onde existe a aula é a minha casa. Por ainda não estar acabada no todo, não moro nela. Contudo, a dita sala, apesar de ainda não estar forrada, é suficiente para os alunos* [33].

A escola pública da Freguesia de São Bernardo era destinada aos meninos. Até 1863 não existia ainda uma escola primária para meninas. Entretanto, o Padre Lustosa sempre incluía meninas na turma. Naquele ano de 1852 estavam matriculados 26 alunos.

E, desse modo, assíduo, paciente e dedicado, durante 33 anos o Padre Mestre Tomás Inocência Lustosa ministrou aulas, guiando os caminhos do incipiente conhecimento para a infância e a juventude da Freguesia de São Bernardo, até sua aposentadoria nesse cargo, em 1863. Em sete de Outubro desse ano, tendo alcan-

çado a aposentadoria, o professor Lustosa suspendeu as aulas e ficou no aguardo do novo professor. Tinha 61 anos. Dois anos mais tarde seria nomeado Vigário Colado (definitivo) da Igreja Matriz de N.S. da Boa Viagem. O novo professor interino, Manoel Dias Xavier de Toledo, tardava, e o Inspetor Bonilha paralisou as aulas até Julho de 1864, quando o professor interino chegou. A primeira classe exclusiva para meninas foi criada em 1865.

D. PEDRO I - Junto ao caminho de Santos, já nos limites da Freguesia de São Bernardo, à beira da futura Rua Marechal Deodoro, permaneceu a Capelinha de 1814, com a imagem original da Senhora da Conceição da Boa Viagem, onde ficava a *Caixinha da Boa Viagem*, local antológico, objeto de veneração dos viajantes, tropeiros e mais tarde dos carroceiros [33-A]. Era parada obrigatória de todos os que iam e vinham do litoral. Ali se persignavam, faziam suas preces, depositavam esmolas e donativos para a conclusão da Matriz e seguiam caminho. Consta que o próprio príncipe D. Pedro I passou por esse caminho vindo de Santos e ali parou com sua comitiva, fez orações à Senhora da Conceição da Boa Viagem na Capela, que então ainda servia de Matriz da Boa Viagem, seguindo depois para São Paulo de Piratininga [34]. Em seu retorno, próximo ao Riacho Ipiranga, naquele célebre sete de Setembro de 1822, ocorreram os fatos históricos que culminaram com o gesto e o brado de Independência.

Por mais três anos, ainda, a Capelinha serviria de Matriz. As obras da nova Matriz já haviam se iniciado nessa época e, mesmo antes da conclusão, passou-se para o edifício novo, ainda inacabado. Abandonada em 1825, quando os

santos ofícios passaram para a nova Matriz, a Capelinha ficou por mais sete anos recebendo os viajantes da estrada, quando começou a ruir, por volta de 1832, batida pelo sol, ventos e chuvas abundantes.

Então, dez anos depois daquele evento histórico memorável, D. Pedro I, que já abdicara do trono imperial brasileiro em 1831, já havia retornado a Portugal. Em São Bernardo, com a nova Matriz em funcionamento, em 1832 o Pe. Tomás Inocência Lustosa participava, com o fabricante Francisco Martins Bonilha e com o Vigário Frei Natividade, da reconstrução da pequenina ermida, que servira de Matriz, de 1814 a 1825, então em ruínas. É que a afluência de fiéis, ali, aumentava, e os viajantes continuavam parando para as preces de viagem e as doações para a conclusão do templo definitivo. Estavam ambos em frente um do outro, na futura Marechal Deodoro, artéria principal da Freguesia.

JUIZADO - Era a função mais importante da Freguesia e foi criada em 15 de Outubro de 1827 [35]. Ao Juiz de Paz incumbiam as atribuições judiciárias e policiais: fazer observar as leis policiais, gerais e municipais; proceder às eleições; gerenciar atividades e indicar fiscal e suplente para a Freguesia; apresentar listas de nomes para composição da Guarda Nacional; vacinar a população; acompanhar os litígios de terras; adquirir livros para as Paróquias (Livro do Tombo, Registro de batizados, falecimentos etc.) e livros para escrituras públicas e para os registros de nascimentos.

Os habitantes considerados aptos a votar podiam eleger os juizes de Paz e suplentes nas Freguesias, tal como se elegiam os vereadores [35]. As primeiras eleições do gênero em São Ber-

nardo ocorreram em Março de 1828, quando o Padre Tomás Inocência Lustosa acabava de chegar. O primeiro Juiz de Paz foi o Capitão Francisco Martins Bonilha, que permaneceu no cargo de 1828 a 1833. Outros nomes dos subseqüentes foram o Alferes Manoel Joaquim Ribeiro, o Capitão Francisco Mariano Galvão Bueno, o Capitão João José de Oliveira. Em 1839, o Padre Tomás Inocência Lustosa foi eleito [36]. Outras figuras importantes assumiriam também a mesma função: o Capitão João José Barbosa Ortiz (1846), autoridade destacada das áreas do Pilar (Mauá e Ribeirão Pires), José Luiz Flaquer (1880), Senador, que pode até ser considerado o fundador do atual Santo André, como ficou conhecido o povoado surgido, a partir de 1867, não em torno de uma Capela, mas da Estrada de Ferro Santos - Jundiaí, a antiga São Paulo Railway, inaugurada naquela data, e ainda o Coronel João Batista de Oliveira Lima, destacado homem público local.

DESCENDENTES - Embora fosse, naquela época, deveras incomum, insólito mesmo, e se tratasse de *um segredo coletivo que (...) os antigos do lugar sempre comentaram e que todos sabiam (...), e a Vila de São Bernardo sempre respeitou e nunca escreveu* [37], o Padre Lustosa tivera filhos com Anna Francisca de Almeida Nóbrega. A união teve lugar, provavelmente, entre 1841 e 1843 a julgar pela data do nascimento do mais velho de seus descendentes (João Baptista de Almeida), segundo a tradição oral, as informações sobre a memória local do Diário do Grande ABC [38], além dos depoimentos dos próprios descendentes do sacerdote aos netos e bisnetos de Lustosa, que ain-



João Baptista de Almeida, irmão de Manoel Eduardo de Almeida (Maneco do Padre), filho do Pe. Tomás Inocência Lustosa, pai de Anna Francisca de Almeida e avô de Celisina de Almeida Rosa

Celso de Almeida Cini

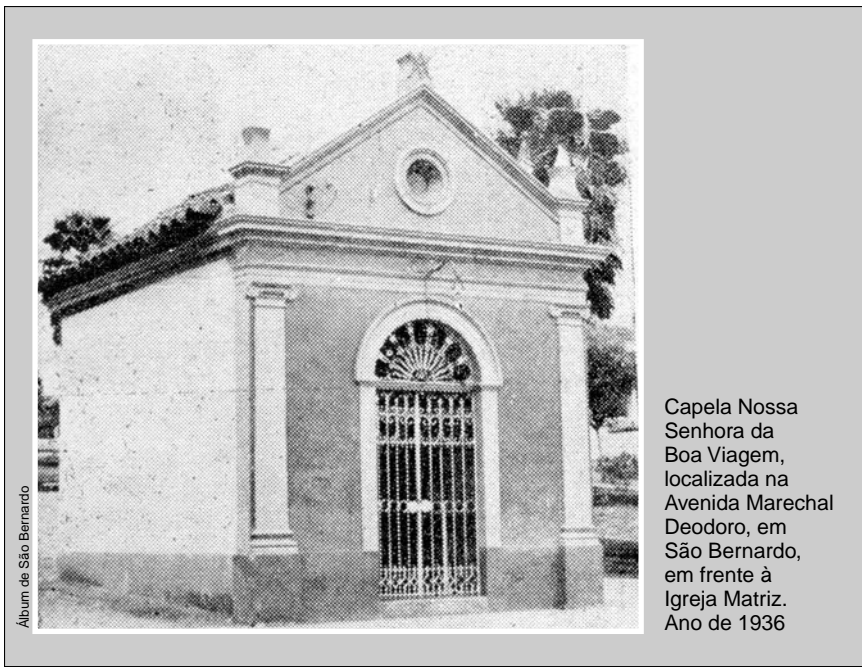
da hoje narram o fato, como é o caso de Celisina de Almeida Rosa, com seu depoimento ao autor e aos parentes próximos, em diversas ocasiões.

É possível que após a idade de 40 anos, o padre Lustosa tenha se tornado proprietário de terras em São Bernardo, tendo sua própria casa, conforme ele mesmo afirmara em 1852, em relatório de Mestre Escola, além de escravos e escravas. Em 28 de Fevereiro de 1880 o Padre Lustosa informava que *usava um escravo seu como sacristão* [39]. Interessante que entre Agosto de 1887 e Outubro de 1894, o sacristão era Geraldo Antônio Lustosa. E não havia outras famílias com o sobrenome de *Lustosa*, na Vila.

Ao que se sabe, terão sido quatro os filhos de Tomás Inocência Lustosa, fato que, embora não tenha sido objeto de pesquisa regu-

lar e tampouco de citação, por qualquer dos historiadores que o mencionam, dadas as dificuldades naturais de comprovação, não exclui sua veracidade, eis que a tradição oral de antigos moradores e a voz corrente de todos os presumidos descendentes, ainda vivos, afirmam que ele tivera, com Anna Francisca de Almeida Nóbrega, os seguintes filhos:

João Baptista de Almeida [40], nascido em três de Maio de 1844. Era o filho mais velho do Padre, cuja concepção deve datar de Agosto de 1843. Foi combatente da Guerra do Paraguai, onde permaneceu durante cinco anos, retornando como herói, tendo recebido a patente de Alferes e combatido sob as ordens de Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. Numa das batalhas de que participou, e que teve início quando João Baptista fazia o turno de vigia, foi ferido numa das pernas e permaneceu com o projétil enterrado na coxa, para sempre. Depois da vitória brasileira e de receber, no retorno, as honras merecidas, João Baptista seguiu a carreira militar, ocupando também a função de Delegado titular em São Bernardo [41]. Casou-se com Celisina Francisca da Conceição Vasconcelos com a qual teve os filhos José Baptista de Almeida (avô do autor), João Baptista de Almeida Filho e Ana Francisca de Almeida, que foi casada com Augusto Ignácio Rosa, mas que faleceu após dar à luz Celisina de Almeida Rosa, neta de João Baptista e bisneta do padre Lustosa. Esta senhora, quase centenária, vive em boa saúde e reside em São Paulo, no Brooklin Paulista, tendo nascido em primeiro de Janeiro de 1902. *Tia Celisina* revelou muitos pormenores e ofereceu, ao autor, informações sobre o Padre Lustosa, mas principalmente sobre os fi-



Album de São Bernardo

Capela Nossa Senhora da Boa Viagem, localizada na Avenida Marechal Deodoro, em São Bernardo, em frente à Igreja Matriz. Ano de 1936

lhos. João Baptista de Almeida faleceu em São Bernardo em sete de Setembro de 1929, aos 85 anos.

Manoel Eduardo de Almeida, segundo filho de Tomás Inocência Lustosa, nascido em São Paulo, em 13 de Outubro de 1854 [37], participou ativamente da vida pública, social e religiosa da Freguesia e depois município de São Bernardo. Foi proprietário e Oficial Maior (Escrivão de Paz) do Cartório do Registro Civil e Tabelião de São Bernardo. Foi igualmente Escrivão de Polícia e Capitão da Guarda Nacional do Município. Participou, ainda, de atividades ligadas à Matriz de N.S. Boa Viagem, onde foi Fabricqueiro, a partir de Outubro de 1892, após o falecimento do Pe. Lustosa (Agosto de 1892), e responsável pela Irmandade do Santíssimo Sacramento. Ele também é citado por Ademir Médici, em episódio ligado a enterro frustrado, de filho de imigrante alemão de São Caetano [39].

Pelo periódico *Diário do Grande ABC*, Ademir Médici informa que *Maneco do Padre*, como era

conhecido o Capitão Manoel Eduardo de Almeida, *foi casado com Francisca de Almeida Nóbrega, com a qual teve os filhos: Custódio de Almeida, Francisca de Almeida Ribeiro, Joaquina de Almeida, Benedicto de Almeida, Maria José de Almeida e Thereza de Almeida. Naquele mesmo Cartório encontra-se registrado o óbito de Manoel Eduardo de Almeida, ocorrido em 20 de Abril de 1922 [40], com 68 anos.*

Maria de Almeida (Marica), da qual não se tem clareza de informações. Provavelmente permaneceu solteira e sem filhos, tendo vivido seus últimos anos em companhia do irmão, Manoel Eduardo de Almeida, nos fundos da residência deste, em São Bernardo. Novas pesquisas poderão trazer outras revelações a respeito.

Benedicto de Almeida, segundo depoimento pessoal de Celisina de Almeida Rosa, bisneta do Padre Tomás Inocência Lustosa e neta de João Baptista de Almeida, confirmado em Julho de 2.000, terá sido o suposto quarto filho do Pe. Lustosa, só conhecido por volta de

1930, quando ele próprio informou ser filho do Padre Lustosa. Era realmente marcante a semelhança de Benedicto com o irmão, João Baptista. É possível que tenha nascido entre 1846 e 1850, pois os dois primeiros filhos (João Baptista e Manoel Eduardo) estão separados por uma diferença de nove anos. Também carece de mais informações e pesquisas. Realmente, esse era um grave *segredo coletivo que a Vila de São Bernardo sempre respeitou e nunca escreveu*. Entretanto, resgatando a história, é importante registrar o fato de que, esse acontecimento, envolvendo prováveis sentimentos de culpa e drama pessoal, constitui, ainda assim, motivo de orgulho para os descendentes desse notável vulto histórico que foi o Padre Tomás Inocência Lustosa.

Consta que o próprio padre tinha raízes ancestrais nos fundadores da Velha Santo André da Borda do Campo, no pioneiro e Patriarca dos bandeirantes, João Ramalho, e sua mulher, Bartira, depois Isabel Dias, filha do Cacique Tibiriçá, conforme nos afirmaram parentes próximos dos descendentes do Pe. Lustosa, e também segundo tradição oral em São Bernardo e em Santo André, transmitida a eles por João Baptista de Almeida e Manoel Eduardo de Almeida, com base em informações de seu próprio pai, o Padre Tomás Inocência Lustosa. Daí o justo orgulho de seus descendentes. Entretanto, nossas pesquisas ainda prosseguem para esclarecer dúvidas e pontos obscuros.

Em 1854, o Livro do Tombo da Igreja Matriz de N.S. da Boa Viagem começa a ser redigido pelo Padre Tomaz Inocência Lustosa, nomeando os numerosos bairros pertencentes à Paroquia daquela Matriz, com riquíssima indicação de locais pertencentes à

Paróquia, com Capelas espalhadas por todas as regiões, onde o próprio Pe. Lustosa celebrou missas e cerimônias festivas.

CAPELA - Em 1878, após a chegada dos imigrantes italianos em São Bernardo e São Caetano, houve grande transformação local, com sérios problemas paroquiais de toda sorte. O Padre Lustosa habilmente conseguiu que a Cúria Metropolitana, através do Bispo Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, trouxesse um padre italiano, Sívio Grecco, que pudesse ser o intérprete dos italianos provindos de diversas regiões da Itália, com dialetos variados. Chegado em 1880, prestou ele exame em teologia e, aprovado, foi nomeado coadjutor do Vigário Tomás Inocência Lustosa. O jovem padre Grecco, com 38 anos, nascido na Província de Potenza, era fervoroso devoto de Santa Filomena, introduzindo a devoção em São Bernardo. Maria das Dores de Jesus, uma das fiéis devotas, tomou a iniciativa de aglutinar forças entre os imigrantes italianos, com a coordenação do Padre Lustosa e do Padre Grecco, para erguer uma Capela dedicada à Santa Filomena, construída em terreno de propriedade dela, em 1881, na própria Rua Marechal Deodoro, pouco distante do Largo da Matriz. A fundadora faleceu em sete de Abril de 1898, passando seu irmão, João Antonio de Oliveira Marques, a cuidar da Capela [42].

EMANCIPAÇÃO - Foi um movimento pacífico, sem plebiscito, em que o Padre Tomás Inocência Lustosa atuou com políticos importantes da região, coronéis, líderes dos imigrantes italianos, encabeçando um abaixo-assinado que foi lido na Câmara Municipal de São Paulo em 13 de Março de 1888, através

de requerimento dos vereadores Vicente Ferreira da Silva e Bento do Rego Freitas. Em Fevereiro de 1889, é lido na Assembléia Legislativa outro documento, que cita o pedido dos moradores de São Bernardo, com projeto nº 83 do Deputado Joaquim Lopes Chaves. Votado em 21 de Fevereiro de 1889, criando-se então pela Lei nº 38, de 12 de Março de 1889, a Vila (Município) de São Bernardo. Para a instalação do município, nova luta se desenvolveu, encabeçada pelo Padre Lustosa, através de novo requerimento, de 16 de Agosto de 1889, para que fossem marcadas as eleições para vereadores, a fim de instalar-se e compor a Câmara Municipal. Nesse documento, são signatários, após o Pe. Tomás Inocência Lustosa, homens ilustres como os Flaquers, João Batista de Oliveira Lima, muitos líderes dos imigrantes, como os Gerbellis, os Arsuffis, os Settis, os Dell'Antonias, os Duzis, os Scopels, e patentes militares e muitos outros, além do já conhecido e participante da vida pública bernardense, Manoel Eduardo de Almeida (*o Maneco do Padre*) [43].

Em dois de Março de 1890, criou-se o Conselho da Intendência (Prefeitura) para a Vila de São Bernardo. A instalação, festiva, deu-se em 11 de Maio desse ano, um domingo, noticiada pelo Diário Popular, em sua edição de 14 de Maio de 1890, sendo primeiro Presidente da Intendência (Prefeito) Clementino de Souza e Castro [44].

Mas, eis que de repente, *a morte o fio da vida corta*. Tendo lutado até o fim de sua existência pela emancipação, o padre Lustosa não assistiu ao momento em que se instalaria a Câmara Municipal, com a primeira eleição de vereadores, realizada em 30 de Agosto de 1892. Em 11 de Agos-

to de 1892, falecia aquele lutador incansável, após quase setenta anos de trabalhos e sacrifícios em favor da comunidade de São Bernardo. A paz eterna descia, enfim, sobre aquela vida quase centenária [45].

NOTAS -

[1] (Affonso E. Taunay, Amadeu Nogueira, Frei Gaspar da Madre de Deus, Pe. Hélio Abranches Viotti, Cristóvão José M. de Figueiredo, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Nuto Sant'Ana, João Batista C. Aguiara, Jaime Cortesão, Washington Luiz P. Souza, Pe. Serafim S.J. Leite, Dom Martinho Johnson (OSB), João Netto Caldeira, Octaviano Amando Gaiarsa, Newton Ataliba Madsen Barbosa, Wanderley dos Santos, José de Souza Martins, Atilio Pessoti, Ademir Médici e outros).

[2] Livro do Tombo da Paróquia de S. Bernardo, Museu SBC, periódicos antigos do ABC, além da memória e tradição orais registradas e as ouvidas pessoalmente de antigos moradores, vários deles descendentes de Manoel Eduardo de Almeida (*o Maneco do Padre*) e João Baptista de Almeida (heroi da Guerra do Paraguai e Delegado em São Bernardo), entre as quais o depoimento da querida e quase centenária, Celisina de Almeida Rosa, neta de João Baptista de Almeida e bisneta do Padre Tomas Inocência Lustosa.

[3] Fabriqueiro - Membro do Conselho Paroquial, encarregado de recolher os rendimentos da igreja, administrar-lhe o patrimônio e zelar pela conservação de alfaías e paramentos. Numa palavra: zelador da Paróquia.

[4] Cristovam José Moreira de Figueiredo, João Ramalho Patriarca dos Bandeirantes - separata da Revista Beira Alta - 1954, Vizeu Portugal (apud W.Santos op. cit pgs. 34 e 39)

[5] Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550 - 1892 Ed. Dep Cultura PMSBC - 1992 pgs. 34, 43/44

[6] Frei Gaspar da Madre de Deus, Memória para a História da Capitania de São Vicente Edit. Itatiaia BH e Edit. USP 1975, pg. 91 (apud W.Santos, op. cit. pg. 43)

[6 A] W. Santos op. citada, pg. 45

[7] Jaime Cortesão: A Fundação de São Paulo, pg. 221 (apud W.S op.cit.)

[8] Livro do Tombo, pgs. 99 a 101 (apud.W.Santos - op. cit.)

[8 A] Tamandati (Tamandateí), hoje Ribeirão dos Meninos (Rudge Ramos)

[9] Hoje, este trecho pertence a Rio Grande da Serra.

[9 A] Wanderley dos Santos - op citada pgs. 21 e 49

[10] Em Portugal João Ramalho era casado com Catarina Fernandes das Vacas.
 [10 A] Antonio Flávio Pierucci - As religiões do Brasil (in O Livro das Religiões - Vitor Hellern) Cia das Letras - Ed Agosto 2.000, pgs 281/283.
 [11] Ano de seu testamento, apud Pe. Hélio Abranches Viotti - Anchieta, o Apóstolo do Brasil (pg 156).
 [12] Idem ibidem, op. cit.
 [12 A] W.Santos, op. cit. pg. 50.
 [13] Dom Martinho Johnson Livro do Tombo da Ordem de São Bento, pgs. 110/111).
 [14] W.Santos op. citada, pgs. 54 a 67
 [15] Vol. 02 das Atas da Câmara Municipal de São Paulo (período de 1637 até 1660).
 [16] Na tentativa de restaurar a imagem, um curioso maculou horrivelmente a fisionomia do santo que foi até confundido com São Gonçalo. E, por parecer "feia", foi a imagem relegada ao depósito da nova Matriz de N.S. da Boa Viagem, até ser encontrada por Dom Clemente Nigra que a levou para restauração na Bahia, retornando, depois, diretamente para o Mosteiro de São Bento, onde se encontra até hoje. (W.S. op. cit.)
 [17] Orago - Oráculo, Santo de invocação que dá nome a uma capela ou templo.
 [18] Livro do Tombo da Catedral de São Paulo e Atas CMSP, (W.Santos op. cit.).
 [19] W. Santos (op. cit. pgs. 87 e 165)
 [20] Dom Clemente M.Silva Nigra, Estado São Paulo ed. 25.01.54, pg 45 e José Souza Martins op. cit. pg 71
 [21] in Documentos diversos da Paróquia de São Bernardo do Campo 1665/1868 (ap.W.S. op. cit)
 [22] José S. Martins Diário de Fim de Século, pg. 16 - (Edição Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)
 [23] J.S. Martins op. cit. pg. 17
 [24] Dep. Arquivos Est. SP. - Manoel Rodrigues de Barros era proprietário do Sítio "Borda do Campo" e teve importante papel no impulso e no progresso da região, como Fiscal da Freguesia entre 1818 e 1833. E o Alferes Francisco Martins Bonilha torna-se o primeiro fabricante da antiga Matriz da Boa Viagem.
 [24 A] A Estrada do Vergueiro foi inaugurada em 05 de Dezembro de 1863 (W.Santos, op. cit. pg 213)
 [25] W.Santos op. citada
 [26] W.Santos op. cit. pg 122
 [27] Ordenação sacerdotal pela Diocese de São Paulo, no. 1297, fls. 16 e Atas da Cúria M. S.Paulo. Espécie de Prontuário curricular do sacerdote.
 [28] Pe. Lustosa declinou oficialmente o nome de seu pai quando da organização eleitoral da Vila de São Bernardo (op. cit. pg 266)
 [28 A] Antonio Egídio Martins em São Paulo Antigo, Ed. Cons. Estadual da Cultura
 [29] W.Santos op. cit., pg. 158

[30] Antonio Egídio Martins, op. cit.
 [31] Fogos - casas de moradia, lares (W.Santos op. cit. pgs 79/86)
 [32] Proc.Habilit. Genere et Moribus e Atas da Câmara SP (W.S. op. cit pgs. 202 e 218). (Nota do Autor) O Marques de Caravellas era então membro da Regência Trina, provisória, que dirigia o Governo Imperial por não ter, Pedro II, a necessária maioridade.
 [33] W.Santos op. cit. pgs. 202/203.
 [34] W.Santos op. cit. pg 240.
 [34 A] A Capelinha e a Caixinha constituem a origem e a tradição da atual "Festa e Procissão dos Carroceiros"
 Nota do autor: Houve um Bispo visitante da Capela chegou a divulgar que Dom Pedro I fora o responsável pela construção daquela ermida, a antiga Capela da Estrada, o que não é verdade.
 [35] Atas da Câmara Municipal de São Paulo - Vol 30, pgs. 25 (W.S.op. cit. pg 192)
 [36] W. Santos op. cit. pg 193
 [37] Ademir Médici, coluna Memória do Diálogo Grande ABC, edição de 15.06.99
 [38] Cf. José Souza Martins - Diário de Fim de Século - op. cit.
 [39] Diário do Grande ABC, edição de 15.06.99, citando o jornal A Princia de São Paulo (atual Estado de S.Paulo)
 [40] Diário do Grande ABC, edição de 24 de Janeiro de 2.000 Caderno Setecidades
 [41] Álbum de São Bernardo de João Neto Caldeira (cf. W.Santos op. cit.pg 197)
 [42] W.S. op. cit. Pg 135
 [43] A Câmara só foi instalada em setembro de 1892, com a primeira eleição em 30 de Agosto desse ano. O padre Lustosa já havia falecido.
 [44] W.S. op. cit. pgs. 261/264
 [45] Reg.Obitos da Catedral de São Paulo, 1887 a 1902, pg 22 (W.Santos op. cit. pg 158)

BIBLIOGRAFIA -

Barbosa, Newton Ataliba Madsen - Na Borda do Campo o início de São Bernardo, Folha S.B.Campo, 24.02.79, (Suplemento Especial). Coleções de Jornais antigos do ABC - Museu de História de São Bernardo do Campo Cortesão, Jaime - A Fundação de São Paulo - Livros de Portugal - RJ 1975
 Diversos - História da Vida Privada no Brasil - Cia. das Letras Volumes I e II (América Portg e Corte)
 Caldeira, João Netto - Álbum de São Bernardo - Ed. Org. Cruzeiro do Sul - SP 1937
 Edição Universidade Federal da Bahia - 1971
 Enciclopédia Abril Cultural 12 Volumes - Editora Abril Cultura - 1963
 Enciclopédia Colorama - Edição Especial 1974
 Figueiredo, Cristóvão J. Moreira de, João Ramalho, Patriarca Bandeirantes in Rev Beira Alta Portugal

Gaiarsa, Octaviano Armando - A Cidade que dormiu Três Séculos - 1ª Edição - PMSA 1953
 Grande Enciclopédia Larousse Cultura - Ed. Nova Cultural - 1998
 Grandes Vultos de nossa História - Volume I, Editora Abril Cultural - 1969 (Documentos Históricos)
 Johnson, Dom Martinho OSB - Livro do Tombo - Ed. Diplomática, interpretativa manuscritos - 1977
 Luiz, Washington - Na Capitania de São Vicente
 Martins, Antonio Egídio - São Paulo Antigo 1554/1910 - Ed Conselho Estadual de Cultura - 1973
 Martins, José de Souza - A Formação do Espaço Regional do Tijuçu e São Caetano (in Raízes jul/91
 Martins, José de Souza - Diário de Fim de Século - Ed. Fundação Pró Memória PMSCS,S.C.S.
 Martins, José de Souza - Quatro séculos de História - Ed. Rotary Club de São Caetano 1957
 Médici, Ademir - Migração, Urbanismo e Cidadania - PMS.André, 1992 - Ed. Viva Cidade.
 Médici, Ademir São Bernardo do Campo e seus Bairros - Secr. Educação e Cultura de SBC 1981 1a Ed.
 Menezes, Raimundo de - Aconteceu no Velho São Paulo - Edição Saraiva - Jan 1954
 Minas Colonial - Efecê Editora S/A - 1980
 Nigra, D. Clemente Maria da Silva - Os escultores Frei Agostinho da Piedade e F.Agostinho de Jesus
 Pessotti, Atílio - Vila de São /Bernardo - Ed. Prefeitura S.B.Campo - Secr. Ed. Cultura 1981
 Pierucci, Antonio Flávio - As Religiões do Brasil in O Livro das Religiões, V. Hellern Cia. das Letras 2.000
 Santos, Wanderley dos - Antecedentes Históricos do ABC Paulista - 1550 - 1892
 Dep. Cultura, Prefeitura Municipal de São Bernardo
 Santos, Wanderley dos - História do Município de Ribeirão Pires, inédito, Caderno datilografado 1974
 Taunay, Affonso de Escaragnole - História da Antiga Abadia de S.Paulo - Tipogr. Ideal
 Taunay, Affonso de Escaragnole - João Ramalho e Santo André da Borda do Campo Ver. Trib 1953

()Celso de Almeida Cini, 65, é advogado, com doutorado pela USP, sindicalista, professor de português e francês e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo*

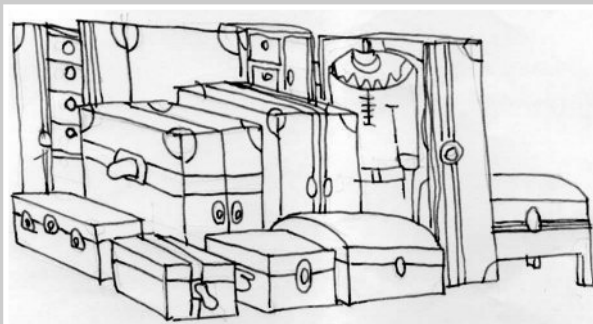
O imigrante e a imprensa operária

Nívio TESSITORE(*)

Quando o rapazola Giuseppe pensou em viajar pelo mundo, o primeiro objeto que pensou em conseguir foi um baú. Aí começou sua odisséia. Sua marca registrada estava prestes a ser comprada. Foi até o *Ufficio Dei Mobili*, ali na *piazza* e comprou um baú todo de madeira, com ferragens de latão dobrado, dourado nas cantoneiras e rebitado onde podia, com enorme chave sobressalente caso perdesse aquela que carregava consigo e que teimava em mostrar aos amigos, aos parentes, ao padeiro, ao pai, ao vizinho da direita, ao vizinho da esquerda e ao padre, caso alguém duvidasse da sua meta de vida de ser um imigrante. Era a virada do século XIX. A onda da imigração povoava a imaginação dos jovens, a fala dos velhos, o romantismo daquelas que sonhavam com seu príncipe encantado e muitos aventureiros com seu espírito indomável pela ânsia por coisas novas.

Assim era Giuseppe. Estovado ao extremo, franco, desconfiado e matreiro; conseguia com certo jeito aquilo que queria. Certa vez, com as calças pelos tornozelos, camisa branca sem colarinho, botinas, suspensórios largos e boné, cismou com a Raphaela. Com ph para os íntimos, porque para todos os demais dava risadas cada vez que soletrava seu pomposo nome. Pois bem, daquela vez, Giuseppe achou de roubar um beijo de qualquer forma da irre-

Os tipos de baú para os imigrantes europeus: a) simples com uma correia de couro, sem fechadura; b) simples com uma, com duas e com três fechaduras; c) simples sem alça, simples com alça e fechadura; d) com tampo abaulado, sem fechadura e correia de couro; e) com tampo abaulado com uma, duas ou três fechaduras; f) duplo com pendurais para roupa sem gavetas; g) duplo com pendurais para roupa com gavetas



Atelier Tessitore

quieta menina. Pensou, calculou e zás. Arriscou que havia machucado a perna jogando *football* e chegou devagarinho para a Raphaela, manquitolando da perna esquerda e disse que doía muito, muito mesmo. Rapidamente a menina se colocou em posição para massagear o local dolorido, chegou a se inclinar, e quanto não foi a ousadia daquele travesso, mas muito carinhoso, num gesto rápido abiscoitou um beijo da Raphaela e saiu assoviando um trecho da música de ópera *La Traviata*, de Verdi. Porque de Verdi, justo de Verdi, oras, o menino sabia que o primeiro nome do compositor era o mesmo que o seu, Giuseppe, e achava demais ter o mesmo nome do famoso Verdi.

Giuseppe tinha vontade de fazer a América, como se dizia na época. Sonhava de olhos abertos, com enormes oportunidades que as novas terras diziam trazer. E foi numa dessas vezes, que decidiu fazer o seu sonho uma realidade. Saiu, foi a um promotor de futuros na América que conhecia e marcou

para partir como imigrante na terceira classe no navio *Andrea Doria*, rumo a lugar chamado Núcleo Colonial de São Caetano, ali em São Paulo, no Brasil, conhecido pela fama de ter sido formado por imigrantes orgulhosos, com auto-estima grande, que estavam trabalhando junto com os beneditinos, pois já tinham até uma igreja matriz construída na margens de um rio chamado, em tupy-guarany, rio Tamaduatehy. Dito e feito, pegou seu baú novo, seu lenço vermelho que a madrinha havia lhe dado no último aniversário, deu um beijo de despedidas na Raphaela, com ph, e partiu.

O único bem que possuía, além do nome, era o seu baú. O baú era usado para tudo, assento, guarda-roupas, guarda-comidas, até de travesseiro naquela viagem que não acabava mais. Até de peso para prender as portas abertas, nas noites de calor, como trava, dentro do dormitório da terceira classe. Tudo era feito pela América.

Cada qual, cada imigrante ou família de imigrantes, tinha o

seu baú. Diferenciavam o feitiço, segundo as posses dos imigrantes, material usado de vime, de madeira, com cantoneiras de ferro, com ferragens, sem ferragens, com alça, com pés de suporte, mas a maioria era rústico, de madeira, resistente, simples e alguns com gavetas, pendurais para roupas como um guarda-roupa, pois serviam também como demonstração do status entre os imigrantes. Era o móvel do imigrante. O seu primeiro móvel, intransferível, legítimo, magnânimo, sinal de propriedade, tanto que é comum, hoje em dia, os descendentes desses imigrantes manterem nas suas salas de visitas, o mesmo baú dos velhos, sinal de nostalgia barata, mas que demonstra o início, o começo.

E assim vinha o Giuseppe e seu baú, como imigrante de terceira classe, ouvindo planos de um, conferindo sua futura estada com outro, mas um pensamento era comum a todos: não voltar mais para o país de origem. Brava gente era aquilo que diziam dos imigrantes.

Com isso, o Giuseppe se encantou. O espírito inquebrantável do imigrante. *Portiamo lo spirito di civiltá nel sangue*, diziam para si mesmos enquanto morriam na terceira classe de tifo, malária, tuberculose sem tratos, abandonados por todos. Por isso, hoje o orgulho dos descendentes dos imigrantes bate forte como uma nacionalidade, uma pátria daqueles que esqueceram as suas origens e começaram do nada. Tudo ou nada era seu lema. Hoje, ser descendente dos imigrantes soa como o ascender sempre, em qualquer situação, na doença, na desgraça, ser sempre imigrante, cada vez

melhor era o pensamento diante dos infortúnios.

Finalmente, chegaram ao porto de Santos, da cidade portuária que recebeu o maior número de imigrantes no século XIX. Aí foram conduzidos para a Hospedaria dos Imigrantes, de trem, pela rede São Paulo-Jundiaí, a conhecida São Paulo Railways, e foi na casa de recolhimento criada pelo Barão, mais tarde, o Visconde de Parnayba, que foram vacinados, cadastrados, documentados como imigrantes, feitos os seus papéis e encaminhados segundo suas profissões para os locais de destino.



Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, em foto dos anos 20

No entanto, Giuseppe depa-rou-se com sua primeira questão realmente séria e de responsabilidade, nessa vida de imigrante. Perguntaram-lhe, então, *che cosa fai, ragazzo*. Não sabia, não se havia habilitado profissionalmente antes da partida, pois pensava que a vida seria fácil, sem problemas.

Refletiu, enquanto esperava sua documentação ficar pronta, o que demorou alguns dias; hospedou-se por quase uma semana na Hospedaria por conta e custos do governo provincial de São Paulo, pelo programa de imigração já implantado desde 1860 e ouviu, conversou muito. Soube de um trabalho seguro, que não exigia preparo anterior, com remuneração boa e que as indústrias procuravam gente nova, era de gráfico. Naqueles momentos, era uma profissão com menor índice de analfabetismo, maior consciência política, grande flexibilidade empresarial e enorme força de trabalho. Pois assim foi: chegou ao Departamento de Imigração da Hospedaria dos Imigrantes e disse ser gráfico. Imediatamente, deram-lhe quatorze endereços de gráficas e tipografias localizadas ali mesmo, no Brás.

Ótimo, mas não resolvia o problema. Qual sua especialidade, qual sua predisposição, o que faria então? Pegou o baú, foi à primeira indústria e apresentou-se, dizendo: sou ajudante-geral.

A partir desse momento, Giuseppe foi considerado parte da imensa população de trabalhadores imigrantes e iniciou um trabalho digno de ajudante-geral gráfico. Ia desde a limpeza das máquinas até a encarregado de impressos, o que deu ao rapazola a visão completa da clientela. Cresceu, e do estimado baú de imigrante veio depois um guarda-roupa, uma cômoda de gaveteiro, uma cama com criado-mudo e o casamento com a Marietta, filha do Nicolino, aquela que morava na rua 28 de Julho, no Núcleo Colonial de São Caetano do Sul, perto da matriz, bonita

mesmo, ao lado da esquina, e que chegou para todos verem a modesta casa de porão alto e platibandas, toda de vestido de cetim amarelo-pardo, fita branca na cabeça, sapatilhas novas e ar de contente. Vinha com uma penteadeira de cerejeira, um espelho de cristal redondo e um jogo de mesa com cinco cadeiras, com uma de canto de parede, com espaldares acolchoados e assentos macios, de couro marrom legítimo. Nos móveis o imigrante demonstrava sua prosperidade e como diziam, *a cama foi feita para se deitar, não para sentar*, coisa de imigrante.

Encontrou, assim, na profissão de gráfico, Giuseppe, um futuro promissor, chegou a linotipista. Vinha a pé, cumprimentava os companheiros de jornada, entrava na gráfica e, sentado em seu linotipo, compunha textos e comentários de jornalistas importantes. Começou a ver situações novas e teve oportunidades de entrar na imprensa e na educação operária. Viu as sedes das *ligas* que, por ocasião das greves, transformaram-se em pontos de encontro e de organização dos movimentos que normalmente constituíram centros irradiadores de cultura. E também como as lideranças promoviam cursos de alfabetização de adultos, cursos de iniciação e aperfeiçoamento político de seus militantes, conferências e debates onde contribuíram e que se uniram aos trabalhadores na causa operária. Para os filhos dos operários, os anarquistas criaram as *escolas modernas* formadas segundo as idéias do educador espanhol Francisco Ferrer. Ferrer implantou em sua terra o ensino racionalista



totalmente desvinculado da tradição religiosa cristã.

A criação dos cursos e escolas era complementada com a implantação de bibliotecas e de salas de leitura. Giuseppe viu o incentivo às atividades culturais ficar intenso. Havia programações que incluíam peças de teatro, poesia e música, como aquelas encenadas pelo ator e roteirista anarquista espanhol Jaime Cubero, dali do Brás. Escritas pelos próprios componentes dos grupos que também se apresentavam, referiram-se aos acontecimentos da sua época, suscitavam discussão e apresentavam propostas de atuação baseadas nos ideais anarquistas.

Conheceu grandes militantes da imprensa operária e debatedores, dentre outros, Edgard Leuenroth, Antonio Piccarolo, Everardo Dias, Orestes Ristori, Nano Vasco, Gigi Damiani, Manoel Moscoso, Carlos Dias e Astrogildo Pereira. Conheceu os linotipistas dos periódicos anarquistas *A Voz do Trabalhador*, *La Battaglia*, *Avanti!*, *A Lanterna*, *Terra Livre*, *A Plebe*,

O Grito do Povo, *A Voz do Povo*, *O Trabalhador Gráfico*, e outros.

A nascente classe operária enfrentava difíceis condições de trabalho e vida. Os militantes europeus - na sua maioria anarquistas - aqui encontram e terreno fértil para a propagação de suas idéias libertárias alimentadas pelos textos de Bakunin (*O Conceito de Liberdade, Estado e Governo*, *A Fraternidade Internacional Revolucionária*) e Proudhon (*A Prosperidade é um Roubo*, *A Revolução de 1848, Do Poder Absoluto à Anarquia*), e, em pouco tempo, Giuseppe viu que os imigrantes fundaram as *ligas* ou *uniões* de trabalhadores. Essas associações reuniram trabalhadores da mesma profissão ou de profissões semelhantes e tiveram por objetivo conscientizar os operários de seus direitos e de sua força. O operariado que se constituía era carente de informações e de instrução. Dentre os poucos trabalhadores alfabetizados estavam os gráficos que assumiram papel importante, contribuíram decisivamente pa-

ra divulgar a cultura e organizar, através de jornais, a atuação da classe operária.

Em 1911, Giuseppe conheceu um jovem jornalista que vinha da Escola Politécnica que se impunha sobremaneira no panorama da crítica aos hábitos e costumes. Era Alexandre Marcondes Machado, que segundo Antonio de Alcântara Machado até os anos vinte ele foi o cronista mais importante de São Paulo. O Juó Bananére do semanário O Pirralho, de Oswald de Andrade.

Juó Bananére era um pseudônimo. Bananére fazia uma crônica impiedosas sobre os políticos paulistas, sobretudo quando se tratava de corrupção ou de escândalos financeiros. Procurando uma ordem na escrita estapafúrdia de Bananére, temos a consciência lingüística com que Marcondes Machado trabalhava os seus textos documentando as maneiras por meio das quais o tom macarrônico vai se trans-



Manacá (1927). Quadro de Tarsila do Amaral

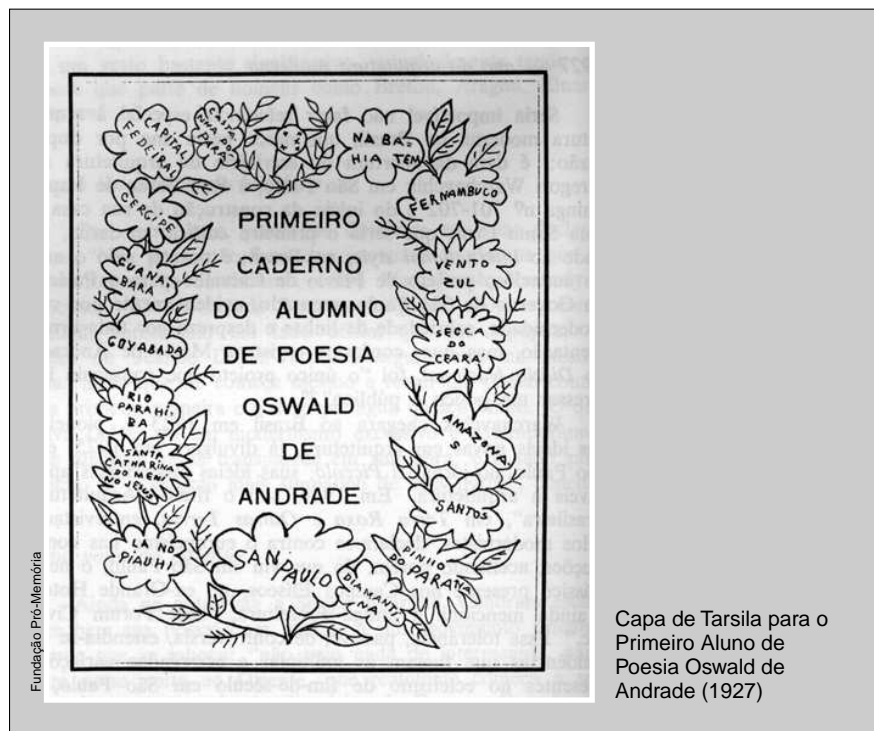
formando num princípio de composição, e até em recurso para desenvolver seu estilo.

Se Bananére tinha já tinha todas as características formais da produção ficcional modernista, por que não se envolveu com o movimento iniciado em 1922? Podemos nos referir como um "mistério" desse não en-

volvimento de Bananére com o Modernismo. A rigor, porque sempre foi visto pela maioria dos críticos como um autor menor, um cronista circunstancial, sem dotes como escritor ou relevante obra ficcional. Depois, Bananére passa ao largo do evento inaugurador do movimento paulista porque havia se indisposto com o círculo de jovens escritores que participaram da Semana, principalmente Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida. Na realidade, funcionou como catalisador simbólico da *belle époque* paulista e do seu convulsivo processo de metropolização.

O humor de Juó Bananére tentou produzir uma síntese entre o mundo caipira e dos ex-escravos e o universo cultural e lingüístico do imigrante italiano que coloriu a maior parte da cultura urbana paulista naquela época. Juó Bananére foi um cronista de sua época, divertido, de temperamento iconoclasta, um competente caricaturista verbal e impiedoso crítico de costumes.

E assim, o jornalista Giuseppe, agora já então dono de um semanário regional, competente senhor de um novo e moderno conceito do imigrante entrou no movimento promovido pelos anarquistas. O desenrolar de tudo foi a sua deportação para a terra natal, enquadrado com base na Lei Adolfo Gordo, que tratava sobre a proibição de manifestação dos imigrantes anarquistas em terras brasileiras.



Capa de Tarsila para o Primeiro Aluno de Poesia Oswald de Andrade (1927)

(*Nívio Tessitore é arquiteto, com graduação e pós-graduação, em nível de Mestrado, formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e consultor técnico e pesquisador da Fundação Pró-Memória

Os laços de continuidade com o passado são mantidos através do resguardo do patrimônio

Monica IAFRATE (*)

A palavra *patrimônio* é empregada em muitos sentidos. Pode significar, por exemplo, herança paterna ou bens pertencentes a uma família, empresa ou instituição. Neste artigo, gostaríamos de discutir o significado do termo, para uma coletividade, em seu aspecto histórico e cultural. Não pretendemos esgotar o tema, mas somente apresentar alguns conceitos básicos para uma melhor compreensão do assunto.

Por muito tempo, entendeu-se por Patrimônio Histórico o conjunto de bens imóveis, monumentos, documentos e objetos guardados em arquivos e museus. Tais coleções, entretanto, retratavam apenas o poder oficial e as elites econômicas. Diz o arquiteto Carlos Lemos: *Essa guarda de bens em geral nunca se ateve, porém, à preocupação de registrar estágios culturais já ultrapassados de toda uma comunidade. Em geral, guardaram-se os objetos e as construções ricas das classes poderosas. Guardaram-se os artefatos de exceção e perderam-se para todo o sempre os bens culturais usuais e corriqueiros do povo. Esses bens diferenciados preservados sempre podem levar a uma visão distorcida da memória coletiva, pois, justamente por serem excepcionais, não têm representatividade* [1].

Desde a segunda metade do século 20, no entanto, novas tendências de pensamento, dentro das ciências humanas, vêm mudando esse cenário. No campo da História, um movimento - que culminou com a chamada Nova História -, além de trazer modernas formas de aborda-

gem e temas inovadores (como a História do Cotidiano e a História das Mentalidades), trouxe também uma ampliação do conceito de documento histórico. As fontes, que antes eram associadas apenas aos documentos oficiais encontrados nos arquivos, passaram a abranger um rol muito mais variado de possibilidades (por exemplo: depoimentos orais, objetos, achados arqueológicos e tradições populares).

Outra novidade foi a valorização da memória, que passou a ser entendida como algo vivo e dinâmico, feita de lembranças e esquecimentos. O professor Ulpiano Bezerra de Meneses comenta: *A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual,*

coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz. A memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para o intercâmbio social [2]. Além disso, a construção do passado a partir do presente, múltipla por natureza, enraíza-se no concreto (dentro do espaço, do gesto, da imagem e do objeto).

Em importante artigo sobre memória, o historiador francês Jacques Le Goff, comentando o trabalho do



O Patrimônio Histórico tem sido relacionado aos monumentos, aos bens imóveis e aos objetos de museu. (1) Monumento em homenagem aos imigrantes italianos, fundadores de São Caetano. Praça Luiz Ventura, 1988; (2) broche de lapela da Società Principe di Napoli; (3) Matriz Velha, década de 70

colega Pierre Nora, acrescenta: *A história dita "nova", que se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, pode ser interpretada como "uma revolução da memória" (...). História que fermenta a partir do estudo dos "lugares" da memória coletiva. Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas, os museus; lugares monumentais, como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história* [3].

O conceito de *lugares da memória* foi fundamental para o desenvolvimento de uma nova concepção a respeito da palavra *patrimônio*. Enriquecida pelas discussões sobre a Ecologia, a definição do referido termo tornou-se muito mais abrangente. No mesmo caminho, a Museologia, disciplina que se dedica ao estudo das relações entre homem e patrimônio em um cenário institucionalizado (o museu) [4], também passou a repensar suas bases. A década de 60 marcou o início de grandes debates sobre o papel dos museus na sociedade contemporânea. O ápice da discussão foi o surgimento de novas tendências, como por exemplo a chamada Nova Museologia.

Assim, o museu saiu dos muros das instituições para abranger um território de intervenção (como se pode perceber através do surgimento dos museus ao ar livre e dos ecomuseus). As ações museológicas passaram a ser dirigidas a um público mais amplo, e o conceito de patrimônio sofreu um alargamento de sentidos.

Para Hugues de Varine - Boham, um dos teóricos da Nova Museologia, o Patrimônio Cultural deve ser dividido em três grandes cate-

gorias: os elementos pertencentes à natureza (recursos que, transformados ou apreendidos, possibilitam a subsistência do ser humano); o conhecimento, as técnicas, práticas sociais, o saber - fazer (compreendendo toda a capacidade de sobrevivência do gênero humano em seu meio ambiente); e os bens culturais (objetos e artefatos obtidos pelos homens a partir do meio ambiente e do saber - fazer).

Desse modo, hoje trabalhamos com o conceito de *Patrimônio Integral*. Trata - se do conjunto de bens naturais e culturais que, por seu significado, deve ser preservado visando à perpetuação humana. É o testemunho das raízes e da cultura material de um povo. A coleção desses bens representa a memória histórica, artística e tecnológica de uma população, e sua preservação é imprescindível para a compreensão e manutenção da identidade cultural de uma nação ou região.

O conceito em pauta é bastante amplo, englobando tanto os bens culturais e naturais - materiais como os bens imateriais (as festas, as tradições populares, a língua falada, as gírias, as práticas religiosas, os processos produtivos, o saber - fazer e todo o conhecimento acumulado). Também se busca incorporar ao Patrimônio Integral aquilo que representa o cotidiano das sociedades, bem como os testemunhos dos excluídos da História oficial.

O desafio, contudo, é o de identificar e preservar o que é definido como *patrimônio*. Chegamos, então, a um ponto importante da discussão: o que significa preservar? De acordo com o dicionário Aurélio, preservar é livrar de algum mal, manter livre de corrupção, perigo ou dano, conservar, livrar, defender e resguardar. Preservamos pelo desejo de manter laços de continuidade com o passado. Devemos compreender que preservar é uma ação

no intuito de garantir a integridade e a perenidade de algo. E isso sempre envolve uma seleção. Tal escolha deve basear-se em critérios de natureza científica, estética, histórica e, em alguns casos, afetiva.

Cuidamos somente daquilo a que atribuímos valor, significado. Mas, para que se justifique a proteção, deve haver uma reapropriação - no presente - dos valores em jogo. Os significados que permitiram a preservação de um bem devem ser mantidos; todavia, novas acepções precisam ser criadas. Esse é um pensamento essencial. De fato, os problemas de destruição do patrimônio - tão comuns em nossa sociedade - são explicados, em parte, pela ausência de tal concepção na mente das pessoas. *Assim, preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos. Levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. É fazer levantamentos de construções, especialmente daquelas sabidamente condenadas ao desaparecimento decorrente da especulação imobiliária. Devemos, então, de qualquer maneira, garantir a compreensão de nossa memória social preservando o que for significativo dentro de nosso vasto repertório de elementos componentes do patrimônio cultural. Esse é o porquê do ato de preservar* [5].

O *patrimônio* não pode ser algo congelado, guardado numa redoma e afastado das pessoas. Deve ser vivo e dinâmico, como dinâmica é a vida. Devemos compreender que se trata de uma herança recebida



Atualmente, estão incluídas, no conceito de patrimônio, as festas populares e as tradições religiosas. (4) Festa junina na União Cultural de São Caetano do Sul, década de 50; (5) tapete feito para a festa de Corpus Christi, Vila Barcelona, 1973; (6) Festa da Torá (pentateuco), realizada pela comunidade judaica. Clube Comercial de São Caetano do Sul, 1947

das gerações passadas, e que, juntamente com a contribuição dos testemunhos de nossas produções, deverá ser entregue às gerações futuras. *Enfim, a primeira norma de conduta ligada ao "como preservar" é manter o bem cultural - especialmente o edifício - em uso constante e, sempre que possível, realizar programas originais* [6].

Por isso, é importante que não apenas as instituições oficiais de preservação (como museus, arquivos e centros de memória), mas toda a sociedade assumam o compromisso de preservar. Em realidade, trata-se de uma obrigação para com aqueles que irão nos suceder. Um dos maiores obstáculos, entretanto, é a falta de esclarecimento popular: (...) *a preservação aqui entre nós depende fundamentalmente da elucidação popular. Tal caminho foi percorrido por outros países, como o México, onde uma atenção especial é dedicada à questão da educação de massa relacionada à memória* [7].

Sabemos que nosso texto faz uma simplificação muito grande da questão patrimonial. Com efeito, outros aspectos - políticos, ideoló-

gicos, econômicos e jurídicos - poderiam ter sido destacados. No entanto, tínhamos apenas o objetivo de fazer com que as pessoas compreendessem o Patrimônio Histórico enquanto herança cultural a ser legada aos nossos descendentes. Acreditamos que, assim, o problema, num futuro próximo, poderá ser encarado a partir de novos parâmetros. E uma nova consciência irá guiar as discussões sobre a preservação dos patrimônios de nossa sociedade.

NOTAS -

- [1] LEMOS, Carlos A. C. O que é patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 21
- [2] MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: 34: 9-24, 1992. P. 22.
- [3] LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. P. 473.
- [4] Esse conceito tem sido desenvolvido e compartilhado por muitos profissionais da área. Entre eles: Z.Z. Stransky, Anna Gregorová, Waldisa Russio e Maria Cristina Bruno.
- [5] LEMOS, Carlos A. C. O que é patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 29.
- [6] IDEM, p.69.
- [7] IDEM, p.84.

BIBLIOGRAFIA -

ARANTES, Antônio Augusto (org.) Produzindo

o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e museus: princípios, problemas e métodos. Lisboa: ULHT, 1997.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e turismo: caminhos para a educação patrimonial. São Paulo: Ceetesp, 1998.

GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. Cadernos Museológicos, IBCP, 3: 7-12, 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In: História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 535-553.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 423-483.

LEMOS, Carlos A. C. O que é patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: 34: 9-24, 1992.

NORA, Pierre (coord.). Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1992.

VAN MENSCH, Peter: O objeto de estudo da Museologia. Rio de Janeiro: UNI-RIO/ UGF, 1994 (Pretextos Museológicos, 1)

(*)Monica lafrate é historiadora formada pela Universidade de São Paulo. Há dez anos atua na área de pesquisa e organização de acervos históricos. Atualmente, é aluna do Curso de Especialização em Museologia (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP) e presta consultoria à Fundação Pró - Memória de São Caetano do Sul

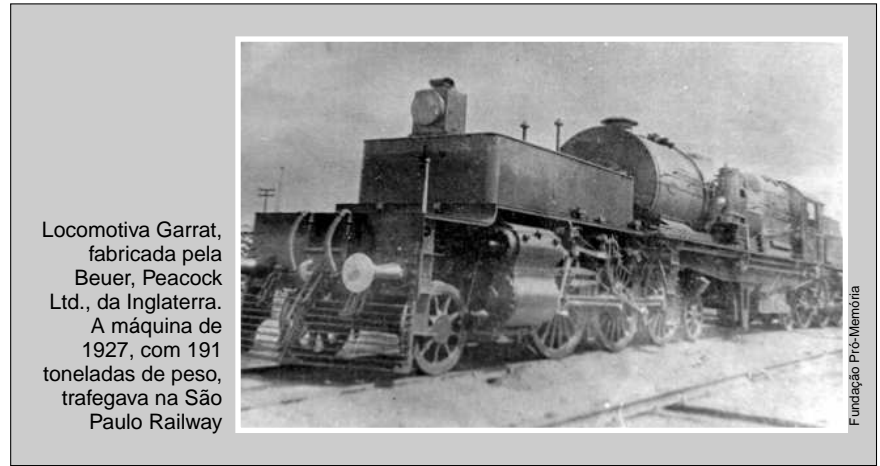
A ferrovia Santos-Jundiaí e o desenvolvimento de São Paulo

Marcos IMBRIZI (*)

Antes de iniciar o artigo, devo confessar o verdadeiro fascínio que tenho pela história das ferrovias e pelas viagens de trem. Tendo nascido em São Caetano, utilizei muito este tipo de transporte, sejam os trens de subúrbio, sejam os de longo percurso, para os mais variados destinos Brasil adentro. Infelizmente, devido ao desinteresse das autoridades competentes, estas viagens, hoje, são possíveis apenas através da memória.

O interesse pelo transporte ferroviário motivou-me a organizar um grande arquivo com documentos, fotos, livros e revistas, entre outros materiais, a respeito do assunto. Há alguns anos, quando cursava a Faculdade de História, tive a oportunidade de fazer um estágio na Gerência de Documentação da Rede Ferroviária Federal (Rffsa), em São Paulo.

Todas as leituras ressaltavam a importância econômica das fer-



Locomotiva Garrat, fabricada pela Beuer, Peacock Ltd., da Inglaterra. A máquina de 1927, com 191 toneladas de peso, trafegava na São Paulo Railway

Fundação Pró-Memória

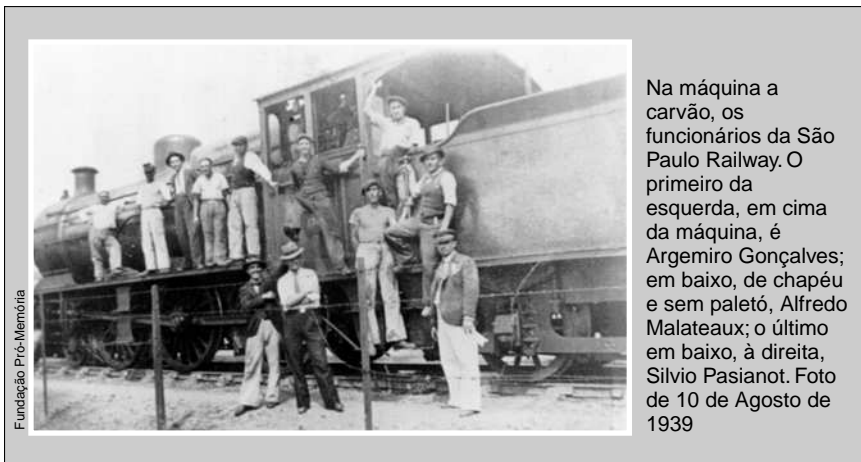
rovias - principalmente a SPR (São Paulo Railway Company) - no desenvolvimento não só do Estado de São Paulo, mas do País, no final do século passado e início deste, impulsionando as exportações de café. Durante o estágio na Rffsa, tive acesso a documentos referentes à construção da antiga SPR, que ligava Jundiaí ao porto de Santos, inaugurada em 1867.

Apesar das poucas informações, foi possível ter uma idéia das condições de trabalho dos que construíram a ferrovia. Atra-

vés deste artigo, tentarei resgatar o lado esquecido da história.

BARREIRA - Ao estudarmos a cidade de São Paulo, não podemos nos esquecer da verdadeira barreira natural que a Serra do Mar representou em sua história. No século XVI, só era possível transpô-la através das trilhas dos índios, o que tornava a viagem bastante árdua, dificultando as comunicações entre o planalto paulista e o litoral. Isto contribuiu para a formação de algumas características específicas da cidade - como relata Sérgio Buarque de Holanda -, tais como uma certa independência em relação à Metrópole[1].

Somente no fim do século XVIII, foi construído o primeiro caminho pavimentado ligando São Paulo, através do Caminho do Mar, ao litoral. A Calçada de Lorena, como ficou conhecida, facilitou bastante a viagem[2]. Foi somente na década de 30 - do século passado -, entretanto, que se pensou na construção de uma ferrovia para fazer o percurso.



Na máquina a carvão, os funcionários da São Paulo Railway. O primeiro da esquerda, em cima da máquina, é Argemiro Gonçalves; em baixo, de chapéu e sem paletó, Alfredo Malateaux; o último em baixo, à direita, Silvio Pasianot. Foto de 10 de Agosto de 1939

Fundação Pró-Memória

A concessão da construção e exploração da ferrovia foi dada aos ingleses, em 1856. As obras tiveram início quatro anos mais tarde, sendo que a inauguração foi em Fevereiro de 1867[3]. De acordo com Antônio Andrade, *representou uma obra ímpar da engenharia ferroviária, e foi mundialmente reconhecida pela engenhosidade de soluções para transpor o formidável obstáculo natural constituído pela Serra do Mar* [4].



CIDADE - A professora Emília Viotti da Costa comenta *as modificações na estrutura econômica e social do país, que contribuíram para o desenvolvimento relativo do mercado interno, estimulando o processo de urbanização*, ocorridas na segunda metade do século passado [5].

A autora analisa a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, a instalação das ferrovias, a incipiente industrialização e o desenvolvimento do sistema de crédito. Centrando o foco na cidade de São Paulo, a professora relaciona, em parte, o crescimento do final do século passado com o fato de que, na cidade, convergiam as ferrovias. A população, que era de pouco mais de 30 mil habitantes, em 1870, chega, 30 anos mais tarde, a 240 mil.

O aperfeiçoamento do sistema de transportes, proporcionado pela ferrovia, fez com que muitos dos fazendeiros viessem para a capital de São Paulo, que passou a receber uma série de melhorias como calçamento, iluminação pública, abastecimento de água, além do transporte e do comércio urbanos. De acordo com a professora Viotti, as diversões públicas também receberam maior atenção, com a construção

de jardins, passeios, teatros, cafés e hotéis. A autora ressalta, ainda, a importância da imigração neste processo.

Emília Viotti, porém, faz um importante comentário a respeito da "modernização" dos principais centros urbanos. Deixa claro que tais iniciativas eram apenas uma fachada. Em seu livro, afirma que, *freqüentemente, não a muitos quilômetros de distância, o caboclo vegetava à margem do progresso* [6].

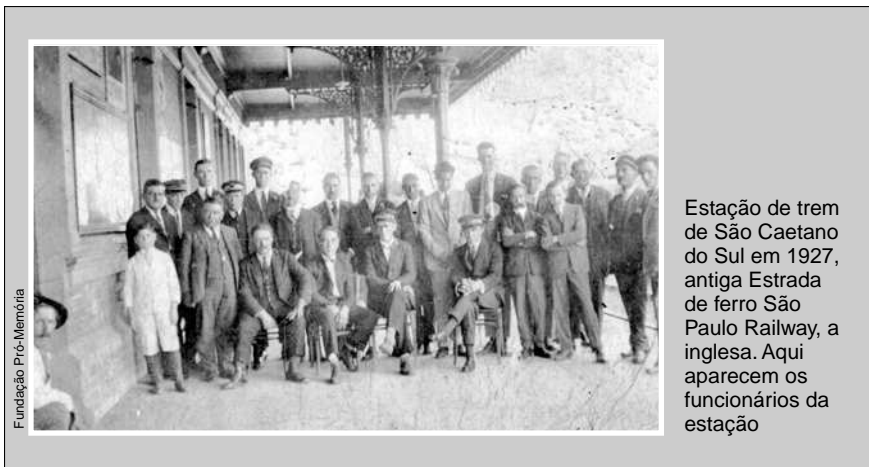
Apesar de referir-se principalmente à Capital Federal da época, o Rio de Janeiro, o historiador Nicolau Sevcenko, em seu livro *Literatura como missão*, fornece-nos uma idéia precisa deste processo, que pode ser remetido a São Paulo. *A obsessão coletiva da nova burguesia*[7], para construir uma nova cidade, ainda que somente para satisfazer suas necessidades, despreza o restante, que representa a maioria da população.

Dentro desta transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade, Sevcenko comenta a condenação de hábitos tradicionais, a negação da cultura popular, a expulsão de grupos populares da área central e a influência do cosmopolitismo parisiense.

CAFÉ - A construção da ferrovia, ligando a capital paulista ao porto de Santos, solucionou as dificuldades de comunicação entre o litoral e o planalto. Para se ter uma idéia de sua importância, podemos analisar o aumento do volume do café transportado do interior para o porto de Santos. As exportações de café passaram de 62,5 toneladas, no período de 1862 a 1865, para 166,2 toneladas entre 1868 e 1871[8].

O aumento do volume da carga transportada fez com que, já na década de 1890, a São Paulo Railway não suportasse mais tamanho movimento, sendo necessária a construção de uma nova ferrovia paralela à já existente. As obras da nova via começaram em 1895, sendo finalizadas em 1901. Isto comprova o fato, abordado por Flávio Azevedo, de que a construção das ferrovias, em São Paulo, foi influenciada *pelos interesses dos administradores, produtores e comerciantes de café*[9].

Se a ferrovia possibilitou o aumento das exportações, e o conseqüente aumento de divisas para o Estado e para o País, permitiu também o transporte de outras mercadorias, como a madeira e o algodão, e também de pas-



Estação de trem de São Caetano do Sul em 1927, antiga Estrada de ferro São Paulo Railway, a inglesa. Aqui aparecem os funcionários da estação

sageiros; entre estes, estavam incluídos os imigrantes que, chegando ao porto de Santos, eram transportados de trem à Hospedaria dos Imigrantes, no Bairro do Brás, onde permaneciam até serem levados para o trabalho nas fazendas de café.

A ferrovia possibilitou também o aparecimento de núcleos e cidades ao longo de seu caminho. Flávio Azevedo comenta *sobre a estreita relação existente entre o desenvolvimento da produção de café, o crescimento da população e as ferrovias em São Paulo. Prossequindo, o autor afirma: estes três elementos caminham juntos a partir da segunda metade do século XIX; qualquer tentativa de explicar o desenvolvimento de um deles, sem referência aos outros dois, mostra-se incompleta* [10].

Fazendo uma referência aos novos povoamentos ao longo das ferrovias, Caio Prado Jr. lembra que, *ao longo delas, fixam-se as indústrias que procuram (...) suas proximidades. E, com a indústria, vem o acompanhamento necessário: os bairros operários* [11]. Entre outros, cita o Ipiranga, o Cambuci, a Moóca, o Brás, o Pari, a Luz, o Bom Retiro, a Barra Funda, a Água Branca e a

Lapa. Não podemos nos esquecer, também, da importância que ferrovia e imigrantes tiveram no desenvolvimento da região do Grande ABC.

CONSTRUÇÃO - É incontestável a importância da ferrovia no desenvolvimento do Estado e, por que não, do Brasil, no final do século passado, auxiliando a expansão da economia cafeeira. Durante o estágio que realizei na Gerência de Documentação da Rfisa, tomei contato com relatórios oficiais da época da construção da estrada de ferro de Santos a Jundiaí. A documentação é referente, principalmente, aos anos finais da construção, quando a pior etapa do trabalho já tinha sido executada.

Em seu livro *Trem fantasma*, Francisco Foot Hardmann, referindo-se à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, comenta a formação de um *exército de trabalhadores nômades capazes de realizar o sonho daqueles audezes senhores*[12]. O autor afirma ainda que *as condições específicas da produção dos caminhos de ferro ressaltam a exigência de contingentes numerosos de trabalhadores, em alta rotatividade, dispostos em ordem paramilitar e embrenhados em espaços dos mais insalubres. A história dos que fizeram estes caminhos é uma narrativa repleta de mortes, doenças, fugas, motins frustrados e anônimos*[13].

Para a construção da ferrovia de Santos a Jundiaí, *Paranapicaba sediou um acampamento de cerca de 5.000 trabalhadores, transformando-se, durante os sete anos de duração dos trabalhos (1860 a 1867), em próspera localidade. Com efeito, a própria capital da Província, na época, contava com uma população um pouco superior a 30.000 habitantes. Todos os trabalhadores foram distribuídos por diversos locais da Serra do Mar, trabalhando na consolidação da linha*[14].

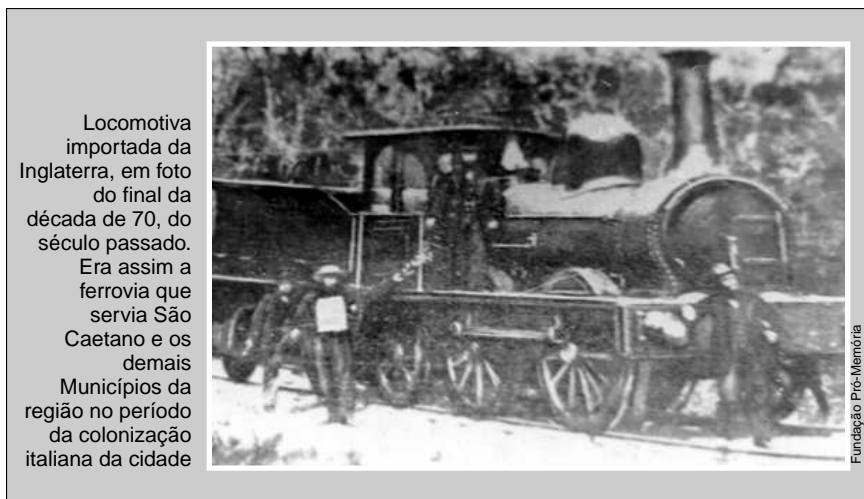


Estação de trem da São Paulo Railway, vendo-se a ponte de pedestres

Além da dificuldade de atravessar a Serra do Mar, Caio Prado Jr. comenta a insalubridade dos terrenos da Baixada Santista (que se constitui, principalmente, de terrenos baixos, mangues e pântanos ... insalubres). *Só modernamente, e à custa de grandes obras de drenagem, conseguiu-se livrar uma parte mínima do litoral das endemias aí reinantes. Trata-se, portanto, de uma zona hostil ao homem (...)* [15].

Em um artigo da revista *Ferrovias*, de Julho de 1964, intitulado *Centenário do primeiro plano inclinado da Serra do Mar* (28 de Julho de 1864), o autor comenta a obra com frases como: *Já há cem anos, São Paulo não podia parar! e Santos possuía, no início da construção da estrada de ferro, pouco mais de 10.000 almas. 250 pessoas, a maior parte figuras da elite, comerciantes etc, com a comitiva do presidente, abarrotaram o trem que as levaria, primeiramente, até à estação de Raiz da Serra*[16].

O referido artigo da revista *Ferrovias* é interessante, pois revela que tal publicação, assim como a grande maioria das outras, admitia a importância da



Locomotiva importada da Inglaterra, em foto do final da década de 70, do século passado. Era assim a ferrovia que servia São Caetano e os demais Municípios da região no período da colonização italiana da cidade

Fundação Pró-Memória

ferrovia sob os pontos de vista econômico e da modernidade. Além disso, fornece-nos uma idéia de como foram os trabalhos da construção. Em certo trecho da reportagem, o autor afirma: *Não nos resta espaço, nesta página, para discorrer sobre a construção da estrada na Baixada Santista. Vencê-la, nos seus 20 quilômetros de Santos a Raiz da Serra, foi uma luta de incrível dureza! Salientamos que 12 quilômetros da linha desse trecho tiveram de ser aterrados sobre mangues. Duma feita, no tempo das águas, a metade dos aterros correu para o mar, através dos canais, e foram inutilizadas três locomotivas,*

além de outros materiais, fazendo ruir a ponte de ferro sobre o rio Cubatão (...) Se na Baixada era assim, o que iria acontecer na serra? E o autor continua: *As chuvas, mais densas ali do que em qualquer outra parte do mundo, provocavam avalanches, de milhares de toneladas de pedras e terra, sobre o futuro leito da linha que, no entanto, progredia (...)* Cerca de 200.000 metros cúbicos de pedra ainda garantem a linha funicular da Serra Velha, malgrado as repetições de acidentes por avalanches que ocorreram nos primeiros anos[17].

Apesar de todas as dificuldades, a linha tinha que progredir;



Vista da Estação da Luz, centro da cidade de São Paulo, localizada no Bairro do mesmo nome, em foto de 1911

afinal, dispunha-se de um "exército" de cinco mil homens, e muitos mais estariam à disposição caso necessário. Apesar de não ter conseguido levantar o número total de mortos e feridos, entre os trabalhadores, podemos ter uma idéia, através de alguns dos relatórios mensais sobre os acidentes na construção da ferrovia, do que ocorria no local. Vale lembrar, que os relatórios a que tive acesso são referentes ao período do final da construção, quando, inclusive, já existia um tráfego irregular pela estrada. O

pior do trabalho, nos mangues da Baixada e na Serra, já tinha sido executado.

Um destes relatórios (que transcrevo na língua escrita da época) diz:

Escritório dos engenheiros da
Estrada de Ferro
São Paulo, 10 de Julho de 1866

Ilmo. Sr.

Tenho a honra de remetter a V. S^a. a lista mostrando os números de trabalhadores na Estra-

da de Ferro e uma tabela dos acidentes ocorridos durante o mez - as quais recebi dos empreiteiros.

Os trabalhos procedem regularmente e como V. S^a. já sabe faltão ainda uma légua mais ou menos para se (ilegível) antes de chegar à Jundiáí.

Deus salve V. S^a.
Francisco Pereira Passos

Uma destas tabelas, referente a Janeiro de 1866, nos dá uma idéia dos acidentes:

List of casualties that occurred on the 1st., 2nd. And 3rd sectors of the São Paulo Railway - January 1866 -

Date	Names	Nature of injury	Nation	Sect	Remarks
05	João Paiba	Broken arm	Portugal	2 nd	Injured by a fall from the locomotive
05	Jose Alivete	Injured finger	Italy	3 rd	Not severely injured
08	Hypolito Cardozo	Injured finger	Brazil	2 nd	Bobbe broken by a piece of iron
10	João Fontes	Injured finger&thigh	Portugal	2 nd	Hurt by a waggon tops of six fingers cut off
10	Manoel Branco	Crushed to death by a waggon which got off the rail			
10	Antonio Joaquim	Injured finger	Portugal	2 nd	Hurt by a waggon not severely
10	Willm. Mohr	Injured thigh	Brazil	2 nd	Hurt by the rope not severely
12	SW Wilson	Injured leg	England	2 nd	Hurt by a stone not severely
13	Manoel J. Pereira	Injured thigh	Portugal	2 nd	Hurt by a trolley not severely
13	Comord Callen	Injured leg	Germany	2 nd	Bone broken by a stone simple fracture
14	Adão M.	Injured Heel	Brazil	1 st	Cut by a broken bottle
15	José Lima	Injured arm and leg	Brazil	2 nd	Hurt by a waggon bone broken and arm nearly separated from body - very serious and dangerous accident
15	Antonio de Souza	Injured head	Portugal	1 st	cut by a shick not severely
16	João Leite	Injured foot	Brazil	2 nd	Hurt by the rope severely
19	Frederico	Injured face	Brazil	1 st	Wounded by a pistol ball dangerous
20	Doyle	Injured arm	Ireland	1 st	Hurt by an iron plate not severely
24	Salvador Teach	Injured head and back	Brazil	1 st	Hurt by a fall from the bridge - not severely
29	Joaquim Alves	Injured finger	Portugal	1 st	Hurt by a piece of wood not seriously

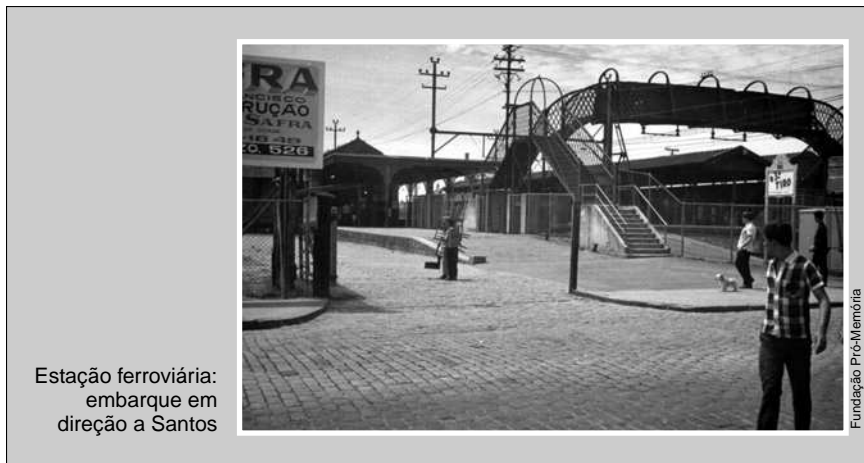
Injured severely - 05 / Injured slightly - 12 / Deaths - 01 / Total - 18

A análise do documento fornece alguns subsídios a respeito do trabalho na construção da estrada de ferro. Apesar de não saber o número de trabalhadores que atuavam naquele momento, o fato é que houve 18 ocorrências em menos de um mês, inclusive com uma morte. Os ferimentos mais comuns são cortes, fraturas e mutilações. Um dos trabalhadores foi ferido por uma bala de pistola.

Outro dado que chama a atenção é a presença de trabalhadores de pelo menos cinco países, além dos brasileiros. Isto me faz lembrar que *exércitos de proletários nômades eram recrutados nas franjas periféricas do sistema e conduzidos até os pontos mais insalubres da terra*[18].

CONCLUSÃO - Acredito que não podemos negar a importância da estrada de ferro, principalmente a primeira, de Santos a Jundiaí, no crescimento do Estado de São Paulo. A importância permanece até os dias de hoje. Afinal, como já dissemos, a estrada acabou com as dificuldades de comunicação entre o planalto e o litoral paulista. Isto facilitou o transporte do café, produzido no interior do Estado, para o porto de Santos, de onde era exportado. A ferrovia possibilitou também o desenvolvimento e o crescimento de várias cidades, entre elas São Paulo e as da região do atual Grande ABC.

O crescimento representou, para uma pequena parcela da população, a modernidade, espelhada no modelo europeu, principalmente o francês. Mas, se permitiu a vinda da oligarquia cafeeira para São Paulo, onde foram construídos casarões, também trouxe imigrantes, que vieram para trabalhar, a princípio nas lavouras de café, e, posteriormente, nas indústrias. Se, para uma pequena parcela da po-



Estação ferroviária:
embarque em
direção a Santos

Fundação Pric-Memória

pulação, a modernidade representou a possibilidade de frequentar teatros, cafés e viajar de trem, para o restante - a grande maioria - representou uma verdadeira luta contra as péssimas condições de trabalho e de moradia.

Com relação ao tema do artigo, a construção da ferrovia que ligou Santos a Jundiaí, acredito ser relevante mostrar, ao lado da importância econômica, o esforço empregado na realização da obra, ou seja, o que a modernidade representou para os trabalhadores.

NOTAS:

- [1] Sérgio B. de HOLANDA, Raízes do Brasil, p.68
- [2] Paulo E. ZANETTINI, Calçada do Lorena, o primeiro caminho para o mar. Memória nº 9: p.14
- [3] História, Ferrovia. p. 4
- [4] Antônio ANDRADE, Mauá, o barão e o desenvolvimento do ABC. Raízes, p.44
- [5] Emília Viotti da COSTA, Da Monarquia à República: momentos decisivos. P. 193-194
- [6] Ibidem, p. 204.
- [7] Nicolau SEVCENKO, Literatura como missão, p. 25
- [8] Richard MORSE, Formação histórica de São Paulo, p.207
- [9] Flávio Azevedo M. de SAES, As ferrovias de São Paulo, 1870-1940, p.67
- [10] Ibidem, p.37
- [11] Caio PRADO JR, A cidade de São Paulo, p.68.
- [12] Francisco F. HARDMAN, Trem fantasma: a modernidade na selva, p.126
- [13] Ibidem, p.129-130
- [14] Paranapiacaba, boletim da Rffsa
- [15] Caio PRADO JR, op. cit., p.9
- [16] Adail Jarbas DUCLOS, Centenário do

primeiro plano inclinado da Serra do Mar. revista Ferrovia, nº 340: p.13

[17] Ibidem, p.14

[18] Francisco F. HARDMAN, op. cit., p. 120

Bibliografia

- ANDRADE, Antônio. Mauá, o barão e o desenvolvimento do ABC. Revista Raízes. S. Caetano do Sul, 3: 43-45, Julho de 1990.
- COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República: momentos decisivos. 1ª ed. Editorial Grijalbo, 1977.
- DUCLOS, Adail J. Centenário do primeiro plano inclinado da Serra do Mar. Revista Ferrovia. S. Paulo, 340: 12-15, Julho de 1964.
- HARDMAN, Francisco F. Trem fantasma: a modernidade na selva. 1ª ed. S. Paulo, Cia. das Letras, 1988.
- HOLANDA, Sérgio B. Raízes do Brasil. 20ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1988.
- MORSE, Richard. Formação histórica de São Paulo. S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- PRADO JR., Caio. A cidade de São Paulo, 2ª ed. S. Paulo, Brasiliense, 1989.
- SAES, Flávio A. Marques. As ferrovias de São Paulo 1870-1940. S. Paulo, Hucitec, 1981.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão. 1ª ed. Brasiliense, 1981.
- ZANETTINI, Paulo Eduardo, Calçada do Lorena, o primeiro caminho para o mar. Memória, S. Paulo, 9: 14-18, out/nov/dez 1990. Boletim Paranapiacaba, Rffsa, s.d.

História. Revista Ferrovia. S. Paulo, p. 4, Setembro de 1986.

(*) Marcos Imbrizi, jornalista e historiador, é professor na Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Vale do Rio Doce (Univale), em Governador Valadares (MG).

Dois de Julho de 1950: nascia a Sociedade Brasil Unido

Raimundo da Cunha LEITE (*)

Foi no início da década de 50. Ao contrário do que ocorreu nos anos 40, quando os nordestinos e nortistas que migravam para São Paulo obrigatoriamente rumavam para o interior do Estado (a fim de trabalhar no desmatamento de glebas para o plantio de café e, posteriormente, no de algodão), o ciclo inverteu-se: a capital e as áreas periféricas, sobretudo a região do ABC (embrião do maior parque industrial da América do Sul), começaram a receber grandes levadas de migrantes provenientes do Norte e Nordeste.

Os que vieram para São Caetano defrontaram-se, ao chegar, com situações constrangedoras. Falta de moradia e dificuldades na obtenção de emprego (não apenas pela baixa qualificação, mas também devido ao preconceito) foram alguns dos problemas. Tudo isso levava aquela pobre gente a um verdadeiro estado de miserabilidade, motivo de preocupação e vergonha até para aqueles que, estando aqui já há algum tempo, gozavam de certo prestígio na sociedade (havia, entre os nordestinos de destaque, profissionais liberais e funcionários públicos).

Esses migrantes de maior projeção, preocupados com as condições de vida dos conterrâneos, criaram uma entidade que tinha por objetivo orientar socialmente os mais necessitados. Em dois de Julho de 1950, nas-



Grupo de fundadores da Brasil Unido. Aprígio Bernardino de Salles; (?); Bernardino Borges e Orlando Souza



Turma de formandos da escola da Brasil Unido



Diretoria atual, eleita no dia dois de Julho de 2000



Nos desfiles em comemoração ao aniversário da cidade e ao dia sete de Setembro, moças desfilavam portando bandeiras dos 21 estados da Federação, além de faixas identificativas de cada um deles. As bandeiras eram ofertadas, mediante solicitação da Brasil Unido, pelos governadores dos respectivos estados

ceu a Sociedade Beneficente Brasil Unido. Na falta de local mais amplo para a realização da assembléia de fundação, a reunião teve lugar no Restaurante Arrelaro, localizado na Rua João Pessoa - em frente ao Bamerindus (hoje funciona um estacionamento no local) - e propriedade do italiano Daniel Arrelaro. Foi Jorge de Souza

Muniz Ferreira, primeiro presidente da associação, o organizador do encontro.

A ata de fundação da *Brasil Unido* lavrou-se no local e dia mencionados. Os pioneiros foram: Francisco Afonso de Carvalho, Humberto Fernandes Fortes, Teodoro Balduino Ferreira, José de França Dias, Júlio Júnior de França, Pedro Herme-

negildo Ferreira, Francisco José de Souza, Luiz Dias da Silva, Antônio França Neto, Raimundo da Cunha Leite, Jorge de Souza Muniz Ferreira, Jair Batista, João Fernandes Calheiros, Francisco Tavares, Francisco José da Silva, Manoel Pedro Conceição, Aprígio Bernardino de Salles, Bernardino Borges, José Ferreira de Queirós, Manoel Tenório Filho, Augusto Muniz, Manoel João de Carvalho, Artur Pereira de Andrade, Aurélio Santos, Jorge Máximo de Azevedo, Abdias José da Silva, Celso Cardoso do Nascimento, Antônio Porfírio de Andrade, Antenor A. Brandão, Antônio Ferreira Pontes, Saturnino Bispo da Silva, Olívio Botelho, João Duarte de Souza, José Vicente de França, José Pereira de Carvalho, Antônio Saraiva de França e Manoel Hermenegildo do Nascimento. Dos 39 fundadores, apenas três sobrevivem e estão ativos na sociedade (essa é a informação que temos): Antônio Porfírio de Andrade, Raimundo da Cunha Leite e José Paulino Bispo.

As reuniões no *Arrelaro* aconteciam nas manhãs de domingo. Às 11h, quando os primeiros clientes começavam a



Solenidade comemorativa de fundação da Sociedade Beneficente Brasil Unido. Da esquerda para a direita: Joana Lacerda Leite, oradora; Júlio de Mello, presidente da Sociedade Beneficência Portuguesa; Oriundo Dal Pogetto, Oswaldo Samuel Massei, Jordano P. S. Vincenzi e Luiz Neves, vereadores; (?); José de França Dias; (?); Aprígio Bernardino de Salles; Júlio Marcucci; Nicolau Delic, Francisco de Almeida Claro e Mário Rodrigues. Julho de 1953

Raimundo da Cunha Leite

chegar, interrompíamos os debates. Vale lembrar que o Restaurante Arrelaro era o mais conceituado da cidade. E nenhuma macarronada era melhor que a servida nessa casa.

Logo de início, os organizadores da *Brasil Unido* tomaram consciência da importância de se possuir uma sede social adequada. Uma residência, situada na esquina das ruas Alagoas e Santo Antônio e pertencente à professora Maria Macedo (que, posteriormente, deu nome a uma das vias públicas de São Caetano), foi alugada (no local, atualmente, funciona um posto de gasolina).

Instalado, o grupo passou a

traçar planos de atuação. Num primeiro instante, a criação de uma escola para alfabetizar adultos e aprimorar os conhecimentos dos que já possuíam as primeiras letras foi a prioridade. De fato, a pouca ou nenhuma escolarização dos nordestinos dificultava o ingresso nas indústrias da região. Além disso, os estudos permitiriam ao migrante maior facilidade para integrar-se à comunidade; que na época era arredia em relação aos ditos *paus de arara*. A idéia era boa, mas faltavam condições financeiras para a concretização.

Foi nessa altura dos acontecimentos que o autor do texto pôde ajudar os companheiros. Assumindo a responsabilidade de prover a escola com mesas e bancos, também ofereceu-se como professor (pois o dinheiro não era suficiente para a contratação de um profissional). Logo depois, face ao sucesso do empreendimento e contando com o esforço de todos, foi possível contratar um mestre de verdade.

Nesse tempo, o SESI (Serviço Social da Indústria) havia criado os chamados *Cursos Preparatórios*. A Sociedade



Solenidade comemorativa ao dia sete de Setembro - Clube Comercial. Da esquerda para a direita: (?); contabilista Daniel Giardullo; (?); jornalistas Benedito Pinto de Oliveira e Severino Alves Guimarães; presidente Raimundo da Cunha Leite; orador Mário Cravo de Moraes; Aprígio Bernardino de Salles; Jorge de Souza Muniz Ferreira; vereador Luiz Dias da Silva; (?); vereador Rubem Darré; Dirceu Vieira de Souza e professor Joaquim Jácomo Formiga. Setembro de 1954

Raimundo da Cunha Leite



O presidente Raimundo da Cunha Leite cumprimenta as vencedoras do concurso Rainha da Brasil Unido. Baile de Confraternização da Brasil Unido, realizado no Clube Comercial, em 12 de Outubro de 1957

Beneficente Brasil Unido, mediante convênio com o Serviço Social da Indústria, ofereceu um desses cursos aos associados e também a quem se interessou pelo assunto. Para ministrá-lo, foi contratada a professora Joana Lacerda Leite, que lecionou até meados dos anos 70. Muitos foram os alunos que, dali saindo, ingressaram em escolas de nível médio e superior, conquistando posições de destaque em vários seguimentos da sociedade local; com efeito, vários professores, gerentes de banco, militares, contadores, funcionários públi-

cos e até poetas renomados passaram pela *Brasil Unido*. Foi assim que o nordestino, à custa de muita luta, começou a conquistar espaço na sociedade sancaetanense.

Vencida a primeira batalha, começou a tomar corpo a idéia da construção de uma sede que pudesse abrigar outras atividades na área social. Graças aos esforços da diretoria e do presidente Aprígio Bernardino de Salles, em pouco tempo foi possível adquirir um terreno de 1000 m². Localizava-se na Rua Alegre e pertencia a Edier Mompean Lopes e esposa

(Guiomar Bin Mompean). Embora tivesse sido obtido o tão sonhado imóvel, o tempo passava e os recursos necessários à construção da sede própria continuavam insuficientes. Nessa altura dos eventos, a *Brasil Unido* encontrava-se sediada em casa alugada junto ao casal Edier e Guiomar Mompean. A residência - posteriormente comprada pela organização - ficava na Avenida Nazareth, nº 717, Vila Barcelona (hoje Bairro Barcelona). A compra desse imóvel deveu-se à venda do terreno da Rua Alegre. Jean Liethaud, francês recém-chegado ao Brasil, foi o comprador da área. No local, fez instalar uma metalúrgica que, tempos depois, transferiu-se para o Município de Rio Grande da Serra.

Como fato histórico, vale lembrar que, sob a liderança do presidente Raimundo da Cunha Leite, foi organizada uma comissão encarregada de entrevistar o ex-Presidente da República Getúlio Vargas. Na mesma ocasião em que alguns vereadores sancaetanenses tinham audiência marcada, no intuito de reivindicar a construção de casas populares na área do IAPI (Instituto de Aposentadoria dos Industriários), a *Brasil Unido* pediu que Vargas contribuísse financeiramente para a construção da sede no terreno da Rua Alegre. O encontro teve lugar no Palácio do Catete, às dez horas da manhã do dia cinco de Julho de 1954. De viva voz, Getúlio Vargas prometeu que iria estudar a possibilidade de atender às reivindicações em questão. Infelizmente, 20 dias depois a nação ficou estarecida com o suicídio do Chefe de Estado.

Adquirida a casa da Avenida Nazareth, iniciou-se a construção de um grande salão que passou a abrigar a escola (festas para associados e familiares também eram realizadas no local). As demais dependências destinaram-se às atividades de caráter social desenvolvidas pelo grupo. Hoje, a *Brasil Unido* resume-se a um centro de convivência no Bairro Barcelona. Tanto a diretoria como o quadro social são constituídos, na maior parte, de *oriundi*. Melhor dizendo, *tutti buona gente*.

As festividades comemorativas dos 50 anos de fundação da Sociedade Beneficente Brasil Unido, levadas a efeito pela atual diretoria (comandada pelo presidente Sérgio Fernandes), ocorreram no dia 21 de Julho de 2000. Tratou-se de homenagem à altura das tradições da entidade. Placas alusivas ao dois de Julho de 1950, contendo os nomes dos fundadores e ex-presidentes que estiveram à frente da organização

Solenidade de formatura da escola da Brasil Unido (Sede Social, Dezembro de 1969). Da esquerda para a direita: professor Olavo Diniz Toledo - chefe de gabinete do prefeito; Oriundo Dal'Pogetto - Sociedade Portuguesa de Beneficência; vereador Júlio de Mello; Francisco Batista - presidente da Liga Sancaetanense de Futebol; prefeito Oswaldo Samuel Massei; Mário Martins - presidente da Sociedade Amigos do Bairro Olímpico; Jordano P. S. Vincenzi - Sociedade Beneficente São Caetano; (?); José de França Dias - presidindo a solenidade; (?); Jorge de Souza Muniz Ferreira - orador; Júlio Marcucci; jornalista Nicolau Delic; Francisco de Almeida Claro - secretário; jornalista José Pereira Martins; jornalista Mário Rodrigues e José Del Poente



Raimundo da Cunha Leite

ao longo de meio século de existência, foram solenemente inauguradas. Na ocasião, não faltaram discursos permeados de histórias e saudade. Como de praxe, outorgaram-se diplomas de *honra ao mérito* aos familiares dos fundadores e ex-presidentes já falecidos e também aos colegas que ainda estão entre nós.

A respeito do que foi e do que fez a benemérita Sociedade Beneficente Brasil Unido, ao longo de 50 anos, os *fac-similia* dos textos e as fotos que ilustram este despretensioso relato histórico dizem muito bem.

(*) Raimundo da Cunha Leite, ex-prefeito de São Caetano do Sul



Princesa Amélia Travo.
Julho de 1955



Gilenda Gomes Dantas, princesa do Quinto Baile de Confraternização, realizado em 13 de Dezembro de 1958



Baile de Confraternização da Brasil Unido, realizado no Clube Comercial, em 15 de Setembro de 1960. Princesa Marlene Serpganti

O Décimo Sexto Congresso de Prefeitos e o Primeiro Congresso Nacional de Municípios

José Odair da SILVA (*)

A eleição de dois de Dezembro de 1945, a primeira em dez anos, conferiu a Dutra uma vitória folgada e para muitos surpreendente. O novo Presidente da República fora eleito graças à máquina estatal, à clientela, ao PSD (Partido Social Democrata), à Igreja e ao apoio de Vargas. O general obteve 3.251.000 votos, 55,4 % do total válido. Eurico Gaspar Dutra foi ministro da guerra por dez anos, um recorde histórico (de cinco de Dezembro de 1936 a nove de Agosto de 1945). Foi combatente em 1922, 24, 25, 30, 32, 35 e 38, sempre do lado governista. Foi o chefe supremo do exército durante o Estado Novo (ditadura de Vargas) e, embora fosse germanófilo, comandou a FEB em 1944.

Nessa época, o mundo vivia a Guerra Fria. De um lado, os Estados Unidos, país ocidental e capitalista, do outro, a União Soviética, representando o socialismo e os países do leste europeu. A bipolarização levou o mundo a crises como as guerras da Coreia e do Vietnã e à corrida armamentista. A América Latina e, dentro dela, o Brasil, foi pressionada por Washington para apoiar os Estados Unidos.

Com a volta da independência dos três poderes e da eleição direta para presidente, os governos recobram a autonomia; porém, alguns prefeitos ainda não eram diretamente escolhidos, pois era preciso impedir a ascensão do Partido Comunista. Em pouco tempo, os comunistas foram colo-

cados na ilegalidade. Greves foram permitidas, desde que com o aval da Justiça do Trabalho. O governo interveio em 143 dos 944 sindicatos do País. A aliança de Vargas com Dutra foi rompida. O Brasil alinhou-se aos Estados Unidos e, quando o general americano Eisenhower visitou o Rio de Janeiro, teve a mão beijada pelo líder da UDN (União Democrática Nacional). Foi aprovado o Pacto do Rio, que permitiu a intervenção militar dos Estados Unidos no Continente. O Brasil rompeu relações diplomáticas com a União Soviética.

Para dar um melhor preparo aos oficiais superiores das Forças Armadas, Dutra criou a Escola Superior de Guerra. Nesse local, exaltava-se a importância da segurança e da ordem para o desenvolvimento nacional. Havia também uma forte pregação anticomunista. As grandes empresas americanas começaram a instalar-se no Brasil. As facilidades - doação de terrenos, baixos impostos, mão-de-obra barata - eram grandes. A importação foi autorizada. O dinheiro acumulado com as exportações permitiu que uma enorme quantidade de artigos de luxo entrasse no País. Os cassinos foram fechados, a usina de Paulo Afonso foi criada e a primeira rodovia do país foi asfaltada (rodovia Rio - São Paulo que, posteriormente, viria a receber o nome do presidente Dutra). O analfabetismo atingia 55% da população acima de 18 anos.

Nesse contexto, vários prefeitos do Estado de São Paulo reuniam-se, periodicamente, a fim de

discutir os mais variados assuntos referentes aos municípios. A idéia era a de analisar várias teses e, depois, apresentá-las em Petrópolis, local em que se agregavam os prefeitos de toda a nação. A cidade de São Caetano do Sul foi escolhida para ser a sede do XVI Congresso Estadual de Prefeitos. O Congresso era de vital importância política, pois São Paulo vivia apenas seu segundo ano de autonomia, tendo há pouco recuperado o direito à liberdade de escolha (- após 15 anos de ditadura Vargas). O *Ofício Circular aos Prefeitos*, enviado por Ângelo Raphael Pellegrino a 370 prefeitos do Estado de São Paulo, dizia o seguinte:

Tendo sido São Caetano do Sul escolhido sede do XVI Congresso da Bandeira de Prefeitos do Estado de São Paulo, cumprimos o grato dever de comunicar a V.Ex^a que ficou deliberado que se realize esse importante certame nos dias 22, 23 e 24 de Janeiro de 1950. Consideramos o mês de Dezembro último de certa forma impróprio devido às festas natalinas que todos desejam passar em seus lares. Ocorrendo a 25 de Janeiro, no aniversário da fundação de São Paulo, não poderiam os srs. congressistas assistir às festividades do dia.

Além da matéria para esta reunião, esperamos que os srs. prefeitos nos honrem, não só com suas presenças, mas também com a remessa de teses, pois muito há que dizer a respeito do peculiar interesse de todos. Conservando o mesmo teor das reuniões anteriores, esperamos nele poder encontrar vasto campo de estudo.

Devido à urgência, pedimos a V.Ex^a que se digne a confirmar, via telegráfica, a presença, a fim de que se possa providenciar a reserva nos hotéis da capital, de onde nossa cidade dista 15 minutos de ônibus. Esperamos, assim, que esta reunião do Congresso resulte, como as demais, numa autêntica prova de amor a São Paulo e às suas nobres instituições.

A cidade foi visitada pelo professor Nelson Omegna - catedrático de sociologia -, presidente da comissão - executiva que organizou o Primeiro Congresso Nacional dos Municípios. O sociólogo ficou muito satisfeito com o andamento das preparações. São Caetano do Sul era a primeira das novas cidades (criadas pela lei 223 de Dezembro de 1948) a sediar o Congresso Estadual. As críticas (inclusive de moradores do Município), contudo, não foram poucas (principalmente questionando a escolha de São Caetano como sede do evento). Diziam que, para ser sede do Congresso, um município deveria apresentar as belezas locais aos visitantes. Perguntavam: Possui São Caetano alguma coisa digna de ser vista? De fato, afirmavam que não viam na cidade sequer um belo jardim. *Acreditem, nossa cidade não tem nenhum jardim. Agora nos vemos na situação vexatória de não ter nada para mostrar aos prefeitos do interior, a não ser uma ou outra sede de clube, a nossa Prefeitura e só. E, para piorar, quando o calor é intenso sentimos um odor horrível que se desprende das sarjetas do centro da cidade, e que, provavelmente, é consequência da descarga de fossas cépticas. É por esse motivo que perguntamos se nossa cidade não deveria recusar o convite para sediar o Congresso.*

Por fim, Calazans de Campos,

diretor - administrativo da Prefeitura, confirmou a presença de vários chefes de Executivo de cidades como Araras, Assis, Araraquara, Amparo, Atibaia, Bauru, Monte Alto, Jaú, Serra Negra, Taquaritinga, Santa Barbara do Oeste, Caraguatatuba, Rio Claro, Quatá, Marília, Santo André, Taubaté, Mogi das Cruzes e Paraguaçu Paulista. Ao todo eram mais de 30 municípios representados. Entre as teses a ser discutidas, destacavam-se: fomento à pequena lavoura e à pequena indústria; agrupamento das cidades para a resolução de seus problemas peculiares; e sistema tributário.

Adhemar de Barros, Governador do Estado de São Paulo, apesar de ter confirmado a presença, não veio. Nas ruas de São Caetano do Sul, foram colocadas faixas que aludiam ao acontecimento e que agradeciam o comparecimento dos visitantes. No dia 24 de Janeiro de 1950, às 22 horas, no Clube Municipal, foi realizado um baile de honra aos congressistas. Aproveitando a ocasião, algumas obras foram promovidas: lançamento da pedra fundamental do Grupo Escolar de Vila Gerti, apresentação do carro irrigador de ruas e inauguração de três sinais luminosos em importantes vias públicas. Um desses semáforos, o da esquina da Avenida Goiás com a Rua Amazonas, acabou não funcionando.

Aproveitando a ocasião, a oposição manifestou-se dizendo que semáforos defeituosos haviam sido instalados e, tendo por base tamanha demonstração de falta de infra - estrutura, a escolha de São Caetano como sede do Congresso só poderia ter sido resultado de uma reunião de simpatizantes de Adhemar de Barros e do PSP (Partido Social Progressista). Diziam que, durante as dis-

cussões, os congressista muito elogiaram a administração do governador e não pouparam críticas violentas aos que combatiam seu programa administrativo. Para a oposição, o Congresso desgraçadamente havia se tornado uma concentração de *adhemaristas*, e não uma grande reunião municipalista. Os opositoristas batizaram o evento de *O Congresso que não houve*. Mesmo assim, alguns nomes marcaram presença: o deputado estadual Cunha Bueno, o secretário da fazenda, Lineu Prestes, o secretário da viação e obras públicas, Lucas Nogueira Garcez, e o secretário das finanças da Prefeitura de São Paulo, João Pacheco Fernandes.

Depois do Congresso Estadual, São Caetano do Sul preparava-se para o Primeiro Congresso Nacional de Municípios. O encontro seria muito importante, pois iria reunir a elite dos municípios brasileiros, no intuito de discutir problemas comuns. Entre os principais assuntos, destacava-se o da melhor distribuição de renda. Pleitear-se-ia uma arrecadação racionalizada, buscando harmonizar os interesses de Município, Estado e União. Críticas seriam feitas ao Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, que se preocupava apenas com a defesa dos interesses estrangeiros no país.

O chefe da Seção de Lançadoria e Fiscalização da Prefeitura Municipal, Mauro Corvelho, iria expor, no Congresso, uma idéia já há algum tempo amadurecida. Pediria a regulamentação de um ponto, contido no artigo vigésimo da Constituição Federal, cuja aprovação permitiria a São Caetano do Sul contar com recursos de mais cinco milhões de cruzeiros anuais. O próprio autor explicou a tese: *Em São Caetano existem grandes firmas que, no entanto,*

estão legalmente vinculadas à cidade de São Paulo. Por conseguinte, aí fazem o faturamento das mercadorias produzidas e vendidas em São Caetano do Sul. A legislação do Estado autoriza as firmas a adquirir os selos de faturamento no local em que se processa a escrituração; no caso, a capital. Dessa forma, deixa de ser computada, como arrecadação do Estado no Município de São Caetano do Sul, a importância desses selos de vendas. Pretendemos que, para efeito do cálculo da arrecadação do Estado, seja levado em conta o selo empregado no faturamento de mercadorias produzidas ou vendidas em São Caetano do Sul. Tal medida tem um fundo eminentemente municipalista, não sofrendo qualquer prejuízo a cidade de São Paulo, uma vez que não participa da distribuição estabelecida pela Constituição Federal.

Outra tese que seria apresentada por São Caetano do Sul dizia respeito ao direito do Município em fiscalizar as rendas do Estado. Isso, em parte, já era feito, pois a fiscalização municipal sempre pôde exigir que os livros fiscais fossem exibidos. No entanto, o que se pleiteava era o direito de verificar a sonegação do fisco estadual, com a finalidade de determinar o recolhimento da importância devida.

E foi assim que, com duas idéias, a comitiva de São Caetano do Sul embarcou para o Rio de Janeiro. Prestigiaram os congressistas os membros da Sociedade Amigos de São Caetano do Sul, da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, da Sociedade Beneficente Príncipe de Nápoles, o presidente da Câmara Municipal, Jacob João Lorenzini, o tesoureiro da Prefeitura, Vinício Ricci, o diretor da vereação local, Paulo de Oliveira Pimenta, entre

outros. A delegação de São Caetano do Sul era composta por Arlindo Marchetti, Olga Montanari de Mello, Antônio Dardis Neto - todos da Câmara Municipal -, Mauro Corvelho e Calazans de Campos (esses últimos da Prefeitura).

No encontro, esteve presente, assumindo a direção dos trabalhos, o Presidente da República, general Dutra. Em nome dos congressistas, falou o vereador Jânio Quadros, de São Paulo. Também marcaram presença o ministro do Trabalho, o ministro da Justiça, o Governador do Rio de Janeiro, o vice-governador de São Paulo, o Governador do Pará e o Governador do Espírito Santo.

De início, a cidade de São Caetano do Sul assumiu uma postura de liderança. Antônio Dardis Neto adiou a sessão para que fosse possível eleger os membros da mesa - diretora. Num total de dois mil congressistas, São Caetano do Sul foi eleita, para a quarta suplência da secretaria geral, na figura de Antônio Dardis Neto. Batendo nove Estados, foi o único município que conseguiu representação nessa categoria. São Caetano do Sul ainda elegeu Calazans de Campos como presidente da Comissão para Serviços Públicos de Competência Municipal. Esse órgão deveria tratar do seguinte assunto: paralelismo funcional ou superposição hierárquica dos serviços municipais, estaduais e federais.

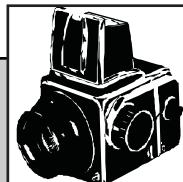
Para discutir a tese *Agrupamentos de Municípios para solução de problemas regionais*, foi eleita uma comissão cujo presidente era Arlindo Marchetti. Olga Montanari de Mello foi eleita primeira secretária da comissão encarregada do assunto *Participação da Administração Municipal nas Atividades Econômicas, So-*

ciais e Culturais da Comunidade. Antônio Dardis Neto foi eleito presidente da comissão responsável pela abordagem do tema *Caracterização e Definição de Autonomia Municipal - Conceito Político e Social do Município*.

Na comissão que tratava da reforma tributária, assunto dos mais importantes para o Congresso, Calazans de Campos apresentou três teses: planificação dos serviços municipais (esse plano abrangia o urbanismo, saneamento, água e esgoto, educação, administração e arrecadação); revisão do Plano Rodoviário Nacional (a tese criticava o projeto, porque este deixava de lado os pequenos municípios); e profilaxia do alcoolismo (elaborava um plano federal de combate ao consumo de álcool).

Arlindo Marchetti sugeriu o agrupamento dos municípios no sentido de resolver os problemas de água potável, esgoto, bancos municipais de crédito, energia elétrica, escolas municipais e hospitais. Olga Montanari de Mello sugeriu a criação de uma comissão de congressistas, com a intenção de elaborar o projeto de um documento que balizasse as ações dos municípios. Ainda que sofrendo forte oposição de um deputado carioca, a tese recebeu apoio integral dos demais políticos. Finalmente, na Grande Plenária, Mauro Corvelho conseguiu aprovar sua proposição relacionada às quotas dirigidas aos municípios. O Poder Judiciário tomou as medidas necessárias, e São Caetano do Sul foi vitoriosa no Primeiro Congresso Nacional de Municípios (realizado em Abril de 1950, na cidade de Petrópolis).

(*) José Odair da Silva, mestre em História



**Memória
Fotográfica**

1 - Foto panorâmica, de 1957, do Bairro Olímpico (antigo Monte Alegre Novo). A esquina em primeiro plano é formada pelas ruas Dr. Augusto de Toledo e Castro Alves. Ao fundo, o Estádio Municipal Anacleto Campanella



Fundação Pró-Memória

2 - Em Março de 1960, às vésperas da inauguração de Brasília, o prefeito de São Caetano do Sul, Oswaldo Samuel Massei, visitou o Palácio do Planalto, em companhia do bispo diocesano de Santo André, dom Jorge Marcos de Oliveira, do vereador Walter Braido e de um religioso não identificado



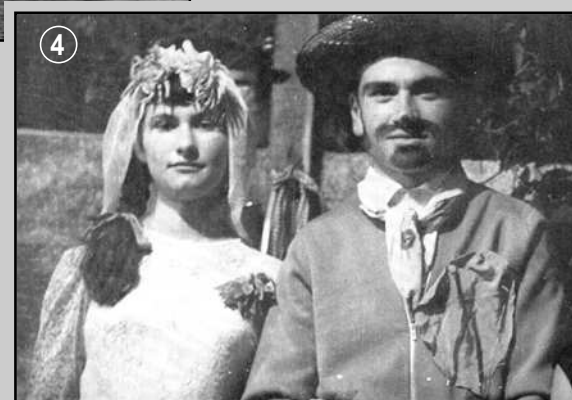
Fundação Pró-Memória

3 - Avenida Goiás, esquina com a Rua Amazonas, em 1962, com pista única e calçada com paralelepípedos



Fundação Pró-Memória

4 - Nas festas juninas de 1959. Naquela época, em São Caetano, era muito comum as famílias dos bairros reunirem-se nas ruas para os festejos de Santo Antônio, São João e São Pedro. Na foto, os noivos da festa caipira realizada no cruzamento das ruas Prudente de Moraes e Floriano Peixoto, em 28 de Junho, no Bairro Santa Paula (antiga Vila Paula)



Fundação Pró-Memória




Memória Fotográfica



Jayme da Costa Patrão

1 - Em 26 de Junho de 1960, foi realizada a solenidade de entrega dos certificados de aprendizes (decoradores-ceramistas) da Escola Senai Armando de Arruda Pereira, em São Caetano do Sul. Na foto, paraninfos e convidados, em visita às dependências da escola e à exposição de trabalhos. Da esquerda para a direita: Anacleto Campanella, vereador representando a Câmara Municipal de São Caetano do Sul; Rubens da Costa Patrão, representando a Cerâmica Artística da Costa e a Ciesp São Caetano; José de Souza Martins, jornalista do jornal News Seller; Arthur Scotti, paraninfo e gerente da Cerâmica Miranda Coelho Ltda; Ernesto Strazes, diretor do Senai de São Caetano

programa	Anacleto Patrão vareador	 2
<p>DIA 26 DE JUNHO DE 1960</p> <p>8,40 horas</p> <p>Missa em Ação de Graças na Matriz Nova.</p> <p>Nas dependências da Escola</p> <p>10 horas</p> <p>Parte Esportiva.</p> <p>10 horas</p> <p>Sessão Solene.</p> <p>10 horas</p> <p>Visita às dependências da Escola e a Exposição de Trabalhos.</p>	<p>SENAI</p> <p>SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL</p> <p>O SENAI é uma instituição de ensino, mantida e dirigida pela Indústria</p>	<p>DEPARTAMENTO REGIONAL - da REGIÃO (São Paulo - Baudena)</p> <p>ESCOLA SENAI ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA</p> <p>ENTREGA DE CERTIFICADOS DE APRENDIZAGEM</p> <p>CONVITE</p> <p>PLA SOTACAZES, 074 - SÃO CAETANO DO SUL.</p>

Jayme da Costa Patrão

2 e 3 - Convite da entrega de certificados de aprendizagem da Escola Senai Armando de Arruda Pereira

<p>Os Aprendizes que concluíram os cursos da Escola SENAI "Armando de Arruda Pereira", convitam V. S. e Família para assistirem à solenidade de entrega de seus Certificados, a realizar-se no dia 26 de Junho de 1960 às 15 horas, no Pavilhão Social da Escola, sito à rua Colinas, 174.</p> <p>A COMISSÃO</p> <p>Especialmente convidado, falará o Sr. Arthur Scotti, D. R. Gerente de Cerâmicas Miranda Coelho Ltda.</p> <p>Oradores da turma:</p> <p>Glanice Oberling</p>	<p>aprendizes</p> <p>Decoradores</p> <p>Ceramistas</p> <p>Waldomiro Camargo Alves Mária Vicentina Vilas Boas Alice do Carmo Aparecida Neri Ester Nain Glanice Oberling Antonio Zavatti Filho</p>	<p>3</p> <p>Modeladores</p> <p>Ceramistas</p> <p>José Marcos de Oliveira Altibano José Scapinello</p>
--	---	--

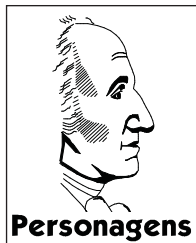
Jayme da Costa Patrão



Família Fernandes

4 - Foto de 1954 com os instrutores da Auto-Escola Gilda, sr. Marcelino Fernandes Torralva [à direita] e Manuel Leria [à esquerda]. O carro é um Chevrolet, tipo Romana, de 1932. O nome Gilda era homenagem à esposa do sr. Hindenburg, primeiro sócio da auto-escola

Girolamo Ceschim, a voz mais harmoniosa da Barra Funda



Personagens

Oscar
GARBELOTTO(*)

Girolamo Ceschim nasceu em Nervesa Della Battaglia, Trevisa,

região do Vêneto, Itália, em 7 de Janeiro de 1903. Como tantos italianos, após a Primeira Guerra Mundial, veio para o Brasil, em busca de um futuro melhor, pois a Europa estava destruída. Fugiu da miséria, em busca das promessas brasileiras, em 1921, junto com outros conterrâneos: os Bassetos e os Morets.

Na longa travessia do Atlântico, acabou conhecendo a jovem e bela italiana Brígida Moret. O destino separou-os logo no desembarque: ela, com a família, foi para a fazenda Martinho Prado, em Ribeirão Preto; ele, para São Manoel. Ambas as cidades ficam no Estado de São Paulo. O amor, porém, falou mais forte, e Girolamo foi em busca de Brígida. O casamento ocorreu em Toledo, pequeno lugarejo entre São Manoel e Botucatu. Tiveram dois filhos: Pedro, nascido em São Manoel, e Casério, nascido, tempos depois, em São Caetano. Após o nascimento do primeiro filho, a família, mais uma vez em busca de melhores condições de vida, veio para São Caetano. O casal iniciava uma nova etapa na cidade, quando, em 1928, Brígida teve que retornar à Itália para tratamento de saúde, levando Casério, ainda muito pequeno. Em

Girolamo Ceschim,
na década de 40



Fanny Scartozzoni



Fanny Scartozzoni

Girolamo Ceschim, a esposa Brígida e os filhos Pedro e Casério, em foto dos anos 20

1948, Casério voltou para o Brasil, onde casou e fixou residência. Brígida permaneceu para sempre na Itália.

A VIDA PROFISSIONAL DE GIROLAMO - bem como a personalidade - era pacata e estável. No Brasil, seu primeiro trabalho foi como padeiro: fazia e entregava pães para um grande estabelecimento local. Na década de 1940, resolveu investir em comércio e assumiu um pequeno bar, que era de seu irmão mais velho, Vitório, na Rua 28 de Julho, 154. Reformou-o e construiu duas canchas de bocha, com a ajuda de seu irmão, colocando um novo nome no estabelecimento: *Bar*

do Momi. Associava, definitivamente, seu apelido a um dos estabelecimentos que acabou marcando época na cidade (nas décadas de 50, 60 e 70, sob a direção dos irmãos Garbelotti e outros): *o Recreio do Momi*. O negócio de Girolamo trouxe, novamente, para a Barra Funda (o Bairro Fundação), a vida social que desaparecera com a saída do campo de esporte e da sede social do São Caetano Esporte Clube. A Barra Funda recuperou o "título" de primeiro bairro da cidade, graças ao movimento proporcionado pelas quadras de bocha e pela excelente qualidade do restaurante do estabelecimento. Momi,



Bar do Momi, em 1939. De pé, da esquerda para a direita: 1-(?), 2-Eduardo Paolillo, 3-José Maria, 4-Górico Martorelli, 5-(?), 6-(?), 7-(?), 8-(?), 9-(?), 10-Ernesto Ceschim, 11-Ângelo Piccolo, 12-Girolamo Ceschim (Momi), 13-(?), 14-(?). Sentados, da esquerda para a direita: 15-Graciano(?), 16-Albino Martorelli, 17-Maestro(?), 18-Dino D'Agostini

Armando Lopes

como era carinhosamente chamado, deixou sua marca definitiva na memória local. Antes, porém, do *Bar do Momi*, Girolamo destacou-se como presidente do Lázio, clube de seu coração, e que ajudou a fundar, em 1930.

Dotado de belíssima e afinada voz de barítono, era sempre destaque nos serões de música italiana que marcaram São Caetano naquela época. Cantava-se muito, cantava-se sempre, tudo era pretexto para cantar. *La su su montagne, fra bosqui e validos...* Desse modo, Momi começava a cantar a

Montanara, numa postura que impressionava: em pé, com imponente presença, de olhos fechados, como que rememorando as belas paisagens italianas cantadas na música. Todos se calavam e lágrimas vertiam pelos rostos sofridos dos italianos saudosos. Não faltava a nenhuma reunião promovida por Cândido e Amália Piccolo, seus primos, todos os domingos, no fim da tarde. Girolamo, os filhos do casal, genros e noras formavam um grande coral, do qual faziam parte Humberto, Ângelo, Rosa, Amábile, Te-reza, Albino (Bepi) Piccolo,

Arthur Garbelotto, Mero Mário Basso e Gisberto Grigoletto. Albino continua a cantar no clube da terceira idade, do qual faz parte, situado à Rua Rafael Correia Sampaio.

A vida profissional e a doença de sua segunda esposa, Ângela, levou Momi para longe de São Caetano. No final da década de 1950, trabalhando para uma construtora, transportava materiais para erguer os imponentes prédios que começavam a surgir no Guarujá. Com ele, fiz algumas entregas destinadas à construção do edifício *Sobre as Ondas*, o primeiro a ser erigido no Guarujá, entre as praias de Pitangueiras e Astúrias. Anos mais tarde, foi morar na Praia Grande, onde veio a falecer, em 22 de Janeiro de 1975. Foi enterrado no Cemitério da Cerâmica, em São Caetano.

Seu nome está gravado na memória da cidade, e muitos ainda se lembram daquele homem cordato, alegre, de porte belo e elegante. O "homem-emoção" que, ao se lembrar das belezas de sua terra natal, as cantava e as sentia, cerrando os olhos e soltando sua bela voz de barítono para quem quisesse ouvir. E a bela Itália, como num gesto mágico, desenhava-se na mente de cada um. O pensamento - sincero e emotivo - gerava a imagem tão querida... Momi era capaz disso. (*Colaboração de Morisa Garbelotto Rodegher*)



Bar do Momi, década de 70

Armando Lopes

(*)Oscar Garbelotto é advogado, professor e coordenador cultural do Instituto Municipal de Ensino Superior - IMES

Memórias que se perdem: histórias de Giovanni Tonus

Henry VERONESI (*)

Como já é do conhecimento dos nossos leitores, São Caetano foi, na sua fundação, uma colônia de italianos, uma colônia de famílias oriundas principalmente da região do Vêneto. Em função disto, nos primeiros tempos, o dialeto vênето era voz corrente pelas ruas da cidade. Porém as coisas mudaram e nos dias de hoje pode-se contar nos dedos as pessoas que ainda falam o vênето aqui em São Caetano. *Quando i amici i se catea per le vie i parlea come int'ella veccia Itália* (Quando os amigos se encontravam pelas ruas falavam como na velha Itália). Isto fez com que muitas outras famílias, uma influenciada pela outra - até os anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial - viessem fixar-se por estas bandas. Uma destas famílias, é a família Tonus, de Treviso, cujo patriarca, Sr. Giovanni Tonus, após ter sofrido todas as agruras da Primeira Guerra Mundial, inclusive tendo participado dela como soldado, resolveu vir para o Brasil. *Insieme alla fêmena e i fiói, co'l fagotin a sulle spalle 'l zê vinhesto via* (Junto com a esposa e os filhos, pegou o bernal nas costas, veio embora), Ângela era a esposa, e os filhos eram: Victório, Rino, Enrico e Roberto. Como imigrante, veio tentar a sorte no Brasil. Assim, embarcando em Gênova, no ano de 1921, no navio *Tomaso di Savóia*", para cá veio com o intuito de far



Angela e Giovanni Tonus, em foto dos anos 60

l'América, o que para eles significava fazer fortuna.

Inicialmente foram para Colina, cidade próxima à Barretos, trabalhar nas lavouras de café, lá permanecendo até o

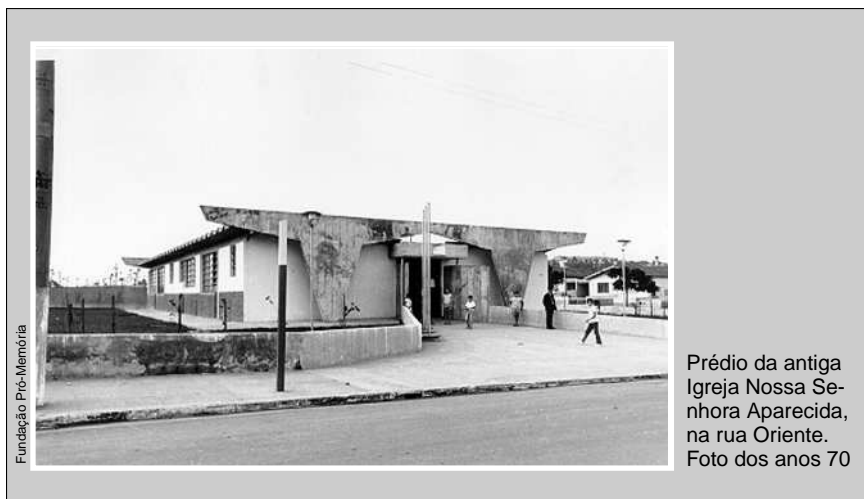


Giovanni Tonus, o Nonno, em foto dos anos 70

ano de 1939, quando, com filhos, quase todos casados, noras e netos, vieram para São Caetano. Foram todos morar ali na Rua José de Alencar, travessa da Rua Roberto Símonsens, antiga Rua Santo Antonio, e dali, cada um foi arranjando um trabalho nas inúmeras indústrias que aqui já existiam, para, pouco a pouco, radicarem-se definitivamente aqui em São Caetano.

Com o passar do tempo, cada filho foi construindo a sua própria casa e se mudando, até que por fim o *nonno* Giovanni foi morar com o filho mais novo, o Roberto, alí na Vila Barcelona, mais precisamente na Rua Votorantim, onde acabou se transformando, pelas suas peculiaridades, em figura folclórica. Sempre manteve as tradições italianas, entre elas, *bever un bel goto de vin* e cantar *Il mazzolin di fiori* (Beber um belo copo de vinho e cantar *O macinho de flores*). Nunca conseguiu falar corretamente o português, mas, mesmo assim, conseguia fazer-se entender, com aquela bela salada que ele fazia com o vênето e o português. Dessa forma todas as histórias que ele contava, tornavam-se engraçadas, fosse qual fosse o motivo

O *nonno* sempre foi do tipo bonachão, brincalhão, e por isso mesmo e por sua modéstia, era uma uma pessoa muito querida ali na vila. Sempre produzia cenas realmente hilariantes e inesquecíveis. Havia se tornado uma figura muito



Prédio da antiga Igreja Nossa Senhora Aparecida, na rua Oriente. Foto dos anos 70

querida ali no bairro onde residia. Era muito solicitado pelos amigos, para contar *causos* acontecidos durante a sua vida, principalmente de fatos relacionados à sua participação na Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918.

Sua amizade extrapolava a vila em que morava, o círculo de amizades que mantinha na vila era muito amplo, como é lembrado pelo neto. O *nonno* era uma figura imprescindível na roda de amigos da Vila Barcelona, onde viveu seus últimos anos. Tinha como amigos íntimos os Neros, Jacintos e Vicentes; os Acerbis, Pieros, Bep-pis e Aldos; os Riccis, Pascoals e Fortunatos; os Fiorottis, *nonna* Regina e Otávio; e muitos outros de outros bairros circunvizinhos. Sua maior paixão era *dogar la boccia, andar, spasso e ciacolar* (jogar bochas, passear e bater papo).

A Igreja Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Barcelona, até a década de 50, era apenas uma pequena capela que fazia frente para a Rua Flórida, com capacidade insuficiente para a demanda dos fiéis frequentadores. Na década de 60, teve início a construção de no-

vo prédio, com capacidade para atender a crescente população do bairro, prédio este que fazia frente para a Rua Oriente. Este prédio manteve as suas funções por longos anos, sob a orientação, principalmete, do Padre Canísio, até ser substituído por um prédio mais moderno, com maior capacidade e com instalações mais adequadas as exigências atuais.

Na época da construção do segundo prédio, era comum as



Campanário da Igreja Nossa Senhora Aparecida, do Bairro Barcelona. Imagem dos anos 70

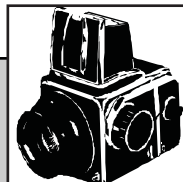
auxiliadoras da igreja peregrinarem pelas ruas do bairro, angariando fundos para a construção. Nessa ocasião, um belo dia, a casa dos *nonnos*, Angela e Giovanni, recebeu a visita de uma comissão de senhoras, afim de solicitar a contribuição mensal voluntária. Pelas senhoras, foi pedida a doação, sendo prontamente atendidas pela *nonna* que ofereu uma contruição de R\$ 5,00, justificando-se e pedindo desculpas às senhoras, porque naquele mês só poderia dar aquela quantia, porque afinal de contas eram pobres.

O *nonno* Giovanni, que a tudo presenciava, enquanto as senhoras estavam presentes não se manifestou a respeito. Quando as senhoras se retiraram, o *nonno*, que fazia o controle da economia familiar deu uma bronca na *nonna*, em vêneto:

- *Vigliacca, cagna dall'ostia, mi me strategne da beber una Caricu par sparagnar cinque fiorini e ti te ghe dá alla ciesa e anca te domanda scuse. Ah! signorina, scusa se i zê pochi, ma noantri semo poretti* (Velhaca, danada, eu me seguro para não gastar cinco cruzeiros tomando uma Caracu e você dá de esmola, e ainda pede desculpas, chorando miséria. Ah! senhorita, desculpe se é pouco, é que nós somos pobres.)

Os depoimentos foram realizados por Antonio Roberto Tonus, um dos netos do *nonno* Giovanni, que faz questão de manter as tradições, e que também é um dos poucos descendentes, brasileiros, que ainda falam o vêneto.

(*) *Henry Veronesi é advogado, administrador de empresas e ex-conselheiro da Fundação Pró-Memória*



**Memória
Fotográfica**

1 - Formatura da Escola de Desenho Técnico Santo Antônio, em 1963. Da esquerda para a direita: professor Gino, Rosa(?) (secretária), professor José Demambro, professor José Premazzi, Zuleika Pires, Anacleto Pires (diretor da escola) e o professor Norberto Victor Barille



Fundação Pio-Memória

2 - Vista panorâmica do antigo Buracão da Cerâmica, em foto de 1963. Posteriormente, no local foi construído o Espaço Verde Chico Mendes e o Palácio da Cerâmica, sede da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Na foto, quatro estudantes do Ginásio Barão do Rio Branco: Walter Santi, Nivaldo Santi, José Parra e Dárcio



Walter Santi



Surge uma nova era quando:

Nossa Cidade Engalana-se Para Festejar Seu 79.º Aniversário, Recebendo Hoje às 16 Horas, à Rua Mons. Francisco de Paula, o Melhor Presente Que Poderia Almejar: - O Início da Construção de Sua Central Telefônica. Que Permitirá Aos Habitantes Desta Cidade, Contar Inicialmente Com 2.000 Telefones Para Ligação Direta AUTOMÁTICA Entre os Municípios da Região e Também Com São Paulo a Partir de Novembro de 1957.



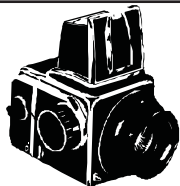
Jornal de São Caetano

3 - Publicidade da Companhia Telefônica da Borda do Campo, de Julho de 1956, por ocasião do 79º aniversário de São Caetano do Sul. Anunciava-se o início da construção da Central Telefônica, localizada na Rua Monsenhor Francisco de Paula, Bairro Santa Paula

4 - Equipe dos veteranos do São Caetano Esporte Clube, década de 50. Da esquerda para a direita, em pé: Antônio Mosca, Nelson Braido, Aristides Balsamo, Sérgio Lorenzini, Geraldo Mosca, Ninin e Vado Agachados: Fubá, Belloni, Sulinho, Escovinha, Ângelo Marinotti e Miguelú



Narciso Ferrari



Memória Fotográfica



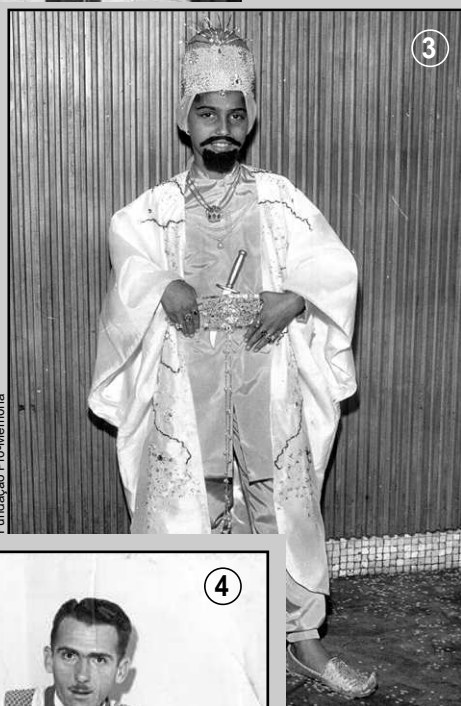
Paulo Domingues

1 - O artista plástico Paulo Domingues tinha por hábito divulgar os filmes exibidos no cine Vitória, através da montagem de cenários típicos, no saguão do cinema, com temas alusivos ao roteiro dos filmes em cartaz. Nesta foto, de 1962, o cenário foi montado em função do filme *Casinha pequenina*, com o comediante Amácio Mazzaropi.



Fundação Pró-Memória

2 - Em cerimônia alusiva ao dia da Bandeira Nacional, realizada em São Caetano, em 19 de Novembro de 1958, o coronel Juventino Borges apresentou-se com a Banda Marcial da Força Pública (atual Polícia Militar), em frente ao antigo quartel da Rua Rio Grande do Sul. O prédio ao fundo é o antigo Teatro Padre Alexandre Grigoli [depois Cine São Caetano, Cine Aquarius, e atualmente dependência interna da Escola Sagrada Família].



Fundação Pró-Memória

3 - No carnaval de São Caetano, em 1961, foi apresentada, nos salões do Clube Comercial, a mais rica fantasia infantil do ano, intitulada *Marajá da Índia*. Quem a trajava era o menino Baruch Salim Zeitoune, filho do casal Ilda Gerloff e Salim Zeitoune. A fantasia teve um custo de 40 mil cruzeiros e era toda bordada em pedras e lantejoulas.



Fundação Pró-Memória

4 - Em 1958, a Rádio Cacique de São Caetano do Sul apresentava, todas as sextas-feiras, às 22h00, um programa denominado *Conversando com o Prefeito*. O prefeito Oswaldo Samuel Massei respondia a perguntas formuladas através de cartas. As questões versavam sobre problemas administrativos do governo municipal. Na foto, o prefeito (à esquerda), tendo ao lado João Nunes, diretor da Rádio Cacique e também apresentador do programa.

As experiências de Emígdio Perrella, rememoradas por ele e pela esposa

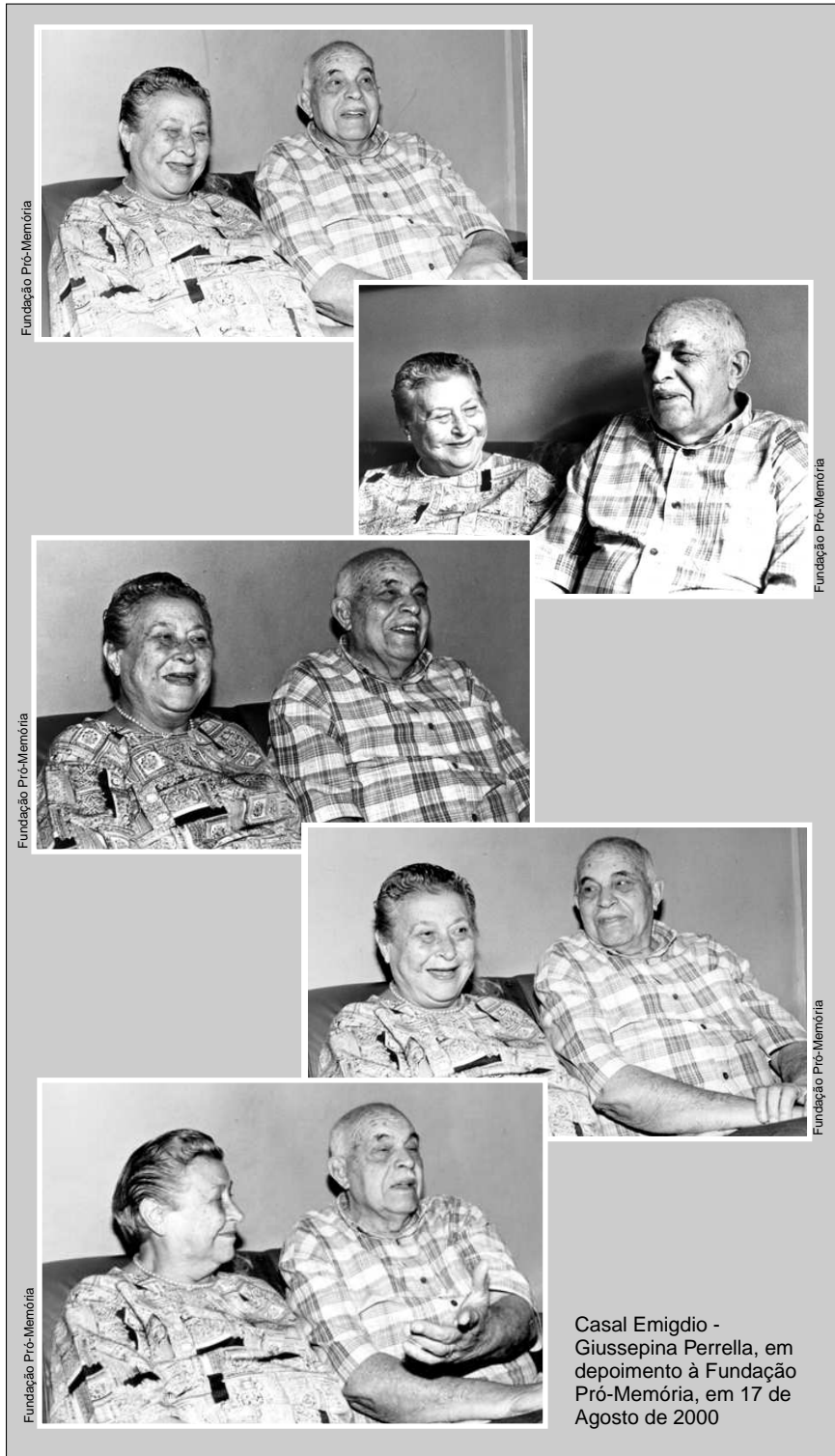


Kelly Cristina
Maregatti MANZINI(*)

Bonde, carro movido a gasôgênio, parreira, namoro no portão, Matarazzo... Coisas como essas marcaram o passado e ainda estão na lembrança de Emígdio Perrella, mais conhecido como *mosquito*. Recebeu o apelido, ainda jovem, por ser muito magro. Hoje, continua sendo carinhosamente chamado de *sr. mosquito*. Nasceu em 18 de Dezembro de 1924, numa casa na Praça Ermelino Matarazzo, em São Caetano do Sul, filho de João Perrella e Rosa Céspedes Neves Perrella. Em oito de Outubro de 1949, casou-se com Giuseppina Bassani (nascida no interior, veio para São Caetano aos 15 anos de idade). Têm dois filhos e quatro netos. Há 50 anos moram no Bairro Fundação.

Perrella fala pouco. Algumas vezes, durante a entrevista, pedia para a esposa relatar os fatos, pois era dominado pela emoção da lembrança (isso ocorreu, por exemplo, quando tentou narrar o nascimento da filha). De fato, em 17 de Agosto de 2000, dia da entrevista, Giuseppina Perrella dividiu as atenções com o marido. Enriqueceu os relatos e acrescentou histórias, permitindo, dessa forma, que as experiências de Emígdio fossem melhor conhecidas. Há 50 anos juntas, as vidas se confundem.

LEMBRANÇAS - Emígdio Perrella lembrou dos jogos de bola



Casal Emígdio -
Giuseppina Perrella, em
depoimento à Fundação
Pró-Memória, em 17 de
Agosto de 2000



Flagrantes da Sra. Giuseppina Perrella (Dona Pina)

Fundação Pro-Memória

(maior diversão), das brincadeiras de rua, das broncas da mãe: (...) eu vinha correndo da escola e nem entrava em casa. Largava o material na rua e ia jogar bola. Contou, orgulhoso, como conheceu Francisco Matarazzo. Todas as segundas-feiras, o "conde" ia visitar a fábrica. Ele passava de carro e, ao ver as crianças brincando na rua, parava. Descia do carro e dava bola e dinheiro para nós. Também jogava umas moedas para cima para a gente pegar. Isso foi por volta de 1936. Francisco Matarazzo faleceu em 1937.

Cursou o primário no colégio Senador Fláquer. Era um tanto falante e distraído (certa vez, quebrou o vidro de tinta da professora. Isso lhe custou algumas horas em pé, atrás da porta). A exemplo dos irmãos, foi coroinha na Igreja Matriz do Bairro Fundação. O coroinha ajudava o

padre. Antigamente, a missa era toda em latim, e tínhamos que entender tudo o que o padre fa-



Foto do casamento do casal Emigdio - Giuseppina Perrella, realizado em 8 de Outubro de 1949

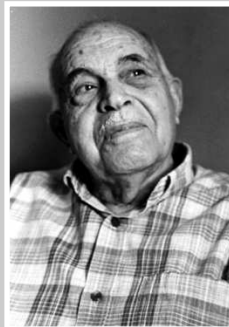
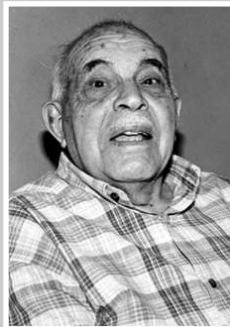
Família Perrella

lava. O senhor entendia? Não, não entendia. Mas, só com os gestos, já sabíamos o que deve-

ria ser feito. Regularmente, ajudava na missa de domingo. Porém se algum garoto faltava, durante a semana, o padre vinha chamá-lo para ajudar nas missas diárias (celebradas às sete horas da manhã). Ao terminar o culto, disparava em direção à escola.

Em 18 de Outubro de 1938, aos 13 anos, começou a trabalhar nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Era ajudante mecânico. Após concluir o curso de mecânica, na Escola Getúlio Vargas, onde estudou de 1942 a 1945, passou a oficial. Em seguida, tornou - se contra - mestre. Tempos depois, foi elevado a mestre na área de manutenção mecânica das indústrias Matarazzo (onde se aposentou, em 1973). Continuou trabalhando até 1982.

Na juventude, batalhou muito. Entrava às sete horas da manhã no emprego. Saía às 17h. Às



Emigdio Perrella (Mosquito) lembra eventos de sua vida

Fundação Pro-Memória

17h40 pegava o trem para ir à escola. Chegava em casa por volta de meia - noite. Se perdesse o trem de retorno, tinha que pegar o ônibus - chamado de gasogênio -, movido a carvão vegetal. No gasogênio, o percurso Parque Dom Pedro - São Caetano demorava mais de uma hora.

Emígdio e Giuseppina conheceram-se na época em que moças e rapazes flertavam à distância; isto é, ficavam parados, na rua, cada grupo de um lado. Ele tinha 19 anos. Ela, 18. Naquele tempo, os casais namoravam em casa. (...) *Éramos em três irmãs. Eu era a mais nova, e todas namorávamos. A casa era pequena, e cada uma ficava num canto. Para a mais nova sobrava o portão (...), lembra Giuseppina. A principal diversão do par era ir ao cinema (havia o Cine Urca, na Rua Manoel Coelho, e o Cine Central, na Rua Perrella). No carnaval, freqüentavam o baile do Clube Lazio. Após o casamento, Giuseppina saiu, a pedido do marido, da Fábrica de Botões Aliberti, onde trabalhou por oito anos. Passou a dedicar - se ao lar, ao esposo e aos filhos.*

EMOÇÃO - Emígdio Perrella presenciou o nascimento dos dois fi-



O casal Emidgio - Giuseppina Perrella participando de um baile de carnaval na década de 50

lhos. O menino nasceu em casa, com parteira. A menina, no hospital (conforme orientação de dona Rosa, mãe de Emígdio). Giuseppina observava todos os conselhos da sogra.

A primeira criança nasceu em 1951. Perrella rememorou as horas que antecederam o parto: *Eu tinha ido jogar um casados x solteiros. Na volta, a turma costumava ir no bar do meu pai tomar chope e comer sanduíche. Ela (Giuseppina) pediu chope para mim. Eu fui lá e dei para ela beber. Ela tomou um gole. Aí minha mãe veio me dizer para ir*

correndo chamar a parteira. Fui até em casa ver o que tinha acontecido. A Pina achava que tinha sido o chope (risos). Fui chamar a parteira na Vila Bela. Ela veio e disse que ia demorar um pouco. Ademir João Perrella nasceu no dia seguinte, às nove horas da manhã.

Em 1955, nasceu Ângela Maria Perrella. Foi o momento mais feliz da vida de Emígdio. *No dia em que nasceu a filha, só não deu enfarte nele porque não era a hora, contou Giuseppina. Ele ficou tão contente que faltou até o fôlego. Foi tudo surpresa, e ele queria que fosse menina. Quando a madre falou que era uma menina... (...) Minha mãe morava ali perto do hospital. Ele foi correndo para a casa dela. Chegou lá desesperado para contar a novidade.*

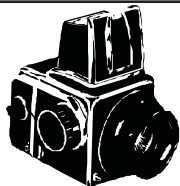
Outras lembranças enriqueceram a descrição do nascimento da filha. Perrella narrou uma pequena história relacionada à ocasião. A sogra dizia que nenhuma das netas havia recebido o seu nome. Sem dizer a ninguém, Emígdio resolveu que, se tivesse uma menina, colocaria o nome de Ângela. A garotinha nasceu num final de tarde, às seis horas, quando badalava o sino da Matriz. A madre do Hospital São Caetano disse que, por nascer naquele momento, a criança deveria chamar-se Maria. Por esse motivo, recebeu o nome de Ângela Maria.

No ano passado, o casal foi surpreendido por uma comemoração, preparada pelos filhos e por amigos do Bairro Fundação, pela passagem dos 50 anos de casamento.



A família de Emidgio Perrella reunida para a solenidade da primeira comunhão da filha Angela Maria Perrella, ao lado do outro filho do casal, Admir João Perrella

(*) Kelly Cristina Maregatti Manzini é Relações Públicas da Fundação Pró - Memória



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 - João D'Agostini e Maria D'Agostini, filhos de imigrantes italianos que chegaram em São Caetano em 1877, nasceram no Núcleo Colonial. Ele em 1881; ela em 1879. Casaram-se em 29 de Agosto de 1908. No flagrante de 1958, ambos apreciavam a capa do Jornal de São Caetano, em sua edição dedicada aos imigrantes italianos na cidade



Fundação Pró-Memória

2 - Aspecto da rua Ceará, próximo à Avenida Conde Francisco Matarazzo, no Bairro Fundação, em flagrante da década de 60. Aos fundos, as instalações da Companhia Siderúrgica São Caetano, demolidas, mais tarde, para a retificação do Rio Tamanduatei e construção das pistas da Avenida do Estado no sentido São Paulo-Santo André. Nesse local funcionariam posteriormente a indústria Mannesmann e o Sam's Club



Fundação Pró-Memória

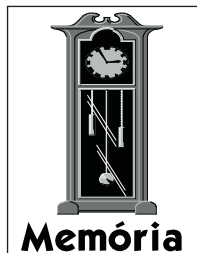
3 - Foto da entrada de São Caetano, observada a partir da Avenida Delamare, em imagem capturada na década de 60. A retificação do Rio dos Meninos exigiu a construção de novas pontes. Em primeiro plano, as antigas instalações industriais da ZF, e, ao fundo, o primeiro pavilhão do Hospital São Caetano



Fundação Pró-Memória

4 - A loja de roupas Casas do 80 ficou muito conhecida em São Caetano entre os anos 50 e 60 devido às promoções comerciais. Localizava-se na Avenida Conde Francisco Matarazzo, junto à estação ferroviária [anteriormente ali funcionava o Bar Santos, da família Perdigão]. Ao lado, estava a Droganorma, farmácia dirigida pelo casal Jayme-Olga Montanari de Mello. A Casas do 80 era dirigida por Francisco Negrão, ator de cinema que participou de diversos filmes da Companhia Cinematográfica Vera Cruz

A figura de Milton Feijão é exaltada por aqueles que nunca o conheceram



Carlos
GERCHTEL(*)

Geralmente, quando escrevo sobre alguém, dou preferência àqueles com quem tive convivência. Procuo desenvolver os temas citando fatos dos quais participei e, assim agindo, busco lembrar pessoas que estiveram envolvidas, de alguma forma, em minha existência. Desta vez, a tarefa é rememorar um homem bastante conceituado. É certo que tal pessoa já foi elogiada - mesmo porque, há motivos para tanto -, mas, nem por isso, deixaria eu de prestar homenagem a um grande amigo, que influenciou em minha vida profissional e também na particular. Falo de Milton Feijão.

O professor Feijão colaborou muito para o desenvolvimento cultural, social e esportivo da cidade. Atuou de maneira especial no Bairro Barcelona (antiga Vila Barcelona), onde morou por vários anos. Participou ativamente dos eventos culturais da região e exerceu o cargo de diretor do Grupo Escolar 28 de Julho. Em parceria com o padre Olavo, outra personagem digna dos maiores elogios, Feijão desempenhou relevante papel nas atividades sociais e filantrópicas locais.

Pelo menos quatro aspectos podem ser destacados na personalidade de Milton Feijão: educativo, esportivo, político e humanitário. Seja lá o que se fale sobre qualquer uma dessas face-



Em 1953, foi realizado o Primeiro Campeonato Municipal de bola-ao-cesto. Da esquerda para a direita: Sérgio (?); João Caprino, Milton Feijão, Carlos Gerchtel, Geraldo Benincasa e Savério Gregoret

tas, não é possível macular a reputação do professor. Convicto de suas idéias, era, no entanto, flexível nas decisões (sem ser leviano). Exigente, queria que todos dessem o máximo de si. Para que isso fosse possível, dava oportunidade a qualquer um que quisesse mostrar serviço. Tudo o que fazia, procurava fazer bem - feito. Avesso à desordem, respeitava as hierarquias e fazia-se respeitar. Queria tudo sobre controle.

Era homem austero, teimoso, contestador (nem sempre de acordo com os demais, porém, querendo fazer prevalecer suas opiniões) e caridoso. Nunca deixava de consolar, nos momentos angustiantes, as pessoas que necessitavam de apoio. Jamais negou ajuda a quem quer que fosse. Sensível, auxiliava a comunidade por meio de atividades beneficentes. A personalidade forte abrandava - se quando o coração era tocado.

AO TRABALHO - que nos permitiu visualizar quatro tendências

principais em seu espírito -, Feijão dedicou grande parte da vida. Esteve na ativa durante as gestões de Anacleto Campanella, Hermógenes Walter Braido e Oswaldo Samuel Massei. De todos foi cabo eleitoral, e isso lhe permitiu participar ativamente da vida da cidade (pouco importando qual era a ideologia que, momentaneamente, estava no poder). Sempre obtinha o apoio que precisava, atuando como um sutil político.

Enquanto esportista, promoveu inúmeras melhorias em São Caetano. Foi presidente da Comissão Municipal de Esportes, na gestão Campanella, e incentivou, na oportunidade, todas as modalidades esportivas (com destaque para o voleibol). Foi o responsável pelo envio da primeira delegação representativa da cidade nos Jogos Abertos do Interior, em Ribeirão Preto, em 1952. Concedeu enorme apoio à realização dos primeiros campeonatos de vôlei e de basquete do Município. Incentivou a prática do pedestrianismo, tendo

inclusive ajudado na fundação do Clube dos Andarilhos. O ápice da carreira de mecenas do esporte deu-se quando participou dos preparos dos Jogos Abertos do Interior de 1964, realizados em São Caetano. Na verdade, foi o presidente da comissão organizadora do evento.

O perfil de educador revelou-se quando esteve à frente do Colégio Comercial Professora Alcina Dantas Feijão, mais tarde transformado em Centro Interescolar Municipal Alcina Dantas Feijão. Mostrou muita habilidade ao conduzir o estabelecimento de ensino. Ainda que por vezes fosse criticado pela severidade, conseguiu transformar a escola em uma das mais bem conceituadas do Estado. Contando com um corpo docente de primeira linha e com auxiliares de gabarito, o colégio atraiu o interesse da comunidade; de fato, logo foi procurado por vários alunos.

O grande problema era manter a instituição. O dinheiro dado pela Prefeitura era pouco, uma vez que se tinha em mente transferir a tutela do colégio para o Estado. O professor Feijão precisava gerenciar os recursos com extrema prudência e criatividade. Nessa época, or-



Oswaldo Samuel Massei entregando ao professor Milton Feijão o cartão de prata pelos 37 anos de magistério

ganizou uma festa em que compareceram alunos e pais. O caráter emotivo do acontecimento fez com que os administradores da cidade mudassem o discurso; com efeito, se antes faziam de tudo para que o colégio ficasse sob a gerência do Estado, a partir de então passaram a garantir que a Prefeitura arcaria com todas as despesas necessárias à manutenção do Centro Interescolar Municipal Alcina Dantas Feijão. Nesse episódio, fez-se presente o lado político do professor.

Garantida a manutenção, conceberam - se novos planos. Implantação da Banda Marcial (uma das prioridades), festa anual do Dia das Mães, desfiles

cívicos com carros alegóricos e exposições internas foram algumas das inovações da escola. A Cooperativa Escolar foi outra idéia concretizada. O projeto visava facilitar aos alunos mais pobres a compra de material e uniforme. Também houve incentivo ao ensino prático, inovação marcante na época.

As festas anuais de Dia das Mães tinham o intuito de preservar o sentimento familiar e incutir o amor filial. Mães e filhos confraternizavam em um clima de muita emoção. O professor Feijão fazia questão de que todos comparecessem, chegando mesmo a obrigar a presença dos alunos. Uma missa, celebrada sempre pelo padre Olavo, acontecia durante os festejos.

Devido a desentendimentos com os superiores, acabou perdendo o emprego. Não pôde, por conseguinte, perfazer todos os planos traçados. A marca de seu trabalho, contudo, não foi apagada. A nova diretoria, auxiliada pelos antigos professores, manteve o espírito batalhador e incansável de Milton Feijão.

Para finalizar, vale lembrar que o professor, morto em 1986, continua presente em São Caetano. Como que incorporado em determinados locais, está na mente de quem jamais o conheceu. De fato, não há outra explicação para frases - muitas profetizadas por garotos - como: *Eu estudei na escola do Feijão. Eu fui aluno no Comercial. Eu toquei na banda do Feijão. Eu dei aulas no Feijão. Eu joguei na quadra do Feijão.*



Milton Feijão, sentado, de óculos, preside a Comissão de Festejos do 86º Aniversário de São Caetano do Sul, em 1963

()Carlos Gerchtel foi professor do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul e do Centro Interescolar Municipal Alcina Dantas Feijão*

As lembranças e histórias deixadas pelo sapateiro Duvílio José Quaglia

Joaquim Maurílio Ribeiro GOMES(*)

Lorenzo Quaglia, acompanhado da esposa Giuseppa [originária do Vale do Pó] e dos filhos Maria, Giovanni Antônio e Augusto Albino, desembarcou no porto de Santos, em 6 de Março de 1888, vindo de Sant' Urbano, Província de Padova. Na Itália, trabalhava como arteção, fazendo sapatos. A família, ao chegar, foi trabalhar na fazenda Mato Dentro, em Campinas (SP). Posteriormente, mudou-se para a fazenda Bom Retiro, em Pedreiras (SP). Os filhos homens herdaram o ofício de sapateiro e aprenderam, com o pai, a fazer arreios e selas para cavalos. Lorenzo faleceu por volta de 1900.

Maria Quaglia casou-se, mas logo se mudou e não deixou filhos. Giovanni Antônio Quaglia, casado e com oito filhos, muito cedo foi para a Argentina, formando, nesse país, um ramo da família Quaglia. Augusto Albino contraiu núpcias, em 1902, com Victória Magdalena (Magdalena?), italiana, nascida em Collato, Província de Treviso, filha de Bordonal José e Zara Judith. Tiveram quatro filhos: Duvílio José, Antônio, Olindo e Hermínia. Victória Magdalena faleceu durante o parto da filha caçula, e Augusto, tempos depois, casou-se com Maria Joana Astolfo. Da união nasceram Olga e Reinaldo.

Os Quaglias vieram morar, em 1910, no Bairro da Lapa e, em seguida, fixaram residência em São Caetano. Por volta de



1922, Augusto Albino Quaglia, separado de Maria Joana, passou a conviver com Vitória Avezu, com quem teve os filhos Mafalda, Mário e Ermínia. Morreu em 9 de Abril de 1958.

Filho mais velho de Augusto Albino, Duvílio José Quaglia nasceu na fazenda Bom Retiro, em Pedreiras (SP), a 29 de Junho de 1903. Ainda pequeno,

trabalhou, juntamente com os irmãos Olindo e Antônio, na fábrica de vidros Matarazzo, em São Caetano do Sul, entre os anos de 1912 e 1918. A partir dessa data, entretanto, começou a aprender com o pai o ofício de sapateiro. Do trabalho em família, surgiu um modesto negócio. Mais tarde, ou seja, por volta de 1920, foi inaugurada a *Casa Quaglia*, propriedade de Duvílio José Quaglia e de Olindo Quaglia. A sociedade entre os irmãos manteve-se até 1954, quando Olindo retirou-se, ficando Duvílio como único proprietário.

Na época em que os irmãos trabalhavam juntos, Olindo teve a idéia de promover o estabelecimento. Mandou gravar um *Gingle*, em 78 rotações (famoso bolachão de cera), com versos de sua autoria e cantados por ele próprio, que dizia assim: *Casa Quaglia / Artigos que não falha / Os artigos aqui são bão / E fica perto da estação*. Infelizmente, o tempo consumiu as poucas





Da direita para a esquerda: Duvílio José Quaglia, Mafalda Quaglia, Nelson Quaglia, Sérgio Quaglia, Ubirajara Quaglia, Adolpho Quaglia, Mafaldinha Quaglia

Família Quaglia

unidades confeccionadas, que poderiam testemunhar o dom comercial e artístico dos irmãos Quaglias, pioneiros no ramo comercial de calçados na cidade. Por muitos e muitos anos, o disco foi tocado como forma de convidar os fregueses a entrar e comprar alguma coisa.

A *Casa Quaglia* funcionava na Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 325, onde atualmente acha-se construído um edifício. Com a saída de Olindo, o local passou a chamar-se *Quaglia & Filhos*. Por muitos anos, foi um ponto de referência para o comércio da cidade (possuía três filiais). Foi a primeira loja de calçados de São Caetano do Sul, bem como a primeira a vender malas (os famosos baús). Muitos nordestinos freqüentavam o estabelecimento, pois, quando retornavam para suas cidades de origem, tinham necessidade de comprar guarda-chuvas, chapéus e malas.

Nelson Albino Quaglia, filho de Duvílio, desde pequeno ajudava o pai e, com o fim da sociedade entre Olindo e Duvílio, demonstrou interesse e aptidão pelo comércio (era, no entanto, formado em odontologia, e tinha que dividir seu tempo entre

loja e consultório). Desse modo, passou a dirigir a *Casa Quaglia*, conseguindo, em pouco tempo, saldar as dívidas adquiridas com a saída de Olindo. Mais tarde, Nelson preferiu dedicar-se por inteiro à odontologia, passando a administração ao irmão Ubirajara. O estabelecimento manteve-se em atividade até à década de 80.

Duvílio José Quaglia sempre foi uma pessoa muito sensível aos problemas sociais. Diariamente, presenciava, incomoda-



Em 1952, Duvílio José Quaglia e Mafalda Quaglia com os filhos mais novos Mafaldinha Quaglia e José Lourenço Quaglia

Família Quaglia

do, as jornadas do povo de Vila Bela que, sob o pó dos dias secos ou sobre a lama deixada pelas chuvas, levava os filhos ao Grupo Escolar Senador Flaquer, única escola de São Caetano do Sul naquela época (ainda permanece funcionando, no Bairro Fundação). A Vila Bela, que fica no Município de São Paulo, na prática - devido à proximidade - é como se fosse um bairro de São Caetano.

Cansado de testemunhar tamanho esforço da população, resolveu, junto com o irmão Olindo, construir uma escola: o Grupo Escolar Humberto de Campos. O colégio funcionou, por muitos anos, na Rua Bahia Grande, em Vila Bela. Para assumir o cargo de diretor, Duvílio convidou um amigo que morava na Vila Mariana, em São Paulo. O professor Paulo Cavalcante Albuquerque logo assumiu a direção do estabelecimento de ensino, ainda que, ao mesmo tempo, comandasse outra escola (Duvílio Quaglia também fundou o Esporte Clube da Vila Bela). A construção do Grupo Escolar Humberto de Campos foi apenas uma das obras sociais realizadas por Quaglia. Uma de suas principais atividades beneficentes era a entrega, no final do ano, de cestas básicas aos favelados da Vila Prudente.

O espírito solidário de Duvílio Quaglia manifestou-se plenamente em uma ocasião especial. José, um de seus filhos, sempre que voltava da escola vinha acompanhado de um amigo. O pai do colega de José era alcoólatra. A mãe, empregada doméstica, praticamente mantinha a casa; no entanto, a renda não era suficiente para o sustento dos três. Um dia, o garoto, ao ser convidado para almoçar, não he-

sitou em sentar-se à mesa dos Quaglias. Após comer fartamente, o menino começou a chorar, pois não queria mais morar com os pais. Bom mesmo seria ficar na casa do amigo de mesa farta. Duvílio, sensibilizado, pediu que o rapazinho fosse buscar seus pertences: a família ganhara mais um membro. O filho adotivo dos Quaglias permaneceu entre eles até completar vinte anos. O moço sonhava em mudar-se para os Estados Unidos, e foi com grande satisfação que recebeu, das mãos daquele a quem tinha como pai, a passagem que tornou seu sonho em realidade.

Duvílio José Quaglia, homem discreto, acabou participando da administração municipal. Apesar de conhecer muitos políticos influentes, nunca exerceu formalmente qualquer cargo em órgão público (não que lhe tenham faltado convites), mas tornou-se uma espécie de diretor de obras, cuidando da manutenção da cidade. Telefonava ao prefeito e, expondo o problema, obtinha autorização para realizar os reparos necessários. Desse modo, contratava e inspecionava as obras do começo ao fim, enviando, posteriormente, as contas; só mais tarde é que o dinheiro, gasto de seu próprio bolso, vinha a ser reposto. E assim foi durante toda a gestão do prefeito Massei.

Líder e defensor da autonomia, foi homenageado quando uma das vias públicas passou a chamar-se Rua Duvílio José Quaglia (tendo início na Avenida Fernando Simonsen e terminando na Praça de Aeromodelismo, no Bairro Cerâmica). Foi também um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul (Aciscs), onde exerceu o cargo de diretor - presidente no exercício de 1942.

Apreciava a música italiana e gostava muito de ler. O hábito da leitura influenciou os filhos que, apesar das dificuldades, concluíram com êxito os estudos superiores. Gostava muito de jogar pingue - pongue no antigo Clube Ideal (chegou mesmo a ganhar um campeonato). Por muitos anos, administrou um bar dentro da associação. O estabelecimento funcionava à noite, período em que havia jogos de pingue - pongue, baralho, dominó e outros. Nos finais de sema-



Duvílio José Quaglia e Mafalda Quaglia, em 6 de Julho de 1961

na, ocorria um tradicional baile. A fase áurea do Clube Ideal foi nos anos 40.

Não gostava de viagens longas. Na primeira vez em que saiu do Estado (em viagem de ônibus ao Rio de Janeiro), foi assaltado. Assustado e sem dinheiro, voltou às pressas, permanecendo na cidade maravilhosa não mais do que cinco horas. Depois do episódio, resistiu muitas vezes em voltar ao Rio, porém, era lá que o filho Nelson estudava odontologia e, quando o rapaz concluiu o curso, Duvílio foi assistir à formatura. Antes de viajar, adquiriu um cofre *Elefante*, onde passou a depositar, diariamente, as moedas que

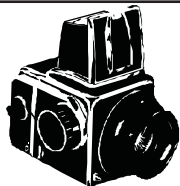
obtinha. Quando o recipiente ficou repleto, resolveu quebrá-lo. A poupança foi suficiente para custear todas as despesas com passagens e hotel. Viajou acompanhado da esposa, de uma tia sua, da noiva do formando e de uma prima dela.

Duvílio teve muitos amigos, e sua residência era bastante frequentada. Caparroz, Marcon, Marcucci e Massei, entre outros, eram recepcionados com aperitivos e boa conversa. Todos o consideravam uma pessoa calma e ponderada. Além de vários companheiros, tinha uma família bastante grande. Casado com Mafalda Trevisan Quaglia, teve oito filhos: Josephina, Joaninha (ambas falecidas prematuramente); Nelson Albino Quaglia, cirurgião-dentista [casado com Alayde Hermelinda Quaglia], Sérgio Quaglia, professor e comerciante [casado com Maria Conceição], Ubirajara Quaglia, engenheiro [casado com Márcia Quaglia], Adolpho Duvílio Quaglia, cirurgião-dentista [já falecido e que foi casado com Diva Genga Quaglia], José Lourenço Quaglia, médico [casado com Ondina Pedro Quaglia], e Mafalda Quaglia Chinese, professora [casada com Luiz Chinese]. Duvílio José Quaglia faleceu em 7 de Novembro de 1961.

Bibliografia

1. Revista Aciscs - Edição comemorativa do cinquentenário, nº 0, Ano 1;
2. Famílias Ilustres e Tradicionais de São Caetano do Sul - Vol. 1 - Edições Memória Nacional - LP Promoções e Publicidade S.C.Ltda.

() Joaquim Maurílio Ribeiro Gomes, serventuário do Primeiro Tabelião de Notas de São Caetano do Sul, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo e membro da União dos Escoteiros do Brasil*



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 - O Círculo Operário de São Caetano do Sul teve uma atuação marcante no início da década de 60. A foto de 1962 registra a inauguração da colônia de férias da entidade na cidade de Santos. O Círculo era dirigido pelo padre Cirillo Ambrosi e coordenado pelo padre Ezio Gislimberti



Fundação Pró-Memória

2 - A Padaria e Confeitaria Internacional estava localizada na rua Perrella, nº 3, junto aos trilhos da estrada de ferro. Era de propriedade de André Leone, nascido em São Caetano em 7 de Outubro de 1886, e casado com dona Maria Leone. Neste flagrante dos anos 40, Eliseu Leone aparece junto ao furgão utilizado nas entregas de pão



Fundação Pró-Memória

3 - Imagem de 1939: vista interna das instalações da Indústria Agro-Química Dal'Mas, ainda localizada no atual Bairro Fundação. À esquerda, de gravata preta, aparece o sr. João Dal'Mas, futuro prefeito de São Caetano do Sul



Fundação Pró-Memória

4 - Em Agosto de 1958, um grupo de sancaetanenses, ligados ao Hospital São Caetano, procurou o governador do Estado, Jânio da Silva Quadros para agradecer o auxílio de dois milhões de cruzeiros concedido à entidade. Na foto, em primeiro plano, o governador é cumprimentado pelo professor Vicente Bastos, diretor do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul



Péricles Gastaldo

Péricles Gastaldo, diretor da Indústria Metalúrgica São Caetano, em depoimento para a Fundação Pró-Memória

Péricles Gastaldo revive 50 anos de mudanças profundas na cidade



Depoimentos

Por quase duas horas, Péricles Gastaldo foi revivendo mais de seis décadas intimamente ligadas à cidade de São

Caetano. Aos 67 anos, este médico-veterinário, formado pela Universidade de São Paulo, e advogado formado pela Faculdade de Direito ABC, relembrou, com serenidade e prazer, a época em que se podia nadar no Rio dos Meninos, ou então pescar nos lagos que se formavam com as cheias do Tamanduateí. Sempre com o mesmo olhar ponderado e alegre, Gastaldo rememorou alguns personagens que marcaram sua vida, lembrou da vinda da família para São Caetano e ainda fez reflexões a respeito da mudança dos tempos e dos hábitos.

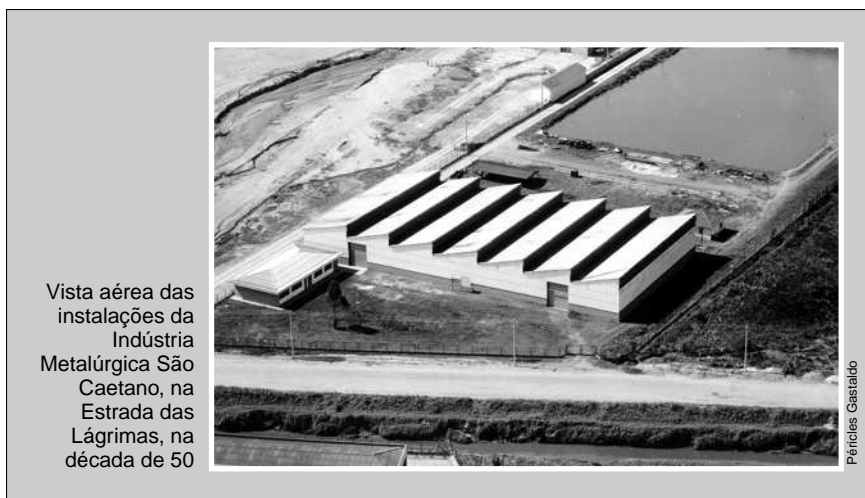
Nasci em Botucatu, no dia 14 de Abril de 1933. Nesse dia, comemora-se o aniversário da cidade, e, por isso, sempre digo aos conhecidos que a festa é para mim. Brincadeira... para dizer a verdade, só descobri que havia nascido em Botucatu quando fui

para a escola, isto é, quando comecei a ler e pude verificar o que estava escrito em minha certidão de nascimento. E conhecê-la, mesmo, só quando tinha 25 anos.

Em tom de gracejo, Gastaldo falou a respeito do passado: *Vim para São Caetano quando ainda estava começando a andar, assim, tudo o que me lembro de minha infância está relacionado à cidade (...) Tudo bem, vá lá. Para não dizer que não tive nenhum contato com Botucatu, antes dos 25 anos, certa vez consegui vê-la pela janela de um trem (...) Isso foi quando eu era garoto (...)*

Meu pai me levou para viajar pelo interior, e, quando passamos por Botucatu, disse: "Olha a tua cidade!". Olhei. Era de madrugada e tinha uma baita neblina cobrindo tudo...

A época de infância de Péricles Gastaldo foi o final dos anos 30 e o início dos anos 40. Nesse período, São Caetano era uma cidade de traços fortemente rurais, fato que é atestado se fizermos o levantamento dos principais meios de transporte daquele tempo: poucos automóveis, trem, ônibus, alguns caminhões de carga e muitas carroças e charretes.



Vista aérea das instalações da Indústria Metalúrgica São Caetano, na Estrada das Lágrimas, na década de 50

Péricles Gastaldo



Vista aérea das instalações da Indústria Metalúrgica São Caetano, durante a década de 60

Você vê aí o Rio dos Meninos? Por incrível que pareça, nadei muito nele. Também nadava nas lagoas que se formavam com a cheia do Tamanduateí. Quando as águas baixavam um pouco, dava para a gente pescar, comentou Péricles.

A diminuição do nível das águas trazia ainda outro artigo em abundância: a lama. As enchentes, que hoje transformam São Paulo em uma verdadeira piscina, antigamente faziam de São Caetano um imenso atoleiro. Rememorando esse tempo, Gastaldo observou: *O pessoal da Vila Alpina e da Vila Bela tinha que pegar o trem em São Caetano para chegar mais facilmente ao centro de São Paulo. Quando chovia demais, ficava muito difícil passar para o lado de cá porque era um barro só (...) Havia duas maneiras de vencer o caminho: uma era andando, isto é, amassando o barro, e a outra era subir numa carroça que, nessas ocasiões, transportava as pessoas de um lado para o outro.*

Quem vinha andando, chegava aqui em cima e logo procurava um lugar para lavar o pé. Só depois é que punha o sapato (...) Aquelas moças bonitas, enfeitadinhas, que iam trabalhar, estudar ou passear (...) Tinham que pisar no barro!

Outra lembrança muito querida a Péricles Gastaldo é a da época em que trabalhou na Farmácia Paulista. Propriedade do tio e do pai, a farmácia ficava na esquina da Rua Heloísa Pampolina com a Rua 28 de Julho. Gastaldo aí trabalhou quando tinha dez anos de idade:

- Ajudava o meu tio na farmácia, e então convivi muito com o pessoal antigo da cidade (...) Embora eu fosse pequeno, o falecido senhor João Dal'Mas, por exemplo, era meu amigo (...) Ele ia na farmácia e conversava comigo como se conversasse com um adulto (...) Tinha também o irmão dele, o senhor Ettore. Naquela época, ele namorava a dona Judite (hoje sua esposa). Para falar com ela, usava o

telefone da farmácia, o 129, pois era o único aparelho ali nas redondezas (...) Até hoje tenho bastante saudade dessa época. Outro amigo era o senhor Narciso Dario, esposo de dona Mafalda. Eu o escutava com muita atenção, e a amizade durou até o seu falecimento.

O empresário traçou perfis detalhados de muitos outros personagens da São Caetano de sua infância. Uma dessas figuras - muito vivas em sua memória - é a de Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito do Município.

-Uma das pessoas que eu guardo na memória é o doutor Ângelo. Pessoa fantástica! (...) Como profissional, como homem de negócios, político e, principalmente, como ser humano (...) O que ele fez de coisas boas para as pessoas de São Caetano... (...) Tive o privilégio de frequentar sua casa, pois o Ivo, filho dele, já era meu amigo (...) O quintal do doutor Ângelo era aberto para toda a garotada. Ele fazia até mesmo alguma coisa para

atrair a meninada (...) Pensando na convivência social do filho (...), porque, embora todos ali fossem filhos de gente pobre, gente trabalhadora, operários na sua maioria, as famílias eram muito bem constituídas e unidas (...) E o doutor Ângelo, com certeza, acreditava que essa companhia seria útil na formação do caráter do filho.

FAMÍLIA - *Meu avô veio da Itália, com uma família de amigos, e foi para Brotas. Acabou casando por lá (...) Minha avó também veio da Itália (...) A ânsia de fazer com que os filhos estudassem, no entanto, levou-os a se aproximar de uma cidade que era um centro de estudos e oportunidades (...) E a família acabou indo para Rio Claro (...) Tinham uma noção muito enraizada de que para progredir precisavam estudar (...) Depois acabaram vindo para São Paulo, e São Caetano, naquela época, já era uma cidade de italianos (...) Os fundadores moravam no Bairro Fundação (...) A minha família chegou por aqui lá pela década de 30, e logo foi para a Fundação. Péricles, no entanto, não veio junto com a primeira leva. Na verdade, durante esse tempo, o pai estava*

estabelecido no interior, era casado, e trabalhava na Estrada de Ferro Sorocabana. O advogado prosseguiu:

A primeira coisa que fizeram foi comprar uma casa, pois a família era grande. Na realidade, embora alguns já estivessem casados, ainda restavam muitos solteiros (...) Compraram uma casa ali na Rua Monte Alegre. De um lado, eram vizinhos do Segundo Grupo Escolar, que hoje é um prédio ali na frente da Manuel Coelho, e, do outro lado, eram vizinhos do doutor Pellegrino (...) Meu pai veio depois (...) Primeiro moramos na Rua São Paulo, depois, fomos para a Rua Monte Alegre, onde meu pai construiu nossa casa em um terreno comprado junto ao doutor Ângelo (...) Em seguida, fomos para a Rua Heloísa Pamplona, na Fundação. Eu tinha uns oito anos, e foi nesse bairro que cresci.

Na década de 30, período em que a família Gastaldo veio para São Caetano, apesar do caráter rural, a cidade já despontava como um dos pontos crescentes de industrialização no ABC. Os avós e tios de Péricles Gastaldo, ao instalarem-se aqui, acabaram, em boa parte, trabalhando em fá-

bricas (algumas do ramo de metalurgia) da região. Foi com base na experiência adquirida nesse tipo de serviço que, posteriormente, na década de 40, surgiu a Indústria Metalúrgica São Caetano (Imesca).

Quando eu morava na Rua Monte Alegre, meu pai e alguns de seus irmãos estavam com a idéia de montar uma indústria, pois tinham muita vocação para esse trabalho de mecânica, de metalurgia (...) Eles já mexiam com isso como empregados (...) No início, a fábrica era precária, tinha apenas algumas máquinas e funcionava num galpão de madeira. Depois, com o desenvolvimento do próprio País, a Imesca começou a fazer ferragens para a indústria de artefatos de viagem (...), lembrou o empresário.

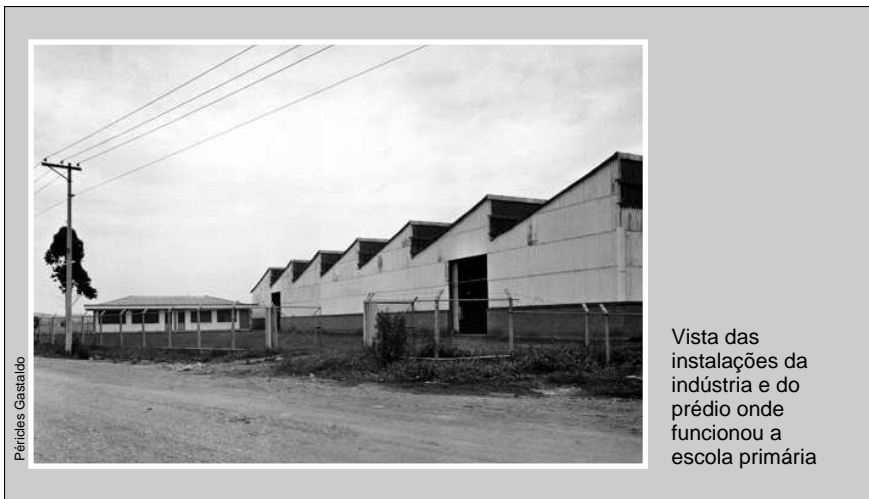
No transcorrer dos anos, as indústrias automobilísticas foram instalando-se e impondo-se cada vez mais no cenário econômico do ABC (nas décadas de 60 e 70, a presença das montadoras era muito forte). Péricles contou como a Imesca aproveitou-se disso: *Com o advento da indústria automobilística, eles foram um dos pioneiros a produzir peças para automóveis. O primeiro jipe da Willys Overland tinha peças fei-*



Vista da portaria da Indústria Metalúrgica São Caetano, na década de 70



Área interna da Indústria Metalúrgica São Caetano. Imagens da década de 70



Pérides Gastaldo

Vista das instalações da indústria e do prédio onde funcionou a escola primária

tas pela Indústria Metalúrgica São Caetano.

JUVENTUDE - A Indústria Metalúrgica São Caetano foi fundada em 1944, isto é, quando Pérides Gastaldo tinha 11 anos. Assim, ainda era preciso algum tempo para que ele se envolvesse com mais profundidade no empreendimento.

Ao longo dos anos 40 e 50, estudava e preparava-se para o futuro. Os anos de aprendizado, porém, não foram passados na cidade. Explica-se: *A primeira escola a ter ginásio por aqui foi o Senador Flaquer, pois, até então, só existiam grupos escolares que tinham apenas o primário (...)* Cheguei a estudar no Segundo Grupo Escolar e terminei o primário no Senador Flaquer (...). Depois fui para São Paulo, onde cursei o ginásio no colégio Anglo-Latino (...). Esse colégio era fantástico, os professores eram ótimos (...). Acordava às cinco horas da manhã e ia pegar o trem para São Paulo (...). Iamos eu, o Celso Castro, o Oscar Garbelotto, enfim, todo mundo que queria estudar fazia isso (...). Nesse ponto, todos eram iguais.

Os moradores de São Caetano também enfrentavam outros pro-

blemas. Nos anos 30 e 40, a cidade pecava pela falta de assistência médica e hospitais, falta de água encanada e rede de esgoto, além de que quase nenhuma rua era pavimentada. O jornal *O São Bernardo*, de 27 de Maio de 1934, noticiava que muitos dos moradores de São Caetano eram obrigados a beber da água de poços abertos ao lado de fossas. Os casos de tifo foram muitos.

Dentre os poucos médicos da cidade, destacavam-se os doutores Penteado e Sousa Voto. A respeito do último, o advogado recordou: *Quando eu tinha 12 ou 13 anos, tive que fazer uma cirurgia para retirar o apêndice. Quem me operou foi o doutor*

Sousa Voto, um dos poucos médicos da cidade (...). Ele também foi uma pessoa esforçada, pois, mesmo depois de casado e com outras ocupações e preocupações, persistiu no curso de medicina e formou-se (...). Nossas famílias eram amigas. Inclusive um de seus irmãos era colega de meu pai na Sorocabana.

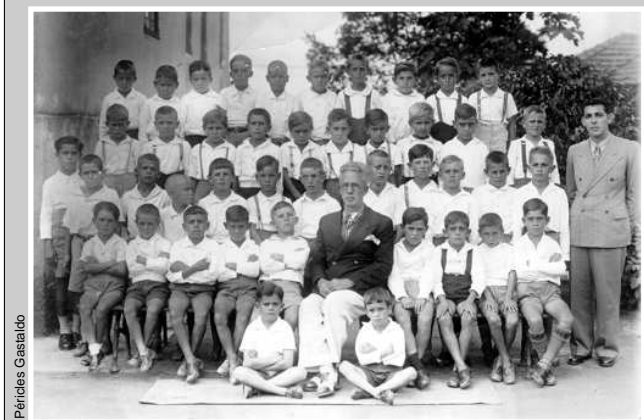
Tempos mais tarde, quando Gastaldo estava com 17 para 18 anos, a família mudou-se para São Paulo. A transferência, no entanto, não fez com que se separasse de São Caetano. Em quase em todos os fins-de-semana vinha para a cidade, não perdendo o contato com os amigos. *São Caetano era muito boa para os jovens. O pessoal daqui, na maioria, tinha vocação para a literatura e para os estudos. Muitos conseguiram fazer faculdade. Essa ambição fazia parte de suas aspirações, frisou o industrial.*

Até o momento, o entrevistado falava com tranqüilidade e gesticulava pouco. A conversa foi estendendo-se nesse ponto, ou seja, no da ambição e esforço dos jovens daquela época no intuito de estudar. Isso fez com que Pérides lembrasse das dificuldades pelas quais passaram alguns dos amigos, e então emocionou-se.



Vista interna da Indústria Metalúrgica São Caetano, década de 60

Pérides Gastaldo



Péricles Gastaldo

Alunos do 2º Grupo Escolar de São Caetano, localizado na rua Monte Alegre. Foto sem data



Enxugou os olhos duas ou três vezes, calou-se por alguns instantes - como para procurar a palavra que melhor expressasse os sentimentos -, e gesticulou bastante, como se quisesse, por meio de sinais, detalhar mais corretamente a vida dessas pessoas:

- *Sabe o que tinham muitos desses jovens? O dia para trabalhar e a noite para descansar (...)* São Caetano foi forjada no trabalho, e, graças a Deus, essa postura continua por aqui.

Os jovens também tinham seus lazeres (cinema, esportes etc). Bailes, que aconteciam no São Caetano EC, no Ipê ou no Comercial, foram lembrados por Péricles Gastaldo, sobretudo em um aspecto: *As menininhas, sempre presentes, iam todas com aqueles vestidos cheios de anáguas (...)* *Impecáveis!* Os bailes de São Caetano atraíam rapazes e moças de São Paulo, Santo André e vizinhança. Todos usavam as melhores roupas, e mesmo os mais humildes tinham vestes apropriadas a tais eventos. Pensando nisso, Gastaldo estendeu-se nas reflexões:

- *Não era somente nos bailes que as pessoas apareciam asseadas e bem - vestidas. Não! Mesmo no decorrer da semana, um*

trabalhador comum mantinha a sua linha (...) Às vezes, a gente via no trem muitas pessoas de terno e gravata que não eram executivos, e sim mecânicos (...)
Chegavam no local onde trabalhavam, punham o macacão, e aí começavam a mexer nos carros. No fim da tarde, quando acabava o expediente, tomavam banho, punham novamente o terno, e então iam para a casa.

Péricles continuou:

- *Veja bem (...), não estou desmerecendo as pessoas em favor das roupas que vestem, mas algumas regras têm que ser seguidas, até mesmo para que a sociedade não se desintegre (...)* *Se um índio anda nu no meio de sua tribo, não há nenhum problema. É o costume do povo dele (...)* *Tampouco espantou-me uma cena que vi na televisão. O cinegrafista filmou uma índia dando de mamar a um filhote de macaco. Para ela, era apenas mais um filhote. É normal para a tribo em que ela vive (...)* *Mas não é isso que importa, o que vale é que ela tem atitudes perfeitamente aceitáveis para a sua sociedade (...)* *Agora, nós, por mais que muitos não queiram, acabamos por herdar os costumes europeus, e então devemos observá-los. Pelo*

menos até o ponto em que não nos prejudiquem. Imagine, por exemplo, usar terno e gravata no calor do Nordeste. Não há razão para isso (...) *Outro dia, estava vendo na televisão o julgamento do líder do Movimento Sem - Terra. O tribunal estava repleto de pessoas que usavam gravata por cima de uma simples camiseta de manga (...)* *Claro que as pessoas podem assistir ao julgamento, mas é preciso vestir-se adequadamente quando se vai ao tribunal, à igreja etc. Isto é questão de respeito (...)* *Veja o exemplo dos antigos romanos: ninguém entrava no Senado se não cumprisse as normas exigidas, isto é, se não estivesse à altura de uma instituição tão importante e tão respeitada (...)* *Quando falo de seguir as normas, é a mesma coisa que obedecer às leis de trânsito ou qualquer outra lei. Isso significa, fundamentalmente, respeitar o direito dos outros.*

TRABALHO - Após concluir os estudos, Péricles Gastaldo esteve ligado à profissão de médico-veterinário durante seis anos. Posteriormente, envolveu-se mais profundamente no negócio iniciado pelos membros da família. A partir de então, sua vida esteve sem-

Visita do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul, João Luiz Pereira, acompanhado de Antonio Albertini, às instalações da fábrica Indústria Metalúrgica São Caetano com os diretores Péricles Gastaldo e Rubens Gastaldo



Péricles Gastaldo



Péricles Gastaldo



Péricles Gastaldo



Péricles Gastaldo

pre muito relacionada com a atividade industrial.

Nas décadas de 70 e 80, foi conselheiro e diretor do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), delegacia de São Caetano. O empresário explicou que o órgão servia para representar a importância industrial da ci-

dade. O Município, há muito tempo, era relevante no cenário econômico paulista, todavia, sua voz não se fazia ouvir entre os empresários e junto ao governo. E o Ciesp era sua real representação.

Ciente das dificuldades enfrentadas por uma empresa - no que diz respeito a manter-se -,

porém, firme na posição de que é preciso investir e gerar riquezas, Gastaldo expôs alguns dos pontos de vista em relação à vida econômica do País: *As pessoas não devem esperar uma iniciativa do governo. Elas devem começar por si mesmas, e então mostrar ao Estado quais são as dificuldades e qual é o anseio da população (...). Às vezes, a gente se esquece que o poder de um governante emana de nós mesmos. Fomos nós quem o colocamos lá (...). É absurdo implorar pela colaboração de um dirigente, quando o certo é cobrarmos atitudes que resolvam as dificuldades.*

O industrial demonstrou preocupação com o destino do ABC. Atualmente, todos os municípios da região sofrem com o que se pode chamar de um êxodo das empresas em direção ao interior. Muitas das indústrias que promoveram o desenvolvimento de São Caetano, Santo André e arredores estão percorrendo esse caminho em busca de condições mais rentáveis, como por exemplo as isenções fiscais oferecidas por algumas cidades.

Frente a tal situação, Péricles Gastaldo acredita que o Município deve achar outra vocação, ou, em suas palavras, *é preciso que os homens importantes daqui promovam a imagem de estabilidade e riqueza de São Caetano, a fim de que as indústrias exerçam atividades comerciais na cidade. Isso traria dinheiro e trabalho.*

O trabalho, a produção e a participação na sociedade continuam sendo suas metas. Criado em um lugar que se ergueu devido ao esforço dos habitantes, não admite parar enquanto tiver forças para prosseguir. Enfim, de modo bem claro, expressou seu desejo: *Quero é continuar trabalhando e produzindo! (Alexandre Toller Russo)*

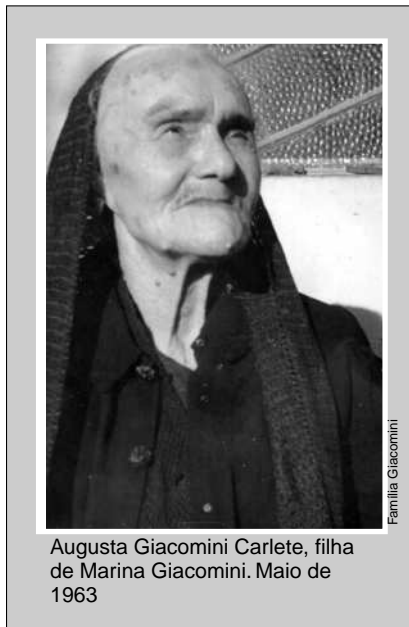
A história da família Giacomini, nas lembranças de filhos e netos

Sônia Maria Franco XAVIER(*)

O casal Giovanni Giacomini (31 anos) e Marina Benediti Giacomini (35 anos), os filhos Urbano, de oito anos, Augusta, de seis anos e Luigi, que ainda mamava no peito, juntamente com Antônia Giacomini, mãe de Giovanni, deixaram a Itália, pelo porto de Gênova, no dia 24 de Abril de 1888. Chegaram em São Paulo no dia 31 de Maio de 1888. Eram todos originários de Udine, região da Venezia - Giulia. Giovanni, homem alto, loiro e de olhos azuis, exercia a profissão de escultor. Marina cuidava da casa.

No Brasil, foram enviados a uma fazenda em São João da Boa Vista. Giovanni foi trabalhar como agricultor. Lá perderam dois filhos: Urbano e Luigi. Somente Augusta sobreviveu às agruras da nova terra. Muito tristes, resolveram deixar o local. Vieram para São Caetano, onde tinham parentes e amigos.

Logo que chegaram à cidade, receberam orientação para solici-



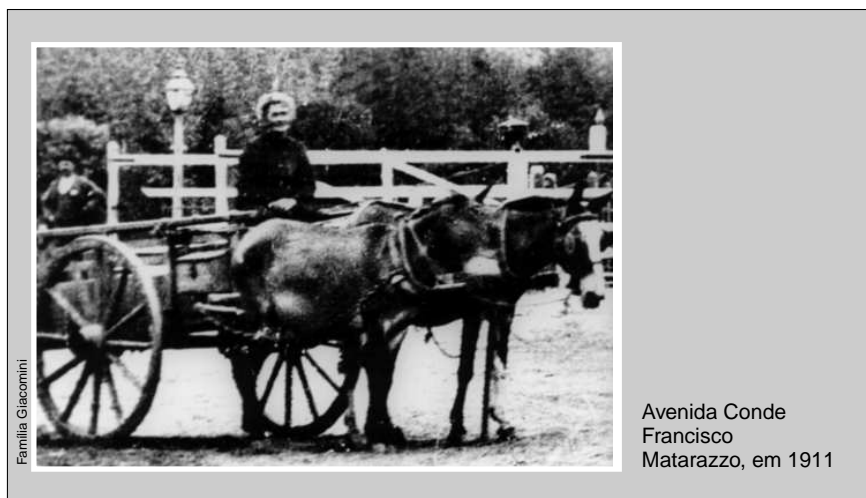
tar, através de um requerimento ao inspetor especial de terras e colonização, a concessão de um lote. Giovanni era imigrante italiano, agricultor, casado, e desejava estabelecer - se no Núcleo Colonial de São Caetano. Como o lote solicitado estava vago, Giovanni Giacomini recebeu o título de propriedade de uma área de

149.459,56 metros, devendo pagar a importância de Rs. 248.102. O terreno correspondia ao lote número 71, que se localizava onde estão hoje as ruas São Paulo, Wenceslau Brás, Nossa Senhora de Fátima, dr. Augusto de Toledo e Piauí.

Nos primeiros anos, Giovanni ocupou - se com a produção de carvão; produto que levava para vender na Praça da Sé (de lá trazia gêneros alimentícios para o sustento). Nessa atividade, era auxiliado pela esposa Marina. A família Giacomini, depois de alguns anos de luta, conseguiu transformar o lote em uma chácara produtiva. Cultivavam frutas e verduras, criavam animais e produziam especiarias como carnes, lingüiças, salames, defumados, chouriços, cudeguins, morcela e carne seca (todos os artigos alimentícios eram curtidados em varais que ficavam sobre o fogão a lenha).

A família era grande. Seis filhos nasceram em São Caetano: Teresa Antônia, Rosa Maria, João Urbano, Ana Luíza, Ângela Assumpta e Domingos Luiz. A luta diária era penosa, mas os resultados, conforme depoimento de netos e bisnetos, foram bons. A chácara tinha grande quantidade e variedade de frutas (jabuticaba, lima - da - pérsia, uva, banana, uvaia, araçá - do vermelho e do amarelo -, jambo, mamão, ameixa, milho e cana). A água, de bica ou de nascentes, era sempre fresca e cristalina.

Faziam em casa o vinho. Colocavam as uvas em grandes tanques, e todos, com os pés limpos, esmagavam a fruta. Depois, dei-





Reunião da família Giacomini, realizada no dia 11 de Abril de 2000, na residência de Ercília Pires Fournier. Da esquerda para a direita, em pé: Dalva Araújo, Denise Aparecida Toninato de Paula, Marli Tocadela, Alida Poppi Bernucci, Agnes Poppi, Anna Carolina Pires Fournier, Maria de Lourdes Pires de Barros, Ovídio Liberato Perrella. Sentados: Marina Joana Previato, Antônia Lúcia Giacomini Rocco, Maximina Herminia Perrella, Geni Maria Toninato, Ângelo Tocadela, Laura Anna Perrella Pires. Em pé: Ercília Pires Fournier

xavam fermentar. Em seguida, metiam o líquido em garrafas, a fim de bebê - lo mais tarde. Faziam também o vinagre do vinho. Nada se perdia.

A filha Augusta, que nasceu na Itália, casou-se muito cedo e teve quatro filhos. Perdeu o marido e veio morar com os pais. No ano seguinte, 1908, morreu Giovanni Giacomini. Mãe e filha, viúvas, tiveram que cuidar de toda a família.

As atividades eram realizadas em conjunto. Os pais dirigiam, orientavam. Todos trabalhavam.

Filhos e netos foram criados juntos. Levantavam muito cedo e atrelavam os cavalos à carroça, a fim de que dona Marina fosse vender carvão aos clientes. Quando ela voltava, desatrelavam os animais, lavavam - nos, passavam a raspadeira no pêlo e alimentavam - nos. Faziam tudo em casa. Quase não compravam nada. Também o sebo era aproveitado para fazer sabão. A folha de mamão e outros matos serviam para clarear as roupas.

Como era Marina Giacomini? Tratava - se de uma mulher cora-

josa, que assumira o comando da casa e dos filhos. Juntamente com a filha Augusta, a mais velha e também viúva, determinou o destino da família. Era forte, decidida, autoritária e sempre presente. Distribuía tarefas entre filhos e netos. Fazia sempre os serviços mais difíceis.

Tinha cabelos longos (presos à nuca, por um pente, ou amarrados em forma de trança). Vestia-se com roupas muito simples e usava três saias sobrepostas. A saia de baixo servia de proteção contra o sol e os insetos. Na do meio, com um bolso do lado direito, guardava o dinheiro e as chaves da casa. A saia de cima escondia a que trazia o dinheiro, as chaves e os documentos. Suas decisões eram simplesmente acatadas. Não admitia que nenhum filho ou neto modificasse uma ordem dada.

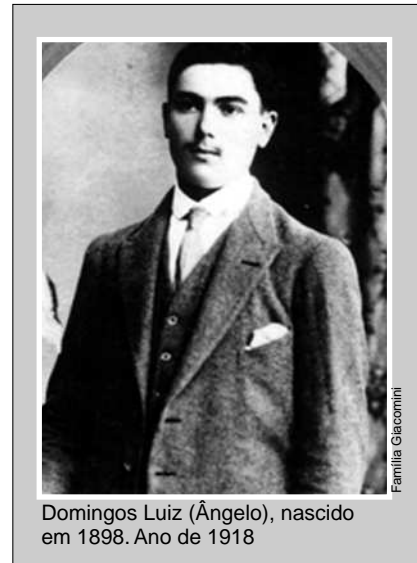
Certa vez, uma das noras mudou, por conta própria, o visual. Fez um corte de cabelo *à la garçon*. Dona Marina ficou furiosa, chegando mesmo a mandar que a moça saísse de casa. Não aceitava aquilo. A nora precisou usar lenço no cabelo por um bom tempo. E o marido não falou nada. Quem decidia tudo era dona Marina.



Ângela Assunta Giacomini, nascida em 1897. Ano de 1915



Tereza Antônia Giacomini Perrella, nascida em 1889. Ano de 1907



Domingos Luiz (Ângelo), nascido em 1898. Ano de 1918



Família Giacomini

Ana Luíza Giacomini Tocadela, nascida em 1896. Ano de 1915



Família Giacomini

João Urbano (Moro), nascido em 1893. Ano de 1913



Família Giacomini

Rosa Maria Giacomini Costa, nascida em 1891. Ano de 1909

Outro episódio, lembrado por um dos netos, Ângelo Tocadela, dizia respeito a uma briga. As filhas de dona Marina, toda vez que saíam para trabalhar, passavam pela Rua Amazonas, esquina com a Rua João Pessoa. Ali morava o sr. Cardoso. O homem tinha uma vaca, muito brava, que volta e meia corria atrás das moças. Depois de inutilmente pedir para que o animal fosse preso, dona Marina veio até à Rua João Pessoa, laçou a vaca e prendeu - a em um mourão (em sua propriedade). Quando o dono foi procurar o bicho, não o encontrou. Logo descobriu o que havia acontecido. Foi falar com dona Marina. Ela, muito brava, lhe disse: *Cuide da sua vaca! Não me responsabilizo pelo que possa acontecer.* Temendo alguma atitude mais rude, o proprietário do animal resolveu desculpar - se e tratou de tomar mais cuidado.

No quintal, havia um forno redondo, de tijolos, onde se assava o pão. Eram pães arredondados, cascudos, chamados *pagnòcas*. Quando assados, de longe se sentia o cheiro. Até o fermento era feito em casa. Comiam polenta, feita do fubá caseiro, junto com

uma folhagem chamada *radíci* (chicórea), carne ou ovos fritos. Criavam porcos e galinhas. Compravam trigo e, com os sacos, faziam roupas para as crianças. As meninas tinham vestes enfeitadas com crochê. Para os rapazes, os sacos eram tingidos a fim de que calças e camisas fossem feitas.

Como era muito católica, Marina Benedetti Giacomini resolveu doar um pequeno lote, em frente à sua residência, na Rua Piauí, para que fosse construída uma igreja em homenagem a São

João Baptista, protetor das crianças. O terreno possuía mil metros quadrados, e foi cedido à mitra Arquidiocesana em Maio de 1926 (a escritura de doação foi feita em 22 de Dezembro de 1928). Dona Marina morreu no dia 7 de Outubro de 1930. Foi sepultada no cemitério de Vila Paula.

Os netos e bisnetos, num gesto de carinho e de saudade, reuniram - se e fizeram o relato das lembranças a respeito da família. Foram eles: Agnes Poppi (bisneta), Álida Poppi Bernucci (bisneta), Ângelo Tocadela (neto), Anna Carolina Pires Fournier (tataraneta), Antônia Lúcia Giacomini Rocco (neta), Dalva Araújo (bisneta), Denise Ap. Toninato de Paula (bisneta), Ercília Pires Fournier (bisneta), Geni Maria Toninato (neta), Hermínia Perrella (neta), Laura Anna Perrella Pires (neta), Maria de Lourdes Pires de Barros (bisneta); Marli Tocadela (bisneta), Marina Joana Previato (neta), Ovídio Liberato Perrella (neto).



Família Giacomini

Marina Benedetti Giacomini. Ano de 1915

(*) Sônia Maria Franco Xavier é professora e dirige o Museu de São Caetano do Sul. Integra o Grupo de Pesquisadores de Memória do ABC; é membro do Conselho Diretor da Fundação Pró - Memória



Fundação Pró-Memória

Depoimento do sr. Armando Orlando na Fundação Pró-Memória, em 22 de Junho de 1999

O renome de Armando Orlando no ramo de bares e restaurantes

Por mais de 40 anos, Armando Orlando atuou na área de bares e restaurantes. No início, trabalhou em sociedade com alguns conhecidos. Depois de casado, resolveu tocar apenas negócios próprios. *Bico - fino*, apelido que recebeu em virtude dos sapatos pontudos, tornou-se sinônimo de restaurante (de fato, sua feijoada era famosa em toda a cidade). O sucesso levou Armando Orlando a inaugurar vários pontos de comércio alimentício, o que o tornou muito popular em São Caetano.

Nasceu na cidade de Bonfim Paulista, ex - distrito de Ribeirão Preto, em dez de Agosto de 1918. O pai, Salvador Orlando, era italiano. A mãe, Cecília Calejan Orlando, espanhola. Em Ribeirão Preto, o tio (por parte de pai) era proprietário de uma grande fazenda de café, cujas divisas começavam no Bairro de Tanquinho e iam até o Morro da Vitória. Armando Orlando possuía sete irmãos, e a mais velha, Laura Vieira Orlando, completou 90 anos em 1999.

Na infância, estudei em Ribeirão Preto. Nessa época, po-

rém, não tive muito tempo para brincar. Meu pai colocava todas as crianças no trabalho de carpir café, plantar milho e feijão. Fiquei até os 16 anos em Ribeirão Preto. Então parti para São Caetano, chegando na cidade em 27 de Março de 1934. Vim acompanhado de meus pais e irmãos, praticamente fugindo da crise que

atingia o interior. Em São Paulo, ficamos alojados na casa de uma prima, na Vila Bela.

A família, aos poucos, conseguiu estabilizar - se. Armando e os irmãos trabalharam como empregados de diversas fábricas (Matarazzo, Louças Adalina etc). Era preciso ajudar na manutenção da casa. Moravam na Rua Papoulas, em residência pertencente a José Musumeci, pai de Cláudio Musumeci. Salvador Orlando virou jardineiro. Trabalhou para os Tognatos, de Santo André, e também participou, como chefe do pessoal de parques e jardins, da administração do prefeito Anacleto Campanella.

Meu primeiro emprego foi em 1934. Trabalhei em um escritório na Rua João Bricola, em São Paulo, em frente à redação do jornal Diário Popular. Depois, fui para a Tecelagem do Jafet, no Ipiranga. Em seguida, arrumei um emprego nas indústrias Matarazzo. Aí fiz amizade com Ciro Veronesi, irmão do Henry Veronesi. Considero o Henry até hoje o meu melhor amigo. Estivemos juntos em várias ocasiões, inclusive no



Fundação Pró-Memória



Inauguração do Restaurante Bico - Fino, dia primeiro de Dezembro de 1979, na Rua Manoel Coelho, 686. Da esquerda para a direita: Casério Veronesi, João Jacob Lorenzini, João Casa Grande e Armando Orlando

time de futebol chamado Juvenil São Paulo, relembrou Armando Orlando.

Antes de ingressar na área de restaurantes, trabalhou algum tempo na oficina de trens - localizada em Paranapiacaba - da Estrada de Ferro Santos - Jundiá. Cansado de trocar de emprego e continuar como empregado, resolveu ingressar no campo do comércio. Comprou um bar na Avenida Francisco Matarazzo. De início, lidava apenas com bebidas. Em pouco tempo, contudo, começou a vender pernil para os feirantes da Rua Heloísa Pamplona. Foi o primeiro passo. O bar passou a comercializar bistecas, pastéis, e também a servir os funcionários da Texaco e das fábricas de carcerias. Assim funcionou por dois anos. Ao cabo do período, entretanto, Armando Orlando, porque não aceitou o aumento do aluguel do prédio em que estava instalado, saiu do local.

Em Julho de 1948, fez sociedade com Horácio Pires para comandar o Restaurante Sinhá Maria, na Rua Santa Catarina. O lugar funcionava como ponto de encontro de jovens e políticos. Possuía infra-estrutura suficiente para o fornecimento de feijoada, serviço *à la carte*, e

muita variedade de petiscos. Apesar da boa frequência do local, acabaram por vendê-lo a João Campanari, que o adquiriu em sociedade com Anacleto Campanella.

Voltou a fazer parceria com Horácio Pires. Dessa vez, iriam explorar uma pista de patinação. Não tiveram muito sucesso. Os negócios em sociedade acabaram de uma vez depois que Armando Orlando casou-se. De fato, logo após o matrimônio, voltou ao antigo bar da Avenida Francisco Matarazzo, recomprou a parte de João Campanari e chefiou o estabelecimento até 1953. A respeito dessa época, comentou:

A concorrência era acirrada. Na frente do Sinhazinha existia o Bar 33, do Bernardino e do Júlio de Mello. O meu bar, porém, era o preferido. Lá se bebia o melhor café de São Caetano. O cardápio daquela época era muito diferente do dos tempo atuais (falo isso antes da comida por quilo). Às quintas - feiras, tínhamos a tradicional macarronada; quartas e sábados, feijoada; terças, virado à paulista; segundas, rabadada. Os ingredientes eram comprados ou no Mercado de São Paulo ou junto a vendedores ambulantes que traziam mercadorias de Santo André e São Bernardo.

Nesse tempo, recebeu convite do prefeito Anacleto Campanella para assumir um posto de venda da Comap (Companhia Municipal de Abastecimentos e Preços). Tratavam-se de pequenos postos de venda de artigos de primeira necessidade, onde os preços eram tabelados e rigidamente fiscalizados. Não se demorou no serviço, e rapidamente voltou ao ramo de bares. Adquiriu, na Rua Amazonas, o Bar dos Compadres, ex - propriedade de Emílio Bonessi.



Restaurante Bico - Fino, na Rua Manoel Coelho. Dia primeiro de Dezembro de 1979



Fachada do Restaurante Sinhazinha, na esquina da Avenida Senador Roberto Simonsen com a Avenida Goiás

Fundação Pró-Memória



Fachada do Bar dos Compadres, na Rua Amazonas. Da esquerda para a direita: (?), Osvaldo Orlando e Armando Orlando

Armando Orlando

Entretanto, logo mudou de endereço, pois foi convidado a assumir um bar na Avenida Goiás, quase na esquina com a Rua Amazonas. Então teve início a experiência de Armando Orlando com restaurantes de grande porte e popularidade em São Caetano do Sul.

O bar da Avenida Goiás era freqüentado pelos trabalhadores das empresas locais (Brasincá e outras), por comerciantes da região e populares em geral. Ficava abarrotado diariamente. O ponto, todavia, foi desapropriado com a duplicação da Avenida

Goiás. Apesar de ter perdido as instalações, a fama do Bar e Restaurante Bico - Fino estava consolidada (a feijoada servida aos sábados era elogiada em toda a cidade). O apelido (*bico fino*), que acabou nomeando o estabelecimento, foi inventado pelo amigo João Casa Grande. Com efeito, Armando tinha o hábito de usar sapatos pontudos.

Saindo da Avenida Goiás, montou outro restaurante - o Capri - que também ficou famoso. Ficava na Rua Manoel Coelho. Adquiriu - o junto a Adelino e filhos. Levou 15 dias para lim-

pá - lo, pois estava empestado de ratos. Trocou o nome *Capri* por *Bico - Fino* e, na inauguração, convidou Casério Veronesi, Jácomo Lorenzini, João Casa Grande e outros amigos. O restaurante funcionou de 1974 a 1981, quando foi vendido para dois portugueses, Manuel e Emílio. A casa fechou em 1996.

Após passar o ponto aos lusitanos, inaugurou o Restaurante Sinhazinha, na esquina da Avenida Goiás com a Avenida Senador Roberto Simonsen. Aí ficou de 1982 a 1985. O sucesso animou - o a iniciar outro negócio. O Restaurante Dom Armando, na esquina das ruas Espírito Santo e Rafael Correia Sampaio, logo foi inaugurado. Moderno, possuía serviço de *fast-food*.

Recentemente, Armando Orlando, com mais de 80 anos, encontrou entusiasmo para, junto com a filha Celi Orlando Rubinato, montar, na Rua Santa Catarina, uma casa de chá, uma doceira e um restaurante à la carte. (*depoimento de Armando Orlando, na Fundação Pró - Memória, em 22 de Junho de 1999*)



Fachada do Restaurante Bico-Fino, na Rua Manoel Coelho. Dia 19 de Janeiro de 1980

Fundação Pró-Memória



Oswaldo Bisquolo

Fotos de Oswaldo Bisquolo, na Fundação Pró-Memória

A contribuição de Oswaldo Bisquolo ao movimento autonomista de 1948

Yolanda ASCENCIO(*)

Oswaldo Bisquolo foi líder autonomista e elegeu-se vereador na primeira legislatura (1949-1952), com 81 votos, pela coligação PR e PSP. Como autonomista, recebeu o título de cidadão sulsancaetanense. Oswaldo Bisquolo nasceu no Bairro da Luz, São Paulo, capital, no dia 11 de Janeiro de 1919, filho de Bruno Bisquolo e Anita Croce. Veio para São Caetano, com a família, em 1925. Como projetista, trabalhou na prensagem de algodão da Anderson Clayton, de 1937 a 1940. A partir dessa data, passou a trabalhar na General Motors do Brasil, onde permaneceu por 15 anos. Em 1942, Oswaldo Bisquolo casou com Edmea Marcucci, com quem teve três filhos: Oscar, Nelson e Marisa. Declara-se um homem feliz, bem sucedido e amante da música e do esporte. Abaixo, trechos da entrevista realizada em 25 de Janeiro de 1999.

Raízes - Fale a respeito do movimento autonomista: quais são suas lembranças, como foi que o senhor se envolveu e aca-

bou trabalhando pela emancipação político-administrativa da cidade?

Oswaldo Bisquolo - *Meu sogro, Júlio Marcucci, era presidente do partido PSP e fazia parte da campanha pela fundação do Hospital São Caetano. A convite dele, meu pai, Bruno Bisquolo, meu irmão Heitor e eu ingressamos no partido e acabamos engajados no movimento autonomista. Na época, eu trabalhava na General Motors do Brasil, mas, em 1946, tendo como sócio Concetto Constantino, abri uma loja de ferragem, na*

Avenida Francisco Matarazzo. Durante o dia, Concetto cuidava da loja, enquanto eu estava na General Motors. Essa loja, juntamente com o escritório de Fernando Piva, acabou sendo a sede do movimento. Todas as fichas preenchidas em favor do movimento eram datilografadas por nós, após às 17 horas, na loja e no escritório de Fernando Piva. Na verdade, era um trabalho de 24 horas, contando com todos, cada um na sua tarefa.

R. - Quais os momentos mais dramáticos da luta pela emancipação?

Quatro gerações da família Bisquolo (da esquerda para a direita): Bruno Bisquolo, Luiz Fernando Neto, Oswaldo Bisquolo; em pé: Oscar Bisquolo, filho de Oswaldo Bisquolo



Oswaldo Bisquolo



Prédio da Casa Triângulo, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, em 1948

O.B. - A maior dificuldade, na minha opinião, era conseguir o apoio da Assembléia Legislativa. Assim, com muito empenho de nossa parte, fomos ganhando a simpatia da maioria dos deputados, graças também à grande colaboração do deputado Cunha Bueno.

R. - O senhor se lembra de situações graves, ocorridas durante a campanha pela separação de Santo André? Quais foram?

O.B. - Durante o dia, fechado na empresa, eu não podia parti-

cipar do movimento. Depois das 17 horas, quando eu me entregava ao trabalho do movimento, não notei nada de grave, apenas pequenos acidentes corriqueiros.

R. - Por que o senhor acredita que a campanha autonomista de 47 e 48 tenha dado certo? Quais foram os fatores principais?

O.B. - Meu tio, João Bisquolo, participou do movimento de 28, que não deu certo por falta de apoio, tanto das autoridades, como da população. Era um grupo pequeno e isolado. Em 48, pe-

lo contrário, houve apoio total do governador do Estado, Adhemar Pereira de Barros, da Assembléia Legislativa, e de uma parte das lideranças de Santo André. Entretanto, acredito que o entusiasmo da população pela emancipação da cidade foi o fator decisivo para o sucesso do movimento de 48.

R. - Que figuras o senhor destacaria na campanha de 47 e 48, e por que razão?

O.B. - É difícil citar, pois cada um, na sua tarefa, era muito dedicado. Sem querer ser injusto, eu citaria: o governador, Adhemar Pereira de Barros, os deputados Gabriel Migliori e Cunha Bueno, o prefeito de Santo André, Alfredo Maluf, e a maioria dos nomes que constam na relação de autonomistas.

R. - As pressões de Santo André foram muito grandes contra a autonomia de São Caetano? De que maneira manifestavam-se no dia-a-dia das pessoas e dos autonomistas?

O.B. - Sim. As pressões de Santo André contra a autonomia



Bruno Bisquolo e Anita Bisquolo, pais de Oswaldo, em foto da década de 30



Foto de 1926, no quintal da padaria Bom Gosto, na Avenida Conde Francisco Matarazzo. Da esquerda para a direita: empregada doméstica(?); Luiz Bisquolo; Anita Bisquolo; Luiza Bisquolo; Maria Bisquolo; Bruna Bisquolo; Heitor Bisquolo e Oswaldo Bisquolo



Foto de 1943, em Poços de Caldas. Da esquerda para a direita: Antônio de Mello Neto (Carioca), Bruna de Mello, Edmea Marcucci Bisquolo e Oswaldo Bisquolo

de São Caetano foram bem grandes. Havia debates acalorados na Câmara. Dos 11 vereadores que representavam São Caetano, apenas quatro apoiavam o movimento: Anacleto Campanella, Lauro Garcia, João Dal'Mas e Antonio Dardis Neto. Os demais eram contrários. Acredito, porém, que tais pressões não afetavam o entusiasmo da população e dos autonomistas.

R. - Mencione o papel da imprensa na campanha autonomista: como a população recebia a pregação do Jornal São Caetano?

O.B. - O Jornal São Caetano foi criado por jovens autonomistas entusiastas para divulgar a campanha pela fundação do Hospital São Caetano. Daí, surgiu a Sociedade Amigos de São Caetano, cujo presidente era o professor José Bonifácio Fernandes. O movimento foi crescendo e o Jornal São Caetano acabou tornando-se um veículo de comunicação e divulgação do ideal autonomista também.

R. - O que houve de mais importante na primeira legislatura da Câmara Municipal da cidade? Quais foram os debates mais acalorados?

O.B. - Não houve, na minha



Oswaldo Bisquolo, recebendo o título de cidadão sulsancaetanense e das mãos de Armando Furlan, presidente da Câmara Municipal

Oswaldo Bisquolo

opinião, debates tão acalorados. Na maioria, os vereadores eram amigos, autonomistas e pouco experientes na política. Lembro-me de dois projetos apresentados por mim, ambos rejeitados na época: o alargamento da Avenida Goiás e a criação do primeiro Ginásio(?).

R. - Como transcorreu a primeira legislatura e o primeiro governo municipal? Houve cooperação completa do Legislativo com o Executivo ou houve rivalidades político-partidárias?

O.B. - Apesar da grande falta de recursos, tudo transcorreu num clima de compreensão e serenidade.

R. - A sucessão do engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino foi tranqüila, ou houve luta de bastidores, para que se definisse o nome do candidato a ser apoiado pelo Executivo?

O.B. - A sucessão foi tranqüila. Anacleto Campanella, por seus trabalhos na Câmara de Santo André e empenho pelo movimento autonomista, acabou tornando-se um líder e, assim, sucessor natural de Pellegrino.

R. - O relacionamento dos autonomistas com o governador Adhemar Pereira de Barros era positivo, no final dos anos 40? Ele apoiou bastante as reivindicações de São Caetano? Após a emancipação, como foi o contato com o governo do Estado?

O.B. - O governador Adhemar Pereira de Barros apoiou integralmente o movimento autonomista, do princípio ao fim. Após a emancipação, continuou ao lado de São Caetano do Sul, atendendo sempre bem a suas reivindicações.



Da esquerda para a direita: Antônio de Mello Neto, Bruna de Mello, Edmea Marcucci Bisquolo e Oswaldo Bisquolo. Foto de 1993, em Goiás

Oswaldo Bisquolo

(*) Yolanda Ascencio, escritora, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 e 2 - A construção do Viaduto Independência sobre os trilhos da estrada de ferro [inaugurado em 1972, durante os festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil] foi muito importante para a ligação de São Caetano com os bairros paulistanos da Vila Alpina, Vila Bela, e Vila Califórnia, porque descongestionou o Viaduto dos Autonomistas. Nesta imagem de 1971, estão registrado os trabalhos de construção da obra; à esquerda, o edifício do Moinho Santa Clara. Em anexo, o desenho do sistema viário após a conclusão do viaduto



Fundação Pró-Memória



Fundação Pró-Memória

3 - Na década de 70, a Câmara Municipal de São Caetano oferecia o título de Mãe-Símbolo às mulheres que se destacavam em trabalhos de filantropia. Em 1972, a homenageada foi a Sra. Mafalda Lorenzini Cazzela, que recebeu o pergaminho das mãos do prefeito Oswaldo Samuel Massei e do vereador Altamiro Dias da Motta [ao microfone]



Fundação Pró-Memória

4 - A imagem de 4 de Julho de 1959 flagra dois médicos de São Caetano com longo trabalho profissional na cidade: à esquerda, o dr. Souza Voto transmite ao dr. Adib João Kirch a presidência do Lions Clube

O maior jogador de futebol da história de São Caetano



Narciso
FERRARI (*)

Walter Marciano de Queiroz, filho de José e Oscarlina Marciano

de Queiroz, nasceu em 15 de Setembro de 1931, na Rua São Joaquim, Bairro do Lavapés, São Paulo. Tinha três irmãos: Hildebrando, Nadir e Cláudio. Foi, na opinião do técnico Francisco Marinotti, o melhor jogador de futebol que o São Caetano Esporte Clube teve em toda a sua história.

Quando Walter era pequeno, seus irmãos, Hildebrando e Nadir, morreram. Depois da tragédia, a família mudou-se para a Rua Barão de Iguape (Lavapés), e foi lá que a vida de Walter começou. Com sete anos de idade, freqüentava peladas nas ruas do bairro. Com nove, foi expulso do Grupo Escolar Campos Sales. Rejeitado pelas escolas estaduais, foi matriculado no colégio particular Externato Santo Antônio. Em seguida - já morando na Avenida Lins de Vasconcelos, Cambuci - cursou, no colégio Anglo-Latino, os primeiro e segundo anos ginasiais. Com 15 anos de idade, não parava em emprego nenhum; no entanto, queria tornar-se jogador profissional e sustentar seus pais. Assim, foi jogar no infantil do Corinthians de Vila Deodoro e, depois, no Canto da Vila Deodoro Futebol Clube. Na seqüência, jogou pelo Lagoa Externato NS da Glória FC, do mesmo bairro. Querendo ser

Time do São Caetano Esporte Clube, campeão do 5º Grupo da 2ª divisão de futebol da Federação Paulista de Futebol, em 1950. Da esquerda para a direita: Joseph Fuchs, Orestes, Neno, Victor, Sidney, Mosca, Nilo, Francisco Marinotti, Biagio, Cersosimo e Gino Ricciardi. Agachados: Elzo, Andó, Oswaldo, Walter Marciano, Wilson e Daniel Parisi



atleta profissional, foi fazer testes no Rio Pardo FC, da cidade de São José do Rio Pardo, com promessa de ganhar dez mil cruzeiros de luvas e 600 cruzeiros de ordenado, além de casa, comida e emprego.

Entretanto, não passou pelo estágio, e ganhou apenas 300 cruzeiros. Resolveu fazer testes no Guarani de Campinas, aí ficando por três meses. Vendo que não iria conseguir nada, voltou para São Paulo e foi trabalhar de açougueiro. Sua família foi morar em Santos. Sozinho, logo mudou de emprego e foi para uma fábrica da Nadir Figueiredo. Voltou a jogar. Dessa vez, no União Futebol Clube.

CONTRATAÇÃO - Indicado por um amigo, veio fazer teste no São Caetano Esporte Clube, na posição de médio-apoiador ou centro-médio. Em um jogo-treino com a Texaco FC, o técnico do clube, Francisco Marinotti, colocou-o na frente com mais cinco atacantes. Walter foi con-

siderado o melhor do treino. De fato, gostou de jogar como atacante, pois tinha mais liberdade para trabalhar com a bola.

Como seu passe estava preso à A. Portuguesa de Desportos, time em que nunca jogou, Joseph Fuchs, diretor esportivo do São Caetano, por intermédio de Vicente Luiz Pina, antigo secretário do clube, fez contato com Nestor, diretor da A. Portuguesa de Desportos, e obteve a liberação do jogador.

No domingo anterior ao da estréia de Walter, o São Caetano Esporte Clube havia perdido, em seu campo, para o Esporte Clube São Bernardo, último colocado, por 3 a 1. O próximo jogo, contra o São João de Jundiá, seria realizado na casa do adversário. O técnico Marinotti queria fazer modificações na equipe, mas, sendo uma pessoa de diálogo, comunicou sua intenção ao diretor esportivo. O cartola foi contra qualquer alteração. Todavia, na hora do jogo, Marinotti fez as modificações:



Equipe do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, em 1956. Em pé: Vitor Gonzales, Paulinho de Almeida, Haroldo, Laerte, Orlando e Beto. Agachados: Sabará, Walter Marciano, Ademir de Menezes, Pinga e Parodi

Walter entrou no lugar de Luiz Camargo, e outro estreante, Victor, no lugar de Date. O São Caetano Esporte Clube venceu por 3 a 1, com gols de Elzo, Walter e Oswaldo. O time completo foi este: Orestes, Mosca e Neno; Shubert, Sidney e Victor; Rubens, Andó, Oswaldo, Walter e Elzo. Walter nunca mais deixou de ser titular, e sua presença era considerada a maior atração. Foi campeão pelo clube em 1950.

Walter trazia, para os jogos, seus pais, avós, irmãos e vizinhos. O ambiente que formou em torno de si foi dos melhores, participando sempre de festas particulares e bailes. Era a maior atração de todos os jogos. Em pouco tempo, os clubes grandes da capital interessaram-se pela maior revelação do interior, e o São Paulo FC, clube do seu coração, levou-o para treinar no Morumbi. Sua passagem pelo tricolor, contudo, não foi feliz.

YPIRANGA - Certa noite, o presidente do CA Ypiranga, Gerônimo Mauri, e os diretores Domingos Sgarzi e Carlos Paeta adquiriram o passe de Walter junto ao presidente do São Caetano, Otavio Tegão, por 86 mil

cruzeiros, valor considerado elevado para a época.

O salário do jogador, no São Caetano EC, em 1952, era de 1500 cruzeiros, porém, no CA Ypiranga, assinou contrato, por dois anos, pelo dobro do salário. O técnico do clube, Luiz Mesquita de Oliveira (Luizinho), fez Walter estreiar contra o Corinthians Paulista, no Pacaembu. A agremiação de Parque São Jorge venceu por 3 a 2, todavia, Walter foi considerado um dos melhores em campo. Era gostoso vê-lo jogar. Fino no domínio da bola, malicioso nos dribles, ótima visão de gol.

Os três clubes grandes da capital queriam seu futebol, mas foi o Santos FC que levou a melhor. Na época, o clube santista começava a montar aquele que foi o maior esquadrão de todos os tempos. Primeiramente, Walter foi emprestado ao time de Vila Belmiro para disputar o torneio Rio-São Paulo, e, em seguida, contratado em definitivo por 700 mil cruzeiros. O salário seria de 12 mil cruzeiros. No Santos, fez parte da famosa linha: Alfedinho, Walter, Álvaro, Vasconcelos (ou Jair da Rosa Pinto) e Pepe. O treinador era Luiz Alonso, mais conhecido como Lula.

Não demorou muito para que o técnico da seleção brasileira, Aimoré Moreira, o convocasse para disputar a taça O'Higgins. Na estréia, o selecionado brasileiro foi escalado da seguinte forma: Castilho, Paulinho e Pinheiro; Ivan, Dequinha e Nilton Santos; Garrincha, Walter, Evaristo, Didi e Escurinho. Walter também foi convocado para disputar a Copa do Mundo, na Suíça, em 1954.

Durante esse tempo, porém, uma forte contusão na canela quase terminou com sua carreira. O acidente aconteceu em um jogo contra o Botafogo do Rio de Janeiro, num choque com Ruarinho. O Santos, achando que Walter estava irremediavelmente inutilizado para o futebol, demonstrou interesse em negociar o passe do atacante. Imediatamente, o Vasco da Gama interessou-se em adquiri-lo.

Depois de examinado pelo departamento médico do clube carioca, Walter foi contratado por 1.200.000 cruzeiros. O salário era de 13 mil cruzeiros, com direito a gratificações e participação na venda do passe. De imediato, foi operado no Hospital dos Acidentados, no Rio de Janeiro, e, depois de restabelecido, fez sua estréia contra o Madureira.

Walter era muito solicitado pelos fãs: dava entrevistas, concedia autógrafos e freqüentava bailes e festas familiares. Em uma dessas festas, conheceu a moça que viria a ser sua esposa: Edna. Casaram e tiveram um filho, Sérgio Willians Marciano de Queiroz. O craque também gostava de música, especialmente das valsas vienenses e de Sílvio Caldas, admirava o cinema, sentia prazer em ir à praia e apreciava um cigarrinho. Quanto

a bebidas, apenas socialmente. Morava na Ilha do Governador.

Em uma excursão que o Vasco fez à Europa, Walter destacou-se de tal modo, que o Valência, time espanhol, contratou-o imediatamente. O acordo com o novo clube permitiu-lhe conseguir a independência financeira. Na década de 50, jogando na Espanha, ao sair da casa de um amigo, dirigindo seu carro, sofreu um acidente na estrada - chocou-se com outro automóvel - e veio a falecer. Segue abaixo, o texto que a revista *Vida do Craque* nº 34/35, de Outubro de 1964, publicou sobre Walter: *Registre-se, portanto, que o técnico Marinotti, do São Caetano Esporte Clube, foi o homem que influenciou em cheio na vida do grande craque. Não fora ele, com a tentativa experimental, e talvez Walter ainda estivesse atuando pelos clubes de baixo. Marinotti, conforme acentuou o próprio jogador, foi o primeiro degrau de sua carreira.*

Participação de Walter Marciano de Queiroz na seleção brasileira de futebol, como atacante, em jogos oficiais: em 18 de Setembro de 1955, contra o Chile, 1x1; em 13 de Novembro de 1955, contra o Paraguai, 3X0; 8 de Abril de 1956, contra Portugal, 1x0; 11 de Abril de 1956, contra a Suíça, 1x1; 21 de Abril de 1956, contra a Checoslováquia, 0x0; 25 de Abril de 1956, contra a Itália, 0x3; 1 de Maio de 1956, contra a Turquia, 1x0. Jogo não oficial: 1 de Abril de 1956, contra a Seleção Pernambucana, 2x0.

(*) *Narciso Ferrari, ex-presidente do São Caetano Esporte Clube*

Unidos Vôlei Clube, curta história cheia de riquezas

Nelson PERIN(*)

No começo da década de 50, um grupo de senhores e jovens - estes últimos praticavam o vôlei em suas escolas - do Bairro Santo Antônio, no trecho coberto pelas ruas Joaquim Nabuco, Espírito Santo, Monte Alegre, Rio Grande do Sul e Minas Gerais (hoje Rua José Benedetti), resolveram arrumar uma quadra de chão batido, ou compactado, para a prática de voleibol. Na varanda da residência de Luíza Masini Coppini - avó de Valter Mariano -, na Rua Joaquim Nabuco, vários jovens reuniram-se para falar de vôlei. Arnaldo Bellotto comentava os torneios em que esteve presente, defendendo o Colégio Arquidiocesano, Valter Mariano falava sobre suas partidas na União Cultural Brasil - Estados Unidos, Ivo Pellegrino e José Claudio Piotto lembravam dos jogos no Colégio São Bento.

No início de 1952, na Rua Joaquim Nabuco, em um lote vazio gentilmente cedido por Valdevino Piotto, o grupo construiu uma quadra, e o porão da casa de Piotto serviu de vestiário. Além de participar dos nossos *rachas* de vôlei, Valdevino Piotto era pai de dois dos futuros atletas do clube: José Cláudio (Zequinha) e Marielena Piotto. O grupo foi crescendo e o entusiasmo aumentando. No dia 29 de Junho de 1952, na garagem da residência do nosso querido e saudoso primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, ao redor de uma mesa de pingue-pongue, pertencente a seu filho Ivo,



Flâmula comemorativa do quinto aniversário do Unidos Vôlei Clube (1952-1957)

Fundação Pró-Memória

surgia o Unidos Vôlei Clube. Estavam reunidos, ao redor da mesa: José Ribeiro da Silva, que dirigiu os trabalhos e seria aclamado o primeiro presidente do clube, Sérgio Mattar, Ivo Pellegrino, José Cláudio Piotto, Nelson Perin, Brasília Rosseti, Arnaldo Bellotto, Valdevino Piotto, Francesco Gagini, Cesare Monteggia, Darmil Garcia Lopes, Renato Sartori, Pedro Strufaldi, Valter Mariano, Valter Pesk, Waldemar Etori, José Mário Picozzi e Jesus Medrano Cortizzo.

Por unanimidade, e devido à amizade que reinava entre os componentes do grupo, o nome escolhido foi Unidos Vôlei Clube.



Fundação Pró-Memória

Amélia Piffer (Amelinha), jogadora do Unidos Vôlei Clube de São Caetano, em foto de 1958



Dionísio Nomellini Neto

Dionísio Nomellini Neto, jogador do Unidos Vôlei Clube, na quadra da escola 28 de Julho Foto de 1959



Dionísio Nomellini Neto

Jogo do Unidos Vôlei Clube. Dionísio Nomellini (cortando a bola) e, ao lado, Nelson Perin. Foto de 1957

O uniforme ostentaria as cores da cidade. O brasão de São Caetano serviria de distintivo, sendo que a inscrição *Di Thiene* seria substituída por *Unidos*, e a data de fundação da cidade pela da fundação do clube. Feito o orçamento e a encomenda do material necessário, cada atleta pagou a sua cota. De posse do material, em uma tarde de domingo, em 1952, naquela quadra de chão batido - em um lote onde, nas laterais, sobrava apenas um metro, e, nas cabeceiras, outros poucos - colocamos uma barra fixa, feita com duas vigas de

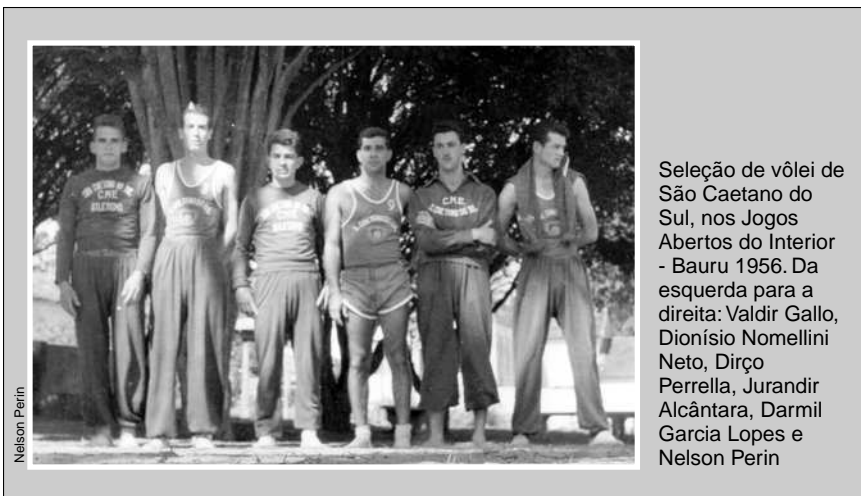
peroba e um vergalhão de cano, para iniciarmos os jogos. Diante de muitos dos familiares dos atletas, o saudoso Ângelo Raphael Pellegrino, a convite de todos, e após uma emocionante saudação feita ao clube que surgia, entregou, a cada atleta, uma camisa.

Não tivemos adversário neste jogo, para nós histórico, pois o grupo (senhores e jovens) foi dividido em várias equipes, e tudo foi festa e confraternização. O juiz foi Sérgio Mattar que, no futuro, além de técnico do Unidos e da Seleção de São Caetano, em

vários jogos, seria também diretor de voleibol da Comissão Municipal de Esportes (CME). Os tempos eram difíceis, mas o Unidos sempre apoiou e foi apoiado pelo inesquecível, e vários anos presidente da CME, professor Milton Feijão.

No início de 1953, surgia também a equipe feminina do Unidos Vôlei Clube, que representou quase a totalidade das jogadoras que compuseram a seleção de São Caetano nos Jogos Abertos do Interior de 1954, disputados em Sorocaba. Pela primeira vez, São Caetano foi representada nessa modalidade.

A equipe feminina formou-se a partir de um convite que Dalva Mattos, futura esposa de Ivo Pellegrino, fez às suas colegas do Colégio Estadual de Santo André. Posteriormente, convidou algumas alunas - que já praticavam vôlei nas aulas de educação física - do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul. No início, os treinos eram frequentados por apenas seis atletas, porém, em pouco tempo, o grupo recebeu mais quatro jogadoras. Com muito orgu-



Nelson Perin

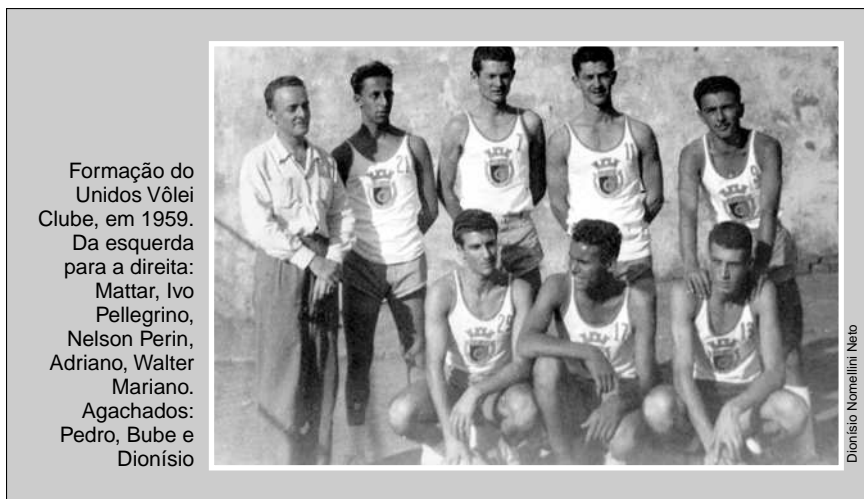
Seleção de vôlei de São Caetano do Sul, nos Jogos Abertos do Interior - Bauru 1956. Da esquerda para a direita: Valdir Gallo, Dionísio Nomellini Neto, Dirço Perrella, Jurandir Alcântara, Darmil Garcia Lopes e Nelson Perin

lho, relacionamos os seguintes nomes: Dalva Mattos, Jeanete Capelli, Déa Mattos, Marilena Piotto, Amélia Piffer, Claudete Capelli, Jacinta Rosseti, Edna Benati, Angelina Barbieri e Marilena Mayer. O técnico da equipe era Ivo Pellegrino, e a jogadora que, devido ao excelente nível técnico, mais se destacou, foi Amélia Piffer (Amelinha). Amélia começou no Unidos e, depois, foi jogar no Clube Atlético Paulistano. Não demorou a ser convocada para a seleção paulista.

Também no ano de 1953, o grupo da ala masculina aumentou. De fato, vários jovens da cidade, além da amizade que os ligava ao grupo primitivo, vibravam com as conquistas deste nosso pequeno clube. Assim sendo, o Unidos Vôlei Clube passou a contar com mais alguns valerosos componentes, que honraram o nome do clube dentro e fora das competições. Os novos componentes foram: Dionísio Nomellini Neto, Eronildes de Oliveira, Luiz Murilo Montovani, Sérgio Nogueira, Jurandir Alcântara, Eloy Affini, Valentin Perin, Júlio Okoda, José Giovannini, José Antônio Benedetti, José Rolandi, Wilson Mariano, Osmar Camargo, Aurélio Baltzer Bultzer e Álvaro Porto Reis.

Naquela época, não havia ginásios de esporte em São Caetano e, muitas vezes, por este motivo, o Unidos, mesmo ganhando a fase municipal ou intermunicipal de alguns torneios, tinha que jogar fora da cidade, não tendo direito a mando de jogo.

VITÓRIAS - Enquanto existiu, o Unidos ganhou todos os campeonatos e torneios municipais que disputou. Além disso, sua equipe B, por muitas vezes, chegou na segunda colocação.



Formação do Unidos Vôlei Clube, em 1959. Da esquerda para a direita: Mattar, Ivo Pellegrino, Nelson Perin, Adriano, Walter Mariano. Agachados: Pedro, Bube e Dionísio

Dionísio Nomellini Neto

Em 1953, a Comissão Municipal de Esportes, visando formar a equipe de atletismo que disputaria os Jogos Abertos do Interior, de 1954, em Sorocaba, organizou provas pedestres nas ruas da cidade. Os voleibolistas do Unidos ganharam alguns troféus nessas provas. Não tínhamos pistas de atletismo em São Caetano e, com

o objetivo de compor a equipe - que, no ano seguinte, em Sorocaba, representaria nossa cidade pela primeira vez nesta modalidade -, a CME, presidida pelo saudoso professor Feijão, fez um convite a todos os jovens de São Caetano para que fossem ao estádio da General Motors Esporte Clube treinar e participar das eliminatórias, sob as orientações de José Joaquim Fernandes e Carmo Mazzucato, os dois técnicos incumbidos de organizar o grupo. Os treinos eram ao redor do campo de futebol.

Mais uma vez, o Unidos brilhou, através de alguns de seus voleibolistas, ao vencer várias das eliminatórias. Alguns dos vencedores foram: Jurandir Alcântara, no salto com vara e no arremesso de dardo; Arnaldo Belloto, nos arremessos de peso e disco; Waldemar Etori, nos 100 metros rasos; Eronildes de Oliveira, nos 200 metros rasos; e Nelson Perin, na prova dos 1500 metros.

Seria injusto, ao contar a história do Unidos Vôlei Clube, omitir o nome de Damil Garcia Lopes, o Sansão. Além de fundador, foi, nos primeiros anos do clube, atleta militante. Ao deixar as quadras, dedicou-se ao jornalismo e, como repórter do jornal



Flâmula comemorativa do terceiro aniversário do Unidos Vôlei Clube (1952-1955)

Dionísio Nomellini Neto

A *Folha do Povo*, passou a cobrir todos os esportes em que São Caetano do Sul competia. Foi através dele que surgiu o *UVC* - jornal interno do clube -, que ficava na Rua Santa Catarina, 25, primeiro andar, sala 13. Ali também funcionava o escritório do SESI, entidade em que Damil trabalhava.

Além das conquistas, outro fator de grande importância eram as festas de aniversário do Unidos. Como 29 de Junho é dia de São Pedro, as comemorações eram no estilo junino (caipira, hoje country). A quadra da Rua Joaquim Nabuco transformava-se em um autêntico arraial, decorado, a cada ano, de maneira diferente, com muitas bandeirolas, bambus, bananeiras, samambaias, frutas etc. Ao lado de uma torre construída com bambus ficava a emissora de rádio. Uma barraca abrigava os músicos, e a aparelhagem de som, a cada ano, recebia um nome: *PRK-Chaça*, *PRK-Ximbo*, *PRK-Brito*, e assim por diante. O arraial também tinha nomes diferentes, e os mais lembrados são: *Arraiá do Pito Aceso*, *Arraiá do Fuminho Manhoso* e *Arraiá da Mulinha Teimosa*. A barraca que nunca faltou foi a denominada *Sédia do Clube*. Ali, em uma estante muito bem montada, exibíamos aos convidados a nossa coleção de troféus, que a cada ano aumentava.

A sociedade e as autoridades da época aguardavam por essa festa, que sempre fez sucesso. Nunca esqueceremos o casal Dinorah e David Stadler, que muito colaborou na organização das comemorações. Era belo e maravilhoso o elo de amizade entre a velha e jovem guarda do clube. O Unidos era uma família.

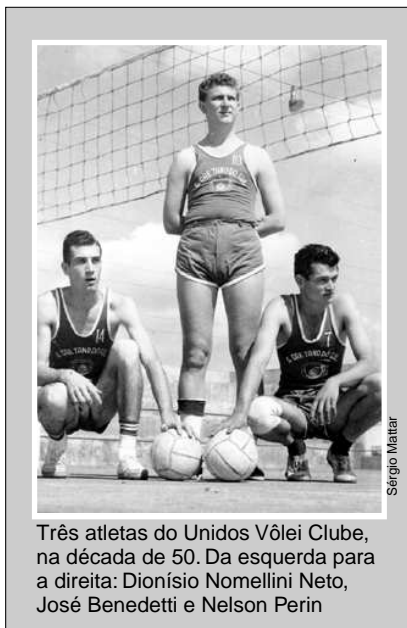
A ala masculina e a feminina, nas festas de aniversário, fa-



Equipe feminina do Unidos Vôlei Clube. Em pé, da esquerda para direita: Janete Capelli, Dalva Matos e Giorgina. Agachadas: Marilena Piotto, Edna Benatti e Jacinta Rossetti

Dionísio Nomellini Neto

ziam um pacto: ninguém entrava no arraial abrindo a porteira com as mãos. Tinha que ser com os pés, pois as mãos deveriam estar ocupadas carregando bandejas, pratos de doces e salgadinhos, que todos tinham prazer em trazer. Alguns casais de projeção na cidade conheceram-se nessas festas.



Três atletas do Unidos Vôlei Clube, na década de 50. Da esquerda para a direita: Dionísio Nomellini Neto, José Benedetti e Nelson Perin

Sérgio Mattar

HUDSON - As coisas, a partir de 1959/60, foram ficando difíceis para a sobrevivência dos pequenos clubes que só praticavam vôleibol - como no caso dos clubes co-irmãos do Unidos, os inesquecíveis Clube Atlético Centenário e Dnipro. Os atletas deste último treinavam na quadra de chão batido, lá no Bairro Fundação.

Em 1959, o Unidos foi o quarto colocado no Campeonato do Interior Interclubes, disputado no Ginásio Municipal de Jundiaí. Todas as taxas de inscrição, arbitragem etc, que cada torneio exigia, eram rachadas entre os atletas. Nossa participação no campeonato de Jundiaí, contudo, foi marcada por um fato que nada teve a ver com os jogos: Após nossa jornada de trabalho, reuníamos-nos defronte à quadra da Rua Joaquim Nabuco, ou no Jardim Primeiro de Maio, e então seguíamos para a *Terra da Uva*, através de duas conduções, pertencentes a dois jogadores, que gentilmente as colocavam a serviço do clube: o Jeep Willys Overland, do ano, de Ivo Pellegrino, e o velho Hudson conversível, modelo 1949, de Juran-dir Alcântara.

Em um desses dias, o velho Hudson parou várias vezes, devido a panes, no trajeto de ida a Jundiaí. A cada parada, nossa preocupação aumentava, pois, à noite, o Unidos faria o primeiro jogo. Visando minimizar o problema - não querendo perder mais tempo no vestiário, quando lá chegássemos -, aproveitamos as paradas para trocarmos de roupa ali mesmo, no acostamento da Via Anhanguera. Quando conseguimos chegar ao Ginásio Municipal de Jundiaí, o que nos aguardava já era esperado: o time adversário estava na quadra, e um jogador, posicionado na zona de saque, com a bola na mão,

observava o juiz que, por sua vez, conferia as últimas voltas dos ponteiros de seu cronômetro. Ao fim dos dois ou três minutos que faltavam, o árbitro autorizaria o início simbólico da partida e, quando a bola tocasse o piso do lado oposto da quadra, vazio pela nossa ausência, apitaria novamente, dando o jogo por terminado. A vitória, por WO, seria do adversário.

Nem procuramos o acesso à quadra pelos vestiários. Dali mesmo, por onde entramos no ginásio, pulamos o pequeno alambrado - que isolava a quadra do público -, amontoamos, rapidamente, todos os nossos pertences ao redor do banco de reservas, e corremos, imediatamente, para dentro da quadra. Cada um na sua posição, o juiz autorizou o início do jogo. Para a alegria de todos que ali estavam, e também dos que em São Caetano ficaram torcendo por nosso sucesso, conseguimos a vitória. Alguns dos jogadores, sujos com o óleo e a graxa do velho Hudson, disputaram a partida assim mesmo. É muito gratificante, para nós todos, lembrar esse episódio.

O Unidos terminou no fim dos anos 50. Os jogadores que continuaram competindo foram convidados a integrar a equipe do Cerâmica

Clube, que acabava de inaugurar o seu Ginásio de Esportes. O convite partiu do saudoso Geraldo Plates, diretor de esportes do clube, e também de Valter Mariano, ex-atleta do Unidos e velho funcionário da Cerâmica. Foi com essa equipe que o Cerâmica obteve o terceiro lugar no campeonato popular de voleibol da Gazeta Esportiva, que registrou a presença de mais de uma centena de equipes, e cujas eliminatórias foram disputadas nos melhores clubes da capital. As finais foram jogadas numa quadra montada sob o Viaduto do Chá. O trânsito foi interdito e muita gente compareceu ao local.

A seguir, todos os jogadores remanescentes do Unidos e do Centenário foram convidados a

fazer parte da equipe da General Motors Esporte Clube, que viria a competir em torneios importantes. O convite partiu do grande esportista e saudoso presidente do clube da General Motors, Leonardo Sperate, e do diretor do departamento de voleibol, Arnaldo Medeiros.

BRONZE - Foi através do vôlei masculino da General Motors Esporte Clube, sob a orientação técnica do competente Airton Pinheiro de Castro, que São Caetano do Sul ganhou, por três vezes, a medalha de bronze. Isso aconteceu nos Jogos Abertos do Interior de Marília, em 1962; São José do Rio Preto, em 1963; e São Caetano do Sul, em 1964. Desta equipe - que vestiu com muito orgulho as camisas da General Motors Esporte Clube e da seleção de São Caetano - fizeram parte Nelson Perin e Ivo Pellegrino, ambos fundadores do Unidos Vôlei Clube. Perin abandonou as quadras em 1964, e Ivo Pellegrino competiu apenas até o ano seguinte.

() Nelson Perin, descendente de colonos vênéticos, nascido em São Caetano, foi esportista destacado durante vários anos, defendendo a seleção de vôlei da cidade*



O Hudson de Jurandir Alcântara

Sérgio Mattar



Perua da Prefeitura que servia de transporte aos jogadores. Foto da década de 50

Sérgio Mattar

Rubens Fredenhagen Vasconcellos empolga o público da nobre arte...

Nelson PERDIGÃO(*)

Rubens Fredenhagen Vasconcellos, 57 anos, casado, filho de Alice e Odilon Vasconcellos, nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Chegou em São Caetano quando o pai, funcionário de carreira do Banco do Brasil, veio trabalhar na agência do banco na cidade, localizada na Rua Baraldi. Com o passar do tempo, Rubens tornou-se boxeador. Suas atuações eram destacadas e elogiadas por grande parte da imprensa. Foi contemporâneo de Éder Jofre, maior ídolo do boxe brasileiro, e isso foi bom para sua carreira, visto que o campeão mundial havia atraído as atenções para a nobre arte.

CARREIRA - Os primeiros socos foram dados em um saco de areia pendurado na parede do quintal de sua casa. Em 1957, iniciou treinamentos com Artur Taciolli, esportista muito conceituado e que ensinava os pupilos na sede social do São Caetano Esporte Clube, na Rua Perrella. A precariedade do local, contudo, fez com que o grupo procurasse outras instalações. Desse modo, os boxeadores transferiram-se para o Atlético Corinthians FC, na Rua Pernambuco (onde hoje funciona o restaurante Piola).

Em 1958, Rubens Vasconcellos fez sua estréia como peso leve. Defendendo a cidade, no Troféu Bandeirantes, ficou com a medalha de bronze. Em 1959, melhor preparado, venceu o tor-

Carteira de identidade de Rubens Vasconcellos como atleta dos IV Jogos Pan-Americanos, realizados em São Paulo, em 1963



Exibição, na Praça Cardeal Arcoverde, do grupo de pugilistas do Atlético Corinthians de São Caetano do Sul, em 1958. Rubens Vasconcellos é o terceiro da esquerda para a direita



Rubens Vasconcellos, em treinamento no Clube Willys Overland, preparando-se para os IV Jogos Pan-Americanos



Rubens Vasconcellos sendo proclamado vencedor da luta contra o representante do Peru, Júlio Legardi, nos Jogos Pan-Americanos



Rubens Vasconcellos

Luta - exibição da equipe de boxe do Atlético Corinthians, na Praça Cardeal Arcoverde, em 1958. Da esquerda para a direita: Rubens Vasconcellos, Artur Tacioli e Antônio Boscatto



Rubens Vasconcellos

Rubens Vasconcellos venceu o americano Wade Smith, classificando-se para a luta final



Rubens Vasconcellos

Na festa de entrega do Troféu Dez Mais de São Caetano do Sul, em 1961, realizada no Moinho São Jorge, o esportista escolhido foi Rubens Vasconcellos

neio. O sucesso fez com que importantes clubes e academias disputassem-lhe os serviços. Como, na época, era funcionário da Pirelli, acabou optando pelo Clube Atlético Pirelli, dirigido por Antônio Carollo. Em pouco tempo, desenvolveu-se fisicamente e tecnicamente, passando para a categoria meio - médio. Representando Santo André, conquistou novamente o Troféu Bandeirantes (nos anos de 1960 e 61). Em categorias diferentes, voltou a ganhar essa mesma competição nos anos de 1962 (-meio - médio - ligeiro), 1963 (-meio - médio) e 1964 (meio - médio - ligeiro).

Em 1963, Rubens Vasconcellos representou o Brasil nos IV Jogos Pan - Americanos, ocorridos em São Paulo. Lutando na categoria meio - médio (63,5 a 67 quilos), estreou, no dia 23 de Abril de 1963, com uma vitória sobre o peruano Júlio Legardi. Na segunda luta, uma semana depois, venceu o norte - americano Wade Smith. Um problema, contudo, prejudicou a dele-

gação brasileira. A equipe de boxe estava alojada na Willys Overland Club, em São Bernardo do Campo. O local, afastado e frio, provocou gripe em vários atletas. Talvez por isso, Rubens Vasconcellos não tenha conseguido resistir, na luta final, ao chileno Misael Vilogran. A derrota foi por pontos, e o brasileiro ficou com a medalha de prata.

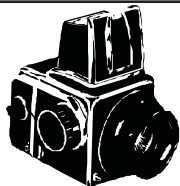
Durante a carreira, fez 65 lutas. Venceu 50 - sendo 35 por nocaute -, perdeu 12 e empatou três. Sua força, aliada à técnica, era muito admirada, e suas lutas eram acompanhadas com muito interesse. Foi campeão brasileiro, em 1964, como médio - ligeiro e, no mesmo ano, sagrou-se *Campeão dos Campeões*.

HOMENAGEM - O *Grêmio 28 de Julho*, órgão estudantil que representava os alunos do Ginásio Estadual Bonifácio de Carvalho, elegia, a cada ano, as dez personalidades de maior destaque na cidade. Em 1961, foram indicados: advogado - Hertz Jacinto Costa; artista - Antônio

Luiz Fernandes Ribeiro; engenheiro - Bilac de Almeida Bianchi; médico - Dr. Antônio Souza Votto; comerciante - João Apolinário; acadêmico - João da Costa Faria; industrial - Francisco Almanza; personalidade masculina - Ângelo Raphael Pellegrino; personalidade feminina - professora Yolanda Ascêncio; esportista - Rubens Fredenhagen Vasconcellos.

A festa de entrega do troféu aconteceu no dia seis de Setembro de 1962, no Moinho São Jorge (Palácio de Mármore), durante o *Baile do Pingüim*. As honras do *Troféu Dez Mais* foram feitas por Albertina Matsudo, Onésia Clara Lorenzini Pucetti, Araci Torres Campanella, Irma Bottas, Ivete Kirche, Lily Xavich Rezende, Lydia Chammas, Maria Braido, Maria de Lourdes Espósito e Norma Dal'Mas.

(*) Nelson Perdigão é jornalista esportivo e professor de Educação Física em São Caetano do Sul



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 - Em 29 de Agosto de 1969, a Câmara Municipal de São Caetano do Sul outorgou ao sr. Max Gruembeck, prefeito de Friedrichhafen [Alemanha] e presidente da matriz da ZF Fábrica de Engrenagens, o título de cidadão sulsancaetanense. Era a ocasião da visita do homenageado ao Brasil para comemorar o 10º aniversário da ZF na cidade. A foto flagra o sr. Gruembeck ao lado do prefeito Oswaldo Samuel Massei, de quem recebia um cartão de prata



Fundação Pró-Memória

2 - A retificação do córrego do Moinho e a conseqüente construção da avenida Kennedy foi uma das principais obras da primeira administração do prefeito Walter Braido (1965-1969). Na imagem de 1966, aparece a parte alta da futura avenida, onde hoje está situada a concessionária Fiat-Palmares



Fundação Pró-Memória

3 - Em 7 de Setembro de 1949, no desfile cívico em comemoração ao Dia da Pátria, os estudantes da Escola Técnica Comercial de São Caetano do Sul (atual Instituto de Ensino de São Caetano do Sul) apresentam-se com suas bicicletas na rua Manoel Coelho, depois de passar pela esquina da avenida Conde Francisco Matarazzo. Ao fundo, o prédio onde funcionava o Externato Santo Antônio, das Irmãs da Providência



Fundação Pró-Memória

4 - O prefeito Walter Braido em companhia de Mário Rodrigues (Marius), líder político da Vila Prosperidade, na comemoração da anexação do bairro ao município de São Caetano. O plebiscito que referendou a anexação foi realizado em 1º de Dezembro de 1963, e a oficialização aconteceu em Julho de 1967, época em que foi registrada a imagem

Fundação Pró-Memória celebra convênio com Secretaria de Estado



A Fundação Pró-Memória assinou convênio com a Secretaria de Estado de Recuperação de Bens Culturais, por

intermédio do Programa de Recuperação de Bens Históricos, Culturais, Artísticos e Ambientais do Estado, em cerimônia realizada no Gabinete do Prefeito, no último dia 20 de junho. O secretário de Estado, embaixador Emanuel von Lauenstein Massarani veio a São Caetano para assinar o documento, juntamente com o prefeito Luiz Tortorello e o presidente da Fundação Pró-Memória.

O convênio tem como meta a conjugação de esforços, objetivando ações no sentido de diligenciar a implantação de projetos de restauração, recuperação e implementação de bens culturais da



cidade de São Caetano do Sul, preservados ou a serem resgatados pela Fundação Pró-Memória. A partir dessa parceria estão sendo realizadas atividades de intercâmbio de experiências metodológicas em diversos campos da preservação do Patrimônio Cultural; intercâmbio de exposições; realização de pesquisas referentes

à História, coordenadas em conjunto; edição de publicações conjuntas; abertura de espaços culturais em dependências do Governo do Estado de São Paulo; prestação de serviços, por parte da Fundação Pró-Memória, nos campos de criação de arquivos digitais e/ou digitalização de imagens e/ou documentos.

TRENS E FERROVIAS - No mês de julho, esteve no Salão de Exposições da Fundação Pró-Memória, a exposição A Era do Trem. Composta por 70 fotografias das antigas ferrovias de São Paulo, desde o século passado, a mostra retrata o desenvolvimento econômico do Estado, movido pela cultura do café, e as transformações sociais ocorridas desde o início das obras ferroviárias, época em que já não era admitido o trabalho escravo no País.

A mostra A Era do Trem é



uma realização da Secretaria de Recuperação de Bens Culturais do Estado, organizada pelo Instituto de Recuperação do Patrimônio Histórico no Estado de São Paulo com apoio da ADTranz.

A apresentação da exposição em São Caetano do Sul foi o primeiro passo na concretização do convênio firmado entre a Fundação Pró-Memória e a da Secretaria de Recuperação de Bens Culturais do Estado de São Paulo, assinado no último dia 20 de junho.



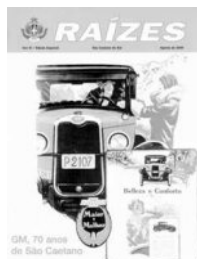
MEMÓRIA FEMININA - A instalação itinerante De Tudo fica Um Pouco, da artista plástica e jornalista Carmen Novo, esteve no Museu Municipal durante o mês de junho. A instalação trata da memória daquelas mulheres que abandonaram seus projetos pessoais para dedicar-se à família. O sonho pré-nupcial, o casamento, o nascimento e o crescimento dos filhos, e a velhice estão marcados nos objetos que compõem a mostra, cerca de 50, entre peças de enxoval, faqueiro, roupas e móveis.



GOVERNADOR - No dia 1º de agosto, o Governador Mário Covas esteve presente em São Caetano do Sul em solenidade de entrega de viaturas ao Município. Após a solenidade Covas visitou a exposição A Era do Trem, na Fundação Pró-Memória. Na oportunidade, foi agraciado com um quadro de uma fotografia da Igreja Matriz Velha de São Caetano, de 13 de junho de 1908.

CENSO HISTÓRICO - Com o objetivo de fazer um levantamento do perfil étnico e ocupacional da população de São Caetano, a Fundação Pró-Memória, em parceria com o IMES, está realizando, desde julho, o Censo Histórico 2000, de São Caetano do Sul, com a participação de 120 estagiários da universidade. Trata-se de um trabalho inédito e pioneiro que, além de fazer um levantamento da origem dos moradores da cidade e buscar informações para construção de um banco de dados da população, criará possibilidade, a médio e longo prazos, para que as pessoas possam estar doando materiais, como fotografias, objetos e documentos, para o acervo da Fundação Pró-Memória. Com estas informações, a Fundação terá um banco de dados inédito. Através do contato direto com a população, as pessoas estarão conhecendo mais de perto o trabalho da instituição, e, assim, estarão motivados a participar mais diretamente da preservação e da divulgação da história e do patrimônio cultural do Município.

RAÍZES GM - A Fundação Pró-Memória publicou edição especial da revista Raízes, com 104 páginas, registrando os 70 anos da General Motors em São Caetano. A publicação apresenta artigos sobre o perfil de São Caetano nas décadas de 20 e 30, época da instalação da GM em São Caetano, e sobre fatos interessantes na empresa, como o nascimento do primeiro Chevrolet brasileiro, o Opala, em 1968. A edição especial está esgotada.



GM 70 ANOS EM SÃO CAETANO - Em comemoração aos 70 anos da General Motors em São Caetano do Sul, a Fundação Pró-Memória organizou a mostra GM em São Caetano: 70 anos de trabalho e progresso, com 28 imagens, a mostra resgatou os 70 anos de convivência da empresa com a cidade. A General Motors do Brasil foi inaugurada em São Caetano do Sul em 12 de agosto de 1930. Nessa época, São Caetano era ainda distrito do município de São Bernardo, com cinco mil habitantes e uma incipiente produção industrial. Mas, estava muito bem localizada entre os trilhos da estrada de ferro São Paulo Railways e a antiga Rua Goiás, que era apenas uma estrada de terra, mas permitia a ligação com o Caminho do Mar. Na década de 20, o transporte coletivo na cidade já era feito por ônibus marca Chevrolet, numa antecipação da preferência pela marca. A vinda da empresa para o município resultou em desenvolvimento do comércio e de outras atividades.

TELAS - No mês de setembro, o Museu Municipal sediou a exposição de telas São Caetano: passado, vida e cor. As pinturas, de autoria de Simone Buttner e Marina Laporte Buttner, foram inspiradas em fotografias pertencentes ao acervo da Fundação Pró-Memória. As 21 imagens em preto e branco ganharam cores nas telas. Entre as várias pin-

turas, destacou-se uma imagem de 1937, quando o filho da Princesa Isabel - Dom Pedro Alcântara d'Orleans e Bragança, visitou a Fábrica de Louças Adelina, em São Caetano do Sul. Também está retratada a beleza arquitetônica das antigas construções da cidade.



BRASIL COLONIAL - O Salão de Exposições foi palco para a mostra *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial* durante os meses de outubro e novembro. A exposição foi composta por 35 painéis. As imagens, produzidas, em sua maioria, por engenheiros militares portugueses e holandeses, retratam as plantas e vistas urbanas do Brasil entre 1500 e 1822. O projeto *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial* foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada pelo Professor Nestor Goulart Reis (-FAU-USP), que identificou e fotografou centenas de imagens das cidades e vila brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII. O material foi cedido à Fundação Pró-Memória pela Secretaria de Estado da Cultura.

ITÁLIA - aconteceu durante o mês de outubro, na Pizzaria Brasil, a mostra fotográfica *Finestre dell'Itália*, com imagens de Augusto Coelho. As 50 fotografias retratam locais de diversas regiões da Itália. A maioria desses locais é de pouca expressão turística, mas revela, atra-

vés das lentes de Augusto Coelho, uma paisagem de muita beleza e riqueza fotográfica. Seguindo o fotógrafo, são imagens para se olhar e pensar. A exposição está itinerando em vários espaços da cidade.

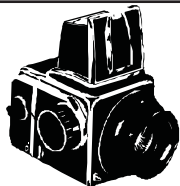
CARTUNS - A Fundação Pró-Memória realizou exposição de cartuns do livro *Humor Brasil 500 anos*, da Editora Virgo, apresentando 63 imagens dos 21 cartunistas autores do livro. A exposição proporcionou ao público uma viagem leve e descontraída, através da história do Brasil desde antes do Descobrimento até os dias de hoje, conduzido pelas visões bem-humoradas, satíricas e profundamente críticas dos profissionais do cartum brasileiro, uma atividade valorizada e de grande prestígio devido a sua participação ágil e imediata em todos os mais importantes fatos da nossa história recente. São autores do livro os seguintes cartunistas: Gilmar, Márcio Baraldi, Peixe, Cerito, Pecê, Mario Mastrotti, Jodil, Rocco, Rovel, Spacca, em Campinas, Ubiratan e Moretti; em São Carlos está Iéio; em Curitiba, Antonio Eder, Marcelo Lopes, Taco X, Edgard Guimarães, Alecrim, Djalma Lúcio, Ronaldo, e Carlos Cooper.

MOLISE - A mostra *Histórias de uma terra chamada Molise* esteve no Museu Municipal, apresentando textos, imagens e objetos sobre a história da zona rural do Molise, região Sul da Itália. A exposição foi organizada pela Associação Cultural Italiana de Molise no Brasil. As imagens integrantes da mostra proporcionavam uma visão poética e, ao mesmo tempo, realista da região de Molise, retratando

a beleza da paisagem local como os campos dourados de trigo e as colinas verdes de oliveiras e de vinhedos, e a simplicidade de seu povo vista na alegria de uma refeição frugal junto à lareira, na ironia de um canto de colheita e na alegria do vinho repartido com os amigos. É o respeito pela criatividade humana nos objetos simples conseguidos da madeira da terra, mas também o respeito pela criatividade humana presente nas novas tecnologias.



PORCELANA - A Fundação Pró-Memória, em parceria com a Associação dos Pintores da Arte do Fogo do Grande ABC - APAF, realizou a I Mostra de Pintura em Porcelana do Grande ABC, intitulada *Expoentes da Arte do Fogo*, no Salão de Exposições. A mostra apresentou mais de 60 peças divulgando a arte em porcelana no Grande ABC. Participaram os seguintes artistas: Roselita de Brito Croda, Maria Daniel Genga, Roseli Ferreira, Edna Magali Jordão, Marcia Gallo, Fátima Pereira, Nair Turco, Sandra Lima Turco, Gerardo Pereira Otero, Maria Helena Sayar, Rosana Sehank, Maria Inês Antunes, Marcia Dutra, Ana Cecília Kaspar, Maria Bernadete Gavnelli, Anna Nurcker, Sonia Maria Cunha, Mariliza Pagano Sartori, José Pereira Otero, Juliana Sartori, Beatriz Sartori, Tania Deike e Eliana Fernandes.



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 - A Companhia Siderúrgica São Caetano localizava-se na Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 838, junto às margens do rio Tamanduateí. Ali funcionava uma fundição de ferro e laminação de barras de aço para a construção civil. Os proprietários da empresa eram Rafael Meyer, Ettore Cattarim e Alberto de Vieira Mendes. O prédio foi demolido para a retificação do rio e construção das pistas marginais da Avenida do Estado. Hoje ali funciona o Sam's Club. Foto dos anos 70



Fundação Pró-Memória

2 - O Cine Lido, localizado na rua Manoel Coelho, foi inaugurado em 1961 pela família Lorenzini. Na época, era considerado um cinema sofisticado e exibia filmes simultaneamente com as grandes casas de espetáculos de São Paulo. O Lido substituiu o Cine Urca, que esteve em funcionamento desde o final da década de 40. O prédio hoje é utilizado pela Danceteria Country Beer.. Foto de 1969



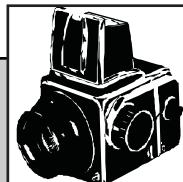
Fundação Pró-Memória

3 - Nos festejos de aniversário de São Caetano do Sul, em 1959, exibição de esgrima realizada por soldados da Força Pública (atual Polícia Militar). O evento ocorreu no gramado do Estádio Anacleto Campanella, cuja arquibancada coberta ainda era de madeira. A nova, de concreto, seria construída em 1964



Fundação Pró-Memória

4 - Em 1963, os estudantes do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul revoltaram-se contra o aumento de preço das mensalidades e promoveram uma passeata pela rua João Pessoa carregando a bandeira brasileira, e cartazes de protestos



**Memória
Fotográfica**

1 - Com os trabalhos de alargamento da rua Margarida Pires para a duplicação da Avenida Goiás, todas as casas que aparecem na foto foram demolidas. O trecho em questão situava-se entre a avenida Senador Roberto Simonsen e a marginal do Rio dos Meninos [atual Avenida Guido Aliberti]. Ao fundo, no morro pertencente à cidade de São Paulo, existe hoje a estação de tratamento de esgotos da Sabesp e a favela do Heliópolis. Foto de fevereiro de 1967



Fundação Pró-Memória

2 - O prefeito Oswaldo Samuel Massei faz entrega de cheque de vinte cinco mil cruzeiros para o Hospital São Caetano, cujo presidente era o sr. Francisco Locoseli. De pé, da direita para a esquerda: Antônio Carlos Hildebrando (diretor do Departamento Jurídico da Prefeitura); Gentil Monte(vereador), Armando Furlan(vereador) e João Rela. Sentados: Genésio Carlos Alvarenga (Diretor da Fazenda da Prefeitura); Francisco Locoselli, Oswaldo Samuel Massei e Oswaldo Martins Salgado(vereador). Foto sem data



Fundação Pró-Memória

3 - Encenação da morte de Tiradente, no Auditório Santos Dumont, durante o feriado de 21 de Abril de 1950. O evento foi realizado pela Sociedade Amigos da Vila Gerti e Adjacências, presidida por Guilherme Mazzola

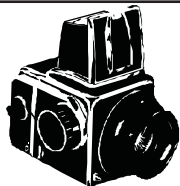


Fundação Pró-Memória

4 - A avenida Visconde de Inhaúma recebeu revestimento asfáltico sobre o antigo calçamento de paralelepípedos, na década de 60. Flagrante do asfaltamento recém- implantado no trecho entre as ruas Pedro Duó [à direita] e a rua Roma [à esquerda]



Fundação Pró-Memória



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 - Nos festejos do 86º aniversário de São Caetano do Sul, realizados em Julho de 1963, foram programados shows artísticos na concha acústica do Jardim Primeiro de Maio, na avenida Goiás. No dia 24 de Julho, houve a apresentação da Conjunto Folclórico Latino -Americano, dentro do espetáculo comemorativo Noites Brasileiras



Fundação Pró-Memória

2 - O esportista de São Caetano do Sul Frederico Cosiurca (Fidu) dirigiu, por muitos anos, a Federação Paulista de Tênis de Mesa. No evento realizado em 31 de janeiro de 1981, premiou as mulheres mesa-tenistas. Da direita para esquerda: Nilo Lucchetti (presidente da ADC-Pirelli); Antônio José dos Santos (presidente da Comissão Municipal de Esportes); Frederico Cosiurca (presidente da Federação Paulista de Tênis de Mesa); Antônio Russo(deputado federal); José Ferreira Loureiro(presidente do São Caetano Esporte Clube); Nelson Perdigão (professor de Educação Física) e Bruno Masotti (representante da Colônia Italiana



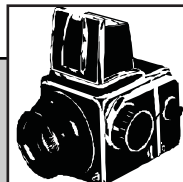
Fundação Pró-Memória

3 - Junto ao monumento intitulado As Mães, localizado no Bairro Fundação, Mário Botteon (desaparecido em setembro de 2000) discursa junto à mãe, Augusta Dalcin Botteon [nascida em 23 de Julho de 1882 e falecida em 15 de Setembro de 1977, aos 95 anos]. Foto dos anos 60



Fundação Pró-Memória

4 - Na campanha eleitoral de 1960, o candidato a prefeito Anacleto Campanella e o seu vice, Lauro Garcia, utilizaram as paredes da Indústria de Móveis de Madeiras Willo, na rua Herculano de Freitas, Bairro Fundação, para afixar sua propaganda eleitoral. O terreno ao lado da indústria servia como campo de futebol do Atlético Vila Alpina



**Memória
Fotográfica**

1 - O time do São Caetano Esporte Clube despedia-se do futebol em 1959, após a extinção do departamento profissional de futebol do clube. No mesmo ano, derrotou o Hepacaré, de Lorena com o time registrado na imagem [da esquerda para direita]: Silvio, Arildo e Dito, Nicolau, Gaia e Wlade [agachados] Rino, Luizinho, Gabriel, Oséas e Pedrina. A partir de 1960, o São Caetano Esporte transformou-se em clube social e de lazer



Fundação Pró-Memória

2 - Para o local do atual Espaço Verde Chico Mendes havia sido projetado, na década de 60, um centro esportivo de proporções gigantescas. A imagem mostra a transformação do antigo barreiro da Cerâmica, também conhecido como Buracão da Cerâmica. O empreendimento idealizado na administração Oswaldo Samuel Massei não prosperou. Aos fundos, à direita, as instalações da Cerâmica São Caetano



Fundação Pró-Memória

3 - Em 1959, um grupo de políticos de São Caetano do Sul, filiados ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), resolveu homenagear o falecido presidente Getúlio Vargas com um busto instalado junto à rampa do Viaduto dos Autonomistas. Com a reurbanização do local, o busto foi recolhido ao almoxarifado da Prefeitura. Somente na década de 90 voltou a ser instalado próximo à passagem do nível da estrada de ferro, onde se encontra atualmente. O primeiro à esquerda é o ex-vereador João Azzi

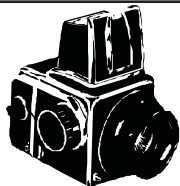


Fundação Pró-Memória

4 - A antiga sede do São Caetano Esporte Clube, na rua Perrella, 311, servia de local para apuração do resultado das eleições realizadas na cidade. Foto da década de 50. Da esquerda para a direita: Orlando Pavani, Odete Salomão, Desidério Signori, Ermolau Borges, Benedito Biscaro (de óculos), Mário Parisi e um funcionário não identificado do Cartório Eleitoral



Fundação Pró-Memória



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 - O armazém de Paulo Perrella, localizado na rua Perrella, esquina com a rua Rodrigues Alves, no Bairro Fundação, era muito freqüentado durante a década de 50. Da esquerda para direita: César D'Agostini; (?); Felici Perrella, Hermínio(?); (?); Joaquim Perrella



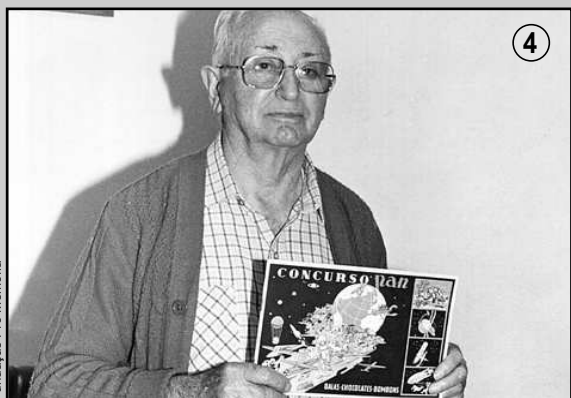
Fundação Pró-Memória

2 - A retificação do Rio dos Meninos, no início da década de 60, possibilitou a construção da Avenida Marginal (atual Avenida Guido Aliberti) facilitando a ligação da Avenida Presidente Wilson com a Via Anchieta, no quilômetro 13. Registro fotográfico capturou os trabalhos de terraplenagem da avenida. À esquerda, a Companhia Siderúrgica São Francisco, do Grupo Jafet, hoje desativada



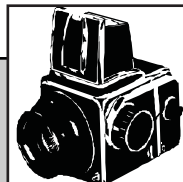
Fundação Pró-Memória

3 - Durante a primeira administração do prefeito Oswaldo Samuel Massel, de abril de 1957 a abril de 1961, realizou-se acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado para a construção de um novo prédio para a delegacia de Polícia da cidade. Em seu gabinete, instalado no Edifício Vitória, o prefeito recebeu o delegado de polícia Tasso de Oliveira (à esquerda) e o delegado adjunto Naur Rodrigues da Silva (à direita) para a assinatura do convênio. Foto sem data



Fundação Pró-Memória

4 - Oswaldo Falchero, fundador e diretor da Pan (Produtos Alimentícios Nacionais S/A.), tradicional fábrica de chocolates em São Caetano, exibe um álbum de figurinhas coloridas [editado em 1938] sobre astronomia, foguetes e satélites que chegou a fazer muito sucesso entre as crianças nos anos 30 e 40. Foto de 1998



Memória Fotográfica

1 - O prefeito Oswaldo Samuel Massei, durante sua segunda administração (1969-1973) aparece reunido com os vereadores para apresentar o orçamento municipal de 1970. No sentido horário: José Agostinho Leal, Armando Furlan, Nilo Ribeiro de Figueiredo, Bruno Aggio, Sebastião Lourenço, o prefeito Oswaldo Massei, Manuel Evangelista da Cunha, Julio de Mello, e Altamiro Dias da Motta. Em pé, o jornalista Alberto do Carmo Araújo [Giba]



Fundação Pró-Memória

2 - Fonte luminosa da praça Cardeal Arcoverde, em foto de 26 de Julho de 1980, construída durante a segunda administração do prefeito Anacleto Campanella (1961-1965). Posteriormente, durante os anos 90, a obra foi aterrada para construção do calçadão, na reurbanização da praça



Fundação Pró-Memória

3 - Imagem da década de 50, registrando a divisa de São Caetano do Sul com o município de São Paulo, na ligação da avenida Conde Francisco Matarazzo e a rua Baía Grande, na Vila Bela. O rio Tamanduatei não havia sido retificado; tampouco existiam as pistas marginais da Avenida do Estado. Emoldurando a foto, as casas térreas da rua Ceará, no Bairro Fundação



Fundação Pró-Memória

4 - Lauro Gomes de Almeida, líder político da região nas décadas de 50 e 60, amigo do prefeito Anacleto Campanella, costumava visitar São Caetano durante os festejos de aniversário da cidade. A foto registra sua presença na praça Ermelino Matarazzo, junto às crianças; ao fundo, a lateral da Igreja Matriz Velha. Flagrante de 1963



Fundação Pró-Memória

ISSN 1415 - 3173

